

"The word charm is pretty much synonymous with Lauren Layne."

—Hypable

New York Times bestselling author

LAUREN LAYNE

Marriage on Madison Avenue

The Central Park Pact Series





Marriage on Madison Avenue

LAUREN LAYNE



Gallery Books

New York London Toronto Sydney New Delhi

bookworms



cafe

Tabela de Conteúdos

Tabela de Conteúdos

Prólogo

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Catorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezessete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Capítulo Vinte e Três

Capítulo Vinte e Quatro

Capítulo Vinte e Cinco

Capítulo Vinte e Seis

Capítulo Vinte e Sete

Epílogo

Agradecimentos

Bookworm's Cafe avisa:

Essa presente tradução é de autoria pelo grupo Bookworm's Cafe. Nosso grupo não possui fins lucrativos, sendo este um trabalho voluntário e não remunerado.

Para preservar a nossa identidade e manter o funcionamento dos grupos de tradução, pedimos que:

- não publique abertamente sobre essa tradução em quaisquer redes sociais (por exemplo: não responda a um tweet dizendo que tem esse livro traduzido);
- não comente com o autor que leu este livro traduzido;
- não distribua este livro como se fosse autoria sua;
- não faça montagens do livro com trechos em português;
- não poste capturas de tela do livro em português.

Em caso de descumprimento dessas regras, você será banido desse grupo.

Aceitamos críticas e sugestões, contanto que estas sejam feitas de forma construtiva e sem desrespeitar o trabalho da nossa equipe.

Pedimos gentilmente que avalie este livro nas redes sociais, como o Goodreads ou o Skoob. Faça resenhas e se gostar, dê uma nota positiva! Precisamos ajudar os autores como podemos, para que eles possam continuar com este trabalho que amamos e apreciamos.



Prólogo



SÁBADO, 21 DE JULHO

Audrey Tate havia sonhado com esse momento dezenas de vezes. Talvez centenas.

Do lado de fora de uma igreja? *Confere.*

Um pouco sem fôlego? *Definitivamente.*

Um pouco instável? *Sim.*

Seu coração batendo forte enquanto ela se preparava para subir os degraus e ir até o altar, em direção ao homem que determinadamente a conquistou e roubou seu coração? *Com certeza.*

Mas, em seus sonhos, ela estava vestindo branco. Em seus sonhos, o homem para quem ela caminhava não era o marido de outra pessoa.

Em seus sonhos, ele não estava *morto*.

Audrey sentiu alguém dar um aperto reconfortante em seu braço ao passar, e outra beijou sua bochecha. Ela forçou um sorriso ausente, embora não se preocupasse em olhar para os simpatizantes. Ela estava muito ocupada tentando fazer o que *todos* estavam fazendo: subindo aqueles degraus para se despedir de Brayden Hayes.

Audrey respirou fundo e ordenou que seu pé direito se movesse.

E assim foi. Mas não da maneira que ela pretendia. Antes que Audrey pudesse analisar as consequências, ela começou a andar, não para *dentro* da igreja, mas para longe dela. Longe dele. Longe de sua esposa.

Longe de seus sonhos.

Ela mal percebeu que havia chegado ao Central Park e, quando desviou despretensiosamente para a esquerda, não registrou que seus Louboutins de dez centímetros dificilmente eram adequados para o caminho de terra.

Ela limpou as lágrimas com raiva. Ela sempre foi chorona, mas este era um nível totalmente novo. Seus olhos estavam em um estado crônico de *vazamento* desde que ela havia recebido a notícia.

Brayden estava morto. Brayden era casado.

Foi casado.

Audrey estava tão concentrada em tentar controlar a dor e a raiva conflitantes que não percebeu para onde estava caminhando inadvertidamente. Ela parou no meio do movimento, piscando rapidamente enquanto esperava sua imaginação reganhar o *maldito* controle. Mas não importava o quão fixamente ela encarava, as mulheres sentadas no banco eram *reais*.

E uma era a mesma mulher que assombrava Audrey todas as horas em que estava acordada, desde que ela descobriu que seu namorado havia caído bêbado de seu veleiro e se afogado.

Ela piscou novamente, mas não havia dúvida sobre isso. Audrey estava olhando diretamente para a viúva de Brayden Hayes. A outra mulher, uma ruiva deslumbrante, era uma estranha – talvez vagamente familiar, mas Audrey não tinha a energia mental ou emocional suficiente para decidir como ou se ela a conhecia.

O que eu faço?

Os instintos de autopreservação de Audrey a mandaram correr, mesmo quando sua consciência exigia que ela fizesse o que precisava ser feito e seguir em frente. No final, não foi sua a decisão. Enquanto Audrey estava ali debatendo seu próximo movimento, Claire Hayes virou a cabeça, e embora ela usasse óculos de sol, Audrey podia sentir seu olhar fixamente nela.

— Audrey.

Ela sentiu seus olhos se arregalarem.

— Você sabe quem eu sou?

A loira deu um breve aceno de cabeça.

— Você é Audrey Tate. Eu fiz uma pequena investigação depois que você ligou para o telefone fixo naquela noite. — Houve uma longa pausa antes de ela falar novamente, sua voz suave. — Eu sei que você estava dormindo com meu marido.

A ruiva virou a cabeça na direção de sua companheira, então olhou para Audrey. Ela também estava usando óculos escuros, mas Audrey sentiu que ela também estava chocada com o pronunciamento de Claire.

A esposa de Brayden *sabia*.

Audrey soltou um soluço e foi até o banco, sentando-se, principalmente porque não tinha certeza de que suas pernas trêmulas a sustentariam por muito mais tempo. Ela olhou para Claire Hayes, e então as palavras começaram a sair.

— Eu não sabia — suplicou Audrey. — Eu não sabia que ele era casado até você atender o telefone naquela noite. Juro para você, ele me disse que sua esposa o havia

deixado, que ele estava separado... Eu *nunca* teria... Você tem que acreditar em mim. Eu não sabia...

— Oh, querida — a mulher ruiva interrompeu, parecendo horrorizada com a diarreia verbal de Audrey. — Você tem que se recompor.

A irritação abriu caminho através do sofrimento de Audrey, e ela olhou para a intrusa.

— Com todo respeito, você não sabe nada sobre o que está acontecendo aqui.

— Bem, aí é que está — a ruiva disse, olhando para suas unhas feitas. — Eu meio que sei.

Claire estremeceu em surpresa, parecendo tão chocada quanto Audrey se sentia. Essas duas mulheres não se conheciam, Audrey percebeu. O que quer que ela tenha interrompido, não tinha sido uma amiga consolando outra, mas duas estranhas.

As palavras seguintes de Claire confirmaram isso.

— Quem é você? — Ela perguntou à ruiva.

Em vez de responder a Claire, a ruiva estudou Audrey, e embora ela normalmente não fosse tão ousada, desta vez, ela a estudou de volta. Mesmo com os óculos de sol enormes, ela poderia dizer que a outra mulher era linda, e não apenas por causa do cabelo ruivo vibrante. A *própria* mulher era vibrante – aparentemente estalando com uma energia e confiança que combinava perfeitamente com o vestido de grife, maquiagem impecável e brincos de diamante, não tão minúsculos em suas orelhas, que Audrey apostaria sua bolsa Chanel favorita em que eram reais. Novamente, ela foi atingida com a sensação de que havia algo familiar sobre ela...

A ruiva empurrou os óculos escuros para o topo da cabeça, seu olhar fixo em Claire.

— Eu sou Naomi Powell. A *outra* outra mulher.

Audrey sentiu seu queixo cair de surpresa, tanto com a identidade da mulher quanto com sua bomba. Brayden Hayes não estava *apenas* traindo sua esposa com Audrey. Ele também, aparentemente, estava dormindo com uma das empresárias mais conhecidas de Nova York. A mulher empoderada suprema.

Audrey nunca tinha sido apresentada a Naomi Powell pessoalmente, mas qualquer pessoa que fosse relevante em Manhattan reconhecia o nome da jovem nascida no Bronx que construiu um império de jóias de enorme sucesso.

Claire, por outro lado, não parecia ter feito a mesma associação. Isso, ou ela estava muito surpresa por seu marido ter dormido com *duas* mulheres. Que agora estavam sentadas com ela em um banco no parque. No dia de seu funeral.

Audrey resistiu à vontade de rir do absurdo disso.

Claire continuou a olhar para Naomi.

— O que?

A ruiva suspirou.

— Seu marido estava colocando a salsicha em um cachorro-quente a mais. Bem, dois a mais se você contar com ela. — Ela empurrou o queixo em direção a Audrey.

Audrey deu uma risadinha dessa vez, levando a mão à testa, tentando organizar seus pensamentos.

— Você acabou de comparar... salsichas... ai meu Deus, *cachorro-quente*.

A cabeça de Claire caiu para frente, seu queixo apoiado em seu peito, e a risada de Audrey desapareceu, substituída por vergonha. Que tipo de mulher *ria* quando um funeral estava acontecendo a poucos quarteirões de onde ela estava sentada ao lado da viúva? Instintivamente, ela começou a alcançar a mão de Claire, mas parou quando percebeu que Audrey era provavelmente a última pessoa que Claire queria que a confortasse.

Bem, era um empate, talvez, Audrey pensou com um rápido olhar para Naomi. Afinal, havia duas outras mulheres.

Naomi parecia tão alarmada quanto Audrey se sentiu quando percebeu que os ombros de Claire estavam tremendo, não com soluços silenciosos, mas com divertimento. A cabeça de Claire caiu para trás, virando o rosto para o céu enquanto soltava uma risada audível.

Bom. *Bom*. Não quebrada então. Só um pouco rachada.

— Eu odeio ser a pessoa a te dizer isso — Audrey disse a Claire — mas eu não acho que ele esteja lá em cima.

Naomi soltou uma risada surpresa e elas trocaram um sorriso hesitante. Esse devia ser um dos momentos mais estranhos da vida de Audrey. Da vida de qualquer pessoa. E, no entanto, de alguma forma, não parecia tão estranho quanto deveria.

— Não deveríamos estar no funeral? — Claire perguntou baixinho, ainda olhando para o céu.

— Que nada — Naomi disse, acenando com a mão. — Eu só apareci para dizer a Deus que não permita que esse cara passe pelos portões perolados e, como Audrey apontou, acho que Ele provavelmente já percebeu isso.

— Eu nunca pensei que estaria aqui — Claire disse, parecendo exausta. Audrey se perguntou se as noites de Claire tinham sido tão insones quanto as dela. A maneira como os dedos de Claire se ergueram para as têmporas confirmou que ela

definitivamente estava sofrendo das mesmas dores de cabeça induzidas pelo luto que Audrey.

Ou talvez fossem dores de cabeça induzidas pela raiva. Verdade seja dita, Audrey ainda estava tentando descobrir como se sentia. Ela sofria. Obviamente. Um homem morreu. Um homem que ela amava havia morrido, e muito jovem.

E ainda assim. Se ela fosse realmente honesta consigo mesma, ela também estava brava. Com Brayden, pelas mentiras, obviamente. Mas também consigo mesma. *Com tanta raiva de si mesma.*

— Você quer dizer sentada em um banco no parque com as amantes de seu marido enquanto o funeral dele acontece a apenas alguns quarteirões de distância? — Naomi perguntou.

Claire riu, alheia à turbulência de Audrey ao lado dela.

— Sim. Isso. Só fico pensando que sei que deveria estar triste, mas, em vez disso, só consigo pensar em como fui estúpida, e isso *antes de* saber que vocês eram duas. Como eu não percebi?

— Nós fomos tão estúpidas quanto — Audrey disse, cedendo ao desejo de confortar desta vez e colocando a mão no braço de Claire. — Ele foi meu namorado por um ano. Eu só achava que ele viajava muito.

— Três meses — Naomi disse, apontando uma unha perfeita em direção ao peito. — Ele me disse que a maioria de seus negócios eram em Hong Kong e que tinha que trabalhar quase todas as noites. Eu acreditei completamente.

Houve um longo momento de silêncio, e Audrey percebeu que, pela primeira vez em uma semana, algo além de raiva e culpa estava se intrometendo no entorpecimento dolorido. *Alívio.* Alívio por não estar totalmente sozinha na confusão de sentimentos complicados.

Havia uma camaradagem estranha aqui. Ela não sabia exatamente como, mas sentia tão puramente quanto sentia o sol de Nova York batendo no topo de sua cabeça.

Naomi se endireitou e se virou para elas.

— Eu tenho uma confissão para fazer.

As sobranceiras de Claire se ergueram.

— Pior do que o fato de você ter feito festas de pijama de adulto com meu marido?

— Que eu não sabia que era seu marido — disse Naomi, acenando com o dedo. — Mas não, minha confissão é que, embora eu esteja realmente irritada com Brayden, estou ainda mais irritada comigo mesma. Por deixá-lo me enganar.

A centelha de alívio de Audrey evoluiu para uma chama – outra pessoa entendia.

— Eu também. Quer dizer, é um pouco mais de autodepreciação do que raiva, eu acho, mas... Eu simplesmente não consigo parar de pensar em como não percebi isso. E se eu não o *vi* sendo sacana, como eu vou perceber qualquer outro homem sendo sacana?

Claire olhou para seu colo, olhando para suas mãos.

— Não estou preocupada com isso. Depois de tudo isso, estou decidida a me tornar a velha senhora solitária com gatos.

— *Não.* — Naomi disse, balançando a cabeça. — Não vamos deixá-lo fazer isso conosco. Não sou realmente uma garota que goste de relacionamentos a longo prazo, mas eu gosto de companhia masculina, e não tenho a menor intenção de deixar Brayden me traumatizar com...

— Salsichas? — Audrey sugeriu.

— Eu ia dizer sexo, mas sim. Isso também.

Audrey forçou um sorriso, mas seu coração se apertou e ela não conseguiu conter o sorriso enquanto falava a verdade.

— Mas eu *sou* a garota que procura relacionamentos a longo prazo. Eu quero o anel e os bebês e...

— Por favor, não diga cerca branca.

— Oh, Deus, não — disse Audrey, sua cabeça se inclinando para trás. Ela apontou para seus sapatos de salto fino. — Esses solados vermelhos foram feitos para a Quinta Avenida, não para os subúrbios. Mas eu ainda quero o conto de fadas, e simplesmente...

— Ela engoliu em seco. — É mais difícil de acreditar hoje em dia.

— Então deixe-me ver se entendi. — Disse Naomi, olhando primeiro para Claire. — Você vai se transformar na solteirona dos gatos e você está desistindo de seus sonhos de princesa da Disney — disse ela, virando-se para Audrey. — Tudo por causa de um *cara*.

Colocando dessa forma, parecia... ridículo. Ela lançou um olhar para Claire, que estava olhando para ela, o mesmo olhar de contemplação em seu rosto.

Naomi continuou.

— Senhoritas, sei que acabamos de nos conhecer, mas caíam na real, estamos na mesma e fomos sacaneadas pelo mesmo cara, então, no que me diz respeito, avançamos alguns passos no processo de amizade feminina.

— Perfeito, vou convidá-las para uma festa do pijama — Claire disse em um tom cortante. Ela se levantou, aparentemente decidindo que já tinha escutado o suficiente disso. Seja lá o que *isso* fosse.

— Espere aí. — Disse Naomi, estendendo a mão para detê-la. — Não estou sugerindo que façamos tatuagens iguais, apenas que podemos ajudar umas às outras.

Audrey estava cética, mas intrigada, e Claire parecia estar também, porque ela se sentou novamente.

— Você quer que eu ajude as amantes do meu marido a... fazer o *quê*, exatamente?

— Observarmos os pontos cegos umas das outras no que se refere aos homens. Deixadas por nossa própria conta, obviamente não somos boas em ver um cara por quem – e o que – ele realmente é. Mas e se uníssemos forças? Ajudando umas às outras a identificar outro possível Brayden.

Audrey puxou o lábio inferior entre os dentes, passando a mão pelo cabelo enquanto considerava a proposta com ceticismo indisfarçável.

— Com todo respeito, eu nem conheço você. Eu entendi seu ponto, mas por que eu teria duas estranhas fazendo um estudo sobre um cara que eu gosto em vez de meus amigos?

Mesmo enquanto dizia isso, ela via a falha em sua própria lógica. Ela tinha vários amigos. Mas nenhum deles a protegeu de Brayden. Nem mesmo Clarke West, seu melhor amigo desde a infância, foi capaz de parar a dor, e ela sabia que ele faria qualquer coisa por ela. Audrey estremeceu, tardiamente percebendo que o pobre Clarke estava esperando por ela na igreja, provavelmente preocupado com onde diabos ela estava.

Naomi ainda estava explicando seu plano.

— Por que quem melhor para identificar outra mulher sendo enganada do que três mulheres que acabaram de passar por isso?

Droga. Era um bom questionamento. Um *muito* bom. E a verdade era que Audrey não sabia se conseguiria sobreviver à semana passada novamente. Ela mordeu o lábio e olhou para Claire.

— Sabe, eu não odeio esse plano?

Claire não tinha tanta certeza. Audrey podia ver na maneira como seus olhos permaneceram cautelosos, na maneira como ela brincava com o relógio como se esperasse até que pudesse pedir licença e se retirar educadamente da situação.

O olhar de Naomi também estava preso ao relógio de Claire.

— Cartier.

Audrey não tinha prestado muita atenção ao relógio em si, mas ela estremeceu com isso. Ela não trabalhava no ramo de acessórios como Naomi, mas conhecia um relógio Cartier.

Ela conhecia porque tinha um em casa. Seu olhar caiu para o relógio. Ela sabia o que iria encontrar, mas seu coração se contorceu do mesmo jeito. Elas não tinham apenas relógios Cartier. Elas tinham o *mesmo* relógio Cartier.

Claire olhou para Naomi, seu olhar confuso indicando que ela estava um pouco atrasada em relação a Audrey. Ou, talvez, mais imersa na negação.

— Sim. Como você sabe?

Naomi não desviou o olhar de Claire.

— Eu conheço designers. Eu *também* sei que tenho exatamente o mesmo relógio em casa.

Claire prendeu a respiração assustada.

— Brayden...?

Naomi concordou.

— Eu também — disse Audrey, quase inaudivelmente.

Claire olhou para o relógio em seu pulso esquerdo, e Audrey podia sentir ela cedendo – entendendo o que Audrey e Naomi já tinham entendido. Elas *precisavam* umas das outras.

Naomi estendeu a mão.

— Coloquem as mãos, meninas, vamos fazer um pacto, estilo colegial. Que nenhuma de vocês nunca mais seja vítima de um babaca traidor novamente. Não enquanto eu estiver de guarda.

Audrey nem hesitou em colocar a palma da mão em cima da mão de Naomi.

— *E* que ajudemos umas às outras a encontrar o homem certo. Essa é a minha função.

E ela tinha certeza do que dizia. Ela podia não ser digna de um felizes para sempre, mas estava determinada a fazer com que essas mulheres encontrassem os delas. Era o mínimo que ela podia fazer.

Claire hesitou por mais um momento antes de pousar lentamente a mão sobre a de Audrey.

— Ah, que diabos. Estou dentro. Idiotas nunca mais.

Audrey sentiu algo clicar naquele momento, sentindo uma conexão que ia além da amizade, uma sensação de que este era um ponto crucial em sua vida. Não a morte de Brayden, mas o que veio depois.

Enquanto elas puxavam lentamente as mãos para trás, Audrey soltou um longo suspiro antes de olhar para o outro lado do parque, na direção da igreja que todas elas abandonaram.

— Acho que devíamos fazer uma aparição, hein?

Naomi soltou uma risada zombeteira e, de pé, colocou os óculos de sol de volta no nariz com um dedo.

— Dane-se. Vamos fazer compras.

— Eu topo — Claire disse, também se levantando. — Vamos parar na Sugarfina no caminho e comprar balas de goma absurdamente caras, mas fabulosas. Brayden *odiava* balas de goma.

— Odiava? — Naomi disse. — Eu não sabia disso, mas, droga, vamos comprar a loja inteira.

Audrey também se levantou, mas mais devagar. *Ela* sabia. Ela sabia que Brayden não gostava de balas de goma. Assim como ela sabia que ambos amavam chocolate. E ela sabia que o sorriso dele era mais alto do lado direito do que do esquerdo e que ele realmente não gostava de pimenta-do-reino, mas sempre pedia aos garçons que colocassem na comida de qualquer maneira, como se dizer não fosse uma afronta à sua masculinidade. Ela sabia que seu coquetel favorito era um martini com vodka Tito's com uma azeitona recheada de queijo azul, e que ele gostava de dormir do lado direito da cama.

Ela sabia tudo que uma esposa saberia. Mas ela nunca seria sua esposa. Ou de qualquer outra pessoa. Não porque ela se tornou cínica. Audrey ainda acreditava em finais felizes. Ela acreditava neles de *todo o coração*. Ela acreditava que um homem e uma mulher podiam se casar e viver felizes para sempre, desde que outra pessoa não aparecesse e arruinasse essa felicidade.

O que foi exatamente o que Audrey fez.

Ela pensava que estava vivendo seu próprio conto de fadas, mas na verdade ela era a vilã da história de Claire. Em sua busca para encontrar seu próprio Príncipe Encantado, ela estava pegando emprestado o de outra pessoa. Talvez até de *duas* outras pessoas, ela percebeu, olhando para Naomi.

Audrey silenciosamente fez outro pacto, desta vez consigo mesma. Ela ajudaria essas outras mulheres a encontrar uma segunda chance na felicidade. Ela ainda acreditava no amor. Só não para si mesma. Ela não tinha certeza se merecia.

Capítulo Um



UM ANO E MEIO DEPOIS
DOMINGO, 5 DE JANEIRO

Naomi Powell olhou para o copo de gororoba verde-amarronzada na frente de seu rosto, então olhou para Audrey.

Por que isto está acontecendo comigo?

Audrey balançou levemente o copo.

— Você nem experimentou.

Relutantemente, Naomi pegou o copo e cheirou.

— Tem cheiro de peido e terra.

— São as couves-de-bruxelas e a couve — disse Audrey, entregando um segundo copo a Claire, que o pegou com quase a mesma relutância.

— Um brinde! — Audrey disse, levantando seu próprio copo e tomando um gole do smoothie.

Naomi tomou o menor dos goles, seguido de um ruído de engasgo imediato, e Claire apenas balançou a cabeça sem provar, colocando o copo de volta na mesa *negando* firmemente.

— Sim, de fato — Audrey reconheceu, girando o copo de vidro, notando que a gororoba espessa mal se movia. — Não é ótimo.

— Por que você sequer tem essa gosma? — Naomi perguntou, colocando o copo tão longe dela quanto seu braço conseguia.

— Por que essa coisa sequer *existe*? — Claire acrescentou.

Audrey voltou para a cozinha e ergueu a mistura em pó.

— Super Fuel. Tem aproximadamente nove milhões de vitaminas e antioxidantes e a dose anual de fibras. Eu disse a eles que experimentaria e, se fosse bom, mencionaria aos meus seguidores.

Essa era a vida de uma *influencer*. Não era um trabalho tradicional. Putz, na opinião da maioria das pessoas, provavelmente nem era um trabalho. Ganhar coisas de graça, opinar e depois compartilhar as partes boas com seus seguidores no Instagram não era exatamente uma dificuldade. Mas *era* um trabalho árduo. Sempre que Audrey ouvia um ruído zombeteiro após conhecer alguém que perguntava *com o que você trabalha*, ela apenas sorria. Sim, ela recebia coisas de graça. Sim, ela ganhava uma quantidade incrível de dinheiro com patrocínios e parcerias. Sim, visto de fora seu trabalho parecia tão simples quanto tirar uma foto de si mesma com o tom recém-lançado de batom matte.

Mas o que as pessoas não viam eram as horas que ela gastava gerenciando seu e-mail, DMs do Instagram e suas mensagens no Facebook. Elas não viam as centenas de perguntas que ela recebia em um único dia. Elas não viam o tempo que ela gastava atualizando seu blog, montando seu tripé, editando suas fotos, falando em painéis, permanecendo ativa em seus grupos do Facebook, monitorando comentários, excluindo spam e comentários maldosos, etc.

Audrey amava seu trabalho, mas *era* um trabalho – em tempo integral.

Naomi estava franzindo o nariz.

— A menos que você odeie seus seguidores, jogue tudo no triturador de lixo e nunca mais fale sobre isso.

— Não, não! — Claire protestou. — Essa coisa provavelmente vai se transformar em um tijolo e destruir o triturador de lixo e essa cozinha linda.

— Ah, querida... — Naomi disse, acariciando a mão de Claire. — Triturador de lixo? Você é *tão* esposa de empreiteiro.

O sorriso de Claire era adorável e presunçoso ao mesmo tempo.

— Eu sou, não é?

Audrey deu um sorriso enquanto despejava o smoothie desagradável na pia. Poucas coisas lhe traziam mais alegria na vida do que ver suas amigas felizes, e Claire estava *definitivamente* feliz. Recém-casada com o rude, amante de camisas de flanelas e de coração grande Scott Turner, o brilho apaixonado de Claire era rivalizado apenas pelo de Naomi, cujo namorado, Oliver Cunningham, era tudo que Brayden Hayes não tinha sido. Leal, amoroso e *bom*.

Da geladeira, Audrey tirou uma garrafa de suco de laranja e champanhe.

— *Sim!* — Naomi disse, assentindo ansiosamente, pulando da cadeira. — Onde estão as taças de champanhe? Eu *sabia* que você não tinha nos convidado aqui apenas para tomar vitamina de terra.

— Hmm. — Audrey examinou os armários da cozinha com os quais ainda não estava familiarizada. — Não faço ideia onde estão as taças de champanhe. Você terá que procurar.

— É pra já. — Naomi começou a abrir e fechar os armários até descobrir onde os rapazes da empresa que Audrey contratou haviam desempacotado as taças.

— Eu amei o novo apartamento. — Claire disse enquanto Audrey colocava o suco de laranja e o champanhe na mesa antes de retirar os smoothies abandonados.

— Eu também. — disse Audrey, olhando ao redor e admirando sua nova cozinha.

— Você sente falta do palácio? — Naomi perguntou, voltando para a mesa com três das taças de champanhe favoritas de Audrey nas mãos. Um achado da Anthropologie, as taças de vidro rosado e com bordas douradas foram destaque em um dos posts mais virais de Audrey até o momento.

Audrey revirou os olhos com o apelido de Naomi para a casa da família onde ela morou até algumas semanas atrás. Embora, para ser justa... a residência principal da família Tate *era* uma espécie de palácio, embora uma versão apropriada para Manhattan. Uma cobertura imponente com pisos de mármore, uma vista impressionante de toda a cidade e mais espaço do que

Audrey sabia o que fazer quando seus pais se mudaram para a Califórnia para ficar perto de sua irmã e da família dela.

— Chegar perto dos trinta anos ainda morando na casa dos meus pais estava me tornando uma coitada — Audrey admitiu enquanto Claire servia as mimosas. — Mesmo que eles não morassem mais lá, eu estava hiperconsciente da reputação de princesa mimada enquanto morava no, como você disse, palácio.

— Ao contrário deste casebre — disse Naomi sarcasticamente, gesticulando para a espaçosa e brilhante casa na mesma rua da cobertura de sua família na Madison Avenue.

— Sim, mas comprei este lugar por conta própria — disse Audrey um pouco áspera. — Grande diferença.

— *Grande* diferença — Naomi concordou, levantando o copo em um brinde. — Para novos começos.

As três brindaram com as taças e Claire sorriu.

— Vocês sabiam... acabei de perceber que no ano e meio desde que nos conhecemos no parque, todas nós mudamos de casa? Naomi se mudou para a Park Avenue e depois voltou para Tribeca. E eu *tecnicamente* não me mudei, mas a reforma fez com que parecesse uma casa totalmente diferente. E agora Audrey.

— E... — Naomi entrou na conversa — logo depois de eu me mudar, eu encontrei Oliver. Você encontrou Scott com a reforma. O que significa... — ela lançou um olhar para Audrey.

— Mmmmm, sim — disse Audrey, tomando um gole de sua bebida. — *É claro* que você deve estar se referindo ao meu romance bem-sucedido com Randy.

— Em nossa defesa — Claire disse — nós *dissemos* para você não namorar um cara chamado Randy.

— E vocês estavam certas. — disse Audrey com um estremecimento, horrorizada por ter saído com Randy Weaver por quase três semanas antes de perceber como ele era um idiota. Tudo bem que foram três semanas a mais

do que ela tinha namorado qualquer outra pessoa desde Brayden, mas também foram três semanas *demaís*, considerando todas as coisas.

— Pelo menos você descobriu sobre as câmeras antes de estrear um de seus, hmm, filmes. — disse Claire.

— Sim, bem, as câmeras eram meio difíceis de não ver, com o quarto sendo coberto de espelhos, de parede a parede, teto e tudo.

Naomi começou a rir.

— Essa história é boa demais. Saber que caras assim realmente existem.

Audrey lançou-lhe um olhar irônico, mas não conseguiu conter o sorriso. Em retrospecto, *era* engraçado. As coisas estavam indo bem o suficiente com Randy até aquele momento. Ele não tinha exatamente a conquistado de primeira, e não havia borboletas em seu estômago. Mas ele era gentil. Atencioso. Um cavalheiro. Audrey decidiu que ele era um cara tão bom quanto qualquer outro para sair da seca.

E então, ela entrou no quarto dele, que real e verdadeiramente *era* coberto de espelhos, paredes e teto. Como se isso não fosse perturbador o suficiente, em seguida ela viu as câmeras. No plural. Junto com uma TV imensa escondida, embutida em um dos espelhos.

Randy não apenas fazia amor diante das câmeras, mas também gostava de assistir performances anteriores enquanto estava *no meio do ato*. Ele garantiu a ela que seria excitante se ela desse uma chance. Ela garantiu que *ele* deveria perder seu número de telefone para sempre.

Audrey suspirou e decidiu que era hora de dizer o verdadeiro motivo pelo qual ela havia convidado suas amigas e as estava enchendo de bebidas alcoólicas às 11 da manhã.

— Eu preciso dizer uma coisa a vocês, meninas.

Vendo que ela tinha a atenção delas, ela foi direto ao ponto.

— Então, eu disse a Randy sobre Brayden. Não tudo, mas... o suficiente. Eu disse a ele que namorei Brayden sabendo que ele era casado, mas acreditando nele quando ele disse que estava separado e que o divórcio estava quase finalizado. Contei a ele sobre o choque de saber, após sua morte, que a

“separação” era novidade para sua esposa. Eu contei a ele sobre vocês duas... — ela disse, com um olhar arrependido para suas amigas.

— Ok, e...? — Claire perguntou, franzindo um pouco a testa, em confusão.

— Eu confiei nele — Audrey disse baixinho, pegando o telefone. — E... acontece que ele não merecia.

Sabendo que seria mais fácil mostrar a elas do que contar, Audrey abriu o Instagram e colocou o celular entre elas.

A cabeça de Claire inclinou-se para baixo ao lado da cabeça ruiva de Naomi enquanto liam o post do Instagram juntas.

— Quem é Scandal Boy? — Claire perguntou.

— Imitação barata da *Gossip Girl*. — Naomi respondeu por Audrey, ainda examinando o celular. — Alguma vaca anônima que se diverte espalhando boatos sobre a elite de Manhattan. Já fui mencionada pelo menos uma dúzia de vezes, nenhuma vez algo bom, a maioria delas falsa.

— Eu também — disse Audrey. — O cara sempre pareceu me odiar, mas nunca foi *tão* ruim assim.

Ela mordiscou nervosamente a unha de seu dedo anelar até que suas amigas ergueram os olhos. Seu coração afundou quando ela viu a expressão furiosa nos rostos de ambas.

— Estou *tão* arrependida, eu não tinha ideia que Randy me trairia e diria ao mundo sobre Brayden, ou que contaria a Scandal Boy sobre isso.

— Você não pode processar? — Claire exigiu. — Por calúnia ou algo assim?

— Só é calúnia se não for verdade — disse Naomi enquanto pegava o telefone e lia um trecho da postagem do Scandal Boy. — *A princesa favorita de todos no Upper East Side tem um segredinho sujo. Há muito tempo circula o boato sobre o envolvimento de Audrey Tate com o falecido Brayden Hayes, mas esse que vos fala acabou de saber que a princesa da Madison Avenue não era uma vítima – ela sabia que seu príncipe era casado o tempo todo e o roubou assim mesmo.*

Naomi abaixou o telefone com uma expressão de nojo.

— "Roubou"? Quem é esse cara?

— Um babaca, isso sim. — Claire disse, puxando o iPhone da mão de Naomi, bloqueando a tela e colocando-o virado para baixo na frente de Audrey. — Esqueça ele. Ele não merece um segundo a mais do seu tempo.

— Isso, isso. — Naomi disse em concordância.

Audrey olhou entre as duas.

— Espera. Só isso? Vocês não estão com raiva?

— Ah, *furiosa*... — Claire disse. — Se eu soubesse quem ele é, colocaria suas bolas em um...

— Não, com raiva de *mim* — Audrey explicou, exasperada.

As duas olharam para ela.

— Por que ficaríamos com raiva de você?

— Por contar a Randy sobre nossa... história.

— Eu disse a Oliver. — Naomi apontou.

Claire acenou com a cabeça.

— E eu disse ao Scott. Bem, de fato, ele já sabia por Oliver e Naomi. Mas nunca fiz nenhum esforço para esconder isso.

— Sim, mas eles são caras *legais* — disse Audrey. — Eles são confiáveis.

Naomi deu um sorriso tímido.

— Sim, querida. E seu cara *não* era um dos bons. Agora, se ao menos tivéssemos feito um pacto onde nós duas poderíamos ter contado a você que Randy era um merda... oh, espere...

— Naomi — Claire disse em advertência. — Você *realmente* quer que mencionemos Dylan?

— *Uhhh* — Naomi disse, soltando um suspiro ao se lembrar do cara com quem ela saiu brevemente antes de perceber que Oliver era o cara certo. — Touché.

— Espere, vocês realmente não estão bravas? — Audrey perguntou às amigas, ainda perplexa.

— Não, mas ficaremos se você não parar de agir assim — disse Naomi. — Olha, é uma merda. Nenhuma de nós gosta de saber que esse idiota está falando sobre você dessa forma. Mas em termos de como isso nos afeta? — Ela deu de ombros. — Eu estou bem.

— Eu também. — Claire disse. — Já faz muito tempo.

Um ano e meio. Já faz um ano e meio desde que Brayden morreu, e suas amigas superaram.

Essa era a diferença crucial entre elas, Audrey percebeu. Elas não se importavam com essa merda sobre Brayden vindo à superfície porque isso não poderia mais machucá-las. Elas tinham novos homens, novos amores. E Audrey estava...

Ótima. Ela estava ótima.

Naomi havia voltado sua atenção para seu próprio telefone, e agora sua mimosa estava parada a meio caminho de sua boca e de repente ela parecia muito mais horrorizada com o que estava lendo em seu próprio telefone do que com o que tinha lido no de Audrey.

— Hmm. Audrey.

— Hmm? — ela perguntou, adicionando um pouco mais de champanhe em sua taça.

Os olhos azuis de Naomi encontraram os dela.

— Você tem prestado atenção na Internet além da coisa com o Scandal Boy, certo?

Audrey soltou um grunhido indelicado.

— Na verdade, não. Estive praticamente offline desde sua postagem maldosa. Eu precisava dar uma parada na falsa piedade e nas perguntas intrometidas. Acho que amanhã já dá para lidar com tudo isso.

— Éééé, eu acho que você tem algo mais para lidar. Algo... maior.

Ela entregou o telefone a Audrey.

— Leia a mensagem de Deena e clique no link.

Audrey deu uma olhada rápida na mensagem da assistente de Naomi.

OMG, é verdade?! Uhuhu!

O polegar de Audrey clicou no link abaixo da mensagem, seu olhar precisando apenas ler a manchete para entender a preocupação de Naomi.

Socialite Audrey Tate está noiva de seu companheiro de longa data, Clarke West.

— Ah, inferno — Audrey murmurou, com um suspiro, devolvendo o telefone para Naomi. — Isso de novo não.

Capítulo Dois



DOMINGO, 5 DE JANEIRO

Você ficou sabendo? Uma certa diva da Madison Avenue supostamente arranhou um novo homem. Quanto tempo ele vai ficar é a verdadeira questão. Boatos que nossa garota favorita é amaldiçoada no amor – ela não conseguiria manter um homem nem se ele estivesse acorrentado à sua bolsa de crocodilo da Bottega Veneta.

— @ScandalBoyNYC

O apartamento de Clarke ficava a dez minutos de caminhada do apartamento de Audrey, o que não era tempo suficiente para dispersar sua raiva. Não que ela estivesse brava com Clarke – ela saberia lidar com ele enquanto dormia.

Não, Audrey ainda estava chateada com o imbecil do @ScandalBoyNYC, que, antes que ela e as meninas pudessem terminar de beber suas mimosas, tinha dado *mais um* golpe em Audrey pelo Instagram. O menino, homem, mulher, seja o que for, aparentemente tinha uma fonte com credibilidade, o que era mais do que irritante. Mesmo assim, o cara realmente deveria ter mais cuidado com quem fala. Ninguém que conhecesse Audrey teria *brincado* sobre acorrentar algo a uma Bottega.

Por mais mesquinhas e infundadas que sejam, as acusações ainda doíam. Audrey não era imune à trollagem das redes sociais, mas era constrangedor ter sua vida amorosa aberta ao escrutínio. Ela nem mesmo havia contado a seus amigos mais próximos sobre o funcionamento interno de seu coração –

ter estranhos na Internet avaliando seu status de solteira era totalmente irritante.

Mas ela teria que lidar com isso mais tarde. Primeiro, havia a questão não tão pequena de seu *noivo*.

Como Audrey, Clarke West morava perto da Madison Avenue, embora um pouco mais perto do centro. Ironicamente, Audrey notou com um sorriso quando ela virou na *Sixty-Fourth*, bem ao lado de uma loja Bottega Veneta. Mostrando o dedo do meio mentalmente para Scandal Boy ao passar pela loja de grife, ela subiu as escadas para a casa de Clarke.

Ela bateu à porta e esperou impacientemente. Quando não houve resposta, ela pegou a chave reserva e entrou, com a intenção de ficar à vontade e esperar que seu melhor amigo aparecesse. Abrindo a porta da frente, Audrey foi recebida pelo som do Queen nas alturas no andar de cima.

Então ele *estava* em casa. Bom. Audrey colocou a bolsa na mesinha que ajudou a escolher e pendurou o casaco ao lado da porta da frente do jeito que ela fez centenas de vezes ao longo dos anos.

A casa de Clarke era linda e Audrey se dava muito crédito por isso. Não pela arquitetura pré-guerra, obviamente. Isso tinha sido a genialidade de outra pessoa. Mas Audrey se recusou a permitir que um espaço tão lindo fosse desperdiçado com as sensibilibidades nulas e cavernosas de Clarke. Com a ajuda de um dos principais designers de interiores de Manhattan, Audrey deu à casa uma vibe decididamente masculina, como um clube de campo. O piso e a escada eram de um elegante mogno, as paredes em tons de azul e verde escuros. A mobília era uma combinação intencional de couro gasto e xadrez excêntrico, as paredes adornadas com fotos de cavalos e cães de caça que Clarke gostava de reclamar, mas nunca se preocupou em tirar. Audrey suspeitou que isso tinha muito mais a ver com o fato de sua mãe odiar as fotos do que o próprio Clarke gostar delas.

Ela seguiu o som de '*We Will Rock You*' escada acima, já sabendo que o encontraria no único cômodo da casa que *não tinha* seu toque – a academia. Ela se encostou na moldura da porta aberta, não querendo assustar Clarke no

meio do supino. Ele equipou um dos maiores cômodos vazios com uma esteira, suporte para agachamento, pesos livres e, como evidenciado pelo fato de que ele ainda não tinha ouvido ela chegar, um sistema de som embutido de última geração.

Vestido com calça de moletom cinza e uma camisa de treino preta justa, Clarke terminou a última de suas repetições e colocou a barra de volta no suporte. Pegando uma toalha do chão, ele se sentou no banco, congelando por um momento, surpreso por ela estar parada ali.

Sorrindo, ele ergueu um dedo. *Espere*. Ele pegou o telefone e, com um movimento do polegar, abaixou o volume da música.

— Ei, Dree!

Dree. Não era seu apelido favorito, mas ele o usava desde a infância, e não havia como mudar os hábitos desse playboy. Ela cruzou os braços, um ombro contra o batente da porta.

— Alguma coisa que você queira me dizer?

Ele sorriu ainda mais.

— Seu cabelo está ótimo hoje?

Audrey ergueu as sobrancelhas e esperou.

Clarke enxugou a testa com a toalha e apenas sorriu ainda mais.

— Você sabe que isso não funciona comigo.

— O que?

Ela acenou com a mão em direção a ele.

— Esse sorriso. Os dentes brancos perfeitos, a quantidade estratégica de barba por fazer, os músculos de Super Homem.

Seus olhos se estreitaram ligeiramente. Com cabelo castanho escuro espesso, beleza clássica, uma estrutura alta com ombros largos e, o mais cruel de tudo, o nome Clarke, as referências ao Super Homem o seguiam por toda a vida. Ele gostava delas tanto quanto ela gostava do apelido Dree.

— Quantidade estratégica de barba por fazer — ele repetiu — O quê, você acha que nós, homens, podemos treinar nossos pelos faciais para crescer como quisermos?

— Bem, por Deus, eu não sei — ela ponderou — Talvez eu descubra depois que nos *casarmos*.

— Ah — Ele arrastou a toalha sobre o rosto — Isso.

— Sim. Isso. *De novo?*

— Você fala como se isso acontecesse o tempo todo — disse ele, se levantando. — Essa é só a segunda vez.

— Terceira. E isso já é considerado três noivados falsos a mais do que eu gostaria. O que foi dessa vez, outra debutante esperando que ao dizer que o bebê dela é seu vai conseguir te levar até o altar?

Era uma das partes que menos gostava de ser amiga de um homem com os encantos consideráveis de Clarke. Ele gostava de mulheres, e elas gostavam *muito* dele. Na verdade, Audrey não ficaria surpresa se houvesse clubes do livro inteiros e noites de vinho dedicados a descobrir como colocar uma aliança em seu dedo. "Sra. Clarke West" era uma posição altamente cobiçada, e as candidatas mais ousadas já tentaram enganá-lo ao longo dos anos.

O plano de fuga padrão de Clarke era anunciar que ele já era noivo. De Audrey.

— Eu não namoro debutantes — ele resmungou. — Nem tenho certeza se sei o que é uma debutante.

— *Ainda* estou esperando a explicação.

Ele suspirou e a encarou.

— Elizabeth voltou para a cidade.

Audrey levou um momento para entender.

— Sua ex? Advogada famosa que se mudou para Washington?

Clarke balançou o pescoço para distensionar.

— Linda de alguma forma me convenceu a sair para almoçar com ela na sexta-feira. Só que quando eu apareci no restaurante, adivinha quem estava esperando na mesa.

— Suponho que *não* era sua mãe?

Ele deu de ombros, parecendo para todo mundo que não se importava que sua mãe o tivesse enganado para que fosse em um almoço com sua ex-

namorada. Mas Audrey o conhecia bem. Sabia pela linha tensa de sua mandíbula que isso o incomodava. Tudo sobre sua mãe o incomodava. Daí porque ela era sempre *Linda* e raramente *mãe*.

— Eu juro, às vezes acho que Linda gostava mais de Elizabeth do que eu — ele resmungou.

Audrey sorriu.

— Claro que ela gostava. Elizabeth é uma mini *ela*.

A mãe de Clarke sempre foi um mistério para Audrey. De alguma forma, a mulher conseguia ser, em tempo integral, uma mãe intrometida, uma esposa controladora e desembargadora de qualquer coisa para o estado de Nova York.

Quanto à ex de Clarke, Elizabeth Milsap ainda não era esposa ou mãe, até onde Audrey sabia, mas ela era uma advogada de alto escalão que trocou Nova York por Washington alguns anos atrás com aspirações políticas que nunca envolveram Clarke. Audrey suspeitava que sua mãe tinha ficado mais chateada com a separação do que o próprio Clarke, e não surpreendia nem um pouco Audrey que Linda tentaria manipular Elizabeth e Clarke para que voltassem a ficar juntos.

Linda amava seu filho. Ela apenas tinha uma forma manipuladora de mostrar isso.

— Tudo bem, mas o que Elizabeth estar de volta à cidade tem a ver com o fato de que a seção de fofocas do jornal pensa que estamos noivos?

— Bem — Ele colocou a toalha na nuca e puxou as duas pontas. — Depois que almoçamos...

— Espere, você realmente ficou e almoçou com Elizabeth? — Audrey ficou surpresa. Clarke era geralmente um cara muito tranquilo, mas não quando se tratava das maquinações de sua mãe. Se Linda lhe dissesse para virar à direita, ele correria para a esquerda. Quando ela sugeriu que ele usasse uma gravata azul na formatura, ele usou vermelho. Quando ela disse a ele para ir para Yale, ele escolheu Dartmouth. Quando ela disse a ele para ir com Elizabeth para Washington, ele comprou uma casa em Manhattan.

O fato de ele concordar com qualquer coisa arranjada por sua mãe era incomum.

Ele grunhiu.

— O que eu deveria ter feito, apenas deixar Elizabeth sentada lá?

— Isso teria levado a outra coisa além do noivado? Então, *sim*.

— Não, não foi o almoço que fez isso. Foi *pós* o almoço, eu estava saindo do restaurante. Tilda Covey estava entrando enquanto Elizabeth e eu saíamos.

Audrey grunhiu. Tilda Covey era uma das intrometidas mais conhecidas de Nova York e uma das melhores amigas de Linda West.

— Exatamente — disse Clarke em resposta — Ela me disse que ficou sabendo que deveria nos dar parabéns, e depois cantarolou aquela maldita música de casamento.

— É a *marcha* nupcial.

— Tanto faz. — Ele puxou a toalha com mais força — Minha mãe obviamente disse a ela que Elizabeth e eu tínhamos nos reaproximado, e nos ver juntos confirmou isso para Tilda.

— E sua reação instintiva foi dizer que você está noivo de mim?

— Você tem uma ideia melhor? — ele perguntou.

— A verdade! Diga a Tilda e a sua mãe que foi um almoço e que você não vê Elizabeth há anos. — Ela fez uma pausa e franziu a testa. — Não é?

— É — ele disse — Mas você *conhece* Linda. Eu não ficaria surpreso se ela já tivesse a notícia do noivado pronta para enviar aos jornais na esperança de me forçar a isso.

— Ela não faria isso — protestou Audrey.

Clarke olhou para ela.

— Ok, *talvez* ela faria isso. E *talvez* sua razão para inventar o noivado seja compreensível. Mas agora... — ela ergueu um dedo em advertência — desfaça. Hoje. *Desnoive*.

— Assim que eu terminar meu treino — ele disse com um sorriso, parecendo aliviado por estar a salvo. — Eu já disse que você é a melhor amiga do mundo inteiro?

— Eu já sei disso.

Ele jogou a toalha para o lado da esteira e começou a se abaixar de barriga para baixo no chão.

— Deite nas minhas costas.

— Passo — ela disse quando ele ficou em posição de prancha.

— Vamos. Como costumávamos fazer, quando as flexões normais ficaram muito fáceis.

— Em primeiro lugar, ninguém gosta de pessoas que dizem coisas como “flexões normais ficaram muito fáceis”. Em segundo lugar, isso foi no ensino médio.

Ele olhou para cima.

— Eu posso esperar o dia todo, Dree. Apenas lembre, quanto mais cedo eu terminar este treino, mais cedo você não terá que se casar comigo.

Ela se afastou da porta com um suspiro.

— Você vai me deixar toda suada.

— Bom. Se você quiser saber minha opinião, já faz muito tempo que você não entra em contato com o suor de um homem. Randy não conta.

— Não, ele não conta — ela concordou, já que ela e Randy nunca tinham passado da fase de amassos antes que ela visse seu quarto espelhado do horror.

Ela tirou os sapatos e abaixou-se cautelosamente para que ela e Clarke ficassem costas com costas.

— Não me lembro disso ter sido tão difícil quando eu tinha quinze anos — disse ela, estendendo os braços para se equilibrar e rindo enquanto começava a escorregar para o lado quando ele se abaixava para fazer uma flexão.

— Sim, você realmente está com a parte difícil — ele disse com um grunhido exagerado. — Talvez precisemos conversar sobre o seu vício em chocolate.

Ela estendeu a mão e puxou seu cabelo em repreensão.

— Um cavalheiro nunca comenta sobre o peso de uma dama.

— Tem certeza de que é isso? *O* peso de uma *dama*?

Ela puxou seu cabelo com mais força.

Apesar de todas as reclamações, suas flexões pareciam ser fáceis uma vez que ela encontrou o equilíbrio, e ele fez algumas dúzias ou mais com o peso dos dois antes de desabar no chão.

— Você está certa. Era mais fácil na escola.

— A maioria das coisas eram — ela disse.

Ele virou a cabeça ligeiramente, apoiando os braços sob a cabeça, embora não fizesse nenhum esforço para empurrá-la. E ela não fez nenhum esforço para se mover. Ela tinha esquecido o tipo único de conforto que vinha do contato físico com outra pessoa, mesmo que fosse por estar espalhada platonicamente em cima de seu melhor amigo.

— O que houve? — ele perguntou.

Ela deu um pequeno sorriso, apreciando que ele a conhecia tão bem quanto ela o conhecia. Apreciando que ele sabia, mesmo pelas declarações mais inócuas, quando algo a incomodava.

Ela exalou.

— Você conhece o Scandal Boy?

— Eu não.

— Influenciador do Instagram. Mas do tipo mesquinho e fofoqueiro. Gosta de cavar sujeira dos outros e expor.

— Ah. Um verme da sociedade.

— Basicamente — ela disse — Enfim, de alguma forma, Randy o encontrou, ou ele encontrou Randy. Pelo menos *acho* que foi Randy. Ele é o único além de você, meus pais, e Naomi e Claire que sabem tudo que aconteceu com Brayden.

— Ah, merda. *Isso* vazou?

— Sim. Estão dizendo que eu sou uma destruidora de lares, que também não consigo manter um homem, e, ah, estou amaldiçoada.

— Bem, isso é besteira — disse ele com lealdade.

— É mesmo? — Ela olhou para o teto dele. — Quer dizer, eu sei que não me coloquei emocionalmente à disposição desde Brayden. Achei que queria ficar solteira, mas... está começando a ficar um pouco constrangedor. Também não é como se caras estivessem batendo na minha porta tentando me cortejar.

— Talvez seja porque você usa palavras como *cortejar*?

— Você é o pior marido falso de todos.

— Nosso infeliz caso de amor terminará assim que você sair de cima de mim.

— Tudo bem, tudo bem. — Audrey pretendia se mover. Mas ela não o fez.

Ela sentiu uma ideia à espreita.

Em vez disso, ela virou o rosto ligeiramente para o lado, até que sua bochecha descansasse levemente contra a dele.

— E se não terminarmos?

— Hmm? — ele perguntou, parecendo meio adormecido.

— E se ficarmos noivos? Só mais um pouquinho. Alguns dias.

Ele riu incrédulo.

— O quê?

— E se não negarmos os rumores ainda? E se deixarmos as pessoas acreditarem que é verdade. Que realmente *fizemos* o que basicamente todos achavam inevitável... que estamos super apaixonados.

— Eu não fico super apaixonado.

— Mas você poderia fingir.

— Eu poderia — ele disse lentamente. — Mas por que eu iria?

— Para irritar sua mãe? Você sabe que ela nunca gostou de mim. A mataria pensar que não só você não está se casando com Elizabeth, a perfeita e inteligente, mas sim com Audrey, a idiota e indecisa. Ela *morreria*.

— Tentador — ele disse sombriamente. — Muito tentador. Mas eu tenho trinta e um anos. Um pouco velho para fazer o papel de filho rebelde.

— Disse o cara que falou ao *Manhattan Post* que estava noivo apenas para frustrar os planos de sua mãe.

— Eu simplesmente plantei o boato para ficar um passo à frente dela. Eu não ia *realmente* fingir que vamos nos casar.

— Mas nós *poderíamos*.

Ele ficou em silêncio por um momento.

— O que está acontecendo de verdade?

Ela rolou de cima dele, deitando-se de lado e apoiando a cabeça no cotovelo. Ele fez o mesmo, de frente para ela.

— Eu sei que é estúpido — ela admitiu — Eu sei que Scandal Boy é apenas um pequeno sacana maldoso, e eu deveria ser madura e seguir em frente. Mas as pessoas só falam disso nos comentários do meu Instagram. Teorias sobre porque nenhuma de minhas postagens menciona um homem. Metade delas acha que eu sou uma lésbica enrustida, e não tenho problema com isso. Mas a outra metade está especulando que sou algum tipo de pária de relacionamento. Um disse que eu tinha dentes de tubarão na vagina.

— Por Deus — disse Clarke, rolando de costas e cobrindo as orelhas. — O que eu não daria para desouvir isso.

— E eu *sei* que é só o Instagram — ela continuou, ignorando-o. — E não é a vida real, exceto que para mim é. Esse é o meu trabalho e é um que eu amo.

Ele voltou a cabeça para ela, procurando seu rosto.

— E estar “noiva” vai ajudar?

— Só por um tempinho — ela disse. — As mídias sociais têm uma vida útil ridiculamente curta. Eles terão algum outro alvo em alguns dias, e podemos terminar as coisas amigavelmente, como sempre fazemos.

Ela cutucou seu ombro musculoso com um dedo.

— Por favor? Você vai ter que ficar quieto e fingir que está perdidamente apaixonado por mim, e então você pode voltar a semear aveia em todos os campos.

— O quê?

— Dormir com todas as mulheres em Manhattan — ela explicou.

Ele apontou para seu coração.

— Isso magoa.

— Eu não estou julgando. Tenho total respeito por seu comprometimento com a vida de solteiro. Eu só preciso de sua ajuda. Apenas por uma semana ou mais? As pessoas pensam que minha vagina tem *dentes*, Clarke.

Clarke continuou a estudá-la por um momento, seu olhar dourado pensativo. Então ele estendeu a mão e deu um tapa no quadril dela.

— Levanta.

Quando ela não se moveu rápido o suficiente, ele se levantou e a puxou para cima.

— Primeiro, precisamos de algumas regras básicas. Se vamos fazer isso, a palavra *vagina* será oficialmente proibida.

Ela se iluminou.

— Espere, você vai fazer isso?

— Vou tomar um banho rápido, depois vamos sair.

— Ir para onde? — ela gritou atrás dele enquanto ele caminhava em direção ao banheiro da suíte.

Ele se virou e sorriu enquanto caminhava de costas no corredor.

— Tenho que comprar um anel de diamante gigante para minha futura esposa.

Capítulo Três



SEXTA-FEIRA, 10 DE JANEIRO

Quantos quilates são necessários para reverter uma maldição e segurar um homem? Uma certa influenciadora da Madison Avenue está aparentemente tentando descobrir ...

—@ScandalBoyNYC

— *Eu* tinha esquecido como a casa dos seus pais é assustadora — Audrey murmurou, se inclinando para olhar a aldrava na residência dos West na *80th Street*. — Aquilo é um leão? Com a boca aberta?

— Não seja ridícula, Audrey — disse Clarke, abrindo a porta — Isso não é um leão. É *claramente* a cara da minha mãe.

Um segundo depois, eles foram saudados pela própria mãe em questão, e Audrey foi forçada a reconhecer que a comparação de Clarke com o leão não estava longe da realidade. Não que Linda West se parecesse exatamente com um leão. Na verdade, ela se parecia muito com Clarke. Ela tinha ombros largos para uma mulher, ou talvez apenas parecesse assim porque ela preferia ternos vintage Chanel com ombreiras embutidas. Os olhos de Linda eram do mesmo castanho dourado que os do filho, e seu cabelo era tão escuro quanto o de Clarke – embora, aos sessenta anos, ela provavelmente tivesse alguma ajuda de um cabeleireiro para isso, Audrey apostava.

Em termos de personalidade, porém, Linda *definitivamente* parecia um leão. Ela conseguia parecer graciosa e feroz, e estava *definitivamente* no topo da cadeia alimentar.

— Clarke. Audrey. Que bom que vocês conseguiram reservar um tempo em sua agenda social ocupada para se juntar a nós para jantar — sua mãe disse friamente enquanto cumprimentava os dois com um beijo no ar.

— Obrigada por nos receber — disse Audrey enquanto Clarke ficava atrás dela para ajudá-la a tirar o casaco.

— Claro. — O sorriso de Linda foi breve e vagamente astuto. — Afinal, você vai fazer parte da família.

Audrey hesitou, mas a palma de Clarke pressionou entre suas omoplatas, lembrando-a do jogo enquanto ele se dirigia à mãe.

— Ela com certeza irá.

Os olhos castanhos de Linda piscaram entre eles por um momento, depois giraram levemente.

— Entrem. Tomaremos um pouco de champanhe para comemorar — disse a mãe de Clarke, indo em direção à sala de estar.

— Ela sabe. — disse Audrey com o canto da boca enquanto Clarke a conduzia para frente. — Ela sabe muito bem que não estamos realmente noivos.

— Claro que ela sabe — ele respondeu calmamente. — É o jogo dela. Inferno, ela provavelmente está encantada por termos decidido jogar.

— Sim, mas como ela pensa que pode *ganhar*?

Entrando na sala formalmente decorada um momento depois, Audrey teve sua resposta. A mãe de Clarke estava abrindo uma garrafa de Dom Pérignon, e seu pai estava preocupado com seu celular.

E sentada no sofá estava a ex-namorada de Clarke.

Os olhos de Audrey se arregalaram em surpresa quando Elizabeth se levantou para cumprimentá-los.

— Espero que isso não seja estranho — Elizabeth disse com um sorriso, vindo para abraçar os dois.

— Claro que não é estranho — disse Linda enquanto removia a rolha de champanhe com um estalo seco. — Audrey sabe que Elizabeth é uma velha amiga da família

Aham. Se as coisas fossem como Linda queria, Elizabeth faria *parte* da família.

Audrey aceitou o abraço mesmo enquanto sua mente girava. A mãe de Clarke era realmente corajosa. Elizabeth se virou para Clarke, e Audrey percebeu que o abraço de Elizabeth foi tão demorado quanto o de Clarke foi superficial.

— Liz — ele disse, sua voz rouca.

Audrey lançou-lhe um olhar penetrante. Ela achava que ele seria indiferente a Elizabeth. Afinal, fazia anos desde o término, e ele dificilmente tinha parecido ao menos um pouco perturbado quando eles terminaram. Mas Elizabeth não era chamada de Liz, o que significava que era um apelido – algo que ela sabia que Clarke sempre tinha o cuidado de evitar com namoradas. E havia algo em seu tom quando ele disse isso, algo em seu rosto agora...

Elizabeth sustentou seu olhar por apenas um minuto antes de voltar a derramar elogios.

— Linda me convidou para me juntar à família antes de percebermos, bem... — Ela pegou a mão esquerda de Audrey. — É tão bom ver você de novo. E estava *morrendo de vontade* de ver o anel!

Ela se engasgou quando viu.

— Ah, Audrey. É simplesmente lindo.

Ele *era* lindo. O diamante solitário da Tiffany em um anel de platina era a aliança dos sonhos de Audrey, e ei, se você vai ter um noivado público, por que não o tornar perfeito?

Clarke deslizou a mão pela cintura de Audrey, a palma da sua mão apoiada em seu quadril, e ela teve que resistir ao impulso de pular de surpresa com o contato. Eles estavam brincando de *noivos* a semana toda. Primeiro com a compra do anel na Tiffany & Co., que ele insistiu que ela documentasse em seus *stories* no Instagram, em tempo real. Em seguida, um jantar romântico falso e uma foto de sua mesa de centro com uma pilha grande de revistas de noivas. Coisas inofensivas e facilmente reversíveis.

Mas isso – o toque – isso era novo. Claro, ela e Clarke haviam se tocado muitas vezes no passado. Danças. Socos. Beliscões. Beijinhos na bochecha. *High fives*. Abraços. Mas a mão dele em seu quadril era decididamente diferente. E posar como um casal de noivos na casa de seus pais era um outro nível de *fingimento*, com o qual Audrey não se sentia totalmente confortável. Ela tinha estômago para fingir pelo bem de seu público, mas mentir para amigos e familiares não parecia certo.

Não que Audrey tivesse mentido para *seus* amigos e familiares. Ela ligou para seus pais na Califórnia imediatamente para informá-los sobre o que estava acontecendo e, como esperado, sua divertida mãe ficou encantada com a farsa, e o pai de Audrey foi afetuosamente tolerante. Naomi e Claire também concordaram em jogar junto porque isso significaria fazer Scandal Boy recuar.

Mas o relacionamento de Clarke com seus pais era diferente – frio em um dia bom, totalmente antagônico em um dia ruim. Sua mãe era fria e controladora, seu pai desgostoso por tudo, exceto pelos negócios da família.

E Elizabeth estava linda como sempre, Audrey percebeu. Não de uma forma delicada e composta. Elizabeth era quase tão alta quanto Clarke em seus saltos, e ela tinha o tipo de estrutura óssea impressionante que era quase masculina em suas feições angulosas. Mas era suavizado por uma boca carnuda e cabelos castanhos claros que ela usava em ondas suaves ao redor dos ombros.

Deixando a aparência de lado, Audrey nunca tinha *entendido* o que Clarke e Elizabeth viram um no outro. Clarke era despreocupado e extrovertido, enquanto Elizabeth era tensa e reservada. Eles namoraram por quase um ano – o relacionamento romântico mais longo da vida de Clarke – e, ainda assim, Audrey não ficou nem um pouco surpresa quando Elizabeth conseguiu um emprego em Washington e Clarke optou por ficar para trás.

Mas vendo o jeito que Elizabeth olhava para Clarke por tempo demais, sua análise de Audrey, um pouco calculista demais, Audrey estava apostando

que Elizabeth tinha planos para Clarke que não envolviam ele indo em direção ao altar com Audrey.

— Sim, o anel é adorável — Linda disse com um olhar de desprezo, entregando a Clarke e Audrey taças de champanhe. — E não se preocupe, querida, tenho certeza que se você mudar de ideia e quiser algo diferente, você pode obter um reembolso total, estou certa?

— Ah...

— Troca — Clarke interrompeu — Eu acho que essa é a palavra que você queria. Não *reembolso*.

Audrey olhou para Clarke, nem um pouco surpresa ao ver a tensão em sua mandíbula enquanto ele entrava em uma competição de olhares com sua mãe.

— É claro — murmurou Linda — Alton, pegue aquelas outras taças de champanhe. Precisamos brindar a sua nova nora.

O pai de Clarke juntou-se a eles, dando a Audrey um beijo impessoal na bochecha que, embora dificilmente afetuoso, pelo menos causou menos frio do que a saudação de sua esposa.

Clarke não se dava melhor com o pai do que com a mãe, mas Audrey nunca se sentiu tão desconfiada de Alton quanto com Linda. O homem era distante, com certeza, e ele deixava sua esposa mandar nele muito mais do que Audrey teria esperado de um CEO poderoso. Ela nunca foi capaz de ultrapassar a superfície indiferente do homem, mas ela não achava que fosse pessoal, meramente uma consequência de ele ter herdado uma enorme empresa que vinha sendo passada por sua família desde os primeiros dias da empresa como uma construtora de ferrovias. Ele evoluiu para a publicidade das ferrovias, depois para todas as coisas relacionadas a transporte, depois *apenas* publicidade, até se tornar o gigantesco conglomerado midiático que é hoje. Em outras palavras, o homem tinha muito o que fazer e sempre parecia mais distraído do que vingativo. Ao contrário de Linda, que nunca perdia um único detalhe.

Audrey sabia que o uso de Linda da palavra *reembolso* não tinha sido um lapso de memória.

Irritantemente, Linda também estava certa sobre as intenções de Audrey com o anel. Audrey tinha se assegurado, antes de Clarke entregar o cartão de crédito, de que eles *poderiam*, de fato, obter um reembolso total do anel quando terminassem na próxima semana.

Audrey havia meio que planejado acabar com isso *hoje*. Mas então a mãe de Clarke os convidou para jantar para “discutir o planejamento” e Clarke ficou irritado o suficiente com sua mãe para morder a isca e continuar a farsa por mais uma noite.

— Parabéns, filho — disse Alton, levantando o copo. — Estamos tão felizes que vocês dois pirralhos finalmente decidiram desistir daquela bobagem de melhores amigos.

Audrey apertou os lábios para não protestar que a amizade deles não era um absurdo. Que o fato de serem melhores amigos desde crianças mostrava que meninos e meninas *podiam* ser amigos.

E que homens e mulheres também podem ser.

Os dedos de Clarke cravaram levemente em seu quadril, lembrando-a do plano, e ela desempenhou seu papel, envolvendo um braço em volta da cintura dele e sorrindo para ele.

— Eu também. Não sei por que demorei tanto para ver que ele é o cara certo pra mim, mas estou feliz por finalmente ter acordado.

O olhar intenso que Clarke deu a ela em troca fez com que ela perdesse o fôlego por apenas um segundo e a fizesse pensar que o homem tinha perdido seriamente sua vocação – era uma atuação merecedora de um Oscar bem na sua frente.

— Então — Elizabeth perguntou, depois que os cinco tinham brindado — vocês dois já escolheram uma data?

— Ah, não, ainda não — disse Audrey, mantendo os detalhes vagos, do jeito que ela tinha sido a semana toda. — Estamos apenas gostando de estar noivos por um tempo.

— Mas, claro, vocês vão dar uma festa de noivado? — Linda pressionou.

— Ah, nós realmente não...

— Claro — Clarke interrompeu.

Desta vez foi Audrey quem cravou as unhas nele. Ele se mexeu ligeiramente ao lado dela, desconfortável, mas não recuou.

— Bem, eu adoraria ajudar com isso — disse Linda, o entusiasmo em sua voz velado levemente por zombaria. — Na verdade, liguei para os pais de Audrey esta tarde para ver se eles poderiam voar no próximo fim de semana para uma festa. Por minha conta.

Audrey soltou Clarke para estender a mão e coçar atrás da orelha. *Droga.* A mulher era boa. Ela havia puxado o tapete deles de forma limpa e efetiva.

Ah, bem. Eles fizeram um bom jogo. É hora de ceder com elegância.

Ela olhou para Clarke para ver como ele queria lidar com a limpeza da bagunça em que se meteram. Se ele não estivesse pronto, ela teria todo um arsenal de maneiras que havia planejado para tirá-los do joguinho.

Na verdade, Clarke e eu achamos que podemos ter nos precipitado...

Percebemos que talvez realmente sejamos melhores apenas como amigos...

Temos algumas coisas para resolver em relação ao nosso futuro...

Pessoalmente, Audrey achava que o primeiro era o melhor, e era o que ela planejava anunciar no Instagram na próxima semana, quando ela voltasse para suas postagens regulares de recomendações de tons de batom e seu mais recente cronograma de cuidados com a pele.

Ela não estava preocupada com isso. Se as celebridades podiam ficar noivas e depois desistirem no espaço de um mês, então uma pseudocelebridade como ela certamente poderia fazer isso no espaço de uma semana.

Mas, em vez de dar o fora dessa bagunça, Clarke apenas deu um de seus sorrisos fáceis de marca registrada.

— Nós adoráramos isso. Obrigado, mãe. — Ele olhou para Audrey. — Não é, Dree?

Mas. Que. Inferno?

Usar um anel de noivado fingido por uma semana era uma coisa. Ter uma festa de noivado era uma jogada totalmente diferente.

Mas amigos não deixavam amigos serem enganados por idiotas mesquinhos do Instagram, e amigos não deixavam amigos enfrentando mães e ex-namoradas manipuladoras sozinhos.

Ela olhou para cima e o encontrou estudando-a, seu olhar pensativo e um pouco suplicante.

Audrey conteve um suspiro. Ela faria qualquer coisa por ele. E ele sabia disso.

Ela se virou para a mãe de Clarke com seu sorriso mais caloroso.

— Mas é claro. Que data você está pensando?

Capítulo Quatro



SÁBADO, 18 DE JANEIRO

Grandes decisões para a grande noite! Louboutins ou magníficas botas Stuart Weitzman?

Socorro! Comente abaixo com seu voto! ♥

— @TheAudreyTate

Os sapatos de salto agulha Louboutin com fivelas nos tornozelos haviam vencido a votação, mas Audrey ainda balançava a cabeça para a frente e para trás, indecisa.

Os *Loubs* eram lindos e mais nupciais, definitivamente. Mas as *Weitzmans* cinzas na altura das coxas, ou *Stuies*, como ela as chamava, eram mais práticas, dada a previsão do tempo, que dizia que daria uma “invernada” esta noite.

Ela fez uma nota mental, se comprometendo a lembrar que quando ela ficasse noiva de verdade algum dia, ela cronometraria para que sua festa de noivado não caísse no meio do inverno. Então, se lembrando com a mesma rapidez de que o casamento não estava nas cartas para ela, ela procurou os Louboutins.

Se ela só ia fazer isso uma vez, ela faria do jeito certo.

Seus pés estariam frios, mas lindos.

Calçando-os, ela agarrou a bolsa de cetim branco que ela comprou para a ocasião. Combinava perfeitamente com o vestido esporte-fino branco sem alças que ela também havia comprado. Afinal, se alguém estava “se casando” para se exhibir, por que não dar um lindo show?

Audrey tirou seu celular do carregador e estava prestes a colocá-lo na bolsa quando ele vibrou com uma ligação. Ela olhou duas vezes para o nome na tela e respondeu rapidamente.

— Anderson?

— Irmãzinha. Você parece surpresa.

— Só porque você é o rei das ligações acidentais.

— Um dos meus alunos me mostrou como bloquear meu telefone quando ele está no bolso.

— Estou tão orgulhosa — disse ela com um sorriso afetuoso enquanto ia para sua caixa de joias. Um colar estragaria o decote do vestido, mas uma pulseira simples seria perfeita. — Quais as novidades?

— Bem, vamos ver — ele ponderou. — Eu cortei meu cabelo. Minha marca de cereal favorita mudou a caixa, e eu não gostei da nova. Ah, e minha irmã mais nova ficou noiva.

Audrey congelou no processo de segurar uma pulseira de ouro rosa que ela ganhou de Naomi. Ela não se preocupou em esconder o horror de sua voz.

— Oh, Anderson. Não é o que você pensa.

— Que você não se preocupou em me contar as novidades?

— Não. Quer dizer, sim. — Ela largou a pulseira e colocou a mão sobre o coração para aliviar o aperto de culpa em seu peito. — Mais ou menos. É complicado?

Droga. Seu irmão pensava que ela ia se casar e não tinha contado a ele.

Ela e Anderson não eram próximos em idade. Aos trinta e seis anos, ele era sete anos mais velho que ela. O fato de ele ser de fato um *gênio* e ter pulado uma série na escola aumentou ainda mais a lacuna quando eles estavam crescendo.

Acrescente que ele morava em Seattle e, portanto, em um fuso horário diferente, e também que era professor de biologia na Universidade de Washington, e não restava exatamente muito em comum. Mas isso não significava que ela não o amava até a morte, e ele com certeza deveria ter

ficado sabendo por ela sobre seu “noivado”. A pior parte era que ela nem tinha *cogitado* ligar para ele ou que ele iria descobrir. Anderson há muito tempo trocou a cena social de Nova York pelo meio acadêmico da Costa Oeste.

Um noivado *real*, ele gostaria de saber, porque a amava. Um noivado falso iria passar batido por sua cabeça brilhante.

— Como você descobriu? — ela perguntou curiosamente.

— Instagram — ele admitiu.

Ela soltou uma risada assustada.

— Sério?

— É novo — ele resmungou. — Achei que tentaria seguir seu mundo. Só não tinha percebido o quão esclarecedor seria.

— Anderson, estou *tão* arrependida. Mas não é o que você pensa.

— Você e Clarke não vão finalmente se casar?

— Não! Espere, o que você quer dizer com *finalmente*?

Ele bufou.

— Posso ser o nerd da família, mas tenho *algumas* habilidades sociais. Até eu sabia que era apenas uma questão de tempo.

— Bem, você não é tão inteligente em *tudo* — disse ela. — É um noivado falso.

— Um o que? — ele perguntou, parecendo completamente perdido, como esperado.

— Resumindo, algum babaca das redes sociais de alguma forma conseguiu me acusar de ser uma devoradora de homens, destruidora de lares e uma solteirona patética, tudo em umas poucas postagens.

— E?

— E, minha pele não é tão grossa quanto deveria ser — ela admitiu. — Cansei das centenas de comentários sobre como nunca havia postado sobre um namorado nas redes sociais e só... queria provar que eles estavam errados.

— Hmmm.

— Parece estúpido — ela admitiu.

— Não — ele disse lentamente. — Posso ser novo no Instagram, mas até eu vejo que a Audrey Tate não pode sequer peidar sem que milhares de pessoas saibam sobre isso e tenham uma opinião.

— Anderson. As meninas nunca peidam. Achei que Adele e eu tínhamos te ensinado isso há muito tempo.

Ele riu.

— Você sabe o que eu quero dizer. Posso entender a necessidade de autoproteção. Mas... se casar?

— *Fingir* se casar — ela explicou rapidamente. — Vamos cancelar tudo depois da festa de noivado esta noite.

— Audrey — disse ele com uma risada.

— Eu sei — disse ela, rindo junto com ele. — Confie em mim, *eu sei*. É insano. Mas porque você me ama e porque estou vulnerável, posso pedir um adiamento de uma semana no sermão?

Ele suspirou.

— Eu não vou dar sermão. E, eu acho... bem, como sempre, sou grato por Clarke. Ele cuida de você de maneiras que eu não posso.

— Isso não é verdade — disse ela com lealdade.

Era um *pouco* verdade. Anderson tinha sido um bom irmão mais velho, mas a diferença de idade significava que suas infâncias não se encontraram, muito menos sua vida escolar. Mesmo se tivessem, Anderson era o adolescente magrelo e focado em livros que já tinha seus próprios problemas sociais. Ele dificilmente era o tipo de irmão que você poderia exhibir na frente de seus valentões e dizer “meu irmão vai bater em você”.

Não que Audrey tivesse muitos problemas sociais além do ocasional valentão do parquinho e da garota malvada do colégio. Mas o que seu irmão estava dizendo era que talvez a razão de sua vida ter sido relativamente tranquila, exceto o incidente com Brayden, tenha sido por causa de Clarke. Ele sempre foi seu defensor mais feroz, seu companheiro mais leal. Armado com boa aparência, ampla confiança e charme excessivo, ele era capaz de se safar de qualquer coisa, tanto por ele quanto por Audrey.

— É verdade — disse Anderson gentilmente, lendo seus pensamentos. — Mas agradeço que você ainda me deixe fingir que sou seu irmão mais velho.

— Você *é* meu irmão mais velho e lamento não ter lhe contado meu plano. E que você tinha que ouvir sobre isso no Instagram, de todas as coisas. Eu deveria ter contado a você quando disse a mamãe e papai.

— Ai Deus. — Ele riu. — Aposto que mamãe está adorando.

— Acho que ela estava mais animada com o fato de todos nós estarmos envolvidos em uma charada do que estaria se fosse um casamento de *verdade*.

— Bem, ela gosta de nos lembrar sobre suas raízes na atuação. Não podemos passar um único Natal sem ouvir sobre seu papel principal na peça *Alô, Dolly!*, no ensino médio.

— *Bonita e Valente*.

— Mesma coisa.

— Bem, acho que verei esta noite o quão boa atriz ela é.

— O que tem esta noite?

— Festa de noivado — ela o lembrou. — Mamãe e papai vieram.

— Eles pegaram um vôo de seis horas para uma festa de noivado falsa?

— No jato da empresa, não foi exatamente um transtorno. — observou Audrey. — Além disso, a mãe de Clarke mais ou menos os forçou.

Ela praticamente podia ouvi-lo balançando a cabeça em descrença.

— Você tem uma vida estranha, irmãzinha.

— Eu tenho. Eu realmente tenho. Mas posso ligar para você amanhã para saber as novidades? Tenho que ir ser noiva no *NoMad Hotel* e de alguma forma convencer a todos que Clarke e eu estamos perdidamente apaixonados.

— Não se preocupe. Você vai.

Ainda faltavam duas horas para a festa começar, mas Audrey, Naomi e Claire concordaram em se encontrar para uma taça de champanhe antes.

— Sabe, a parte mais estranha de tudo isso — Claire disse — não é que vocês estão noivos de mentira – embora eu deva dizer, parece muito um filme da *Hallmark*, não? – é que todo mundo parece acreditar. Meia dúzia de clientes em potencial pareciam mais animadas com a perspectiva de eu fazer *seus* convites de casamento do que os delas.

— Só para constar — disse Audrey, apontando sua taça de champanhe para Claire — se eu fosse realmente me casar, você *obviamente* faria meus convites.

Nos últimos meses, Claire havia tirado a poeira de suas habilidades de caligrafia e já era popular o suficiente para ter que recusar clientes.

— Você sabia que os convites digitais estão na moda agora? — Claire perguntou. — Não como um convite eletrônico do tipo “escolha um modelo pronto e insira suas informações” que existem há anos, mas convites digitais personalizados por designers gráficos e envelopes digitais escritos à mão por euzinha.

— Como isso funciona? — Naomi perguntou. — Você tem que escanear tudo?

— Não, tenho aprendido sozinha a fazer o lettering no *iPad* com a *Apple Pencil* — explicou Claire. — Há uma curva de aprendizado, mas é divertido.

— Bem, aí está, Aud — disse Naomi. — Se você e Clarke decidirem ir em frente com isso, Claire pode te assegurar de que vocês farão isso no melhor estilo século XXI.

Audrey pegou uma castanha da tigela de nozes de cortesia que havia sido servida com suas bebidas.

— Não vou me casar com Clarke.

— Disse a mulher toda vestida de branco minutos antes de sua elegante festa de noivado. Você está linda, a propósito.

— Obrigada — disse Audrey com um sorriso. — Estou feliz que você pense assim, porque com certeza vou pedir que você tire umas fotos antes de eu sair.

— Ok, você sabe que eu digo isso sem julgamento — Claire disse suavemente. — E estou feliz que o Scandal Boy tenha recuado desde que você começou toda essa charada. Mas você não se sente estranha ao deixar seus seguidores pensarem que você está noiva?

— Sim — admitiu Audrey. — E eu não diria que mentir está sendo *bom*. Mas aí comecei a receber tantos comentários de noivas que estão amando meus conselhos, que fizeram um milhão de perguntas sobre penteados de noiva, maquiagem, ideias de locais. O mercado de casamentos é enorme e mal atendido, e há uma escassez de influências imparciais. Ou você tem os fornecedores, que estão tentando lhe vender algo, ou as próprias noivas, muitas das quais mantêm em segredo os detalhes do planejamento do casamento, seja porque é pessoal ou porque não querem que ninguém copie suas ideias.

— Ooh. Você poderia influenciá-las a quererem convites digitais? — Claire disse.

Audrey riu.

— Precisamente. Tudo começou de forma egoísta, mas fiquei chocada com a resposta entusiástica, com a maneira como posso fornecer algumas dicas sobre o processo de planejamento de um casamento na cidade de Nova York. Eu reformulei o termo. Não sou uma noiva *falsa*. Eu sou uma noiva disfarçada.

— Uma maneira muito inteligente de garantir que você possa dormir à noite sem nenhuma culpa — disse Naomi, colocando a mão no peito. — Nunca estive tão orgulhosa.

— Eu aprendi com a sua aptidão para negócios — disse Audrey, mandando um beijo para sua amiga icônica muito bem-sucedida.

— Eu amo que somos todas empresárias — disse Naomi com alegria.

— Eu não sei se estou no mesmo nível — Claire disse com uma risada. — Sua empresa está avaliada em oito dígitos. Oito. E Audrey aqui ultrapassou a marca de um milhão de seguidores. Literalmente, um *milhão* de seres humanos assistindo todos os seus movimentos.

— Mas você ama isso, certo? — Audrey perguntou. — O negócio da caligrafia?

Os olhos castanhos de Claire estavam felizes.

— Eu amo. Pensando na minha vida há um ano, é difícil imaginar onde estou agora. Um pequeno negócio próspero fazendo algo que amo. Um cachorro. Um *marido*.

Audrey sorriu quando sua amiga balançou a cabeça em descrença, contente até a alma por Claire ter encontrado a felicidade após a traição de Brayden com Audrey.

E Naomi, também, embora, das três, Audrey suspeitava que Naomi tinha sido a menos ferida por Brayden. Não indiferente – não havia nada fácil em descobrir que seu namorado: (a) morreu e (b) esteve casado o tempo todo.

Naomi estava saindo com Brayden há menos tempo e nem sabia que Claire existia até ele morrer. Elas nunca falaram sobre isso, mas Audrey sempre presumiu que a feliz ignorância significava que Naomi não carregava consigo a culpa que continuava a assombrar Audrey até hoje.

Ela deveria ter feito seu dever de casa, não deveria ter acreditado quando ele disse a ela que ele e Claire nem mesmo moravam na mesma casa. Não deveria ter acreditado quando disse que faltavam dias para assinar os papéis do divórcio.

Audrey conhecia Claire agora. Sabia que nada daquilo era verdade. O que era brutalmente verdadeiro era que Audrey era a outra mulher. O tempo todo em que ela pensou que finalmente tinha encontrado seu felizes para sempre, ela estava destruindo o de outra pessoa. Uma mulher que, como Audrey descobriu, merecia isso mais do que qualquer outra pessoa que ela conhecia.

— Tudo bem, preciso perguntar — disse Naomi. — Por quanto tempo você vai manter essa coisa de noiva disfarçada?

— Ah, não muito mais. Eu imagino que assim que acabar a festa desta noite...

— Sim, e *por que* estamos fazendo isso hoje à noite? — Claire perguntou curiosamente. — Não me interprete mal, estou animada por ter a chance de me vestir bem e ir a uma festa chique com meus amigos mais próximos, mas uma festa de noivado parece...

— Exagerado? — Audrey disse. — Nem me fala. Embora faça um pouco mais de sentido se você conhecesse a mãe de Clarke. Por mais louco que seja, eu entendo por que ele quis continuar a farsa e aceitar a festa. Ela estava tão *presunçosa* quando fomos lá para jantar. Eu provavelmente teria concordado com quase qualquer coisa para abaixar a bola dela.

— Estou morrendo de vontade de conhecer os pais de Clarke — disse Naomi.

— Eu também — Claire admitiu. — Eu imagino que eles sejam uma parte vital do quebra-cabeça que é Clarke.

Audrey piscou surpresa.

— Como assim?

Para ela, Clarke era um livro aberto.

— Só que quando você o conhece, ele parece tão tranquilo, sem nenhuma preocupação no mundo. — Claire explicou. — Mas quanto mais você o conhece, mais você percebe que tem algo acontecendo debaixo da superfície. Com base na maneira como ele fala sobre seus pais, concluí que eles têm algo a ver com isso.

— Sim — disse Audrey, olhando para seu champanhe. — Eles são muito... eu não sei. Eles não são pessoas ruins. Só acho que eles não são adequados para serem pais. Eles sempre trataram Clarke como uma extensão deles, em vez de uma pessoa diferente. Seu pai é cego para quase tudo que não seja a empresa. E eu sei que incomoda Clarke que Alton sempre presumiu que Clarke seguiria seus passos, mas ao mesmo tempo ele deixa claro que não é óbvio que Clarke herdará o título de CEO um dia. É como se ele quisesse que Clarke merecesse, mas não quisesse dizer como.

— E a mãe dele?

— Controladora ao extremo — disse Audrey, tomando um gole de champanhe. — O marido dela faz tudo o que ela diz, e sempre a incomodou que, mesmo quando criança, Clarke nunca obedeceria às exigências dela como seu pai fazia. Clarke jogava beisebol quando ela queria que ele estudasse. Ele foi o rei do baile quando ela queria que ele fosse o orador da turma.

— Rebeldia clássica — Naomi disse com conhecimento de causa.

— Não começou assim — disse Audrey. — Eu conheço Clarke desde que éramos crianças, e o vi passar por todas as fases. Espanto por seus pais serem tão contra as coisas que ele amava. Esportes, insetos, encantar qualquer um que cruzava seu caminho. Em seguida, ele passou por uma fase de aquiescência, tentando aprender a amar o clube de ciências e o conselho estudantil. Isso durou cerca de um mês antes que o verdadeiro Clarke viesse à tona novamente, e então acho que ele simplesmente... desistiu. Ironicamente, foi apenas na idade adulta que ele se tornou totalmente rebelde. É como se ele se esforçasse para fazer o que eles não querem que ele faça.

— Incluindo casar com você?

Audrey sorriu.

— A mãe dele me odeia.

— Não consigo nem imaginar isso — Claire disse, balançando a cabeça.
— Nunca vi amigos tão dedicados um ao outro como vocês dois.

— Ok, ela não me *odeia* — disse Audrey. — Mas os sentimentos dela definitivamente são de tolerância, no máximo. Ela sempre deixou bem claro que seu modelo para a namorada de Clarke não era uma líder de torcida que se tornou membro de sororidade e então influenciadora do Instagram.

— Então, ela não o quer com alguém gostosa — Naomi concluiu.

— Acho que é minha inconstância que a incomoda.

— Você não é inconstante.

— Não, mas eu também não sou Elizabeth Milsap — Audrey disse, um pouco surpresa com a severidade em seu próprio tom.

Suas amigas também pareciam surpresas. Elas trocaram um olhar.

— Quem?

Ela forçou um encolher de ombros casual.

— A ex de Clarke e metade da razão por estarmos nessa confusão, em primeiro lugar. Ela e Clarke terminaram quando ela se mudou para Washington há alguns anos. Agora, ela está de volta à cidade, e a mãe de Clarke colocou na cabeça que Elizabeth seria a nora perfeita.

— Ela seria?

Audrey hesitou.

— Eu não sei. Ela é inteligente, ambiciosa e bem articulada.

— Que preguiça — disse Naomi.

— Mas eu não desgosto dela — disse Audrey. — Eu não a conhecia direito. Sempre que saímos, era interessante conversar com ela e, embora muito séria, tinha um senso de humor aguçado que fazia raras aparições.

— Mas o que Clarke pensa sobre ela?

Boa pergunta. Audrey odiava admitir, mas ela não tinha certeza de onde a cabeça de Clarke estava quando se tratava de sua linda, embora um pouco misteriosa, ex-namorada. Por um lado, ele certamente estava fazendo um grande esforço para evitar a manipulação de sua mãe para pressioná-los a ficar juntos. Por outro lado, quando sua mãe o enganou para ir almoçar com sua ex, ele não se afastou. Quando sua mãe trouxe sua ex para o jantar de noivado, Clarke não disse uma palavra contra isso.

Liz. Ela não conseguia parar de ouvi-lo dizer isso, não conseguia parar de ver seu rosto cada vez que ele pronunciava o apelido. Como ela não percebeu antes que ele agia *diferente* toda vez que o nome de Liz era mencionado? Mais importante, por que ela se importava? Não é como se eles estivessem realmente noivos. E eles certamente não estavam apaixonados.

— Não sei — admitiu Audrey. — Achei que ela era apenas mais uma entre um bilhão de mulheres que entraram e saíram de sua vida, embora com um pouco mais de resistência. Mas talvez haja algo que não estou vendo.

— Talvez ela seja sua Meredith — Claire disse.

— Ou Bridget — Naomi disse em uma voz sinistra.

— Quem? — Audrey perguntou, não reconhecendo nenhum dos nomes.

— Ex-noivas de Scott e Oliver — Claire disse.

— Ah, é mesmo — disse Audrey, batendo os dedos no vidro. — Eu tinha esquecido que eles foram noivos antes de conhecer vocês.

— Tento esquecer — disse Naomi, sem se preocupar em esconder o tom possessivo de sua voz. — Bridget largou Oliver depois que os pais dele ficaram doentes no mesmo ano. Ela está morta para mim.

— E Meredith traiu Scott, então... — Claire parou, sua declaração praticamente dizendo tudo.

— Caramba — Audrey murmurou.

— Daí todos esses *deliciosos* problemas de confiança que Claire e eu temos que resolver com eles — disse Naomi com um sorriso. — Talvez seja o mesmo com Clarke e essa Elizabeth. Talvez *todos os* nossos caras tenham sua versão feminina individual de Brayden, sabe? Seu demônio.

— Ok, diferença crucial — Audrey apontou. — Clarke não é *meu cara*.

— Desculpe, mas quem comprou esse anel Tiffany para você?

— E quem tem sido sua cara metade desde o quê, os sete anos? — Claire acrescentou.

— Vocês entenderam o que quero dizer — disse Audrey. — Não é a mesma coisa. E se você está me perguntando se Elizabeth machucou Clarke do jeito que aquelas garotas machucaram seus rapazes, acho que não.

— Ele nunca mencionou isso?

Audrey mexeu em seu brinco.

— Não.

— Bem, ele conta tudo a você, então talvez ela *realmente* fosse apenas uma garota que ia e vinha, com quem ele não quer ser forçado a ficar agora só porque sua mãe esquisita quer. Além disso, a festa começa em dez minutos e, como convidada de honra, chegar elegantemente atrasada não será bom. Temos que ir — disse Naomi, enquanto usava seu cartão de crédito para pagar a conta que o atendente acabara de entregar.

Claire estava observando Audrey de perto.

— Você não tem certeza de como Clarke se sente sobre essa tal Elizabeth.

— Não tenho — Audrey admitiu, embora doesse. — Tenho a sensação de que talvez eu tenha subestimado o impacto que o término teve sobre Clarke.

— Você acha que ela é a razão pela qual ele concordou em deixar esse noivado falso ir tão longe quanto a festa chique que estamos prestes a ir?

— Não sei — disse Audrey, enquanto eles se levantavam. — Mas estou prestes a descobrir, com a sua ajuda.

— Como assim?

— Porque... — Audrey murmurou — você está prestes a conhecê-la. A mãe de Clarke convidou a ex-namorada dele para minha festa de noivado.

Capítulo Cinco



SÁBADO, 18 DE JANEIRO

— *P*or onde anda o seu noivo rebelde? — Claire perguntou enquanto as três entravam no NoMad Hotel, na esquina do bar onde elas estavam. — Se vocês vão vender essa ideia de casamento, não deveriam chegar... juntos?

— Nos encontraremos aqui — disse Audrey, colocando a palma da mão no estômago, surpresa ao sentir o friozinho na barriga devido à noite que se aproximava. Falar sobre planejar o casamento no Instagram era uma coisa. Andar em um cômodo cheio de pessoas que realmente pensavam que *haveria* um casamento era outra. Pelo menos metade dos presentes provavelmente estaria assistindo com olhos de águia para ver se os rumores sobre o azar de Audrey com os homens eram verdadeiros.

Ela respondeu a Claire distraidamente

— Ele teve que viajar para Miami a trabalho. Ou talvez Palm Beach?

— Orlando, na verdade.

Todas as três mulheres se viraram para ver Clarke bem atrás delas.

As borboletas de Audrey desapareceram imediatamente. Sim, ela estaria entrando em uma sala cheia de pessoas como uma noiva falsa, mas ela não estaria sozinha.

Ela olhou para baixo com perplexidade quando percebeu que ele estava puxando uma mala atrás de si e trazia uma bolsa de roupas sobre o ombro. Sem contar com o fato de que Clarke ficaria lindo com praticamente

qualquer aparência, ela estava definitivamente olhando para a versão *bagunçada* de Clarke agora. O cabelo estava um pouco doido, ele precisava se barbear, e os jeans e a camisa social amassada para fora da calça eram mais adequados para alguém saindo de uma balada às 3 da manhã do que para alguém chegando num coquetel formal. Organizado por sua mãe.

— Esta aparência de quem acabou de sair da cama é a sua mais nova maneira de irritar Linda? — Audrey perguntou curiosamente.

Ele riu e passou a mão pelo rosto, que ela percebeu tardiamente que mostrava todos os sinais clássicos de exaustão. Havia círculos escuros sob seus olhos, seu sorriso menos amplo do que o normal.

— Acabei de desembarcar do avião há uma hora — disse ele, explicando.
— E o tráfego estava, você sabe, o padrão Manhattan.

— Então... horrível? — Naomi disse, com simpatia.

Ele deu a ela um sorriso fugaz, então aparentemente percebendo tardiamente que não tinha cumprimentado suas amigas, puxou Claire e Naomi para um abraço.

— Eu não vejo vocês, lindezas, há muito tempo.

— Boatos que você tem estado ocupado e que estamos devendo os parabéns? — Claire perguntou provocativamente.

Seu sorriso foi mais genuíno desta vez.

— Um jogo e tanto esse que Dree e eu nos metemos, hein?

— Definitivamente — Naomi concordou. — Embora, se eu puder ser franca...

— Você não é sempre? — ele perguntou.

— Exatamente. E é por isso que vou te dizer, você está horrível, e ninguém vai acreditar que Audrey se casaria com um cara que aparece em sua própria festa de noivado com essa aparência.

— Tente dizer isso ao patriarca da família — ele murmurou.

Audrey franziu a testa.

— O que seu pai fez?

— Me mandou para uma maldita conferência na Flórida. Disse que acabava ontem. *Errado*. A palestra principal foi hoje.

— Você não poderia ter educadamente se ausentado, dizendo que tinha uma *coisa* muito importante que precisava comparecer? — Claire perguntou, apontando para a roupa claramente nupcial de Audrey.

— Eu estava *dando* a palestra. — disse Clarke. — Algo que meu pai convenientemente esqueceu de mencionar. Eu não tinha nenhuma chance de conseguir pegar meu voo original e por pouco não consegui entrar no voo que entrei.

Audrey riu.

— Oh, céus. Seus pais *realmente* não querem que você se case comigo, hein?

— Eles simplesmente não querem que eu faça nada que não tenha sido ideia deles. Minha mãe, no entanto, cometeu um erro crucial.

— Ombreiras? Por favor, diga que ela não é uma daquelas mulheres que usa ombreiras — implorou Naomi.

— Não mais — Audrey a tranquilizou. — Agora ela só usa muitos terninhos.

— Ok, mas qual foi o erro dela? — Claire perguntou a Clarke.

— Bem, sem dúvida eles esperavam que eu aparecesse abatido, sem chance de me arrumar. Mas já que esperava isso, ela não deveria ter marcado essa festa em um hotel. — Ele balançou a sacola de roupas que estava pendurada em seu ombro.

— *Brilhante* — Claire disse. — Você pode pegar um quarto e voltar a ser o James Bond de sempre.

— Na verdade, acho que James Bond nem precisaria de um quarto. Tenho certeza de que ele conseguiria se trocar e se barbear no Uber... — Audrey disse.

Clarke olhou para ela.

— Me lembre de novo do porquê eu concordei em me casar com você?

Ela soltou um beijo brincalhão para ele.

— Ok, você vai se arrumar. Nós os distraímos.

— Uhhhh, não — disse Naomi, já balançando a cabeça. — Claire e eu distraímos eles. Você irá com Clarke. Se vocês dois querem convencer alguém, vocês têm que chegar na festa *juntos*.

— Ela está certa. — Claire acenou com a cabeça. — Audrey chegando com as duas amigas e Clarke aparecendo mais tarde vai ficar estranho.

— Tudo bem, Dree, você vem comigo — ele disse, já cruzando o saguão em direção à recepção para fazer o check-in.

Audrey hesitou.

— Achei que vocês tivessem dito que eu não poderia chegar elegantemente atrasada na minha festa de noivado.

— Geralmente, não. Mas chegar atrasada por que você e seu noivo acabaram de vir de um quarto de hotel juntos? Deliciosamente escandaloso.

Audrey torceu o nariz.

— Eca. Todo mundo vai pensar que estávamos fazendo aquilo.

— Audrey, você vai se casar com o homem, até onde eles sabem. Todos *deveriam* pensar que vocês estão fazendo aquilo.

— Certo, certo. Ok. Vocês podem pedir desculpas por nós?

— Absolutamente — Claire assegurou a ela. — Além disso, Oliver e Scott vão nos encontrar lá. Ninguém puxa conversa de forma tão charmosa quanto Oliver.

— Você *sabe* que Oliver está lá como meu par, né? Você é casada com Scott — disse Naomi, perplexa.

— Sim, mas nós *realmente* queremos que Scott seja aquele a puxar conversa fiada? — Claire perguntou, sabendo muito bem que seu marido, embora pecaminosamente rico e uma pseudocelebridade no mundo imobiliário de Manhattan, tinha pouca tolerância com boas maneiras.

— Certo, certo. Vão. Certifique-se de bagunçar um pouco o cabelo, como se tivesse feito aquelas coisas. — Naomi disse, empurrando Audrey gentilmente na direção de Clarke. — Oliver e Claire vão manter uma

conversa elegante. Scott e eu vamos andar ao redor e olhar feio para qualquer um que se atreva a reclamar da sua ausência.

— Você não *ouse* reclamar — disse Audrey. — Há um bar de caviar e champanhe lá em cima.

— Ooh. Bem, nesse caso, diga a Clarke para se apressar — Claire disse.

Audrey acenou com a cabeça em reconhecimento e se dirigiu para Clarke, que esperava.

— Ei, mas, Audrey? — Naomi chamou.

Ela se virou para a amiga, que sorriu de lado.

— Não se apresse *tanto*. Clarke não me parece o tipo de homem que seria rápido *nisso*.

Audrey revirou os olhos e se virou. Ela nunca tinha passado muito tempo pensando sobre a vida sexual de seu melhor amigo e certamente não iria começar agora.

— Você acha mesmo que seus pais fizeram de propósito? — Audrey falou, deitada na cama, os pés balançando para o lado. Ela tirou os Louboutins. Como esperado, lindo definitivamente não significava confortável.

— Fizeram o que? — Clarke perguntou de volta pela porta aberta do banheiro.

— Marcaram para você dar uma palestra no mesmo dia da sua festa de noivado.

Houve uma batida na porta do quarto do hotel antes que ele pudesse responder, e Audrey pulou da cama.

— Eu abro.

Ela abriu a porta para um funcionário do hotel elegantemente vestido segurando uma bandeja com champanhe em um balde de gelo e duas taças.

— Champanhe para o Sr. West e a Sra. Tate, cortesia de Naomi e Claire. — disse ele, a título de explicação.

Audrey revirou os olhos, mesmo quando ela deu um passo para o lado para deixá-lo trazer a bandeja para dentro da suíte que Clarke reservou para a noite.

— Posso deixar na mesa?

— Claro, está ótimo — disse ela, pegando a carteira de Clarke da cômoda e tirando algum dinheiro para uma gorjeta.

— Posso abrir a garrafa para vocês? — o homem perguntou.

— Não, obrigada, nós cuidamos daqui — disse Audrey.

Ele acenou com a cabeça em reconhecimento, desejou-lhes uma boa noite e fechou a porta atrás de si com um clique silencioso.

Clarke enfiou a cabeça para fora do banheiro, a metade inferior do rosto coberta com creme de barbear.

— Champanhe?

Audrey tirou a garrafa do balde de gelo para ler o rótulo.

— Taittinger.

— Vamos abrir.

Ela olhou para o relógio na mesa de cabeceira.

— São seis e cinco.

— Exatamente. A festa começou há cinco minutos. A maioria dos convidados nem saiu de casa ainda.

Ele tinha razão. Festas de noivado chiques em seu mundo podiam durar a noite toda, já que as pessoas apareciam antes do jantar, depois do jantar e assim por diante.

— Além disso — ele chamou, desaparecendo de volta no banheiro — esta festa é mais sobre a minha mãe do que sobre nós.

— Pelo menos você está admitindo — ela respondeu, puxando o papel alumínio da tampa da garrafa.

— Eu nunca neguei.

— Bem, eu pensei que poderia ser pelo menos um *pouco* sobre Elizabeth — ela disse, mantendo sua voz casual enquanto tentava tirar a rolha do

champanhe, que permaneceu obstinadamente parada. E Clarke permaneceu teimosamente em silêncio.

Ela deu mais algumas voltas na rolha antes de decidir que precisava de mãos maiores e mais musculosas. Audrey levou a garrafa para o banheiro, parando de repente ao ver um Clarke sem camisa. Depois de tomar um banho rápido, ele vestiu as calças do terno, mas aparentemente estava esperando até terminar de se barbear antes de colocar uma camisa.

Ela engoliu em seco, sentindo-se estranhamente nervosa.

Audrey tinha visto Clarke sem camisa muitas vezes ao longo dos anos. Banheiras de hidromassagem, piscinas, praias, barcos. Mas isso parecia decididamente diferente. Seu cabelo estava molhado, o banheiro ainda estava cheio de vapor do banho e o som suave da lâmina contra sua mandíbula era surpreendentemente íntimo.

Ele olhou para ela interrogativamente, então vendo a garrafa de champanhe em sua mão, ergueu o queixo em reconhecimento. Com um último movimento da navalha, ele a colocou de lado e enxaguou o creme de barbear do rosto.

Clarke pegou uma toalha de mão da pia para secar o rosto e estendeu a outra mão para pegar a garrafa de champanhe.

— Quer dar uma olhada na mercadoria antes de comprar?

— Hmm?

— É muito “esposa”. Você me assistindo no banheiro.

Ela revirou os olhos.

— Estou aqui pelo champanhe, não pelo seu tanquinho.

E era definitivamente um tanquinho.

Ela estreitou os olhos e olhou de forma examinadora a parte superior de seu corpo.

— Ou você é estranhamente sem pelos ou depila o peito.

— O último — disse ele, envolvendo uma mão em torno da garrafa de champanhe e a outra em torno da rolha. — As mulheres parecem preferir. — Ele torceu a tampa com um pop confiante.

— Além disso, nada para dificultar a visão dos músculos do peito quando você se enfeita — ela apontou.

Ele sorriu e entregou-lhe a garrafa.

— Verdade. Por que, você prefere seus caras peludos?

— Bem, não quando você fala dessa forma... — ela disse com um estremecimento. — Mas eu geralmente prefiro um *homem* a um menino bonito.

Ele balançou a cabeça com tristeza.

— Droga. Nosso casamento já começa difícil.

— Cabelo no peito é nossa primeira diferença irreconciliável — ela concordou, voltando para o quarto para servir duas taças de champanhe. Bem, na verdade, meia taça para ela. Ela já tinha tomado uma e queria manter a cabeça limpa.

— Então, qual é o nosso plano? — ela perguntou, entregando-lhe o copo quando ele se juntou a ela no quarto.

— Espere — disse ele. — Um brinde primeiro.

— A quê?

Ele balançou a cabeça e, estendendo a mão, tocou sem cerimônia sua taça na dela, a qual ela ainda não tinha levantado para tomar um gole.

— Eu não sei. Amizade?

— À amizade — ela concordou, tomando um pequeno gole e colocando o copo de lado. — E a *voltar* a ser apenas amigos. Quando podemos cancelar tudo depois de uma festa de noivado chique sem ser estranho?

— A coisa toda é estranha.

— Bem, isso é verdade — ela concordou. — *Ainda* não entendo por que não contamos a seus pais que mudamos de ideia no jantar de sexta-feira.

Isso a tinha incomodado durante toda a semana, mas com sua agenda cheia de viagens a trabalho, ela não tinha visto ele, e não parecia uma conversa para se ter por mensagem ou telefone.

Ele se sentou ao pé da cama, os pés apoiados no chão, olhando para o espumante. Tomar banho e fazer a barba ajudaram consideravelmente a

torná-lo mais parecido com o Clarke de sempre, mas não apagaram as sombras escuras sob seus olhos.

— Eu não sei — ele admitiu, tomando outro gole do champanhe. — Por um minuto ali, de pé na sala de estar, me senti como um garoto de dezessete anos de novo, desesperado para irritá-los da maneira como eles me irritam. Não estou orgulhoso disso.

— Você sabe que sua mãe só se mete na sua vida porque te ama, certo?

Ele franziu a testa e olhou para baixo, de um lado para o outro.

— Isso é estranho. Eu poderia *jurar* que estou sentado em uma cama, não deitado em um sofá de terapeuta.

Audrey revirou os olhos e foi se sentar ao lado dele.

— Estou apenas dizendo. Talvez, se você tentar conversar com ela, você possa dizer que não quer ficar com Elizabeth, em vez de fingir estar noivo de mim?

Ele tomou um gole generoso do champanhe.

— Recapitulação rápida, Tate. Não foi ideia minha.

— Eu sei — ela concordou rapidamente. — Mas parece diferente agora. Fingir estar noiva para despistar os babacas da Internet versus mentir para a família.

— Nem todas as famílias são criadas iguais — disse ele, com a voz um pouco irritada. — Sua família é uma versão rica de *Leave it to Beaver*. A minha é mais como uma versão de *Dallas*.

— Você assiste *Dallas*?

— Sou muito evoluído. Você sabe disso.

Ela sorriu e olhou para seus pés descalços, mexendo os dedos dos pés.

— Tem sido bem divertido.

— O que?

— Estar noiva por uma semana

— Bem, claro. Sou um noivo fantástico.

— Você é um noivo *terrível* — ela corrigiu. — Eu não vejo você há dias. Mas eu tinha esquecido o quanto eu tinha sonhado em ficar noiva. Existe um

tipo especial de energia que vem junto com um noivado, mesmo os falsos. Porém, imagino que você esteja ansioso para acabar logo com isso.

Ele olhou para ela.

— Por que você pensaria isso?

— Bem, você não pode cortejar todas as mulheres do bar do jeito que você normalmente faz enquanto eu estou com essa pedra enorme no meu dedo.

— Se essa é sua maneira de perguntar se eu traí minha noiva, a resposta é absolutamente não.

— Bem, parabéns — ela disse secamente. — Você passou uma semana inteira sem sexo.

— Obrigado por notar meu sacrifício. — Clarke olhou para o relógio e se levantou, enchendo novamente a taça de champanhe antes de tirar a camisa do cabide e vesti-la. — Acho que devemos fingir que estamos apaixonados, hein?

— *Você* finge estar apaixonado. Estou aqui apenas para mostrar meus sapatos — disse ela, abaixando-se para colocar os dolorosos, mas lindos sapatos. — E eu preciso que você diga em voz alta que terminamos depois disso, certo? — disse ela, dando um passo em direção a Clarke e afastando suas mãos para consertar o nó de gravata que ele estava estragando. — Sua mãe entenderá a mensagem e recuará com as coisas a respeito de Elizabeth, e o Scandal Boy e seus minions já perceberam que não sou um pária romântico.

— Como você sabe que eles não vão voltar para se vingar quando terminarmos? — ele perguntou, estudando-a. — Que eles não dirão: “Olha ela de novo, perdendo mais um”?

— Eu pensei sobre isso — ela admitiu. — É por isso que vai ser crucial que eu seja aquela a te largar. — Ela deu um tapinha amigável no peito dele. — Como vai seu choro falso?

— Quanto tempo eu tenho para trabalhar nisso?

Ela encolheu os ombros.

— O show principal é agora. Podemos emitir uma nota amigável amanhã ou depois, ou podemos dar um show espetacular esta noite. Podemos fazer com que seja sobre algo bobo, mas real. Tipo, digamos, talvez eu não goste muito do fato de você estar enviando mensagens de texto para outra mulher durante a nossa festa de noivado?

Clarke sorriu enquanto vestia o paletó.

— Espetacular. Minha reputação de playboy precisa de um incentivo, de qualquer maneira. Devemos ir? — ele perguntou, estendendo o braço para ela.

Ela sorriu e deslizou a mão na dobra do cotovelo dele, embora seu sorriso tenha diminuído um pouco enquanto se dirigiam para o elevador, perguntando-se por que Clarke parecia tão ansioso em fazer o papel de vilão.

Capítulo Seis



SÁBADO, 18 DE JANEIRO

Bem, bem, bem, ela fez de novo. Como se ela não tivesse tentado roubar o falecido Brayden Hayes bem debaixo do nariz de sua esposa, descobrimos que nossa pequena destruidora de lares está praticando seus velhos truques...

—@ScandalBoyNYC

Clarke estava no bar pedindo um martini quando a mãe finalmente o encurralou.

— Está se divertindo? — Linda perguntou suavemente. Ela estendeu o copo para o barman encher sua taça de chardonnay, sem se importar ou ao menos perceber que acabara de furar a fila na frente de cinco pessoas. Clarke sabia que, como anfitriã da festa, era sua prerrogativa. Assim como ele *também* sabia que sua mãe teria furado a fila independentemente de quem fosse o anfitrião.

Nunca lhe ocorreu que a Honorável Juíza West pudesse ser tratada com qualquer coisa além de deferência ao ponto de adoração. Embora, na realidade, a maioria das pessoas andassem na linha por medo. Quando criança, seus amigos nunca falaram mais alto que um sussurro na presença dela. Até mesmo seus professores falavam em tons quase abafados quando chamavam sua mãe na coordenação para mais uma conversa do tipo “*temos algumas preocupações em relação ao comportamento de Clarke na sala de aula*”. Não tinha melhorado conforme ele envelhecia. Namoradas, colegas,

até mesmo seu próprio pai – *especialmente* seu próprio pai – agiam como se a palavra de Linda West fosse lei, como se sua vontade manifestasse o destino.

Todos, exceto o próprio Clarke.

Bem, e Audrey. Mesmo sendo uma garotinha de um metro e vinte de altura com um laço sempre presente no cabelo, nunca pareceu ocorrer a Audrey que sua terrível mãe deveria ser tratada de maneira diferente de suas amigas, sua própria mãe ou seus amigos imaginários. Era uma das coisas que ele mais gostava em Audrey desde sempre. Ela simplesmente via as pessoas como pessoas.

— Estou me divertindo imensamente — Clarke respondeu à mãe enquanto os dois se afastavam do bar.

— Audrey parece estar em seu elemento — disse Linda, tomando um gole de seu vinho.

Sabendo que qualquer menção a Audrey geralmente vinha com um insulto embutido, Clarke vasculhou a sala em busca de sua “noiva”.

Mesmo que ela não fosse a única mulher na sala vestindo branco, ele a teria visto imediatamente. Não apenas porque ele sempre parecia ter um sexto sentido quando se tratava de sua melhor amiga, mas porque agora, como sempre, tudo e todos pareciam girar em torno dela. Audrey sempre foi o oposto de tímida, mais para o centro das atenções, muitas vezes no centro literal de cada cômodo. Ela não pretendia ter todos os olhos sobre si; todos os olhos pareciam simplesmente encontrá-la.

Ele sorriu quando o som de sua risada feliz o alcançou a quinze metros de distância, mesmo com a conversa de cinquenta e poucas pessoas zumbindo ao redor deles.

— Que bom que os pais dela puderam pegar um avião e vir para a celebração — disse Linda.

Clarke não sabia para onde o pai de Audrey tinha desaparecido, mas a mãe de Audrey estava bem ao seu lado, uma versão mais velha de sua filha, com o mesmo sorriso brilhante e presença amigável.

Rápida para rir e fácil de gostar, Kathleen Tate era exatamente o oposto da própria mãe de Clarke. Enquanto crescia, Clarke costumava recorrer a Kathleen quando tinha problemas na escola, com uma garota ou com os pais. Algo que, Clarke tinha certeza, Linda havia notado. Na verdade, ele estava disposto a apostar que era uma das muitas razões pelas quais Linda parecia não gostar dos Tates.

A outra, é claro, era o fato de que eles eram “festeiros que herdaram sua riqueza e, portanto, não tiveram que trabalhar nem um dia em suas vidas”.

— Audrey não tem uma irmã? — Linda ponderou.

— Adele — disse Clarke, embora soubesse muito bem que sua mãe sabia tudo que havia para saber sobre os Tates. — Ela teve gêmeos há um mês e não podia pegar um avião.

— Kathleen e Richard devem estar emocionados por terem netos. Eu entendo que, como nenhum dos dois trabalha, eles podem cuidar dos bebês para que a irmã de Audrey possa retornar ao seu escritório de advocacia. Admiro uma mulher que prioriza uma carreira estável e a criação de filhos.

Clarke revirou os olhos. De jeito nenhum ele tocaria naquela dinamite em forma de tópico de conversação. Era quase impressionante a maneira como sua mãe conseguiu embutir várias bombas em algumas poucas frases. “*Onde estão meus netos? Não que eu pudesse bancar a babá, já que seu pai e eu temos um trabalho de verdade, ao contrário dos Tates. Ah, e não seria bom se Audrey tivesse um emprego de verdade em vez de tirar fotos o dia todo?*”

— Interessante — disse Clarke, tomando um gole de seu coquetel.

— O quê?

— Você nem tinha certeza se Audrey tinha uma irmã, mas sabe qual é a carreira dela?

— Palpite de sorte — disse ela, recusando-se a morder a isca.

Com a mente agora voltada para o tema dos advogados, Clarke procurou uma advogada específica. Aquela parcialmente responsável por ele ter concordado com essa festa em primeiro lugar. Ele não tinha visto Elizabeth a

noite toda e se perguntou se sua ex teve o bom senso de não entrar nos jogos de manipulação de sua mãe ao ir à sua festa de noivado.

Sem perceber, seu olhar examinou a sala em busca especificamente do azul marinho, que tinha sido o favorito de Elizabeth para tudo, desde ternos até roupas casuais e vestidos de baile.

Com certeza, lá estava ela, num vestido azul marinho até os joelhos e saltos combinando. Saltos baixos básicos, ele notou, nenhum indício de renda ou babados ou laços como Audrey tendia a preferir. Ele ficou estranhamente desapontado com Elizabeth por comparecer à festa, até que percebeu a hipocrisia desse pensamento.

Ele era o único que havia ficado tão infantilmente irritado com as tentativas da mãe de empurrá-lo na direção de Elizabeth que jogou verde com Linda, o que resultou nessa festa idiota.

E Audrey estava certa. Brincar de noivo como uma piada para impedir a cadeia de fofocas de algum idiota do Instagram foi divertido. Continuar o fingimento para se vingar da mãe aos trinta e um anos de idade era patético.

Sua mãe deve ter lido seus pensamentos, porque se aproximou um pouco mais, baixando a voz para evitar bisbilhoteiros.

— Eu só estava tentando ajudar.

Clarke não fingiu ter entendido mal.

— Tentando me obrigar a voltar com uma mulher que não vejo ou não falo há anos?

— Tem certeza de que você e Elizabeth não eram bons juntos? — ela perguntou, um fio de teimosia em sua voz.

Eles eram? Verdade seja dita, Elizabeth Milsap sempre foi um ponto cego para Clarke. Apesar de ter sido seu relacionamento mais longo até o momento, ele não tinha certeza se realmente conhecia a mulher, e ele *definitivamente* não se reconhecia quando estava com ela. Ela era diferente de todas as outras mulheres com quem ele namorou ou dormiu. Motivada, séria, um pouco quieta. Ela se mantinha, e todos ao seu redor também, em padrões elevados.

E quando ela partiu, ela deixou bem claro que Clarke nunca atingiu esses padrões. E ele disse a si mesmo e a todos que isso não importava.

Mas a verdade era que sua partida havia queimado. Porque embora odiasse admitir, até para si mesmo, Clarke estava *tentando*. Ele estava tentando ser tudo que Elizabeth queria, até mesmo tudo aquilo que seus pais esperavam que ele fosse. Pela primeira vez em sua vida, ele se esforçou para agradar outra pessoa. Ele aprendeu a cozinhar. Ele trazia os malditos buquês espontâneos para casa, que as mulheres sempre diziam serem tão importantes. Ele tinha aprendido a fazer o estranho chá francês de folhas soltas que Elizabeth tanto amava, e ele tinha ido obedientemente a todos os jantares de advogados e eventos de caridade, não importando o quão chatos fossem, e eles eram terrivelmente maçantes.

A pior parte era que Clarke pensava que ele estava conseguindo. Ele pensou que eles estavam em um caminho estável, embora lento, para talvez comprar alianças em um futuro não tão distante. Elizabeth, por outro lado, deixou bem claro quando aceitou o emprego em Washington sem nem mesmo uma conversa, que ele era o cara divertido com quem você namorava antes de se casar – não o cara com quem você *realmente se casava*.

Em retrospecto, ele ficou aliviado. Ele tinha quase certeza de que nunca teriam feito um ao outro verdadeiramente feliz. No momento, porém, doeu, tanto seu orgulho *quanto* seus sentimentos, e ele não tinha interesse em repetir nada disso. Nunca.

— Você não poderia ter me perguntado se eu queria voltar com Elizabeth? — ele perguntou a sua mãe, cansado — A festa de noivado não pareceu um pouco demais?

Ela sorriu.

— Eu estava curiosa para saber até que ponto você e Audrey iriam levar isso. Até o fim, parece.

— Bem, não *até o fim* — ele disse, sorrindo de volta apesar de si mesmo.

— Bom, porque eu fiquei feliz em organizar uma festa de noivado falsa, mas eu me recuso a planejar uma recepção de casamento falso.

— Anotado. Como você soube? — ele perguntou curiosamente.

— Que o seu noivado não era real?

Ele assentiu.

— Bem, essa é a questão de ser mãe. Você aprende muito rápido quando é que seu filho está apenas tentando apertar seus botões.

— Há um pouco mais do que isso — disse Clarke, pensando na besteira mesquinha do Scandal Boy.

— Eu imaginei. Se alguém consegue transformar até mesmo o casamento em um show de cães e pôneis, é ela.

Defender Audrey para sua mãe sempre foi uma perda de tempo, mas Clarke nunca parou de tentar. E ele não iria parar agora.

— Você sabia que — disse ele, tomando outro gole de sua bebida — em todos os anos que eu conheço Audrey, ela nunca *não* esteve lá por mim quando eu precisei dela?

— E?

Clarke encolheu os ombros.

— Só estou dizendo que existem dois tipos de mulher. Aquelas que ficam ao seu lado. E aquelas que se mudam para Washington, DC, sem pedir que você as acompanhe.

Deixando sua mãe sozinha para digerir sua última tacada e talvez, apenas talvez, perceber que ele conseguiria administrar sua própria vida melhor do que ela, Clarke começou a caminhar em direção a Audrey, parando para apertar mãos e receber parabéns pelo caminho. Estranho que, embora essa festa fosse apenas para manter as aparências, os parabéns não pareciam nem um pouco estranhos. Este jogo avançado de fingimentos não deveria parecer errado?

Uma mão agarrou sua manga e Clarke se virou, sorrindo ao ver Naomi Powell e Claire Hayes. Não, Claire *Turner*, ele consertou, lembrando-se de seu casamento espontâneo com Scott Turner alguns meses antes e sua decisão de usar o nome de seu novo marido.

Clarke havia achado o relacionamento de Audrey com as duas estranho no início, considerando como haviam se conhecido. Clarke conheceu mulheres o suficiente ao longo de sua vida para achar que uma amizade entre três mulheres que haviam dormido com o mesmo homem não poderia durar.

Porém, ele estava errado, e feliz por isso. As três podem ter se unido por causa de seu desprezo mútuo por Brayden Hayes e seu desejo de proteger umas às outras de futuras dores de cabeça, mas o que quer que as tenha *mantido* juntas era muito mais forte do que qualquer homem. De todas as amigas de Audrey, e ela tinha dezenas, essas duas moças eram talvez suas favoritas.

Clarke se importava com Audrey mais do que ninguém, exceto talvez sua família imediata, mas ele sabia que Claire e Naomi chegavam perto em termos de estarem dispostas a fazer qualquer coisa por ela.

É por isso que, vendo a expressão preocupada em seus rostos, ele abandonou o sorriso imediatamente.

— O que houve?

Naomi acenou com a cabeça para o lado da sala, longe da multidão, e Clarke a seguiu.

Sem palavras, Claire entregou-lhe o telefone, o Instagram já aberto.

Clarke imediatamente entrou em alerta máximo quando viu a conta em questão. @ScandalBoyNYC.

Alerta se transformou em descrença enquanto lia, antes de finalmente se estabelecer em uma raiva profunda e silenciosa.

Ele devolveu o telefone para Claire.

— Aquele canalha.

— Quem, Randy ou Scandal Boy? — Naomi perguntou.

— Eu quero esmurrar os dois, mas Randy é o primeiro da fila — disse Clarke. — Ele era *casado*?

— Aparentemente — Claire disse. — Mesmo que o Scandal Boy tenha inventado isso, um boato é tão prejudicial quanto a verdade.

— Principalmente esse boato — disse Naomi. — Já aconteceu de ela estar namorando um homem casado. Quando as pessoas descobrirem que aconteceu duas vezes...

— Eles já descobriram — Claire disse tristemente, vendo as postagens no Instagram. — Faz apenas uma hora que ele postou e já há mil comentários na postagem dele. Pior ainda, eles começaram a comentar sobre isso na foto mais recente dela.

— O que dizem? — Clarke perguntou.

Os ombros de Claire se ergueram.

— Mais ou menos o esperado. Uma vez destruidora de lares, sempre destruidora de lares. Encontre o seu próprio homem.

— Mas ela encontrou seu próprio homem — protestou Naomi. — Ou pelo menos, até onde eles sabem. — Ela apontou para Clarke.

Claire continuou lendo os comentários e balançou a cabeça tristemente.

— Aparentemente, eles não estão acreditando. Alguém postou que em sua “festa de noivado” – isso está entre aspas – o suposto casal não passou nem cinco minutos juntos, nem se tocou uma vez. Agora todo mundo está teorizando que você é somente controle de danos — disse ela a Clarke.

— Bem, eles não estão totalmente equivocados — admitiu Naomi — mas isso também significa que *alguém* nesta festa está ocupado postando atualizações no Instagram.

— Quem? — Claire exigiu, desviando o olhar do celular e olhando ao redor da sala, sua raiva palpável.

— Pode ser qualquer um. Provavelmente mais de um — disse Clarke, já pensando em alguns convidados mesquinhos que sempre se ressentiram de serem Plutão, bem distantes do sol que era Audrey. Ele podia pensar em mais algumas pessoas com quem ele tinha namorado ao longo dos anos que gostavam de imaginar que era culpa de Audrey que Clarke as tivesse abandonado.

— Isso é nossa culpa — Claire disse, a angústia clara em sua voz — Nós concordamos em proteger umas às outras. Ela cumpriu a parte dela do pacto perfeitamente para nós duas, e nós deixamos isso acontecer com ela?

— Simplesmente sugerir que Randy era um fracasso não era suficiente — Naomi disse em concordância taciturna. — Eu *sabía* que havia algo estranho naquele cara. Eu deveria ter algemado ela ao meu lado até que aquela pulga fosse incomodar outra pessoa.

— Não — disse Clarke — Vocês duas fizeram muito por ela. Eu cuido disso.

— Você já a pediu em casamento — Naomi apontou. — Não sei o que mais você pode fazer.

Ele entregou sua bebida para Claire.

— Segure isso. É hora de Audrey e eu começarmos a convencer essas pessoas.

Audrey ficou um pouco surpresa com o quanto ela estava se divertindo. Ela sempre amou festas, mas esperava que essa parecesse estranha, dadas as circunstâncias. Em vez disso, ela ficou aliviada ao perceber que parecia um grupo de pessoas juntas no mesmo cômodo celebrando o amor. E eles estavam celebrando o amor. Amor de amizade, do tipo não romântico.

— Está indo muito bem — disse sua mãe, prendendo seu braço ao de Audrey e sorrindo feliz. — Você ouviu a história que eu contei sobre você ligando para me contar sobre o pedido?

Audrey revirou os olhos.

— Acho que vários fusos horários provavelmente ouviram essa história com base no nível de zelo de sua voz.

— Exagerei?

Audrey beijou a bochecha de sua mãe, mais grata do que nunca por sua mãe divertida e pronta para tudo.

— Foi perfeito. Porém, eu sinto que uma de nós deveria informar Clarke que ele montou um garanhão branco sem sela pelo Central Park antes que alguém lhe pergunte.

— Você pode informá-lo agora mesmo — disse Kathleen, dando um tapinha no braço de Audrey e acenando com a cabeça na direção de Clarke, caminhando até ela. Ela pegou a taça de champanhe de Audrey de sua mão. — Vou dar uma olhada no seu pai e vou buscar algumas bebidas.

Audrey acenou com a cabeça em reconhecimento e sorriu para Clarke quando ele se aproximou.

— Oi! Não te vi a noite toda.

— Sim, isso é meio que um problema — disse ele calmamente.

Seu sorriso caiu quando ela registrou o tom firme em sua voz e a tensão ao redor de seus olhos.

— O que está errado?

Seu olhar caiu para sua bolsa.

— Você não olhou seu celular?

O estômago de Audrey embrulhou.

— Não, estive muito ocupada falando com as pessoas. Por quê? O que aconteceu?

Clarke ergueu os olhos, notando, assim como ela, que as pessoas estavam cansadas de dar uma folga a Audrey e queriam um momento com a convidada de honra. Convidados, agora que Clarke se juntou a ela.

Ele se aproximou e deu um sorriso fugaz, baixando ainda mais a voz.

— Eles estão desconfiando, querida.

— O que você quer dizer? — Mas ela já sabia o que ele queria dizer. Sabia que o noivado deles sendo uma farsa, de alguma forma tinha virado boato. E a julgar pela expressão atipicamente séria de Clarke, algo além de uma pequena fofoca mesquinha estava em jogo.

— Sorria — ele instruiu, dando um passo ainda mais perto e deslizando a mão em volta da cintura dela. Ela sorriu automaticamente, mesmo enquanto

registrava que a mão dele havia deslizado para baixo em suas costas, seu rosto desnecessariamente perto do dela.

— Clarke...

— Se prepare — disse ele com o canto da boca.

— O que...

Seus lábios se fecharam sobre os dela.

Os olhos de Audrey se arregalaram de surpresa antes de se fecharem, suas mãos acenando desesperadamente por um momento enquanto ela tentava registrar a estranheza da boca de Clarke contra a dela antes que instintivamente levantassem para descansar em seu peito.

Não era grande coisa, ela disse ao seu coração trovejante. Apenas um beijo superficial para fazer os céticos recuarem. Estaria acabado antes que ela percebesse.

Os lábios de Clarke se moveram contra os dela, sua cabeça inclinada para o lado, aprofundando o beijo levemente enquanto sua mão deslizava por suas costas, puxando-a com mais firmeza contra ele.

Audrey sentiu algo estranho e desconhecido vibrar em seu estômago. Antes que ela pudesse identificar, Clarke ergueu a cabeça. Seu olhar ficou preso em seus lábios por um longo momento, dando-lhe um segundo para organizar seus pensamentos.

Droga. Ele está *realmente* convencendo, ela percebeu. Ela sabia que era tudo para exibição, mas ainda podia jurar que sentia o calor em seu olhar, como se ele estivesse silenciosamente afastando todo o resto da sala para que fossem apenas os dois.

Os olhos dele ergueram-se para os dela, e ela pensou ter visto um lampejo de confusão antes que ele se endireitasse e sorrisse para sua colega e seu marido, que os observavam com sorrisos confusos.

— Leslie! — ele disse com uma voz alegre. — Que bom que você pôde vir. Desculpas pelo, ah... momento — ele disse com uma piscadela.

— Eu entendo — disse ela com uma risada. — Chris e eu também já fomos jovens.

— Você diz isso como se eu tivesse uma bengala — resmungou seu marido na casa dos cinquenta anos.

— E, no entanto, você não me beija mais *assim* — disse ela, brincando.

Ninguém beija assim, Audrey pensou.

Ela queria desesperadamente um momento para organizar seus pensamentos, para descobrir o que havia provocado o beijo, mas ela não podia deixar Clarke carregar a farsa sozinho, então ela colocou seu braço no dele e conversou com o casal de meia-idade.

— Estou tão feliz que vocês puderam vir. Não os vejo desde o casamento de Joel, no verão passado?

Nos minutos seguintes, ela conversou um pouco e respondeu a perguntas sobre o casamento, o tempo todo tentando afastar a sensação de pânico, a sensação de que as coisas estavam saindo de controle. Seu pânico aumentou ainda mais quando, depois que sua mãe se juntou a eles, entregando a Audrey uma taça de champanhe, Clarke pegou sua mão livre, entrelaçou seus dedos nos dela, levou a mão aos lábios e deu um beijo no dorso de sua mão como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— Vocês se importam se eu roubar minha noiva por um momento? — Clarke perguntou ao grupo que os cercava. Audrey notou a maneira como os olhos dele procuraram e encontraram os de sua mãe e a maneira como sua mãe imediatamente assumiu o controle da situação, contando uma história animada sobre como Clarke tinha voltado pra casa do campus da faculdade para acompanhar Audrey ao baile de formatura depois que seu namorado do colégio tinha ficado doente com mononucleose. Ela soube ali então que ele era *o único*.

Sua mãe não soube nada disso, mas Audrey estava grata pela distração ao deixar Clarke conduzi-la através da multidão até o pátio da cobertura. Como janeiro era frio demais para aproveitar o espaço ao ar livre, estava deserto. Clarke tirou a jaqueta, deixando cair sobre seus ombros. Ela não protestou.

— O que está acontecendo?

Ele enfiou a mão no bolso e puxou o celular, procurando até encontrar o que estava procurando. Ela não ficou surpresa quando viu que o problema era causado pelo Instagram, mas ficou surpresa com o que viu lá.

Os olhos de Audrey lacrimejaram automaticamente.

— Ele era *casado*? Randy era casado?

— Pelo visto sim.

Ela olhou para Clarke, piscando rapidamente para evitar que as lágrimas caíssem e manchassem sua maquiagem.

— Por quê?

Ele suspirou.

— Droga, Dree, não sei. Homens são uns merdas.

Ela enxugou o nariz com o dorso da mão.

— Como o Scandal Boy soube?

— Suponho que os informantes dele superaram os ratos desta cidade em quantidade e são tão nojentos quanto.

— E agora todo mundo pensa que você e eu estamos fazendo isso apenas para controlar os danos. — Ela soltou uma risada rápida. — Porém, eu acho que eles estão certos, não estão? E agora eles estão apenas esperando que cancelemos o casamento para que eles possam provar que estão certos.

— Então, não vamos — disse Clarke.

— Não vamos o quê?

Ele sorriu.

— Cancelar.

— Clarke.

— Não se preocupe, não estou sugerindo que nos *casemos*. Eu seria um marido terrível e certamente não desejaria isso para minha melhor amiga. Só estou dizendo, qual é a pressa em acabar com a charada? Você mesma disse que era divertido. Apenas mais alguns dias. Até que o rumor morra.

— Sim, mas... é divertido para mim porque sou obcecada por revistas de noivas, e sim, tudo bem, eu meio que sempre sonhei em lançar meu

Instagram no mundo dos casamentos. Mas não finja que isso não prejudica muito sua vida amorosa.

— Sim, prejudica — ele admitiu — *Mas...* — Ele se inclinou para frente para que ficassem cara a cara. — Acontece que eu me importo mais com você do que com sexo.

Seus olhos se estreitaram em suspeita.

— É mesmo?

— É... — Ele sorriu. — Na maioria das vezes.

Ele estendeu a mão para ela.

— Vamos, noiva. Vamos contar às pessoas como eu te pedi em casamento.

— Ah, sobre isso — disse ela, colocando a mão na dele e deixando-o levá-la de volta para dentro. — Você sabe como andar a cavalo...?

Capítulo Sete



DOMINGO, 19 DE JANEIRO

— *A*gora, você tem certeza de que não quer que eu fique aqui em Nova York mais alguns dias? — Sua mãe perguntou pela quinta vez desde que se sentaram à mesa da sala de jantar. — Sempre imaginei que, quando você se casasse, eu iria escolher vestidos com você!

— E se eu me casar, você vai — Audrey assegurou Kathleen. *Se eu me casar um dia.* — Mas, pela centésima vez, Clarke e eu não vamos nos casar *de verdade.*

Seu pai resmungou atrás do *Wall Street Journal*.

— Algo a dizer, querido? — Kathleen perguntou, espalhando geléia de framboesa em seu croissant e dando uma mordida delicada enquanto olhava para o marido.

Ele demorou a dobrar o papel e colocá-lo de lado.

— Bem, é só que na minha época...

— Ah, não — disse Audrey, pegando um bolinho de cranberry na bandeja que sua mãe tinha encomendado de uma de suas confeitarias favoritas. — Isso nunca é um bom início.

— Na minha época — disse seu pai, sem se deixar abater — o matrimônio era levado muito a sério entre duas pessoas que estavam comprometidas uma com a outra.

— Deixe disso, Richard — disse a mãe de Audrey, limpando a boca. — Você e eu nos casamos porque eu estava grávida de Anderson.

— Eu *sabia* — disse Audrey em uma voz dramática e escandalizada.

Na verdade, todo mundo sabia disso. A certidão de nascimento de seu irmão mais velho dizia tudo. Mas, casamento forçado ou não, seus pais deram certo. Não, isso não era o suficiente. O que sua mãe e seu pai tinham ia muito além do mero contentamento ou de tirar o melhor proveito de sua situação. Eles eram o tipo de casal que de alguma forma conseguia manter sua individualidade e, ao mesmo tempo, odiar ficar longe da outra pessoa.

Era amor, puro e simples. O tipo de amor que Audrey uma vez imaginou ter por Brayden, e o tipo de amor que Audrey agora abordava com extrema cautela.

— Você já sabe por que eles estão fazendo isso — disse Kathleen, indo em defesa de sua filha mais nova. — Alguns idiotas invejosos colocaram Audrey em sua mira e estão tentando derrubá-la. Você sabe muito bem como este mundo pode ser. Porém, eu sinto falta desta casa. E da confeitaria *Orwashers* — ela disse, olhando amorosamente para seu *croissant*.

Os pais de Audrey ainda eram donos da cobertura na Madison Avenue, e mesmo agora que Audrey havia se mudado, eles mantinham uma governanta morando lá para garantir que ela estivesse sempre arrumada para quando eles viessem para a cidade, ou quando amigos precisassem de um lugar para ficar enquanto visitavam a cidade. Audrey tinha vindo para o brunch, pretendendo passar algum tempo com eles antes que voassem de volta esta tarde.

— Eu *bem* sei como essa cidade pode ser — disse o pai de Audrey em concordância. — É por isso que me mudei para a Califórnia. — Ele olhou para Audrey. — *Você* deveria se mudar para a Califórnia.

— Sim, porque Los Angeles é maravilhosamente livre de fofocas superficiais — Audrey apontou.

Ele balançou a cabeça de um lado para o outro dando razão a ela, então pegou o jornal novamente, e o deixou de lado mais uma vez, como se não conseguisse decidir se queria continuar a conversa ou não.

Ele aparentemente decidiu que queria sim, porque deu a ela um olhar incisivamente paternal.

— Não entendo por que não enfrentamos essas pessoas de frente. Diga a elas para pararem de contar mentiras sobre você.

— Não são mentiras — disse Audrey. — Eu *estava* namorando Brayden enquanto ele ainda era casado. E eu estava namorando esse tal de Randy também.

Os pais de Audrey sempre priorizaram a comunicação aberta com os filhos. Eles foram um de seus primeiros telefonemas depois de saber da traição de Brayden, e ela disse a eles logo que chegou esta manhã sobre o que estava acontecendo com Randy e as consequências no Instagram.

— Mas você não sabia que eles eram casados.

— Eu sabia — disse Audrey, mordiscando seu bolinho. — Não que Randy fosse. Eu não fazia ideia. Mas eu sabia sobre Claire, lembra? Eu só achava que eles tinham se separado.

Kathleen suspirou.

— A desculpa mais velha que há.

— E eu cáí — disse Audrey, se recusando a absolver-se de toda a culpa por seu papel em destruir a ilusão de Claire de que tinha um casamento feliz.

— Eu ainda não entendi o que isso tem a ver com Clarke e vocês dois fingindo que vão se casar.

— Ele está protegendo minha reputação, papai — disse Audrey em sua melhor voz de Cher Horowitz — para que as pessoas não pensem que sou mercadoria danificada.

— Eles a estão chamando de Tate Tosca — Kathleen entrou na conversa. — Passei duas horas esta manhã vendo o que estava acontecendo. É cruel.

Audrey cobriu o rosto com a mão. Infelizmente, o apelido Tate Tosca era muito verdadeiro.

Para sua surpresa, suas brincadeiras e as alfinetadas da mãe pareceram apaziguar o pai.

— Então eu acho que isso pode ir bem longe para neutralizar os ânimos do fofoqueiro.

— Não é exatamente como eu diria, mas sim, essa é a ideia — disse Audrey.

— Sim, mas apenas se você se esforçar — sua mãe disse, empurrando seu prato e olhando para Audrey com um olhar penetrante.

— Eita — disse Audrey, tomando um gole de café. — O que é esse olhar?

— Para que eles acreditem que você vai se casar, eles precisam acreditar que você está apaixonada. Você não pode simplesmente dizer que está apaixonada. Você tem que *demonstrar*.

Audrey mexia nervosamente na asa da xícara.

— Eu não estava?

— A única coisa perto de real que vi ontem à noite foi aquele beijo. Ele convenceu. Mas você parecia que era a primeira vez que beijava o homem.

— Porque foi!

— Sério? — Kathleen inclinou a cabeça em curiosidade. — Eu presumi que vocês dois tinham brincado no passado. Curiosidade adolescente e tudo mais.

Audrey gemeu.

— Mamãe. Não seja nojenta.

— Sim, não seja — disse Richard, se escondendo mais uma vez atrás do jornal.

— Sem carícias ousadas? Nada? Ok, bem, tanto faz. Você e Clarke precisam, sabe... ficar um pouco mais próximos. Olhe para ele como se você não pudesse esperar para arrastá-lo para cama.

— Por favor, pare — disse Richard.

Kathleen ignorou o marido, mantendo toda a atenção em Audrey enquanto se inclinava para frente.

— E, querida, um pequeno conselho de alguém que uma vez se envolveu em uma briga com uma ex safada de seu pai...

— Ooh! — Audrey endireitou o corpo. — Eu nunca ouvi essa história.

— E nem vai — disse Richard, dando uma olhada significativa por cima do jornal para a esposa antes de retomar a leitura.

— Mais tarde? — Audrey murmurou.

— Mais tarde — sua mãe murmurou de volta, balançando a cabeça em concordância.

— Mas estou falando sério, Audrey — sua mãe retomou em sua voz normal. — Nunca subestime o poder de uma ex-namorada com planos, especialmente quando essa ex-namorada tem um tubarão como Linda West ao seu lado.

— O que você quer dizer? — Audrey perguntou apreensiva.

— Quero dizer que aquela ex inteligente de Clarke, a de vestido azul, não tirou os olhos dele a noite toda. A única vez que ela desviou o olhar dele foi para encarar você. Eu sei quando outra mulher pode causar problemas. E aquela tinha “problema” escrito bem grande na testa.

Capítulo Oito



QUINTA-FEIRA, 23 DE JANEIRO

Clarke tinha que dar crédito à mãe. A mulher não recuava. E quando ela aumentava as apostas, ela as aumentava completamente. Motivo pelo qual ele e Audrey estavam sentados à mesa com uma cerimonialista de Deus.

Sua mãe ligou para ele no escritório para lhe contar “as boas novas” e depois falou sem parar sobre como ela reservou um horário com a nata da nata dos cerimonialistas como um presente para Clarke e Audrey.

Clarke poderia facilmente ter listado novecentas coisas que preferia estar fazendo numa noite de quinta-feira.

Lobotomia.

Colonoscopia.

Assistir à ópera.

Mas, aparentemente, sua mãe não estava exagerando sobre os méritos da cerimonialista, porque quando Clarke disse a Audrey, esperando que ela ficasse tão descontente quanto ele, ela se engasgou com surpresa e alegria, sabendo o nome da cerimonialista antes mesmo de Clarke dizer em voz alta:

Alexis Morgan.

E assim, os planos de Clarke de desistir da reunião marcada por sua mãe evaporaram. Audrey estava tão animada só para conhecer a maldita mulher que Clarke de alguma forma se viu indo para o *West Side* no meio da hora do

rush para encontrar uma cerimonialista para um casamento que nunca aconteceria.

Com base na reverência feminina e em sua experiência com a pompa usual dos casamentos em Manhattan, Clarke se preparou para uma diva teatral que os abordaria sugerindo borboletas vivas, sanduíches sem crosta e balões de ar quente.

Em vez disso, ao chegar à casa no *Upper West Side* onde as Wedding Belles ficavam, ele ficou agradavelmente surpreso ao descobrir que a cerimonialista era tranquilizadamente *normal*. Uma morena esguia com um rosto sério e uma competência silenciosa, Alexis Morgan parecia a profissional perfeita, mais preocupada em conhecê-los do que os convencer de seus próprios planos.

Não que ele tivesse dito uma palavra, de qualquer maneira. Audrey e Alexis se deram bem logo de cara, falando não apenas sobre seu “casamento”, mas sobre as coisas que estavam na moda, um novo bar de vinhos no *Central Park South* e o marido de Alexis, que costumava ser o contador de Audrey.

Para uma ilha com alguns milhões de habitantes, Manhattan era um mundo minúsculo.

Alexis pareceu notar seu silêncio e se virou ligeiramente para ele com um sorriso.

— Clarke, fiquei muito feliz em ouvir de sua mãe.

Suas sobranceiras se ergueram e ele sorriu.

— Sério?

Ela riu, sem fingir não entender seu ceticismo.

— Ela é uma palestrante frequente em um grupo de mulheres de negócios ao qual pertença.

Ele sentiu Audrey enrijecer um pouco ao lado dele. Ele sabia que por mais que Audrey trabalhasse – e ela dedicava mais horas ao trabalho do que qualquer pessoa que ele conhecia – ela nunca ganharia o respeito que merecia. Não importa que ela quase ganhe mais que ele, não importa que ela tenha sido nomeada em quase todas as listas de mais influentes por aí. As

pessoas não sabiam o que fazer com empregos que não tinham horário definido e um escritório. Ela nunca seria convidada para os grupos de mulheres de negócios de Alexis e Linda ou qualquer coisa próxima.

Sem realmente pensar, ele estendeu a mão e pegou a dela, apertando-a. Audrey lançou-lhe um olhar surpreso, mas depois retribuiu o aperto, desempenhando seu papel no casal apaixonado. Algo apertou em seu peito que ele não conseguia identificar – e que não queria examinar.

— Tudo bem, agora nestes estágios iniciais, eu gostaria apenas de ter uma visão geral — Alexis estava dizendo — então não vamos falar de datas ou detalhes. Quero saber o tipo de casamento que vocês imaginam. Quem está lá, como vocês se sentem, esse tipo de coisa. E, gosto de começar pelo noivo.

Clarke olhou para ela com surpresa.

— O que?

— Eu sei, é o clichê da noiva ter todas as ideias, e é um clichê que geralmente se prova verdadeiro — disse Alexis com um sorriso rápido para Audrey. — Mas eu acho que os caras muitas vezes têm suas próprias ideias. Eles só precisam ser perguntados.

— Ah...

Clarke casualmente deslizou sua mão para longe da de Audrey, juntando as duas e inclinando-se ligeiramente para a frente.

— Eu odeio te dizer isso, mas não sei se pensei muito sobre isso.

— Nunca? — Audrey perguntou surpresa.

— Não, a menos que você conte as vezes que me fez brincar de casamento quando eu tinha dez anos.

— Vocês foram namorados de infância? — Alexis perguntou. — Sua mãe não mencionou isso.

Não, eu aposto que ela não mencionou, pensou antes de se lembrar que eles não foram *realmente* namorados de infância.

— Clarke ficava sentado por horas enquanto eu tentava aprender como amarrar a gravata borboleta do meu pai nele — Audrey lembrou com um

sorriso. — Meu pai não ficou nada satisfeito ao encontrar manchas de Cheetos em toda a seda importada.

— E você nunca aprendeu a amarrar a gravata borboleta — ressaltou.

— Isso é verdade. Os laços normais são muito mais fáceis. Clarke não precisa usar smoking, não é? — Audrey perguntou à cerimonialista.

— Isso é com Clarke — disse Alexis, sorrindo. — Tudo bem se você não tiver pensado nisso antes, mas se você se permitir pensar nisso agora, no dia do seu casamento ideal, o que você está vestindo?

Ele resistiu ao impulso de zombar e dizer "calças de moletom", achando que não seria o primeiro noivo a pensar que estava sendo hilário e original ao brincar sobre contrariar a regra das roupas formais.

Clarke se mexeu desajeitadamente na cadeira, as duas mulheres olhando para ele com expectativa. Percebendo que quanto mais cedo ele jogasse junto, mais cedo ele poderia sair dessa, ele relutantemente respondeu à pergunta.

— Um smoking. Eu acho.

Alexis acenou com a cabeça.

— Então, mais formal. Você se vê casando aqui na cidade? Ou em outro lugar?

— Aqui — ele disse sem hesitação. Ele era totalmente nova-iorquino e raramente encontrava um motivo para sair da cidade. Ele nem gostava muito de tirar férias. Tudo o que ele queria de sua vida estava bem aqui, começando com Audrey.

— Igreja?

— Sim — disse ele, novamente sem hesitação. Então ele franziu a testa. — Quer dizer, eu acho. Não tem que ser.

— As respostas instantâneas são valiosas — disse Alexis. — Mesmo que você não tenha imaginado conscientemente o seu casamento, é provável que seu subconsciente tenha pensado nisso ao longo dos anos.

Ela estava certa, ele percebeu. Ele nunca se sentou e sonhou acordado com seu futuro casamento. Na verdade, em qualquer momento que ele *tinha* pensado sobre casamentos, era em termos do que ele não queria.

Não era que ele não conseguisse imaginar a cerimônia; era que ele nunca tinha sido capaz de imaginar o casamento em si. Ele flertou com a ideia apenas uma vez. Uma vez, quando ele pensou que talvez ele e Elizabeth pudessem conseguir.

Mas então ela partiu, e ele voltou a si. Clarke amava mulheres. Ele as respeitava. E por causa disso, ele não conseguia se imaginar acorrentando qualquer mulher a ele.

Ele olhou para Audrey, a melhor mulher que ele conhecia.

Não é um casamento de verdade, ele lembrou a si mesmo. E então ele jogou junto.

— Eu quero grande — disse ele às mulheres com um sorriso descarado. — Nada dessas coisas pequenas e íntimas. Eu quero o espetáculo. Quero que todos que conheço vejam que a mulher mais incrível do mundo me escolheu. E então eu quero uma festa e tanto para comemorar.

Alexis acenou com a cabeça.

— Audrey? O que acha disso?

Audrey olhou em sua direção e sorriu.

— Quase exatamente o que eu pensei. Sempre fui a menina que sonha com o casamento. O vestido de princesa, a marcha nupcial, todos os olhos em mim, o Plaza, pombas...

— Pombas? — Clarke interrompeu.

— Metafórico — disse Audrey, acenando com a mão, desdenhosa. — Ou real. Eu não sei. É como você disse. O espetáculo.

— Podemos fazer um espetáculo — disse Alexis com segurança. — E nós podemos colocar pombas também. As reais. Embora eu deva avisá-los, o *nível* do espetáculo depende da linha do tempo. Vocês dois já conversaram sobre datas?

Clarke observou o largo sorriso de Audrey esmaecer quando a realidade se estabeleceu. Não haveria uma linha do tempo, não haveria um espetáculo, porque não haveria um casamento.

— Ainda estamos refletindo sobre essas coisas — disse Clarke em voz baixa, percebendo que precisavam interromper a reunião pela raiz antes que as coisas saíssem do controle.

— Claro — disse Alexis imediatamente. — Não há absolutamente nenhuma necessidade de pressa, e esta foi apenas uma reunião inicial. Não há pressão para se comprometer comigo, com as Belles ou com uma data hoje.

A cerimonialista se levantou para indicar que a reunião havia acabado.

— A única coisa que quero de vocês dois agora é que saiam para jantar e simplesmente curtam estar noivos. Há tempo suficiente para as outras coisas. Vou te dar meu cartão, e se você decidir contratar as Belles, adoraria ouvir de vocês quando estiverem prontos.

Aliviados, Clarke e Audrey se levantaram e Audrey pegou o cartão que Alexis tirou de um porta-cartões branco sobre a mesa, colocando-o em sua bolsa.

— Só mais uma coisa — disse Audrey — e você pode dizer não. Você se importaria se eu tirasse uma foto na escadaria em frente à placa Wedding Belles na varanda e postasse no Instagram? Eu marcaria vocês, se vocês tiverem uma conta no Instagram. Ou não. Você tem uma política sobre isso?

As sobrancelhas de Alexis arquearam.

— Eu sou uma mulher de negócios. Minha política é que ter a Audrey Tate postando uma foto das Wedding Belles é melhor do que qualquer orçamento de marketing.

— Eu só quero que todos saibam como você é fabulosa — disse Audrey enquanto Alexis os conduzia até a porta da frente. — E eu não consigo acreditar em como meus seguidores estão famintos por detalhes de casamentos em Manhattan. Meu engajamento disparou desde que comecei a falar sobre o casamento.

— Há muito mistério nisso para uma indústria tão grande — Alexis concordou, abrindo a porta da frente. — As noivas estão tão acostumadas a serem convencidas. Imagino que haja bastante espaço no mercado para

alguém mostrar o processo de planejamento de um casamento sem qualquer intenção além de abrir um pouco a cortina.

Audrey entregou a Clarke seu telefone quando eles pisaram na varanda.

— Você sabe o que fazer.

Ele pegou o telefone dela sem hesitar, tendo desempenhado o papel de fotógrafo tantas vezes que sabia exatamente onde o aplicativo da câmera estava em seu telefone. Ele não era fotógrafo, mas mesmo quando o número de seguidores de Audrey cresceu para sete dígitos, ela se recusou a atualizar para uma câmera sofisticada, querendo mostrar que qualquer um poderia fazer carreira no Instagram com apenas um iPhone e um aplicativo de edição de fotos decente.

Ele desceu as escadas para tirar a foto enquanto Audrey tirava o batom da bolsa.

— Como está meu cabelo? — ele a ouviu perguntar a Alexis.

— Perfeito — disse Alexis, dando uma olhada em Audrey. — Vou voltar para dentro, para não estragar a foto, a menos... que vocês queiram que eu tire a foto? De vocês dois?

— Não — disse Clarke, assim que Audrey se iluminou.

— Oh, isso seria fantástico.

Ele grunhiu.

— Dree.

— Eu sei, eu sei que prometi nunca mostrar você em minhas fotos. Mas isso foi antes de ficarmos noivos — ela disse incisivamente, olhando para ele.

Ele olhou para ela, vendo o brilho teimoso em seus olhos e sabendo exatamente o que ela estava pensando. Quanto mais juntos eles aparentavam estar, menos munição Scandal Boy tinha.

Ele correu de volta escada acima, entregando o telefone a Alexis enquanto trocavam de lugar.

Clarke passou o braço pela cintura de Audrey enquanto ela fazia o mesmo, e ele sorriu obedientemente quando Alexis ergueu o telefone.

— Você pode ver a placa das Wedding Belles? — Audrey perguntou.

— Mais um pouco para a esquerda. Pronto, perfeito — disse Alexis. Então ela abaixou o telefone, dando-lhes um olhar cuidadoso. — Apenas uma sugestão...

— Diga — disse Audrey.

— E se vocês se virassem e se encarassem — disse Alexis. — Esta pose está pouco romântica.

— Imagine isso — disse Clarke com o canto da boca.

— Ah, fique quieto — ela disse, se afastando e se virando em direção a ele. — Aqui, me olhe.

Ele suspirou e fez como instruído.

— Já melhorou — Alexis encorajou — Audrey, coloque seus braços em volta do pescoço dele, meio que casual... sim, perfeito — ela disse enquanto Audrey prendia seus pulsos na nuca de Clarke.

— Odeio o seu trabalho — disse a Audrey, antecipando-se ao próximo comando de Alexis e colocando as mãos na cintura da amiga.

— Silêncio. Pareça apaixonado — Audrey mandou.

— Fácil de fazer quando você é tão mandona — ele disse sarcasticamente, embora tenha deixado sua boca se curvar em um sorriso genuíno porque segurar Audrey em seus braços não era *tão* ruim.

Audrey sorriu de volta, erguendo os olhos para ele.

— Perfeito, fiquem assim enquanto eu encontro o melhor ângulo — Alexis murmurou, quase para si mesma.

Com o canto do olho, ele viu a cerimonialista se mover para frente e para trás na calçada, tentando tirar a foto perfeita.

E então, algo estranho aconteceu. Ele parou de ver Alexis. Ele parou de pensar em como estava irritado com sua mãe por ter marcado essa reunião sem o consentimento dele e de Audrey. Ele parou de se ressentir do trabalho de Audrey.

Tudo isso desapareceu até que restasse apenas Audrey. Clarke percebeu como os dedos dela roçavam o cabelo da nuca dele, o formato da cintura dela sob a palma da sua mão, mesmo sob o casaco de inverno. Ele ouviu um

zumbido distante em seus ouvidos e sentiu a mesma desorientação que experimentou após o beijo na festa de noivado, quando o chão parecia ligeiramente instável sob seus pés.

Os lábios de Audrey se separaram ligeiramente como se ela de repente estivesse sem fôlego, e ele se perguntou se ela também sentia isso, se ela sabia melhor do que ele o que fazer a respeito...

— *Pronto* — disse Alexis com confiança. — Eu acho que consegui. Querem dar uma olhada?

A cerimonialista começou a subir os degraus e Clarke imediatamente baixou os braços, colocando distância entre ele e Audrey, grato pela interrupção.

Audrey ficou parada por mais um momento, então balançou a cabeça rapidamente antes de se virar para Alexis e pegar seu celular de volta. Ela examinou as fotos.

— Ah, perfeitas! — ela disse.

Os olhos de Clarke se estreitaram ligeiramente, porque a voz de Audrey estava mais aguda do que o normal, do jeito que ficava quando sua mente estava em outro lugar e ela estava operando no piloto automático.

— Muito obrigada. Ficaram ótimas — disse ela, travando o telefone e colocando-o na bolsa. — Eu vou com certeza absoluta marcar as Belles.

— Obrigada. Eu que agradeço — disse Alexis, esfregando rapidamente os braços contra o frio, já que não havia pegado o casaco ao sair. — Agora, eu falei sério lá dentro. Clarke, leve esta mulher para jantar.

— Vou levar. Vou até deixá-la escolher o lugar.

— Você diz isso como se eu não escolhesse sempre — disse Audrey, entrelaçando o braço no dele enquanto desciam os degraus.

— É verdade, mas se você escolher um desses lugares desagradáveis que servem pratos minúsculos, eu *vou* exercer meu poder de veto — disse ele, aliviado quando sentiu o mundo voltar aos eixos novamente quando eles se tornaram Audrey e Clarke mais uma vez, amigos e *apenas* amigos.

A última coisa que Clarke queria era que o relacionamento mais estável de sua vida virasse de cabeça para baixo.

Capítulo Nove



QUINTA-FEIRA, 23 DE JANEIRO

O "noivo" de @TheAudreyTate poderia estar mais entediado de estar jantando com ela?
Parece que ela está prestes a perder outro (mas ela o teve algum dia ...?)
—@ScandalBoyNYC

— *F*eliz agora? — Audrey perguntou enquanto colocava seu cardápio de lado e tomava um gole de seu vinho tinto. — Eles servem bife de carne.

— Muito — disse ele — Quer começar com as ostras?

— Claro — disse ela distraidamente, pegando o celular e segurando-o. — Você se importa se eu for rude por um segundo? Estou morrendo de vontade de editar a foto das Wedding Belles e postar.

Ele acenou com a mão, acostumado a Audrey passando tempo em seu telefone e não se importando nem um pouco. Seu telefone era seu trabalho, e seu trabalho não era somente das nove às cinco. Ele sabia que se precisasse de sua atenção total, ele a teria sem pensar duas vezes. Que se ele precisasse dela de alguma forma, ela jogaria o telefone no fogo e daria a ele cada grama de sua energia.

Mas ele não precisava dela agora, estava contente por ter um momento para pôr em dia seu próprio trabalho. Clarke era o segundo no comando, atrás de seu pai, na *York Inc.*, um conglomerado de mídia que vinha fazendo um bom trabalho em manter a cabeça acima da água, mesmo com os concorrentes ficando para trás e se afogando. Como vice-presidente de estratégia, Clarke sabia muito bem que muito desse sucesso se devia a ele.

Quando outras empresas de mídia se apegaram desesperadamente às suas publicações impressas, seu pão com manteiga do século XX, Clarke estava um passo à frente de todos os outros. Ele foi o cara persistente de vinte e poucos anos que irritava seus colegas mais antigos em todas as reuniões, não apenas por ser filho do CEO, mas porque Clarke tinha sido implacável em sua insistência para que a empresa fizesse seu nome no espaço digital quando o espaço digital ainda estava se formando.

Eventualmente, os velhos simplesmente entregaram todo o departamento digital para ele, provavelmente esperando que ele falhasse. Ele não falhou. Como os concorrentes estavam começando a notar o declínio nas vendas de impressos só agora, York estava à frente do jogo, já preparado para servir conteúdo a um público cada vez mais dependente de dispositivos por meio de aplicativos e um site otimizado.

Os colegas e superiores de Clarke não hesitaram em dar crédito a quem merecia, e Clarke havia subido na hierarquia rapidamente, ele gostava de pensar, por causa de sua contribuição, e não por seu sobrenome.

Especialmente porque a única pessoa que teimosamente se recusava a dar a Clarke um mínimo de elogio era seu próprio pai. A cada chance que tinha, Alton deixava claro que Clarke não ocupava o lugar de segundo em comando sozinho. Ele o compartilhava com a vice-presidente de operações, Maria Folse, que estava de olho no cargo de CEO.

Clarke respeitava Maria. Inferno, ele *gostava* dela. Ele gostava de jantares repletos de vinho com ela e sua esposa tanto quanto gostava de bater cabeça com ela na sala de reunião.

Mas ele não tinha nenhuma intenção de ceder a empresa a ela, não importa quantas vezes seu pai tentasse subjugar-lo. Não que Alton alguma vez tenha prejudicado Clarke na frente de Maria ou de qualquer outra pessoa da empresa. Seu pai, apesar de todos os seus defeitos, era profissional.

Em particular, no entanto, ele nunca deixou Clarke esquecer o menino que ele tinha sido. O adolescente que jurou que não queria participar dos negócios da família. O menino membro de fraternidade que ignorou os

desejos de sua mãe de ser advogado e os desejos de seu pai de se formar em administração.

Clarke, em vez disso, foi para a ciência da computação, em parte, sim, para frustrar as expectativas de seus pais, mas também porque ele achava as aulas agradáveis. E Clarke sempre imaginou, mesmo desde novo, que a vida deveria ser desfrutada, mesmo que seus pais nunca parecessem entender a mensagem.

A maior ironia era que provavelmente foi o diploma de ciência da computação contra o qual seu pai se opôs, que salvou sua preciosa empresa, em primeiro lugar. Sem esse diploma, Clarke não teria conhecimento suficiente para empurrar York na direção certa. E porque o destino era uma besta traiçoeira, o que começou como Clarke querendo provar que seu pai estava errado – ou talvez apenas provar a si mesmo – se transformou em um amor genuíno pela empresa. Enquanto crescia, ele nunca entendeu como seu pai podia ser tão consumido por uma empresa. E embora ele ainda tivesse jurado nunca deixar um trabalho importar mais do que pessoas, uma parte dele entendia. Quando você despejava sua energia em alguma coisa, ela se tornava uma parte de você. Gostasse ou não – e na maioria das vezes ele não gostava – essa empresa havia se tornado parte de Clarke. Algo pelo qual valia a pena lutar.

Clarke estremeceu ao verificar seu e-mail, notando que o número de mensagens não lidas estava perto de três dígitos, apenas nas duas horas desde que ele deixou o escritório.

Um punhado delas era de Maria, que não perdeu tempo em aproveitar a distração de Clarke com seu futuro “casamento” nas últimas semanas. Ele não tinha dúvidas de que ela estava garantindo que Alton soubesse que ela ainda estava no escritório enquanto Clarke estava bebendo vinho com sua noiva.

Clarke não tinha ideia do quanto seu pai sabia sobre a natureza falsa do acordo dele e de Audrey. Ele certamente não tinha dado os detalhes ao velho e, pelo que ele sabia, Linda raramente contava ao marido algo sobre seus

grandes planos para a família. Clarke sabia, porém, que mesmo que Alton achasse que o noivado era real e que Audrey estava prestes a se tornar sua nora, isso não teria importância. Clarke teria sido penalizado por escolher qualquer coisa em vez da empresa. Incluindo seu próprio casamento.

A maioria dos e-mails recebidos por Clarke eram apenas informativos, e ele rapidamente os arquivou. Alguns necessitavam de respostas fáceis, que ele logo enviou, e um punhado a mais exigia mais energia mental do que ele tinha no momento. Ele sinalizou aqueles para lidar amanhã pela manhã.

Ele olhou para Audrey e viu que sua língua estava enfiada no lado direito de sua bochecha, como sempre ficava quando ela estava se concentrando, então ele voltou sua atenção para seu telefone, puxando o Instagram para ver o quão ridículo ele estava na foto.

Ela ainda não havia postado, ainda fazendo o que quer que ela fazia para tornar suas fotos muito mais impressionantes do que ele pensava que um celular seria capaz. Matando o tempo, ele passou sem pensar pelas fotos de amigos em *happy hours* ou fazendo exercícios e algumas luzes traseiras com a reclamação usual sobre o trânsito na hora do rush.

As fotos mais ou menos eram a mesma coisa, até que uma em particular chamou sua atenção.

Clarke estava preguiçosamente recostado na cadeira, mas lentamente se endireitou, sentindo sua pressão arterial subir com a foto de *si mesmo*.

Na foto, Clarke estava olhando para seu iPhone, vestindo o terno exato que ele estava usando agora, no restaurante exato em que ele estava sentado, bebendo o martini exato do qual ele acabara de tomar um gole. Deve ter sido tirada nos últimos minutos.

Clarke nem precisou ver o nome para saber de que conta era. Ele começou a seguir @ScandalBoyNYC com uma conta fake no momento em que o idiota começou a causar problemas a Audrey. O cara não tinha postado nada nos últimos dias sobre Audrey, mas a legenda da foto dele carrancudo o deixou com raiva.

Como um completo estranho se atrevia a avaliar o que ele estava pensando, o que estava sentindo, ou ousava sugerir que Audrey poderia perdê-lo.

Ele respirou fundo para retomar o controle, resistindo ao desejo de olhar ao redor do restaurante para descobrir quem diabos havia cruzado a linha e cometido uma invasão tão flagrante de privacidade.

Em vez disso, ele concentrou sua energia em Audrey. A julgar por seu olhar pensativo com a língua ainda na bochecha, ela estava editando sua foto ou escrevendo sua legenda e ainda não tinha visto a postagem.

Casualmente, como se não se importasse com nada, Clarke deixou o telefone de lado, mantendo a expressão deliberadamente entediada e estendendo a mão para tomar um gole de seu coquetel, como se não estivesse nem um pouco perturbado com o que tinha acabado de ver em seu celular.

Relaxando sua postura, ele se inclinou ligeiramente para a frente.

— Audrey.

— Hmmm — disse ela distraidamente, sem tirar os olhos do celular.

Ele resistiu ao impulso de dizer o nome dela com mais firmeza, para que ela soubesse que estavam sendo observados. Ter toda a atenção dela em seu telefone não estava exatamente mostrando que eles estavam loucamente apaixonados.

Ele estendeu a mão lentamente sobre a mesa e tocou a mão dela. Ela estremeceu em surpresa, mas ele envolveu os dedos nos dela, esperando que ninguém percebesse o quão surpresa ela havia ficado por ter seu *noivo* casualmente segurando sua mão.

Ela olhou para ele com perplexidade, e ele forçou um sorriso fácil, mesmo enquanto abaixava a voz para que ela soubesse o que estava acontecendo.

— Sério? — ela disse depois que ele soltou a bomba. — Alguém está aqui? Nos observando?

— Pelo visto, sim. Não, não olhe! — ele advertiu. — Honestamente, você não é muito boa nesse negócio de romance clandestino.

— Acredite ou não, fingir estar apaixonada pelo meu melhor amigo não é tão fácil — ela retrucou, claramente abalada.

O polegar de Clarke parou de acariciar preguiçosamente os nós dos dedos, um pouco surpreso com a pontada de... dor?

Não que ele esperasse que ela estivesse apaixonada por ele. Ele não estava apaixonado por ela. Mas não era exatamente bom saber que a única pessoa com quem ele se importava mais do que tudo nesse mundo o considerava um parceiro amoroso tão indigno.

Ele poderia culpá-la, entretanto? Audrey o conhecia bem. Sabia exatamente o quão arrogantemente ele tratava seus relacionamentos. Suspeitava, até mesmo, da vergonha mais profunda de Clarke.

Ele nem sabia o segredo mais sombrio dela até que ela lhe contou sobre o pacto que fez com Naomi e Audrey para proteger umas às outras de babacas. Mas no momento em que ela disse a ele, ele *soube*. Ele sabia que era um desses homens.

Não um dos bons. Ele era um *Brayden*. Ele era um dos homens contra os quais as mulheres juravam proteger umas às outras.

Todo esse tempo, ele se perguntou se Audrey percebia. Agora ele tinha bastante certeza.

Ela sabia.

Ainda assim, saber quem Clarke *realmente* era não significava que ela não pudesse fingir estar apaixonada por quem ele fingia ser. Salvar sua reputação era o mínimo que ele podia fazer por ela, mas ele precisava que ela os convencesse muito melhor do que estava atualmente. Sua coluna estava reta, seus olhos arregalados, seu rosto branco.

— Guarde o seu celular — ele ordenou suavemente. — Lentamente, de forma indiferente, como se tudo o que está acontecendo no seu telefone não importasse para você.

Ela fez o que ele instruiu, abaixando-se e colocando o telefone na bolsa.

— Bom — ele murmurou. — Agora me dê sua outra mão.

Sua mão direita ainda segurando a dela, ele colocou a palma esquerda sobre a mesa. Ela hesitou apenas brevemente antes de colocar a mão direita levemente sobre a dele.

— Sorria — disse ele, segurando ambas as mãos agora — Não, não um grande sorriso, apenas um sorrisinho particular, como se estivéssemos tendo uma boa conversa.

— Mas *não* estamos tendo uma conversa agradável. Você está sendo mandão — ela apontou.

— Você está bonita hoje — disse ele, acariciando seus dedos sobre os nós dos dedos. — Esse é um batom novo?

Seus olhos se estreitaram.

— O que você está fazendo?

— Mostrando interesse na minha noiva e esperando que o fofoqueiro do restaurante perceba. Sua vez.

Ela suspirou ligeiramente.

— Bem. Como foi o seu dia?

— Melhor — disse ele, exasperado.

— Como foi sua apresentação para o conselho?

— Típica pergunta de esposa — ele elogiou com uma piscadela. — E foi bom. Maria não conseguiu encontrar muito para criticar, então isso é sempre positivo.

Ela o observou com atenção.

— E seu pai? O que ele achou?

Clarke encolheu os ombros.

— Difícil de ler. Ele não pareceu desagradado com as sugestões da minha equipe, então isso é um começo.

— Ele vai superar, você sabe. Ele está apenas fazendo você se esforçar antes de entregar as rédeas da empresa.

— Talvez.

— Você é bom no seu trabalho — disse ela, apertando as mãos dele. — E o mais importante para mim, é óbvio que você adora. Algo, a propósito, que

eu nunca pensei que fosse possível quando você queria ser um guia turístico de safári quando criança.

— Afirmo que seria uma carreira sólida.

— Sim, mas é composto principalmente por casais em lua de mel — ela brincou. — Com quem você dormiria?

Seu sorriso escorregou ligeiramente.

— Isso é tudo que você acha que importa pra mim?

Ela pareceu surpresa com seu tom.

— Não. Claro que não. Quer dizer, não sei. Você mesmo disse hoje que nunca tinha pensado em seu casamento. Acho que percebi que *eu também* nunca consegui imaginar você se casando.

Clarke começou a retirar as mãos, mas Audrey as apertou.

— Espere — ela protestou — Eu não quis dizer que você seria um péssimo marido. Quis dizer que você nunca demonstrou interesse em um relacionamento a longo prazo. Fora Elizabeth.

Ele ouviu a pergunta na voz dela, mas não respondeu.

— Você quis mesmo dizer o que disse à cerimonialista? — ele perguntou.

— O *espetáculo* é o casamento dos seus sonhos?

Ela hesitou, claramente tentada a pressioná-lo a falar sobre sua ex, mas em vez disso sorriu e encolheu os ombros.

— Sim. Não sei como você está surpreso. Quer dizer, você viu meu scrapbook de casamento quando eu tinha 12 anos.

— Vi? Uma vez, você me fez passar uma tarde inteira colando fotos de bolos de casamento em um caderno espiral.

— Uma troca justa por eu passar aquele bilhete para Steffi Miller na aula de balé.

— Isso levou cinco segundos. Essas malditas fotos de bolo demoraram horas.

— Eu me lembro que o resultado daquele bilhete foi você e Steffi se beijando no Bryant Park. Não ganhei exatamente *nada* daqueles cadernos de casamento.

— Não é verdade. Você só começou o planejamento do seu casamento muito, *muito* cedo. Agora você tem uma vantagem.

— Sim, para um casamento que não vai acontecer.

— Bem, quero dizer, não, não o nosso. Mas seu casamento de *verdade*.

Mesmo enquanto ele dizia isso, o pensamento parecia estranho. Objetivamente, ele sempre soube que Audrey provavelmente se casaria algum dia, tão certo quanto ele sabia que provavelmente *ele* não se casaria. Mas agora ele percebeu o que o casamento inevitável de Audrey significaria. Não haveria mais jantares como este, apenas os dois. Não seriam mais os acompanhantes de última hora um do outro para eventos e bailes de caridade. Não teriam mais noites casuais de sexta-feira maratonando Velozes e Furiosos.

— Espere, meu casamento de verdade? — ela disse, parecendo surpresa.
— Pensei que, de todos, você me entenderia.

— Entender o quê?

— Eu não quero me casar.

Clarke piscou. Ele conhecia essa mulher desde sempre, e ela raramente o surpreendia. Mas ela o deixou chocado como o inferno agora.

— Por que diabos eu tive que colar aquelas fotos de bolo de casamento, então? Desde quando você não quer se casar?

Seu sorriso era um pouco triste.

— Desde Brayden.

Seus dedos apertaram os dela e ele notou com o canto do olho que o garçom estava vindo em direção a eles, mas sabiamente leu a situação e continuou se movendo para não interromper.

— Dree, você sabe melhor do que ninguém que ele era *realmente* um desperdício humano. Não estou feliz que ele morreu, mas estou feliz que você não esteja mais com ele. Você não pode deixá-lo arruinar sua vida.

— Eu não estou! — ela insistiu. — Estou perfeitamente feliz solteira.

— O que acontece quando você conhecer alguém?

Ela hesitou.

— Bem, isso não aconteceu, não é? O mais próximo foi Randy, e veja como isso acabou.

Ele balançou sua cabeça.

— Você nunca iria se casar com Randy, mesmo que ele não tivesse se revelado um esquisito casado. Mas, e quero dizer isso como um elogio, você é casável.

— Diz o homem que não quer se casar.

— Diz o homem que te conhece. E eu sei que você sempre quis um marido, uma família e um cachorro.

Ela apertou os lábios, parecendo organizar seus pensamentos.

— Você disse que eu não deveria deixar Brayden arruinar minha felicidade.

Ele assentiu. *Com certeza.*

— Bem, a questão é, Clarke, eu... eu nunca fui capaz de esquecer o fato de que arruinei a felicidade de Claire.

— Que diabos você está falando? O que Claire tem a ver com você se casar ou não?

— Porque eu estava tão ocupada acreditando em felizes para sempre e iludida com o príncipe que me conquistou. Eu estava tão egoisticamente focada em estar apaixonada por Brayden que nunca parei para perceber que estava pisoteando o felizes para sempre de outra pessoa. Que eu estava roubando o príncipe de outra pessoa.

Sua voz era tão genuína, sua expressão tão aberta que Clarke sentiu uma onda de frustração consigo mesmo por não perceber antes o quão profundamente ela tinha deixado a questão de Brayden afetá-la. Ele sabia, é claro, que sim. Como não poderia? O homem com quem ela pensou que se casaria era casado com outra pessoa o tempo todo.

Mas ele também pensou que, por causa de sua amizade com Claire e Naomi, ela tinha feito as pazes com o fato de que nenhuma parte disso tinha sido sua culpa. Ele disse isso a ela agora, mas ela imediatamente balançou a cabeça.

— Eu deveria ter verificado — ela persistiu — Eu não deveria ter acreditado na palavra de que seu divórcio estava quase no final. Quão burra eu fui?

— Não se sinta culpada por acreditar no melhor das pessoas. Uma pessoa cética poderia ter suspeitado, com certeza. Mas você não é cética.

— Bem, eu não era naquela época — disse ela com um sorriso atrevido. — Agora sou mais cuidadosa.

Ele sorriu de volta, mas sentiu uma pontada de arrependimento e uma nova onda de raiva por Brayden ter conseguido achar alguém tão confiante e otimista como Audrey e destruído sua capacidade de sempre procurar o melhor nas pessoas. Ela não era cética agora, de forma alguma, mas o incomodava muito que a garota que ainda sonhava com o vestido de noiva de princesa e pombas acreditasse que ela não era digna de nada disso.

— Ei! — ela disse alegremente — Pelo menos nossa conversa me fez esquecer tudo sobre a coisa do Scandal Boy. Você acha que eles tiraram uma foto nossa de mãos dadas?

Clarke olhou para baixo, um pouco surpreso ao ver que eles realmente ainda estavam de mãos dadas. E mais do que um pouco surpreso que, nos últimos momentos da conversa, ele não as tivesse segurado para uma sessão de fotos.

Mas ele ficou mais surpreso ainda por não querer soltar.

Capítulo Dez



SEGUNDA-FEIRA, 27 DE JANEIRO

M-D-S, gente!!! Vocês nunca vão adivinhar onde estou hoje! Certifique-se de assistir os stories para todos os detalhes brancos e volumosos. 😊

— @TheAudreyTate

— *Não* — Claire e Naomi disseram ao mesmo tempo, quando Audrey saiu do provador.

Ela fingiu confusão.

— Como assim?

— Querida, não tinha espelho lá dentro? — Naomi perguntou, horrorizada, enquanto olhava para Audrey.

— O quê, você não gostou? — Audrey perguntou, consternada.

Ela se arrastou em direção aos grandes espelhos da sala, então tentou e não conseguiu conter a risada do absurdo vestido de noiva.

— Quem fez isso?

— Ah, graças a Deus — Naomi respirou fundo. — Eu pensei que você estava falando sério.

— Sim, definitivamente sério — disse Audrey, puxando um dos doze botões que compunham a frente do corpete. Botões não *funcionais*. Botões decorativos, incompatíveis e espalhados aleatoriamente. — Colcha de retalhos country é muito a minha cara.

— Ele *realmente* parece uma colcha de retalhos — disse Claire, taça de champanhe na mão enquanto ela andava ao redor de Audrey. — É como se

eles tivessem pegado todas as sobras e botões de todos os outros vestidos de noiva existentes e os juntassem neste vestido.

— Eu não pude resistir a experimentar. Achei que devia ficar melhor no corpo do que no cabide, mas... não. É pior. Muito pior.

— Pelo menos deixa seus peitos lindos! — Naomi disse alegremente.

— Desculpe pela demora — disse a vendedora ao voltar para a sala. — Eu tive que... Ah. Meu Deus.

— Não acho que esse modelo de vestido seja exatamente o *meu* estilo — disse Audrey diplomaticamente, sem querer insultar o estoque da mulher.

— Acho que esse vestido em particular é provavelmente para poucas pessoas — disse a mulher com um sorriso. — Foi feito sob medida para uma noiva cujo casamento não deu certo. Ela pagou o preço total e, embora não ofereçamos reembolso em vestidos sob medida, ela insistiu que ficássemos com ele no caso de alguma outra noiva se apaixonar por ele.

— Bem, não foi *essa* noiva — disse Audrey, pegando o tecido da saia e voltando para o provador.

— Espere — ordenou Naomi. — Foto!

Audrey fez várias poses dramáticas enquanto Naomi tirava fotos. Afinal, era esse o motivo pelo qual elas estavam aqui.

Uma das melhores lojas de noivas da cidade ligou para Audrey e lhe ofereceu a loja e champanhe para ela e suas amigas se ela fizesse um desfile de moda casual para compartilhar com seus seguidores.

Depois de ter certeza de que não haveria pressão alguma para comprar ou se comprometer com um vestido, Audrey concordou. A loja de noivas era extremamente elitista, com reservas geralmente feitas com meses de antecedência. A maioria das seguidoras de Audrey nunca seria capaz de ver a loja pessoalmente, e ela ficou emocionada em poder lhes oferecer um vislumbre do interior, bem como oferecer às noivas inspiração em vestidos de grife.

Ela não tinha certeza se alguém encontraria inspiração nos botões e na explosão de renda que ela estava usando no momento, mas ela supôs que tinha gosto para tudo.

— Ok, então o favorito dos fãs até agora é definitivamente o sem alças com a faixa rosa na cintura — Claire falou do outro lado da sala aparentemente tendo assumido o monitoramento do telefone de Audrey. — Gostamos daquele?

— O decote, sim — disse Naomi — Não sei como me sinto em relação ao rosa. Audrey, você gostou do rosa?

— Eu não odiei — Audrey falou do provador enquanto vestia um vestido frente única justo — Ficou bonito, mas talvez um pouco moderno demais. Eu sempre imaginei o vestido tradicional todo branco.

Ela fechou o zíper o máximo que pôde e desistiu. Alguns ela conseguia se alongar até fechar o zíper; outros ela precisava de ajuda.

— Concordo com a coisa do todo branco — Naomi disse quando Audrey saiu do provador e se virou para que alguém pudesse fechar o zíper dela. — Embora eu *odeie* o fato de que é para representar pureza.

— Sim, por que quantas noivas você acha que são realmente virgens? — Claire perguntou enquanto puxava o zíper de Audrey e fechava o vestido no pescoço.

— Faz tanto tempo, para mim, que posso muito bem ser virgem novamente — Audrey resmungou enquanto parava na frente do espelho para ver o vestido. Era bonito, mas um pouco simples demais para seu gosto. Ela se virou e fez algumas poses para Claire tirar fotos.

— De quanto tempo estamos falando? — Naomi perguntou, trazendo a taça de champanhe de Audrey para ela. — Exatamente de quanto tempo é o seu hiato sexual?

Audrey tomou um gole.

— Hmm.

— Ah, não — disse Naomi, com os olhos arregalados de terror — Eu sabia que você estava *meio* na seca desde Brayden, mas você está me dizendo... *o tempo inteiro*?

— Bem, eu tentei sair da seca com Randy — Audrey se defendeu. — E veja no que deu.

— Sim, mas, querida... — Claire disse, parecendo preocupada — Brayden faleceu há um ano e meio.

Audrey resistiu ao impulso de retrucar que ela estava *bem* ciente de quanto tempo havia se passado. Audrey nunca se considerou uma criatura abertamente sexual. Ela gostava de sexo, definitivamente, mas percebeu que sentia falta da companhia, do romance e das borboletas no estômago de estar com Brayden muito mais do que sentia falta do aspecto sexual.

Mas nos últimos meses, ela oficialmente igualou as coisas. Os desejos de seu corpo alcançaram os de seu coração e sua mente, e ela decidiu fazer algo a respeito. Portanto, Randy. Sim, o cara acabou sendo um idiota, e um idiota casado, ainda por cima. Mas um com rugas de riso, um grande sorriso e ombros excelentes. Mais importante, o cara conhecia uma ou duas frases românticas e, para Audrey, sexo bom tinha *tudo* a ver com romance.

— Eu simplesmente não descobri como fazer sexo sem romance — disse Audrey, soletrando para suas amigas.

— Ah, é fácil — disse Naomi — Antes de Oliver, eu... — Ela parou — Na verdade, Claire. Você assume essa.

— Eu entendo — Claire disse a Audrey, assumindo — Tive o mesmo problema no ano passado. Lembra quando eu estava decidida a ser casual?

Audrey sorriu.

— Eu lembro. Você estava decidida a ter um caso.

— Eu estava decidida a não partir meu coração — Claire corrigiu. — Eu não percebi na época. Desnecessário dizer que eu não sabia que Scott seria tão...

— Dos sonhos? — Audrey bateu os cílios.

— Algo assim — Claire disse com um sorriso privado.

— Bem, estou decidida a isso também — Audrey apontou. — Já sei que não gosto de sexo sem romance. O romance é minha parte favorita!

— Então, por que você não está *procurando* romance? — Naomi perguntou. — Você é linda. Bem-sucedida. Doce. Inteligente. Divertida.

— Estou corando aqui — disse Audrey, fingindo abanar as bochechas.

— Estou falando sério. Estamos de olho, Tate. Nós sabemos exatamente os olhares que você recebe em bares, e eu poderia citar pelo menos dez homens que matariam por uma chance com você.

— Eu também — Claire disse.

— Não estou interessada — disse Audrey, bebendo o champanhe.

— Você não se *permite* se interessar — insistiu Naomi, teimosa. — Por quê?

Audrey lançou a ambas um olhar exasperado.

— Fui tão insistente assim quando vocês estavam tentando resolver as coisas com Oliver e Scott?

— Sim — elas responderam em uníssono.

Ela riu.

— Justo. Mas estou bem, eu prometo.

— Querida, você está experimentando vestidos de noiva para um casamento que você não tem intenção de fazer acontecer — Claire disse gentilmente — Não que isso não seja divertido — ela acrescentou rapidamente.

— Parece meio deprimente quando você fala dessa maneira — disse Audrey, verificando se a vendedora não estava por perto antes de afundar em uma almofada azul fofa, fazendo o possível para não amassar o vestido.

— Tendo dúvidas? — Naomi se sentou ao lado dela.

— Estranhamente, na verdade não — Audrey admitiu, olhando para as bolhas subindo em sua taça de champanhe. — Estou me divertindo muito com isso. Meus seguidores estão adorando, e é estranhamente bom manter esse jogo com Linda.

— Mas? — Claire perguntou.

Audrey olhou para cima, surpresa ao perceber que sua amiga a conhecia bem o suficiente para sentir que havia algo escondido sob a superfície, então percebeu que ela não deveria estar. Ela às vezes pensava que conhecia essas duas mulheres melhor do que elas mesmas – ela certamente sabia que elas estavam se apaixonando antes delas. Ela supôs que fazia sentido que elas a conhecessem muito bem também.

Ela mordeu o lábio.

— Provavelmente não é nada. Talvez minha imaginação. Mas continuo tendo esses momentos fugazes em que as coisas com Clarke parecem um pouco... estranhas.

— Estranhas como?

— É difícil descrever. Tipo, quando nos beijamos...

— Ah, graças a Deus — disse Naomi, se jogando na cadeira, em alívio. — Eu achei que ia morrer se você não falasse sobre isso, mas Claire disse que eu não poderia tocar no assunto a menos que você falasse.

— Por que você tocaria no assunto? — Audrey perguntou confusa.

— Porque foi *quente* — disse Naomi — Ele quase a dobrou para trás na frente de todos. E a maneira como ele olhou para você depois...

Os olhos de Audrey rolaram.

— Ele apenas sabe fingir bem.

— Uhum — disse Naomi, sem se preocupar em esconder seu ceticismo.

— Se foi só fingimento, o que há de estranho nisso?

Audrey soltou um suspiro irritado.

— Eu não sei. É só que... acho que já nos beijamos antes. Selinhos. Beijinhos de brincadeira. Mas nunca nos *beijamos*. Não dessa forma.

— Foi muito bom, hein? — Claire perguntou.

— Foi um bom beijo — admitiu Audrey — Porém, o cara tem muita prática, então eu meio que continuo tentando atribuir minha reação à sua *habilidade* inegável. Mas então...

— Ahh, tem mais. Ele pegou no seu peito? — Naomi perguntou alegremente.

— *Peito?* Quantos anos você tem? E não. Ele apenas... nós ficamos de mãos dadas.

Com o canto do olho, Audrey viu o nariz de Naomi franzir em desapontamento, mas Claire pareceu ter a reação oposta, seu olhar se aguçou levemente.

— Quando?

Audrey contou sobre o jantar e Clarke fazendo controle de danos depois que o Scandal Boy postou uma foto dele parecendo terrivelmente entediado por estar na presença dela.

— O momento no restaurante foi como o beijo — disse ela, franzindo a testa — Começou quase de brincadeira, muito falso, e então algo mudou. E eu realmente não sei o quê.

— Você acha que ele percebeu a mudança também?

— Talvez? Não sei, e é isso que me incomoda mais do que tudo. Continuo tendo a sensação de que há coisas que ele não está me contando. Ele está se contendo, e ele *nunca se* conteve perto de mim antes.

— Ele pode estar certo em manter distância — Claire disse gentilmente, vindo se sentar do outro lado de Audrey — Vocês estão brincando com fogo aqui. Ultrapassar os limites entre amizade e romance é perigoso. Talvez ele saiba, mesmo em um nível instintivo, que é inteligente manter alguma distância.

Audrey engoliu em seco, a ideia de Clarke mantendo distância parecia totalmente deprimente.

— Ok, vou perguntar algo que não é da minha conta — disse Naomi.

— Nossa, *que surpresa* — disse Claire.

Naomi deu a Claire um sorriso aberto e se voltou para Audrey.

— Você já pensou em tentar de *verdade* toda essa coisa de romance com Clarke?

Audrey grunhiu.

— Isso de novo não. Eu disse a vocês duas mil vezes que somos realmente, de *verdade*, apenas amigos.

— Sim, mas isso era antes.

— Antes de que?

— Antes de você saber que ele beijava bem. Antes de vocês ficarem de mãos dadas. Antes de você ter *sentimentos* — disse Naomi, baixando a voz para um sussurro.

— Eu não tenho esses *sentimentos* — Audrey disse brevemente, levantando-se para indicar que a conversa havia acabado.

Ela entregou seu champanhe para Claire e voltou para o provador.

Eu não tenho esses sentimentos, ela repetiu para si mesma. *Eu não tenho esses sentimentos*.

Engolindo em seco, ela repousou a mão na barriga, percebendo, consternada que dizer isso em voz alta e pensar repetidas vezes não fazia com que fosse verdade.

Capítulo Onze



QUARTA-FEIRA, 29 DE JANEIRO

— *S*im? — Clarke respondeu, sem desviar o olhar de seu computador quando bateram na porta. Clarke não a fechava com frequência, preferindo manter o ambiente de trabalho exatamente o oposto do que seu pai oferecia.

Se Alton West pudesse construir um fosso ao redor de seu escritório no último andar, ele o faria. Em vez disso, ele decidiu controlar o elevador. Ninguém poderia nem mesmo *chegar* ao escritório do CEO a menos que estivesse pessoalmente acompanhado pela assistente de longa data do pai de Clarke.

O escritório de Clarke ficava no andar logo abaixo de onde era o do CEO, e ele fazia questão de mantê-lo o mais aberto e acessível possível. Não porque particularmente gostasse de interrupções, mas porque descobriu que as pessoas trabalhavam mais e melhor quando se sentiam ouvidas.

Ainda assim, a filosofia de portas abertas, embora ideal na teoria, nem sempre era ideal para a produtividade de Clarke. No último mês, em particular, Clarke vinha lutando para acompanhar o fluxo constante de perguntas e demandas que pousavam em sua mesa.

Como resultado, ultimamente ele tem fechado a porta cada vez mais, na tentativa de bloquear o barulho. Ele não gostava, mas precisava evitar que seu desempenho caísse.

Clarke sabia por que Maria estava lotando sua caixa de entrada e calendário – ela sabia que seu oponente estava distraído com o casamento e viu sua chance de provar sua dedicação ao trabalho. O que ele não entendia totalmente era porque seu *pai* parecia estar contribuindo com sua miséria.

Não que ele estivesse reclamando, realmente. Clarke estava há anos esperando sentir que seu pai confiava nele o suficiente para se apoiar nele. E finalmente estava acontecendo. Ele simplesmente não entendia por que tinha que ser *agora*, quando Clarke estava tentando equilibrar reuniões de orçamento e provas de bolo.

— Sim? — Clarke chamou novamente, mais alto desta vez, quando quem bateu não entrou. Ele teve o cuidado de manter a impaciência fora de sua voz. Sua equipe sabia que não devia bater na porta quando estava fechada, a menos que fosse urgente.

Ele olhou para cima quando a porta se abriu, seus dedos congelando sobre o teclado quando ele viu o rosto familiar.

— Liz.

Sua ex sorriu timidamente.

— Posso entrar?

— Claro — disse ele automaticamente. Não porque ele queria vê-la, mas porque estava muito curioso. Elizabeth raramente ia vê-lo no trabalho quando eles estavam namorando. Ela estava muito imersa em sua própria carreira. O fato de ela ter tirado um tempo de seu agitado dia de trabalho agora era... interessante.

— Minha mãe mandou você?

Liz teve a decência de se encolher ao fechar a porta.

— Eu mereci essa.

— Ah — disse ele, sorrindo ligeiramente e recostando-se na cadeira — Então você admite que tem trabalhado com ela.

Ela ergueu o queixo ligeiramente em defesa.

— Ela sabe que desejo ver você desde que voltei para a cidade. Para saber como você está.

— Nós conversamos no almoço que vocês duas me enganaram para ir. — Clarke manteve a voz leve, mas havia uma nota de irritação em seu tom também. — Eu sei que você voltou porque está concorrendo a uma indicação na Procuradoria Geral. Eu sei que você acabou de comprar uma casa na 70th West e que teve um ano para ficar de luto por Lucy e acha que está pronta para adotar um gato. Eu sei que você ainda cata os pepinos de sua salada, embora eu afirme que eles não têm sabor e, portanto, são inofensivos.

Ela deu um sorriso fugaz e se aproximou de sua mesa.

— E eu sei que *you* ainda mora naquela casa na Madison Avenue que comprou depois que me mudei. Eu sei que se tiver cheeseburger no cardápio, você pede. Sei que Priscila ainda é sua assistente e que você foi promovido. Parabéns. — Ela ergueu as mãos e gesticulou ao redor do grande escritório e em direção a vista de Midtown.

— E ainda assim... — suas mãos abaixaram de forma que todas as pontas dos dez dedos se apoiaram levemente no lado oposto de sua mesa — ...você não mencionou um detalhe muito importante naquele almoço.

Clarke ficou em silêncio e imóvel, sem ceder um centímetro.

Ela se inclinou ligeiramente para a frente.

— Você não mencionou que ia se casar.

— Devo ter me esquecido — ele disse com um sorriso evasivo.

— Deve ter sido.

Seus olhos se encontraram e, como no almoço mencionado, Clarke esperou pelo sentimento de que aquilo era *certo*. Inferno, ele aceitaria uma *faísca*. Qualquer coisa para lembrar a si mesmo que ele já se importou com essa mulher um dia. Não que ele não se importasse com ela *agora*. Elizabeth já foi importante para ele e ele desejava apenas coisas boas para ela. Mas enquanto antes ele a achava linda, agora ela era apenas atraente, de uma forma imparcial e observadora. Não porque ela mudou, mas porque a maneira como ele se sentia por ela havia mudado. Ela era apenas uma lembrança boa agora, e o fato de ela estar de volta a Nova York não mudava isso.

Ainda assim, Elizabeth deu a ele um sorriso esperto.

— Por quanto tempo vocês dois vão continuar com isso?

Ele inclinou a cabeça, fingindo confusão.

— Para com essa merda, Clarke — disse ela, sentando-se sem esperar um convite — Eu sei por que Audrey está brincando de noiva. Seu trabalho é *literalmente* posar. Mas o que não consigo entender é porque você está concordando com isso. Para se vingar de mim, para irritar sua mãe ou por que Audrey ainda tem você na palma da mão dela?

— Cuidado, Liz.

— Ah, não quero ofender Audrey — disse Elizabeth. — Ela sempre foi legal comigo. Até comecei a gostar dela quando parei de ter ciúmes dela. Mas eu tinha ciúmes no início, e posso me lembrar claramente que você passou os primeiros meses de nosso relacionamento tentando aliviar meu ciúme, repetindo que ela era como uma irmã para você.

Estava na ponta da língua de Clarke a resposta usual. Insistir que Audrey *era* como uma irmã para ele. Hoje, porém, as palavras não saíram. Ele tentou dizer a si mesmo que era porque queria irritar Elizabeth, mas estava se tornando cada vez mais consciente de que as coisas entre ele e Audrey não tinham nada a ver com Elizabeth.

— Você se surpreende por eu estar prestes a me casar com Audrey? — ele perguntou. — Ou por eu estar me casando no geral? Porque eu me lembro que você deixou bem claro que eu não servia para ser marido.

— Você não servia para ser marido *na época* — ela esclareceu suavemente.

— Você tinha que, hmm, crescer. Manhattan era seu parquinho e você agia como tal. Você e eu sabíamos que você não seria feliz se mudando comigo para Washington.

Você nunca nem perguntou.

Mas o pensamento não continha a amargura usual. Por anos ele se incomodou com o fato de Liz o ter subestimado como seus pais. Presumindo que porque ele sorria demais, porque ele priorizava a diversão e gostava de

fazer as coisas em seu tempo e à sua maneira, ele não levava nada a sério, nem ninguém.

— Talvez eu não fosse feliz lá — ele concordou — Talvez Nova York sempre tenha sido meu lugar. E talvez Audrey sempre tenha sido a pessoa certa.

Ele disse isso para irritar Liz, mas no momento em que as palavras saíram de sua boca, Clarke se sentiu estupefato. Não porque a declaração era absurda, mas porque *não* era.

Talvez Audrey sempre tenha sido a pessoa certa.

Atordoado, Clarke recostou-se na cadeira, finalmente registrando o que o estava incomodando havia semanas. Que, apesar das manipulações de Elizabeth e de sua mãe, e mesmo com o aborrecimento genuíno e selvagem causado pelo Scandal Boy, Clarke nunca tinha se sentido mais centrado do que no último mês.

Como se sua vida finalmente estivesse no caminho certo.

Clarke balançou a cabeça rapidamente. *Claramente*, todo esse jogo que ele e Audrey estavam jogando começou a bagunçar sua mente.

Elizabeth o analisou de perto, e então franziu a testa como se estivesse frustrada por ele não ser um livro aberto.

— Clarke — Ela começou a se esticar por cima da mesa, então, sentindo seu erro ao tentar tocá-lo, puxou a mão para trás e simplesmente olhou para ele com firmeza. — Eu sinto sua falta.

Clarke não conseguiu descobrir se ficou surpreso com o anúncio ou não. Por um lado, ele não estava. Liz não vinha sendo exatamente sutil em suas tentativas de se reconectar com ele nos últimos tempos. Mas, por outro lado, a Liz que ele conhecia, ou pelo menos pensava que conhecia, raramente expressava emoções, muito menos vulnerabilidade, e ele não conseguia descobrir como se sentia sobre tudo isso.

— Por quê? — ele perguntou.

Ela riu.

— *Por quê?* Porque você é, bem... nós éramos bons juntos.

— Éramos?

— Clarke. — Ela estava exasperada. — Você sabe que éramos. Nós namoramos por um ano. Você não fica tanto tempo se não houver algo importante acontecendo.

— Verdade. Você também não muda de cidade se houver algo importante.

— Você sabe que eu tive que ir. A oportunidade...

— Você não podia recusar, eu entendo isso. Eu respeitei isso. Mas você deixou claro que não tinha lugar para mim nesse capítulo da sua vida. Relacionamento à distância não era uma opção, e você não me pediu para ir junto.

— Você teria ido?

Ele olhou para a mesa, considerando.

— Eu não sei — ele respondeu finalmente. — Mas o fato de você não ter perguntado disse muito.

Ela inalou e prendeu a respiração por um momento, antes de expirar lentamente.

— Bem, estou perguntando agora. Não para você se mudar para Washington comigo, mas para nos dar outra chance, aqui em Nova York. Para terminar o que começamos.

E com isso, Clarke definiu o que ele sentia por aquela mulher: gentil indiferença.

— Você chegou tarde, Liz — ele disse suavemente, se levantando para indicar o fim da conversa. — Vou me casar com Audrey.

— Ah, por favor — ela retrucou. — Você está apenas fingindo que vai se casar com ela para se vingar de sua mãe por mandar em você, e talvez para me punir, mas...

— Você está errada — Clarke interrompeu bruscamente. — Meu relacionamento com Audrey não tem nada a ver com você. Agora, se você me der licença. Tenho que encontrar minha noiva para a prova dos bolos. Tenho certeza de que você se lembra onde fica a saída.

A confeitaria era de elite, mesmo para os padrões de Manhattan. Clarke teve que passar por um segurança no saguão, um interfone do lado de fora de uma porta trancada e agora uma recepcionista que parecia estar a ponto de pedir sua identidade depois que ele disse seu nome.

— A Sra. Tate não informou que alguém se juntaria a ela — a loira disse friamente, dando-lhe uma olhada.

— Eu disse a ela que não poderia, mas consegui reorganizar minha agenda.

— Hmm. — A recepcionista parecia menos do que impressionada.

— Ela já está aqui? — Clarke perguntou pacientemente — Na verdade, quer saber? Vou ligar para ela e deixá-la explicar que sou o noivo dela, e então *você* pode explicar que estou atrasado para me juntar a ela porque ainda estou aqui no saguão.

Ele puxou o celular e a recepcionista cedeu com um suspiro.

— Venha por aqui, por favor.

Clarke a seguiu por um curto corredor, sem surpresa ao ver que o espaço, embora pequeno, era ostentoso. Fotografias brilhantes de bolos elaborados cobriam as paredes, e a iluminação era suave e estratégica, em vez da usual luz fluorescente forte em um arranha-céu em Midtown. Não se parecia nada com qualquer confeitaria em que ele já tinha estado e também não cheirava a uma.

— Não tem cheiro de bolo — ressaltou.

A loira gélida não se virou.

— Este é o nosso showroom e espaço de degustação. A cozinha é em outro lugar.

Ela não acrescentou a palavra *obviamente*, mas Clarke ouviu do mesmo jeito.

A recepcionista parou e gesticulou para que ele passasse por uma porta.

Audrey estava sentada em uma mesa redonda, preocupada com seu telefone, e seus olhos se arregalaram de surpresa quando ela o viu.

— Ei! O que você está fazendo aqui?

A loira atacou.

— Você não estava esperando-o?

— Ah, pelo amor de... — Irritado por ser tratado como uma pessoa interesseira em uma *confeitaria*, Clarke marchou em direção a Audrey e, plantando ambas as mãos no braço de sua cadeira, abaixou-se e grudou a boca sobre a dela.

Ele pretendia que o beijo fosse superficial e breve, e apenas para aplacar a Stormtrooper loira na porta, mas no segundo que seus lábios tocaram os dela, eles não tiveram pressa em sair.

Clarke percebeu então que o que ele realmente esperava com esse beijo era a confirmação de que o beijo na festa de noivado tinha sido um acaso e que a doçura viciante dos lábios de Audrey tinha sido fruto de sua imaginação.

Esse beijo jogou essa esperança da janela. Seus lábios se separaram levemente em surpresa, e Clarke teve que lutar contra o desejo de aprofundar o beijo por completo, de beijá-la de verdade. Estranho que tão bem quanto ele conhecia Audrey, tanto quanto ele pensava que sabia tudo sobre ela, ele não sabia *disso*. Que seus lábios fossem tão macios ou tão... certos.

Ele se forçou a recuar, seu ponto mais do que provado. Sentindo a confusão de Audrey e evitando seu olhar, ele se virou e deu à recepcionista seu sorriso mais arrogante. *Está vendo? Eu pertenço a ela.*

Finalmente satisfeita que Clarke realmente deveria estar aqui, a loira deu a ambos um aceno educado.

— Um membro da equipe estará com vocês o mais rápido possível para iniciar a degustação. Estamos só um pouco atrasados. Posso trazer-lhes alguma coisa para beber? Café? Chá? Vinho?

O vinho era extremamente tentador, considerando como seu dia estava indo até agora, mas ele e Audrey balançaram a cabeça. Audrey esperou até

que o ruído dos saltos da recepcionista diminuísse, então deu a ele um olhar penetrante.

— O que foi aquilo?

— Que lugar é esse, uma base militar ou uma confeitaria? — ele resmungou, enganchando a perna da cadeira com o sapato e puxando-a para que pudesse se sentar ao lado dela. — Realmente pensei que ela apertaria o botão do pânico porque meu nome não estava em sua lista de aprovados.

— Bem, você me disse que tinha uma reunião e não poderia vir, então eu disse a ela que estava sozinha.

— Eu tinha reunião — disse ele, esfregando as têmporas.

— Foi cancelada?

Algo assim.

Na realidade, ele tinha ficado tão desnortado com a visita de Liz e a estranha tempestade de pensamentos que isso gerou, que saiu do prédio da York e estava a meio caminho da confeitaria antes de se lembrar o motivo pelo qual recusou a degustação em primeiro lugar.

Ele pensou em voltar para a reunião agendada com o fornecedor, mas, em vez disso, ligou para um dos caras de sua equipe que estava solicitando mais responsabilidade em uma proposta nada sutil para uma promoção e pediu-lhe que assumisse a reunião em seu nome.

— Você está bem? — ela perguntou.

Clarke ergueu a cabeça, pretendendo contar a ela sobre a visita de Elizabeth ao escritório, mas então... não contou. Audrey e Clarke *não* tinham segredos, por si só, mas também não contavam um ao outro *todos* os detalhes de suas vidas amorosas. Eles tentavam o melhor que podiam para que a amizade deles e seus respectivos relacionamentos funcionassem lado a lado, seja com o raro encontro de casais quando ambos estiveram saindo com alguém ao mesmo tempo, ou com o cenário um pouco mais desconfortável de ser vela, o que ocorreu quando ele estava com Elizabeth e ela com Brayden.

No entanto, eles nunca compartilharam detalhes íntimos dos aspectos físicos ou emocionais. Eles se limitavam a contar os destaques... Randy bizarro e sua sala de espelhos ou a vez que Clarke foi para a casa de uma mulher que tinha *doze* pássaros e suas gaiolas ficavam em seu quarto. Mas essa era a parte superficial... as partes divertidas.

As coisas emocionais? Não muito. Clarke sabia, é claro, que a morte e a traição de Brayden haviam devastado Audrey, mas sua amizade com Claire e Naomi tinha sido sua rocha durante aquele momento tumultuoso. Quanto a ele, seu único relacionamento sério tinha sido Elizabeth, e ele não disse a Audrey quase nada sobre sua partida. Não sobre a conversa que levou a isso e nem sobre o fato de que *doeu*.

Ela estendeu a mão e pressionou suavemente a ponta do dedo indicador entre as sobrancelhas dele.

— O que é isso? Você está carrancudo. Você nunca franze a testa.

Ele instintivamente ergueu a mão para segurar os dedos dela. Ele não soltou.

— Desculpe. Dia difícil.

— Bem, você escolheu a maneira certa de torná-lo melhor. Essa empresa de bolos é superexclusiva, e o bolo em si é insanamente delicioso. Eles fizeram este bolo de noz-pecã e bourbon para o casamento de Diana Collier, e foi...

— Dree — ele interrompeu, apertando seus dedos. — Por quanto tempo vamos fazer isso?

— A degustação? Não deve durar mais do que uma hora ou...

— Não o bolo. Tudo. — Ele gesticulou entre eles — Por quanto tempo vamos manter a charada?

Audrey exalou lentamente.

— Eu não sei. Tudo está começando a parecer um pouco real, não é?

Ele deu a ela um meio sorriso.

— Digamos que nos primeiros dias do nosso joguinho, as pessoas me parabenizavam e eu levava dez segundos para lembrar a que estavam se referindo. Agora, eles me dão os parabéns e, eu até que ouço quando

começam a oferecer conselhos sobre casamento. Agora, levo dez segundos para lembrar que não vou me casar de *verdade*.

Ela riu.

— Eu sei o que você quer dizer. Passei uma hora ao telefone com a organizadora do casamento esta manhã. Eu me senti culpada até que voltei e olhei no contrato e confirmei que ela será paga de qualquer maneira. E paga muito bem, devo acrescentar.

— Contrato? Você assinou um contrato com as Wedding Belles?

Audrey gemeu e puxou a mão da dele para cobrir o rosto com as duas palmas.

— Eu sei. Eu sei! Eu oficialmente perdi toda a noção da realidade e controle da situação.

Eu também. Ele se recostou na cadeira, batendo os dedos na mesa. Nem mesmo o incomodava que eles gastaram tanto tempo, energia e dinheiro nessa farsa. O que o incomodava era que, quanto mais avançavam nesse jogo de fingimento, menos se tratava do casamento, e ele estava começando a ver muito claramente como poderia ser *depois* do casamento.

Estava cada vez mais fácil imaginar como seria a vida com Audrey.

— Ei — disse Clarke, esperando até que ela baixasse as mãos para que ele pudesse ver seu rosto. — Você quis dizer isso mesmo na outra noite no jantar? Quando você disse que não estava planejando se casar?

— Sim — ela disse automaticamente. — Se o último ano e meio me ensinou alguma coisa, foi que embora a ideia do Príncipe Encantado e felizes para sempre seja muito boa, dificilmente é isenta de riscos. E quando essas coisas dão errado, elas podem dar errado *de verdade*. A emoção de se apaixonar não vale o risco de acabar no lado ruim das estatísticas de divórcios, ou pior, ficar com o coração despedaçado.

O cérebro de Clarke zumbia com protestos. *E se o fundamento do casamento estivesse em algo muito mais estável do que qualquer amor romântico? E se fosse baseado em uma amizade para toda a vida?*

Clarke sentiu uma ideia se formando, uma das melhores que ele já teve.

Ele abriu a boca.

— Audrey...

— Aí está o casal feliz!

Audrey e Clarke se viraram em direção à porta, onde um homem alto e magro usando uma gravata-borboleta verde-menta se aproximou deles, a mão estendida.

— Estou *tão* decepcionado por te fazerem esperar — disse ele, dando-lhes um aperto de mão antes de se sentar à mesa ao lado deles — Tivemos uma pequena emergência com o glacê. Não acontece com frequência, mas quando acontece, é necessária toda ajuda possível. Agora... — ele disse, abrindo um fichário enorme — eu tenho o perfil de vocês bem aqui, e ele diz que vocês ainda não restringiram seus sabores de bolo, o que é uma boa notícia para mim, pois significa que iremos provar *todos* eles esta tarde...

Audrey imediatamente se inclinou para frente com entusiasmo quando Clarke se inclinou ligeiramente para trás, desligando-se enquanto o exuberante funcionário falava monótonamente sobre ganache e coulis de framboesa.

Clarke jurava pela vida dele que não conseguia decidir se estava aliviado ou desapontado pelo homem ter interrompido o que ele estava prestes a propor a sua melhor amiga.

Capítulo Doze



QUARTA-FEIRA, 29 DE JANEIRO

Clarke voltou ao escritório uma hora depois, seu temperamento extremamente melhorado devido a grandes quantidades de açúcar e a felicidade habitual que ele sentia ao passar tempo com Audrey. Mesmo com muita coisa não dita entre eles, mesmo quando ele estava repensando tudo, uma coisa nunca mudava: simplesmente por estar perto dela, Clarke sempre sentia toda a merda do mundo sumir.

A folga do mundo real, no entanto, foi temporária. Assim que a bunda de Clarke se acomodou em sua cadeira, sua assistente ligou em seu telefone.

Ele atendeu.

— Sim?

— Sr. West gostaria de vê-lo em seu escritório.

Não *seu pai*. Sempre o *Sr. West* gostaria de vê-lo.

Priscilla sempre teve o hábito de se referir ao pai de Clarke como o *Sr. West*. Porém, agora que ele pensou sobre isso, Clarke não ficaria surpreso se as instruções viessem direto do próprio Alton, em uma tentativa de manter distância. Não é como se Alton já estivesse ansioso para chamar a atenção para o fato de que ele e Clarke compartilhavam laços sanguíneos.

— Deixe-me adivinhar — disse Clarke, esfregando os olhos com cansaço — ele me espera lá em cima o mais rápido possível.

Ele ouviu o sorriso na voz de sua assistente.

— Dez minutos atrás, na verdade. Liguei para o seu celular. E mandei uma mensagem.

— Desculpe por isso — disse ele, puxando o telefone do bolso do terno e tirando-o da função “não perturbe”.

As escadarias nos arranha-céus de Manhattan não eram muito utilizadas, exceto para os ocasionais exercícios torturantes de incêndio, mas como seu título de vice-presidente significava que ele estava apenas um andar abaixo do escritório de seu pai, ele passou a usar a escada. Em parte, porque pegar o elevador para subir um andar parecia preguiçoso e indulgente, em parte porque a escada fria às vezes era a única solidão que ele tinha durante a jornada de trabalho.

Mas *principalmente* porque isso deixava seu pai louco.

A escada garantia que Clarke entrasse no andar executivo *atrás* da mesa da assistente de Alton. Ele não tinha nada contra Roberta, mas ter uma vantagem sobre seu pai era um bônus raro que Clarke gostava de ter.

Hoje, no entanto, foi negado a Clarke o prazer de pegar seu pai desprevenido. A porta do escritório de Alton estava aberta e, em vez de parecer surpreso ao ver Clarke, ele parecia estar esperando por ele.

Clarke ergueu as sobrancelhas. Ele nunca tinha visto seu pai esperar ninguém. Ele nunca foi capaz de descobrir se seu pai forçava indiferença ou realmente *era* indiferente. Indiferente com a esposa, indiferente com o filho... indiferente com toda a sua vida fora do trabalho.

Alton acenou com a cabeça em alívio quando viu Clarke.

— Entre. Feche a porta.

Clarke obedeceu às instruções e depois fez uma reverência.

— Você ligou?

— Para com essa merda, filho.

Clarke fez o possível para esconder sua surpresa. Alton o chamou de *filho* várias vezes ao longo dos anos, mas quase nunca no escritório. Ele deu a seu pai um olhar mais atento, notando que ele parecia quase distraído.

— Tudo certo? — Clarke perguntou.

— Certo. Certo. Senta.

Clarke obedeceu, um pouco nervoso e surpreso por não ter sido convocado para receber ordens ou para responder a uma enxurrada de perguntas sobre seu relatório trimestral ou para receber um sermão sobre como se ele realmente quisesse a empresa, ele teria que continuar com sangue no olho.

— Você saiu para almoçar? — Alton perguntou sem jeito.

— Isso. — Bolo contava como almoço, certo? Clarke se recusou a explicar como escolhia passar seu tempo. Ele não era um analista recém-saído da faculdade. Ele não precisava que sua agenda fosse administrada por seu chefe ou pai.

Mais uma vez, seu pai o surpreendeu, acenando com a cabeça agradavelmente em vez de apontar que Maria sempre almoçava no escritório, ou não almoçava, e se Clarke quisesse a empresa tanto quanto ela, ele deveria viver à base de barrinhas de proteína e antiácido também.

— Como Audrey está?

Clarke recostou-se na cadeira, batendo os dedos enquanto estudava seu pai

— Como você sabia que eu estava com Audrey?

— Era lógico. Com ela sendo sua futura esposa e tudo mais.

O olhar de seu pai se fixou em Clarke quando ele disse isso, uma leve ênfase zombeteira no *futura esposa*. Bem, isso respondia à sua pergunta. Seu pai pode ser indiferente, mas ele não estava totalmente alheio. Ele sabia tudo sobre a batalha de vontades acontecendo entre seu filho e sua esposa.

— Você queria alguma coisa? — Clarke perguntou, não estando disposto a jogar qualquer jogo que Alton estivesse tentando jogar. Ele já estava ocupado gerenciando sua mãe.

Alton se inclinou para frente.

— Sempre gostei de Audrey.

Clarke piscou.

— Sério?

Alton sorriu.

— Você parece surpreso.

— Bem. Não posso dizer que já senti as ondas de aprovação calorosa emanando de você quando ela está por perto.

— Eu já fui caloroso *alguma vez*?

Clarke deu uma risada aguda.

— Verdade.

— Só porque eu não sou uma figura paterna estilo ursinho de pelúcia não significa que eu não vejo que ela é boa para você. Que ela sempre foi boa para você.

— Pai — disse Clarke, se mexendo desconfortavelmente — Você sabe que essa coisa comigo e Audrey, é tudo...

— Uma farsa? — Alton disse, seu sorriso se alargando ligeiramente.

— Bem ... sim — disse Clarke. Ele e seu pai podem não ter um relacionamento caloroso, mas ele não conseguia mentir abertamente para o homem — Tudo começou como uma piada, porque os idiotas da Internet estavam atrapalhando Audrey, e então continuamos porque...

— Porque sua mãe tentou coagir você a ter um relacionamento com a versão dela de uma parceira perfeita para você.

— Praticamente — admitiu Clarke.

Alton balançou a cabeça lentamente, virando a cabeça e olhando pela janela por um tempo.

— Ela está errada, você sabe.

— Sobre tentar controlar a vida amorosa de seu filho adulto? Sim, estou ciente.

— Isso, mas também sobre Elizabeth ser a parceira ideal para você.

Seu pai ainda estava olhando pela janela. Clarke estudou o perfil dele, tentando descobrir o que havia causado aquele clima estranho. Ele nunca havia discutido qualquer relacionamento com seu pai antes, muito menos um relacionamento amoroso. O fato de seu pai ter notado a ex-namorada ou

melhor amiga de Clarke era algo inesperado. Que ele tinha *comentado* sobre isso era perturbador.

— Você não gosta de Elizabeth? — Clarke perguntou com cautela.

Alton acenou com a mão.

— Eu gosto dela o suficiente.

— Mas não para mim.

Seu pai se voltou para Clarke com uma expressão séria.

— Elizabeth me lembra sua mãe de muitas maneiras.

Clarke sorriu.

— Provavelmente por isso que mamãe gosta tanto dela.

— Sim. Provavelmente — Alton não sorriu de volta. — E *sua* mãe de muitas maneiras me lembra a *minha* mãe.

Clarke estremeceu.

— Jesus, pai. Você tem que avisar um cara antes de trazer todo esse complexo de Édipo.

Alton se inclinou para frente novamente, sua expressão intensa, ignorando o desconforto de Clarke.

— Sua avó não era uma mulher suave. Ela tinha opiniões fortes e era muito boa em conseguir o que queria.

— Ok? — Isso não era uma surpresa. A avó de Clarke faleceu há alguns anos, mas ele se lembrava bem dela sendo uma mulher temível e inflexível.

Alton olhou para suas mãos por um momento.

— Sua avó me apresentou a sua mãe. Você sabia disso?

— Não.

Alton concordou com a cabeça uma vez.

— Ela nos apresentou. Me incentivou a cortejá-la, embora eu estivesse namorando outra pessoa na época. Uma menina bonita e doce que me fazia rir.

Clarke ergueu os olhos com surpresa.

Alton deu um sorriso fugaz.

— Sim, filho. Eu sei rir. Ou pelo menos eu sabia.

— O que aconteceu?

Alton apenas sustentou seu olhar.

— Minha mãe aconteceu — disse Clarke, categoricamente.

— Sua mãe é uma boa mulher. Ela te ama muito. Ela quer o melhor para você, assim como minha mãe queria o melhor para mim.

— Mas você acha que ela está errada.

Alton hesitou.

— Acho que ambas estavam erradas. Sinto muito se isso é difícil de você ouvir.

— Você se esquece que nós três vivíamos sob o mesmo teto — Clarke disse calmamente. — Você não tem que me proteger do fato de que o seu relacionamento com minha mãe não é exatamente... afetuoso.

Era um eufemismo, mas Alton certamente não precisava que seu filho repetisse o quão frio era seu próprio casamento. Clarke não conseguia se lembrar de seus pais se tocando, a menos que fosse para posar para uma foto, não conseguia se lembrar deles saindo para jantar a menos que fosse com outro casal para fins de manter as aparências. Não conseguia se lembrar deles sequer *conversando*, a menos que fosse para discutir o boletim de Clarke ou o calendário social deles ou um resumo monótono de seus respectivos dias de trabalho.

— Por que você se casou, então? — Clarke perguntou.

Alton ficou em silêncio por um longo momento, olhando pela janela mais uma vez.

— Tenho vergonha de admitir que mal consigo me lembrar. Suponho que parecia o caminho de menor resistência, e minha mãe e a sua me lembraram que seria um casamento vantajoso. Éramos das famílias certas e, no papel, Linda e eu combinávamos. Sérios, comprometidos com nossas carreiras...

— Pai. Se você está tentando me alertar para não seguir seus passos, não precisa se preocupar. Não tenho nenhuma intenção de me casar com Elizabeth.

— Eu sei.

— Sério? — Clarke disse, em dúvida — Então para que diabos foi toda essa conversa, se não para me avisar para não seguir seus passos?

— Eu não quero que você cometa meus erros...

— Certo, eu entendi isso. Não se case com alguém que minha mãe escolheu para mim. Pronto.

— Não só isso — disse seu pai, impaciente. — Eu quero que você se case com a garota que te faz rir. Não a deixe escapar...

— O que você... Espere, Audrey? Já te disse, somos apenas amigos. Estávamos apenas brincando com a coisa do noivado...

— Case com aquela garota, Clarke. Você não vai se arrepender.

Clarke deu uma revirada de olhos bem-humorada.

— Fantástico. Agora, meus pais estão tentando me empurrar para o altar com mulheres diferentes.

— Não é a mesma coisa — seu pai disse calmamente.

— Como não?

Alton o estudou com um olhar enigmático e conhecedor.

— Você descobriria com o tempo, mas como não sou um homem particularmente paciente, talvez eu possa ajudar a acelerar o processo.

Clarke deu a seu pai um olhar cauteloso.

— Case com Audrey — disse o pai, olhando-o diretamente nos olhos. — Case com Audrey e a empresa é sua.

Clarke estava batendo preguiçosamente os dedos um no outro, mas ficou completamente imóvel.

— *O quê?* Jesus, pai, e eu pensando que minha mãe era a manipuladora mestre, mas isso... esse é um outro nível de... não acho que haja palavras.

Seu pai não disse nada. Ou talvez ele tenha dito. Clarke estava muito ocupado tentando organizar seus pensamentos cambaleantes.

Quando ele finalmente se reorganizou, ele se levantou e olhou para seu pai.

— Eu mereço esta empresa porque eu conquistei isso. Porque fiz um ótimo trabalho. Não quero que isso seja entregue a mim por causa de algum jogo que você e minha mãe estão fazendo com o meu futuro.

— Sua mãe e eu podemos jogar o jogo, mas você é o único que ficará com o prêmio.

— Só você descreveria sua própria empresa como um prêmio — respondeu Clarke, virando-se, enojado.

— Não — disse Alton, sua voz tão afiada que Clarke congelou — Audrey, filho. *Audrey* é o prêmio.

Capítulo Treze



SÁBADO, 1 DE FEVEREIRO

— *No* que diz respeito aos espaços cavernosos, é muito bom — disse Clarke com aprovação, olhando ao redor da área do loft no andar de cima do apartamento de Oliver e Naomi.

— Eu acho que é um elogio muito bom de um cara cuja casa inteira é cavernosa — Oliver disse.

— Ela é? — Scott perguntou curioso, tomando um gole de cerveja e olhando para Clarke. — Sabe, nunca vi sua casa.

— Nem eu — disse Oliver. — Só ouvi de Naomi, que ouviu de Audrey, que é basicamente o paraíso dos homens.

— Se vocês esperam que eu fique chocado com meu descuido e convide vocês dois para um chá, vocês ficarão desapontados — Clarke disse alegremente, acomodando-se no sofá de couro preto. — Eu sei que não devo convidar um arquiteto e empreiteiro para entrar em minha casa.

— O que exatamente você acha que vamos dizer? — Oliver perguntou.

Clarke encolheu os ombros.

— Que a fundação está instável. A parede de gesso é uma merda. Meu chão está torto. Que meu teto não tem as vigas de suporte certas. Eu não sei, algo que vai exigir que eu mude enquanto é consertado.

— Era de se pensar que você *gostaria* de saber tudo isso sobre a sua própria casa — Scott observou.

— Não. — Clarke deu um gole em sua cerveja. — Ignorância é uma benção.

— E se prometermos não dizer nada além de “é bom”? — Oliver propôs, recostando-se na mesa de bilhar e cruzando os pés na altura dos tornozelos.

Scott já estava balançando a cabeça.

— Eu não concordo com isso. Se o seu teto estiver prestes a desabar, eu direi a você. O que, aliás, é um elogio. Significa que o considero um amigo.

— E se eu não fosse um amigo? — Clarke perguntou curiosamente. — Você simplesmente me deixaria ser esmagado por uma construção de casa de má qualidade?

Scott grunhiu.

— Vamos apenas dizer que se eu tivesse entrado na casa de Brayden Hayes quando ele ainda estava vivo e visto uma parede prestes a cair sobre ele, eu não teria dito uma única palavra. Supondo, é claro, que Claire não estivesse na casa quando ela desabasse em torno do bastardo.

Oliver estendeu a mão e bateu o gargalo de sua garrafa de cerveja contra a de Scott.

— Eu tive algumas fantasias semelhantes.

“*Eu também*”, pensou Clarke. O ódio por um homem morto era uma coisa estranha para se formar uma amizade, mas havia formado uma do mesmo jeito. Embora, tecnicamente, Oliver e Scott fossem amigos desde a escola de arquitetura, muito antes de Clarke ter conhecido qualquer um deles. Mas no ano passado, sua amizade foi cimentada ainda mais quando Oliver foi morar com a ex-amante de Brayden e Scott se casou com a viúva do homem.

Clarke havia se juntado ao grupo a princípio na periferia, como o ocasional par de Audrey, mas com o tempo, ele se tornou amigo de Oliver e Scott por mérito próprio. Ele e Oliver estavam no mesmo círculo social havia anos. Na verdade, no papel, ele e Oliver tinham muito em comum. Nascidos e criados no luxuoso Upper East Side, os pais estabelecidos como líderes empresariais. Se não tivessem sido mandados para escolas preparatórias

diferentes, Clarke esperava que já tivessem sido amigos há muito tempo. No entanto, foi preciso que Oliver se apaixonasse por Naomi, e Naomi e Audrey se tornassem amigas rapidamente, para aproximá-los.

Scott era um pouco mais misterioso para Clarke. Ele era de Vermont ou New Hampshire ou de algum lugar com uma população de 12 pessoas, mas tinha se destacado, não apenas no mundo imobiliário de Nova York, mas internacionalmente, como empreiteiro encarregado de alguns dos arranha-céus mais prestigiosos e monumentos marcantes de seu tempo.

O resultado foi um homem que parecia tão confortável com um smoking com champanhe na mão quanto com uma jaqueta de couro e cerveja. Na verdade, isso não era totalmente verdade. A jaqueta de couro, jeans e botas que Scott usava agora pareciam um ajuste muito mais natural. Mas Scott se encaixava em seu mundo quando lhe convinha. O que não era frequente.

— Sabe, talvez a despedida de solteiro seja uma boa hora para vermos a casa? — Oliver disse com um sorriso malicioso ao olhar para Clarke.

— Sim, me diz que você pelo menos ganha uma stripper com toda essa história de casamento falso — disse Scott. — Eu pensei que Claire estava brincando quando ela me contou sobre isso.

— Não é uma brincadeira. Você estava na festa de noivado — Clarke observou.

— Eu estava — Scott falou lentamente. — Não vi muita coisa que parecia falsa.

Clarke se inclinou para frente e passou o polegar pelo rótulo da garrafa.

— Ele está se referindo ao beijo — Oliver disse.

— Eu sei do que ele está falando — Clarke disse irritado. — É por isso que fui convidado para o seu jantar? Para que você pudesse me interrogar sobre isso?

— Não, Naomi convidou você para o jantar para que *ela* pudesse interrogar você. Estou apenas lhe dando um adiantamento — Oliver disse.

— Embora eu suspeite que nossos momentos aqui sejam limitados antes de

sermos chamados para a salada, ou alguma merda, então se você quiser desembuchar, faça agora.

— Eu não quero desembuchar — Clarke disse. Ele percebeu no momento em que as palavras saíram que era uma mentira. Ele *queria* falar sobre isso, e esses dois caras eram tão bons quanto qualquer outra pessoa. Ele se levantou e caminhou pela sala, olhando ao redor sem realmente ver a TV de tela grande de Oliver, a mesa de sinuca, a geladeira embutida e o bar cheio de uma variedade de uísques. — Vocês acham que estou louco.

— Estar de boa vontade passando pelo processo de planejamento do casamento sem nem mesmo conseguir sexo com isso? — Scott disse. — Sim. Um pouco. Espere, você não vai conseguir sexo com isso, vai?

— Não — disse Clarke.

— Você não parece totalmente satisfeito com isso — Oliver observou.

Clarke ignorou isso. Ele *não* queria falar sobre sexo. Ou o fato de que ele não estava tendo nenhum. Ou o fato de que ele estava pensando nisso mais do que um adolescente ultimamente. Para não falar do fato de que o assunto de suas fantasias bastante vívidas estava totalmente fora dos limites.

— Você pelo menos conseguiu provar o bolo? — Scott perguntou. — Essa foi a minha parte favorita.

— Eu pensei que você e Claire tivessem fugido disso.

— Nós fugimos. Eu quis dizer degustação de bolo no meu primeiro casamento. Bem, *quase* casamento.

— Isso mesmo — Clarke meditou. — Eu esqueci que vocês dois estavam noivos.

Clarke não sabia de todos os detalhes, mas se ele estava se lembrando corretamente, a noiva de Scott o traiu, e a de Oliver desistiu quando soube que ser casada com Oliver significava que ela também teria que lidar com seus pais doentes.

— Bem, boas notícias, você logo se juntará ao nosso clube — Oliver apontou.

— Que clube?

— O clube de noivado rompido.

— Ah — Clarke disse levemente.

Os olhos de Scott se estreitaram ligeiramente.

— O que é que foi isso?

— O que é o quê?

— Você sabe o quê — Oliver disse, se endireitando. — Esse “ah” foi carregado.

— Não foi.

— Você e Audrey estão noivos para fingir, certo? — Scott perguntou, carrancudo. — Eu não perdi algum desenvolvimento crucial?

— Não, você acertou — disse Clarke distraidamente.

— Ok, eu ouvi a versão feminina do porquê — Oliver disse. — Mas qual é a sua história? Algo sobre sua mãe ser meio...

— Uma vadia — Scott disse descaradamente. — Sem ofensa.

— Não ofendeu. Ela pode ser.

— E sua ex, também, certo? Ela e sua mãe estão em conluio tentando, o quê, apressar você pelo corredor?

O apelo de Liz sussurrou na mente de Clarke. “*Eu sinto sua falta*”. Mas aquela pequena bomba não foi nada comparada com a pancada que seu pai dera horas depois.

Ele e seu pai não se falavam desde a reunião bizarra em seu escritório alguns dias antes. Clarke esperava que tudo tivesse sido um sonho, que seu pai não tivesse realmente balançado a empresa à sua frente como uma cenoura para atraí-lo pelo corredor.

Mas embora seu pai não o tivesse pressionado sobre o assunto, ele também não o havia retratado.

Clarke estava apavorado – e bastante certo – que seu pai quis dizer cada palavra. Que York seria dele se ele e Audrey continuassem com o casamento.

A ideia era absurda e... não tão desagradável quanto deveria ser.

— Posso pegar outra? — Clarke perguntou a Oliver, apontando para a garrafa de cerveja.

— Fique à vontade.

— Então, quem é essa sua ex? — Scott perguntou. — Alguém que eu conheço?

— Elizabeth Milsap.

Os dois homens balançaram a cabeça.

— Nós namoramos por um ano ou mais. Alguns anos atrás. Nós terminamos quando ela foi para Washington.

— Você não queria ir?

— Eu não fui convidado.

Foi a vez de Oliver proferir um *ah* revelador.

— Você a quer de volta? — Scott perguntou com sua franqueza de costume.

Clarke abriu outra cerveja, mas não bebeu.

— Não. Na verdade, toda essa coisa de noivado falso começou como uma necessidade infantil de dizer a ela que ela estava errada sobre mim.

Oliver balançou a cabeça.

— Não estou seguindo.

Clarke suspirou e encostou-se no bar, de frente para seus amigos.

— Quando Liz foi embora, não foi necessariamente amargo, mas também não foi exatamente bom. Ela sempre foi muito focada na carreira, orientada por objetivos. O tipo de mulher que tem seu plano de vida delineado em uma planilha do Excel. Ela deixou claro que eu não tinha feito o crescimento necessário para garantir um lugar naquele plano.

— Que tipo de crescimento?

Clarke encolheu os ombros.

— Você sabe. Eu não servia para ser marido.

— E você achou que servia?

— Achei que merecia uma chance para tentar. Naquela época, pelo menos. Agora, eu sei que não sirvo. *Agora*, eu sei que ela acertou na primeira vez.

— Besteira. Você é um cara bom.

— Eu sei — disse Clarke com um sorriso, apreciando o elogio. — Mas também sou uma espécie de galinha.

— Somos todos galinhas até não sermos mais — disse Scott. — Tive uma mulher diferente em cada cidade e nunca prometi a uma única delas que ligaria de novo.

— O que mudou?

Scott olhou para ele como se ele fosse um imbecil.

— Claire.

— Certo. Claro. Mas como você... por que você...

— Eu nem sequer pensei sobre isso — Scott disse, antecipando a pergunta de Clarke. — Acordei um dia e senti que acabar com aquela parte da minha vida não seria um sacrifício nenhum. Dada a escolha entre dormir com uma dúzia de mulheres diferentes ou dormir com *A* mulher pelo resto da minha vida? Nem hesitei.

— Por que, você está pensando que pode ser o tipo que se casa, afinal? — Oliver perguntou a Clarke com curiosidade.

— Talvez — admitiu Clarke, um tanto surpreso ao se ouvir dizer isso em voz alta e ainda mais surpreso ao perceber que isso não o encheu de terror imediato. Talvez estivesse apenas envelhecendo, mas a ideia de voltar para casa para alguém – a mesma pessoa – parecia mais atraente do que nunca.

— Então esta mulher, Elizabeth. Você acha que ela mudou de ideia sobre você servir para ser marido?

— O que? Ah — ele disse, mudando seus pensamentos de volta para Liz.

— Eu não sei. Eu acho. Ela veio ao meu escritório na quarta-feira e fez um barulho nítido sobre querer voltar.

Scott assobiou.

— Isso é corajoso. Até onde ela sabe, você está noivo.

— Sim, bem, acho que ela tem um bom senso de quão comprometidos Dree e eu realmente estamos.

— Ou seja, nem um pouco.

— Exatamente. Mas...

— Olá, rapazes — disse Audrey, entrando na caverna de Oliver. Vestida com jeans escuro, uma camiseta branca lisa e seu rabo de cavalo de costume, ela era o epítome da garota da porta ao lado.

Sua garota da porta ao lado.

Não. Não dele. Não pra valer.

Não da maneira que importava.

— Uau, testosterona aqui. — Audrey acenou com a mão na frente do rosto. — Estou surpresa que não haja um alvo de dardos e um umidor.

— Eles serão entregues na segunda-feira — Oliver disse com um sorriso.

— Imaginei. Enfim, Naomi me mandou subir. Os aperitivos estão prontos.

— Aperitivos de *verdade* ou canapés complicados? — Scott perguntou cético.

Audrey inclinou a cabeça.

— Acho que um homem com barba no queixo, vestindo uma jaqueta desbotada, que também diz palavras como *canapés*, pode ser a coisa mais sexy que já vi.

Scott riu e passou o braço em volta do pescoço de Audrey enquanto se dirigiam para a porta.

— Você gosta disso? Eu tenho palavras mais chiques. Hors d'oeuvres. Foie gras. *Indubitavelmente*.

— Se eu desmaiar, você terá que me carregar escada abaixo — disse Audrey, rindo enquanto eles saíam da sala, Oliver em seus calcanhares.

Clarke demorou um pouco mais, olhando para eles com a testa franzida enquanto tentava entender a emoção desconhecida se instalando em seu estômago. Quando ele finalmente a identificou, sua carranca se aprofundou. Foi a primeira vez para ele, e ele entendeu agora por que tinha a reputação de ser tão desagradável.

Ciúmes.

Capítulo Catorze



SÁBADO, 1 DE FEVEREIRO

Audrey conseguiu manter o sorriso no lugar durante todo o jantar. Ela riu nos momentos certos, elogiou as flores frescas na mesa de Naomi, se entusiasmou com a comida e se deliciou junto com Claire e Naomi ao observar os homens lavando a louça. Havia algo absolutamente divertido em assistir grandes mãos tentando lavar taças de vinho brancas delicadas.

Mas, sob a superfície, ela estava sofrendo. Ironicamente, a única pessoa a notar foi a própria pessoa culpada por isso.

— *Você está bem?* — Clarke murmurou durante o jantar. Ela assentiu.

— *Tem certeza?* — ele disse com o canto da boca enquanto limpava a mesa.

Ela assentiu novamente, mesmo quando seu cérebro gritou não.

Ela *não* estava bem. Ela não estava nada bem com o que tinha ouvido Clarke contar aos rapazes e, o pior de tudo, ela não conseguia nem identificar exatamente o *porquê*. E daí se Elizabeth o quisesse de volta? Não é como se Clarke quisesse Elizabeth de volta, e mesmo que ele quisesse, Audrey deveria estar feliz por eles.

Mas, por mais que tentasse ficar feliz por Clarke, ou pelo menos parar de cuidar da vida dele, não conseguia parar de sentir uma dor no peito por saber que ele não tinha confiado nela. Ele contou aos rapazes sobre a proclamação de Elizabeth, mas para ela não.

E tinha acontecido na *quarta-feira*, o mesmo dia da degustação do bolo, quando havia *muito* tempo para compartilhar – se não na degustação em si, pelo menos quando eles saíram para jantar naquela mesma noite. Ou ontem, quando eles foram almoçar. Ou mais cedo esta noite, quando eles dividiram um táxi no caminho para a casa de Naomi e Oliver.

Ela estava perplexa. Brava. *Magoada*. Três emoções que eram todas estranhas em relação a Clarke. Ela não tinha a menor ideia de como resolver os sentimentos desconhecidos e certamente não sabia como fazer isso em público, então, durante o jantar, ela desempenhou o mesmo papel de sempre: a Audrey risonha, alegre e otimista.

Mas a fachada caiu no momento em que ela e Clarke pisaram na calçada do lado de fora da casa de Oliver e Naomi. Ela teria preferido sair sozinha, mas já que Claire e Scott estavam indo para o apartamento de Scott no West Side, ela e Clarke eram os únicos indo para o Upper East Side, e ela não conseguiu pensar em um bom motivo para eles não irem juntos. Eles eram Audrey e Clarke. Clarke e Audrey. Eles tinham sido uma unidade muito antes de ficarem “noivos”, e agora eles eram... ela não sabia o que eles eram.

— Certo — Clarke disse com um sorriso, gentilmente agarrando seu braço enquanto eles pisavam no ar noturno. — *Agora* me diga o que há de errado.

Audrey puxou o braço para longe, e a expressão dele tremeu em confusão.

Ela cruzou os braços e olhou para suas botas quando teve uma conclusão alarmante. Ela estava errada, antes, ao pensar que estava bem com a visita de sua ex ao escritório dele. Ela não estava *apenas* chateada por Clarke não ter contado a ela sobre Elizabeth. Se ela fosse brutalmente honesta consigo mesma, a ideia de Clarke e Elizabeth passando um tempo juntos fazia seu estômago embrulhar.

— Por quê? — Audrey finalmente perguntou em voz alta, uma vez que ela conteve a sensação inesperada de náusea.

— Por que o quê?

— Por que você não me disse que Elizabeth foi ver você na quarta-feira?

Ele franziu a testa.

— Como você soube disso?

— Bem, não de você! — ela retrucou.

Seus olhos se estreitaram ligeiramente.

— Espiando muito, Dree?

— Guardando muitos segredos, Super Homem? — ela atirou de volta, deliberadamente usando seu apelido menos favorito.

Ele ergueu as mãos em exasperação.

— Desculpe. OK? Não é como se eu quisesse que fosse um grande segredo.

— E ainda assim você contou aos caras e não à sua noiva?

Ela estremeceu assim que disse isso, bem ciente de quão *ciumenta* parecia. Seus olhos se estreitaram novamente em especulação.

Audrey ergueu a mão.

— Não. Não há necessidade de me corrigir. Eu sei que não sou realmente sua noiva. Mas eu sou sua amiga. Achei que fosse sua *melhor* amiga.

— Você é minha melhor amiga. Sério, por que isso é importante?

Ela bufou. *Tão machão.*

— Tanto faz. Esqueça. — Ela começou a girar em direção ao meio-fio para chamar um táxi.

Ele estendeu a mão e agarrou a dela.

— Espera. Ainda não terminamos.

— Tá bom. — Ela se virou e esperou. — Estou ouvindo.

Ela praticamente podia ouvir seus dentes rangendo de frustração.

— É só que... ter sua ex-namorada te visitando não é algo que você diga para sua noiva. Parecia estranho trazer isso à tona.

— Especialmente porque ela não *apenas* te visitou. Ela disse que queria você de volta — desafiou Audrey.

— Uau, você *realmente* escutou todos os detalhes.

— Bem, mas é verdade, não é? — Audrey pressionou, não o deixando fugir da pergunta. — Ela quer você de volta?

Ele olhou para seus pés e depois para ela, encolhendo os ombros.

— É o que ela diz.

Audrey olhou para ele com atenção.

— O que aconteceu com vocês dois? Naquela época? Você nunca falou sobre isso. Achei que talvez não houvesse muito para contar, mas agora que sei que você guarda segredos...

— Você vai parar com isso? Não temos *segredos*. Quantos anos você tem agora, oito?

Ela não mordeu a isca.

— O que aconteceu com você e Elizabeth? — ela perguntou novamente.

— Ai meu Deus, *isso* é o porquê de eu não ter namoradas — disse ele, passando os dedos pelo cabelo. — Elas são exigentes e controladoras.

Os lábios de Audrey se separaram por causa da dor.

— Eu não estava perguntando como namorada. Eu estava perguntando como...

— Uma amiga, eu sei — ele disse cansado. — Eu não deveria ter dito isso. Eu só... não quero falar sobre isso, Audrey. Foi há muito tempo. Ela seguiu em frente, eu segui...

— Exceto que ela não fez isso — Audrey persistiu, sem saber por que estava pressionando tanto. Ela só sabia que sentia algo estranho queimando em seu estômago e queria que isso parasse. — Elizabeth não seguiu em frente. Ela acha que você está noivo e ainda assim veio e deu em cima de você.

— Porque Liz sabe *que isso* — disse Clarke, gesticulando entre os dois — é falso.

As palavras não tinham a intenção de machucá-la. Elas *não deveriam* machucá-la.

Mas elas machucaram.

— Entendi. Bem, se isso é tão *falso*, acho que este é um momento tão bom quanto qualquer outro para acabar com isso — ela disse, de repente exausta até os ossos.

— Acabar com o quê?

— O “noivado” — disse ela, fazendo aspas no ar. — Scandal Boy recuou, sua mãe aprendeu a lição de não enfiar o nariz onde não devia, e sua ex-namorada foi alertada de que deixou um cara bom escapar.

— Não é por isso que estou fazendo isso — ele retrucou.

— Não? — ela perguntou.

— Não!

Sua frustração explodiu.

— Bem, como vou saber se você não me conta!

— Porque eu não te conto tudo, Audrey! — ele gritou. — Me desculpe, mas eu não conto. Podemos ser amigos sem que eu tenha que derramar minhas entranhas a cada minuto do maldito dia.

A dor foi mais forte desta vez. Não a picada de um corte de papel, mas a pulsação de algo muito mais profundo.

— Entendi — disse ela, virando-se.

— Dree, espera...

— Não, Clarke. — Ela se virou, mantendo o rosto inexpressivo e o tom calmo. — Acho que táxis separados seria uma boa ideia. Vamos apenas tirar uma noite para esfriar a cabeça.

— E depois? — Ele enfiou as mãos nos bolsos, parecendo tão perdido quanto ela se sentia. Eles *nunca* brigavam.

Ela encolheu os ombros.

— Depois descobrimos como sair da confusão em que nos metemos.

Clarke não disse nada por um longo momento.

— Certo. OK. Vou chamar um táxi para você.

Sem palavras, eles caminharam até o meio-fio. Era tarde de um sábado, então demoraram alguns minutos para encontrar um táxi disponível. Ela ficou aliviada quando ele abriu a porta para ela, mas não a seguiu para dentro do táxi.

— Tem certeza de que é isso que você quer? — ele perguntou baixinho antes de fechar a porta. — Terminar o noivado?

Ela olhou em seus familiares olhos castanhos dourados e assentiu.

— Estou cansada de fingir.

Ele sustentou o olhar dela, então sacudiu a cabeça em compreensão.

— Certo. Eu entendo.

Audrey fechou a porta, sem olhar em sua direção enquanto o táxi se afastava. Ela fechou os olhos com força. Clarke não era o único que guardava segredos.

Audrey estava cansada de fingir, mas o que a apavorava do fundo da alma era que ela não estava cansada de fingir estar noiva.

Ela estava cansada de fingir que queria que acabasse.

Capítulo Quinze



SÁBADO, 8 DE FEVEREIRO

Uma semana depois, o gelo entre Audrey e Clarke ainda não tinha derretido. Era apropriado, Audrey percebeu, que a próxima vez que se vissem envolveria uma grande quantidade de neve.

— Você tem *certeza de* que não virá? — perguntou Erin Ratliff, uma queridinha da sociedade de quem Audrey era amiga. Erin posicionou seus óculos de esqui de grife no alto da cabeça e deu a Audrey um olhar preocupado. — Eu me sinto tão mal por deixar você para trás. Achei que você esquiasse!

— Ah, eu esquio — disse Audrey com um sorriso tranquilizador. — Eu gosto de esquisar. Eu apenas amo ainda mais um bom livro, um chocolate quente e uma lareira acesa.

Audrey gesticulou atrás dela para a área do salão de pós-esqui do resort, que realmente era sua versão do paraíso, um refúgio com muitos cantos aconchegantes e móveis confortáveis em volta de uma enorme lareira.

Erin deu a ela outro olhar cético antes de se aproximar e abaixar a voz.

— Estou *super* arrependida. Isso deve ser tão estranho. Quando convidei você e Clarke um tempo atrás, não percebi que vocês estavam juntos, e então uma das outras meninas convidou a ex de Clarke...

— Está tudo bem — Audrey interrompeu rapidamente. — Clarke e eu somos adultos, e Elizabeth e eu estamos bem.

Não tão bem *quanto Clarke e Elizabeth*, uma pequena parte traidora de seu cérebro sussurrou, enquanto seu olhar passava rapidamente pelo pequeno grupo que calçava as luvas e passava protetor solar no nariz enquanto se preparavam para um dia nas encostas. Os olhos de Audrey encontraram Clarke quase imediatamente, e ela não ficou surpresa ao ver que Elizabeth estava colada ao lado dele.

Audrey desviou o olhar, desejando que ela tivesse encontrado uma maneira de escapar do convite para uma viagem de esqui que ela aceitou semanas atrás. A pior parte é que, desde a noite anterior, Audrey estava ansiosa pelo fim de semana. Ela imaginou que seria a abertura que ela e Clarke precisavam para resolver as coisas depois da briga.

Quando Erin pegou Audrey ao amanhecer, Audrey praticamente pulou para o carro, seu estômago revirou ao pensar em ver Clarke novamente. Ela sentiu *saudades* dele e correu para abrir a porta do SUV, apenas para encontrar o banco de trás cheio, todos os três lugares ocupados.

Pelo primo de Erin. Por Clarke. E por Elizabeth Milsap.

A pior parte não foi ver a coxa de Elizabeth pressionada familiarmente contra a de Clarke. Foi o fato de que Clarke mal *olhou* para Audrey. E eles não tinham se falado nem uma vez.

Ela olhou para trás em direção a Clarke e Elizabeth novamente, observando enquanto uma risonha *Liz* estendeu a mão e passou um pouco de protetor solar no nariz de Clarke. Audrey sentiu vontade de vomitar quando Clarke sorriu em resposta, puxando a luva para esfregar o protetor solar.

— Era de se pensar que ela fosse um pouco mais sutil — Erin disse lealmente, sob sua respiração.

Audrey forçou um sorriso.

— Ah, tudo bem. Somos todos amigos.

Embora, no momento, ela não tivesse certeza do que ela e Clarke eram. Eles já tinham passado uma semana sem se falar ou enviar mensagens de texto antes, quando estavam ocupados com o trabalho ou de férias, mas agora era

diferente. Havia uma lacuna entre eles que nunca haviam experimentado antes, e Audrey não tinha ideia de como preenchê-la. Em algum lugar nas últimas semanas, as coisas começaram a sair do controle, e ela estava com medo de que mesmo se, e quando eles conseguissem colocar as coisas de volta nos trilhos, tudo pareceria diferente.

— Todo mundo pronto para sair? — O primo de Erin, Mike, perguntou ao grupo.

Ele foi recebido por um coro entusiasmado de sim quando eles começaram a sair porta afora.

Erin deu um último aperto no braço de Audrey.

— Venho verificar você em algumas horas?

Audrey revirou os olhos.

— Estou bem. Eu prometo. Trouxe material de leitura. — Ela ergueu seu leitor digital.

— Ok, ok, eu vou parar de dar uma de mamãe urso. Se serve de consolo, estou totalmente com inveja que você consegue arrasar com o visual de coelho da neve sem todo o volume. — Ela deu um tapinha no acolchoado grosso de sua jaqueta e deu um olhar cobiçoso às calças pretas de ioga de Audrey, botas de pele e um aconchegante suéter grande demais.

— *Vá* — Audrey comandou com uma risada, guiando sua amiga para o sol forte e gelado com o resto do grupo. — Eles vão embora sem você.

Erin se virou e Audrey se permitiu uma última olhada em Clarke. Além de Erin, ele foi o último a sair do hotel. Ele olhou para ela e hesitou. Por um segundo, Audrey pensou – *desejou* – que ele iria se aproximar e finalmente resolver a estranheza entre eles.

Mas assim que ele deu um passo à frente, Elizabeth enfiou a cabeça de volta no hotel.

— Clarke. Você vem?

Clarke parou no meio do caminho, olhando por cima do ombro para Elizabeth, depois de volta para Audrey. Enquanto implorava silenciosamente para que ele a escolhesse, Audrey viu a indecisão em seu olhar e o conhecia

bem o suficiente para saber qual caminho ele escolheria: o mais fácil. Ela ficou desapontada com ele, mas mais ainda, arrasada ao perceber de que lado da moeda ela caiu. Não muito tempo atrás, Audrey tinha sido seu caminho fácil, seu espaço seguro.

Agora era com *ela* que ele não queria lidar.

— Sim, estou indo — Clarke disse a Elizabeth com um sorriso. Ele virou as costas para Audrey e saiu sem olhar para trás.

Audrey engoliu em seco, um pouco alarmada ao sentir um nó na garganta. Aparentemente, eles realmente pararam de fingir que estavam noivos, embora nenhum dos dois tenha dito isso explicitamente para o grupo. Ela poderia lidar com isso. Mas, no momento, parecia que eles não eram mais amigos. E *isso* parecia que iria matá-la.

Respirando fundo, ela girou nos calcanhares e examinou o hotel quase vazio. Havia um punhado de pessoas que aparentemente tiveram a mesma ideia que ela e reivindicaram várias cadeiras e sofás com um laptop ou livro nas mãos. Mas, no geral, ela podia escolher um lugar para sentar e optou por uma cadeira confortável perto da janela de frente para o lado oposto de onde seus amigos tinham ido. A última coisa que ela queria fazer era assistir o grupo subir no teleférico. Cada cadeira acomodava dois, e não era preciso ser um gênio para saber com quem Clarke seria o par.

Audrey pediu um chocolate quente com chantilly extra e, embora tenha dado alguns falsos começos, ela finalmente conseguiu se perder em seu livro, um thriller psicológico sobre o qual todos estavam falando, mas que ela só agora conseguiu tempo para ler.

Ela finalmente ficou tão absorta que pulou quando percebeu que alguém estava parado na frente dela, tentando chamar sua atenção. Audrey olhou para cima e viu um homem vestindo calças de esqui e um suéter preto sorrindo para ela, um pouco envergonhado.

— Desculpe. Eu não queria te assustar.

Audrey piscou. O homem era atraente. *Extremamente* atraente. Alto e magro, com uma pitada de cinza nas têmporas e linhas de sorriso indicando

que ele tinha alguns anos a mais que ela. Mas os anos pareciam bons para ele. Ele parecia vagamente familiar, embora ela não conseguisse realmente reconhecê-lo.

Ele apontou para os pés dela.

— Você se importa se eu sentar? Eu odeio invadir seu espaço, mas até onde sei, você tem acesso a uma das únicas tomadas do lugar.

— Ah, claro — disse ela, observando o laptop debaixo do braço dele e acenando para a cadeira em frente a ela.

Ele sorriu e se sentou, puxando um carregador do bolso da jaqueta e tirando seu casaco.

— Bom livro? — ele perguntou, acenando para o Kindle dela.

— Aparentemente — ela disse, olhando para o relógio, surpresa ao ver quantas horas haviam se passado.

— Não é uma esquiadora? — o homem perguntou curioso, abaixando-se para ligar o carregador.

— Eu sou. Eu simplesmente nunca aprendi a amar isso o suficiente para escolher ficar no frio ao invés de ficar confortável perto do fogo. E você?

— Eu *queria* aprender a amar esquiar. Mas eu tenho dois amores, e este é o outro. — Ele bateu um dedo longo contra seu laptop fechado.

— Seu computador? — Audrey perguntou duvidosamente.

— Trabalho — disse ele, seus olhos fazendo aquela coisa atraente de enrugar no canto novamente.

Audrey não pôde evitar seu olhar caindo para a mão esquerda dele, um pouco surpresa ao ver que não havia nenhum anel. Ela se perguntou se ele era recém-divorciado ou um raro solteirão do final dos trinta / início dos quarenta que era, bem, *gostoso*.

— Seu marido esquia? — ele perguntou casualmente, abrindo seu laptop.

— Hmm? Ah — ela disse, percebendo que ele tinha aparentemente verificado sua mão esquerda também e a encontrou adornada com o anel de Clarke. — Noiva. E sim, ele esquia.

O homem deu um sorriso evasivo e voltou sua atenção para a tela.

Audrey ligou o Kindle novamente, mas ergueu os olhos quando sentiu que havia olhos nela. Ela ficou um pouco surpresa que o homem não desviou o olhar ou fez qualquer esforço para fingir que não a estava estudando com curiosidade.

Ele se inclinou para frente, a mão direita estendida.

— Jarod Lanham.

— *Ahhh* — Audrey não pôde deixar de dizer, já que o nome confirmava porque ele parecia tão familiar.

Ele abriu um sorriso para ela, dentes brancos brilhando, enquanto ela notava que seu rosto parecia ter ganhado um pouco de cor nas laterais naquela manhã.

— Vejo que reconhece o nome.

— O bilionário mais qualificado do mundo? Já ouvi falar de você — ela brincou levemente, então imediatamente sentiu uma onda de consternação quando ouviu a nota de flerte em sua voz.

Ela e Clarke podem não estar realmente noivos, ou mesmo estarem se falando, mas ela ainda estava usando o anel dele.

Mas, para se dar crédito, era difícil não ficar pelo menos um pouco deslumbrada por estar falando com o Jarod Lanham. Tendo crescido no Upper East Side, Audrey não era estranha à extrema riqueza, incluindo sua própria família, mas este homem estava em outro nível completamente. Tendo enriquecido por seus próprios méritos e mais rico do que as famílias de Audrey e Clarke juntas, Jarod era uma espécie de lenda nos círculos sociais de Manhattan, especialmente porque ele tinha casas em todo o mundo e passava um tempo limitado na cidade.

Apesar de ser frequentemente fotografado com modelos e atrizes lindas, geralmente em um iate ou em mansões glamorosas em Mônaco, o homem era notoriamente esquivo quando se tratava de relacionamentos. Também era difícil não notar que ele era mais bonito pessoalmente do que nas capas das revistas. Nas fotos, ele era atraente o suficiente, mas do jeito genérico de

um empresário. Pessoalmente, ele tinha uma espécie de masculinidade crua por trás de todo o polimento. E então, é claro, havia aquele sorriso...

Percebendo que ela estava encarando, Audrey sentiu-se corar e olhou para seu livro, assim que um garçom veio perguntar se Jarod queria algo para beber.

— Eu vou querer um café irlandês, bem quente, pouco chantilly.

O garçom acenou com a cabeça, então se virou para Audrey, que olhou para sua caneca vazia de chocolate quente e pensou “que se dane”.

— O mesmo. Embora não se atreva a colocar pouco chantilly.

Jarod a surpreendeu fechando seu laptop assim que o garçom saiu, embora ele não pudesse ter feito nenhum trabalho nos dois minutos em que esteve aberto.

— Você não me respondeu.

— O quê?

Outro sorriso.

— Quando alguém se apresenta, é costume que o outro faça o mesmo.

— Ah — ela disse com uma risada. — Perdoe-me, fiquei deslumbrada com o seu status de celebridade.

— Acontece. — Ele piscou.

Audrey sorriu e estendeu a mão.

— Audrey Tate.

Eles apertaram as mãos pela segunda vez, e Audrey ficou um pouco surpresa ao perceber que, apesar de sua atratividade e charme, ela não sentia *aquilo*. Não havia corrente elétrica quando suas palmas se tocavam, nenhum friozinho além da leve emoção de conhecer alguém que havia estampado a capa da revista *People*.

— Então, quem é Audrey Tate, além de uma entusiasta de chantilly indiferente a esqui? Estou supondo... uma nova-iorquina.

— Isso é óbvio, hein?

— Você tem a aparência. — O brilho de admiração em seu olhar disse a ela que era uma aparência que ele aprovava, embora ela apreciasse que seu

flerte parecia inofensivo ao invés de sexual. Depois de Brayden, ela ficou ainda mais grata por um homem que respeitava um anel na mão esquerda.

— Manhattan, nascida e criada. E, na verdade, é meu trabalho ter a aparência.

— Modelo?

— Lisonjeiro, mas não exatamente. Influenciadora do Instagram.

Ele balançou a cabeça e ela explicou.

— É uma maneira sofisticada de dizer que ganho dinheiro como blogueira de estilo de vida. Basicamente, tenho muitos seguidores no Instagram, e as empresas me pagam para utilizar meu alcance, para participar de suas festas e assim por diante.

— Inteligente. Você está trabalhando agora?

— Não, isto é apenas férias — disse ela. — Embora assim que meus amigos voltarem, provavelmente irei persuadir um deles a tirar uma foto minha. Tento não passar mais de um dia sem postar uma foto para manter as pessoas engajadas.

— Eu poderia fazer isto. Tirar a foto, quero dizer.

Audrey ergueu as sobrancelhas.

— Você *quer* tirar uma foto minha?

— Claro, por que não. — Ele colocou seu laptop de lado e estendeu a mão. — Me passa seu telefone.

— Hum, tudo bem. — Ela deu de ombros e pegou o telefone na mesa lateral perto de seu cotovelo.

— Então, como isso funciona? Eu só... miro e tiro a foto?

— Bem, o ideal é que eu tivesse tido tempo de voltar ao meu quarto para pegar um batom — disse ela com uma risada.

Ele tirou uma foto.

— Ei! — Ela riu de novo quando ele tirou outra foto.

— *Não* é assim que funciona — disse ela, sorrindo enquanto se inclinava para pegar o telefone. — Eu tenho que posar. Talvez ao lado do fogo...

Ele tirou outra foto, assim que Audrey pegou o telefone, dando a ele um olhar de repreensão, então rindo ainda mais quando ela olhou para o punhado de fotos.

— Essas são terríveis! Minha boca está aberta em todas elas!

— As pessoas gostam de fotos espontâneas — disse ele com um sorriso sem arrependimentos.

— Não quando elas podem ver meus molares!

Ainda assim, ela bloqueou o telefone em vez de excluí-las imediatamente. Afinal, ele *era* Jarod Lanham.

— Então, Sr. Lanham...

— Jarod — ele corrigiu. — Eu vi seus molares, lembre-se. Acho que podemos nos chamar pelo primeiro nome.

— Tudo bem então, Jarod. Me conte...

— Dree.

Audrey deu um pulo e olhou para cima, surpresa ao ver que, desde que Jarod se sentou, o hotel tinha ficado lotado e barulhento com esquiadores chegando para o almoço do meio-dia, incluindo seu grupo de amigos.

E seu *noivo*.

Clarke estava pairando sobre ela, parecendo irritado e um pouco inseguro. Ela encontrou seu olhar e estreitou os olhos ligeiramente em um desafio silencioso. *Onde está Elizabeth?*

Ele estreitou os olhos, então se virou para o homem sentado em frente a ela.

— Ei. Eu sou Clarke. O noivo de Audrey.

Audrey ergueu os olhos surpresa com o perfil duro de Clarke, assustada com a nota possessiva em sua voz, a ênfase na palavra *noivo*. Sua surpresa mudou rapidamente para irritação. Hum, não. Ele *não* podia entrar aqui agindo como um idiota ciumento depois da maneira como ele estava se comportando.

Jarod pareceu não se perturbar com a fala brusca de Clarke. Ele deu um sorriso fácil e apertou sua mão.

— Jarod Lanham.

Audrey viu pela piscada rápida de Clarke que ele reconheceu o nome. Ele olhou para ela, sua expressão em conflito, mas a pergunta em seu olhar era clara. *Solteirão de boa aparência. Devo recuar?*

Foi uma troca silenciosa que eles tiveram um milhão de vezes antes, cada um tendo o cuidado de saber quando eles deveriam se limitar, *ou* quando eles eram necessários para limitar o pretendente indesejado.

Desta vez, havia algo extra em seu olhar. Uma vulnerabilidade junto com a pergunta. E Audrey ficou surpresa ao perceber que ela não tinha uma resposta para Clarke. Ou para ela mesma. A resposta óbvia, claro, era que agora seria um bom momento para anunciar o fim do seu falso noivado. Ela estava se conectando com um homem muito qualificado, e Clarke estava claramente gostando da companhia de Elizabeth.

E, no entanto, nenhuma parte dela estava ansiosa para tirar o anel de Clarke de seu dedo.

Apesar de todo o antagonismo recente, Clarke ainda a conhecia melhor do que ninguém e lia a indecisão em seu rosto.

— Você pode nos dar licença por um momento? — Clarke perguntou, olhando para Jarod.

— Claro — disse o bilionário com um sorriso educado, já pegando seu laptop.

Clarke estendeu a mão para Audrey, e ela hesitou apenas um momento antes de pegá-la e deixar ele colocá-la de pé.

— Eu já volto — disse ela ao garçom com um sorriso quando ele se aproximou com dois cafés irlandeses.

Clarke olhou para o pedido de bebidas iguais, sua mandíbula apertando junto com os dedos enquanto ele a conduzia ao redor da multidão de esquiadores barulhentos.

— Aonde estamos indo? — ela perguntou quando eles entraram em um corredor silencioso fora do salão principal.

Ele soltou a mão dela e se virou para encará-la, os braços cruzados defensivamente sobre o peito. Ele deve ter deixado sua jaqueta com o grupo porque estava vestindo apenas um Henley verde escuro com suas calças de esqui cinza. Seu cabelo estava bagunçado pelo vento, suas bochechas estavam ligeiramente vermelhas de frio e seus olhos estavam ilegíveis quando ele olhou para ela.

Audrey deu a ele um sorriso bonito e falso.

— É bom ver que seu nariz não queimou de sol. Bom e velho protetor solar.

Seu olhar de repente se tornou muito legível: *cuidadoso*.

Bom. Ele deveria estar.

— Onde *está* Elizabeth? — Audrey perguntou, inclinando-se para frente e fingindo olhar ao redor. — Estou surpresa que ela o deixou sair de sua vista por mais de trinta segundos. Ela não iria querer que você saísse correndo para falar com sua noiva.

— Parece que minha noiva encontrou outra pessoa para conversar.

Ela deu uma risada incrédula.

— Sério? Você vai me encher por ter uma conversa quando me abandonou para flertar com Elizabeth?

— Eu não abandonei você — ele retrucou. — Fomos convidados aqui para esqui e foi o que eu fiz. Não é minha culpa que você prefere ficar sentada no hotel em suas calças apertadas e piscar os cílios.

Magoada, ela só conseguiu olhar para ele antes de balançar a cabeça.

— Não consigo descobrir o que você faz pior hoje em dia, bancar o noivo ou ser um amigo *de verdade*.

Ele se encolheu, e ela soube que seu golpe atingiu o alvo. Mas ela estava feliz com isso. Algo precisava acordá-lo do que quer que estivesse acontecendo com ele.

— Olha — ela disse, suavizando a voz — se você quiser anunciar publicamente que encerramos tudo para que você possa voltar com

Elizabeth, é só dizer. Você é meu amigo. Ficarei feliz por você, não importa o que aconteça.

— Foi você quem disse que queria acabar com isso. No momento certo também — disse Clarke, acenando com a cabeça na direção da área principal do hotel, onde eles deixaram Jarod Lanham.

Audrey ergueu as mãos exasperada.

— Tudo bem, Clarke. Desisto. Não sei o que diabos está acontecendo com você, mas você vai ter que superar isso sem mim. Não sei quem ou o que é essa versão de Clarke, mas ele não é meu melhor amigo. Avise-me quando quiser ter uma conversa de verdade e voltar a ser Clarke e Audrey, porque *isso* — ela gesticulou entre eles — não está funcionando para mim.

Audrey começou a passar por ele, mas ele estendeu a mão e agarrou a dela, como fez na frente do apartamento de Naomi e Oliver. Ela olhou para baixo com surpresa para suas mãos unidas, então olhou para ele. Ele ainda estava carrancudo, mas sua expressão mudou para frustração.

— O quê? — ela perguntou quando ele não disse nada para quebrar o silêncio e não soltou sua mão. Ela tentou puxá-la, mas ele a apertou com mais força. — Clarke, o que... — Sua expressão mudou novamente, para um olhar que ela nunca tinha visto antes. Ela não teve a chance de identificá-lo antes que ele a puxasse lenta e propositalmente em sua direção, sua cabeça abaixando, seus lábios roçando nos dela.

Audrey exalou com o beijo inesperado, então se engasgou quando a mão livre dele envolveu a nuca dela, puxando-a contra ele enquanto sua boca se inclinava sobre a dela. Ela continuava pensando que iria se acostumar com o choque desses beijos falsos, mas este era o terceiro e ela se sentia um pouco mais confusa a cada vez. Confusa sobre porque ele tinha um gosto tão bom, por que seus lábios contra os dela pareciam um pedaço de sua vida que ela não percebeu que estava faltando.

As mãos de Audrey ergueram-se para o peito dele, os dedos instintivamente agarrando sua camisa, puxando-o para mais perto. Ele ficou momentaneamente parado, como se surpreso por ela estar correspondendo

ao beijo, mas quando ele se moveu novamente, foi para passar um braço pelas costas dela até que estivessem pressionados juntos, quadris com quadris, barriga com barriga. Boca a boca.

Seus lábios se separaram, e Clarke aproveitou ao máximo, deslizando sua língua para frente para roçar na dela enquanto ela sentia o toque até os dedos dos pés e em todos os lugares até lá. Clarke a empurrou para trás, empurrando-a contra a parede, nunca interrompendo o beijo enquanto ele inclinava a cabeça dela para trás, exigindo mais. Exigindo *tudo*.

As mãos dela deslizaram mais para cima em seu peito, seus dedos emaranhados em seu cabelo grosso enquanto ela sussurrava seu nome. No segundo em que o fez, a cabeça de Clarke se ergueu de repente e seus olhos se fixaram nos dela por um momento, ardendo antes que ele recuasse abruptamente.

Os dois respiravam com dificuldade, mas apenas Audrey parecia desorientada. Clarke parecia não ter sido afetado, como se tivesse sido apenas mais um de seus beijos falsos, apenas para o show, como se tudo não tivesse acabado de mudar.

Lentamente, ele virou a cabeça, olhando para o corredor. Audrey seguiu seu olhar, seu coração caindo em seu estômago quando viu o que ele estava olhando. *Para quem* ele estava olhando.

Elizabeth estava parada no meio do corredor, olhando para eles com uma expressão aflita antes de virar o salto de sua bota de esqui e marchar de volta para o salão.

Audrey fechou os olhos, sentindo-se um pouco enjoada ao perceber que o beijo *tinha* sido apenas para o show. Ele sabia que Elizabeth estava assistindo. Ele a beijou como parte do jogo, enquanto ela o beijou...

Ela fechou os olhos, incapaz até de terminar o pensamento.

Quando ela os abriu, ela forçou um sorriso brilhante e deu uma breve e lenta palma.

— Bem, parabéns, Clarke. Que show incrível. Tenho certeza de que Elizabeth definitivamente entendeu a mensagem desta vez.

Ela começou a se afastar, então se virou, com raiva agora.

— Na verdade, só para deixar claro, qual é a mensagem que você está tentando transmitir? Que papel estou desempenhando aqui?

Ele empurrou os polegares contra os olhos.

— Não sei, Dree. Eu não sei, porra.

— Certo, bem — ela disse em um tom leve. — Me avise quando você descobrir.

Capítulo Dezesseis



SEXTA-FEIRA, 14 DE FEVEREIRO

Se um homem tivesse que pedir muitas desculpas por alguma coisa, o Dia dos Namorados era uma boa hora para isso. Não que Clarke não pudesse encontrar o que queria em um lugar como Nova York em *qualquer* dia do ano, mas as lojas tornaram mais fácil para ele chegar na casa de Audrey armado com suprimentos para bajulá-la.

E Clarke definitivamente tinha um tanto de bajulação pela frente.

Ele parou na calçada do lado de fora do prédio de Audrey, batendo o buquê de flores rosa contra seu quadril, ganhando tempo enquanto tentava pensar em seu plano de ação. Clarke sabia que ele era bom com as palavras, habilidoso com charme, mas bajulação era uma área que ele nunca dominou. Nunca realmente *teve* que dominar, na verdade. Ele irritou muitas mulheres ao longo dos anos, com certeza, mas normalmente a fonte de sua ira era a falta de atenção, e a razão para a falta de atenção era que ele já tinha um pé fora da porta de qualquer maneira. Não adianta bajular quando você não planeja ver a mulher novamente.

Se ele fosse brutalmente honesto, ele nunca se importou com uma mulher o suficiente para bajulá-la. Exceto Audrey. E Audrey nunca tinha ficado brava com ele.

Até agora. E com razão.

Ele exalou e reuniu sua coragem. Não que ele não quisesse ter essa conversa; é que ele não sabia por onde começar. A lista de coisas que eles precisavam discutir era longa e pesada. Para começar, ele precisava contar a ela sobre o ultimato de seu pai: se eles continuassem com o casamento, ele conseguiria a companhia. Isso era uma bomba.

Eles também precisavam conversar sobre o fato de que ele não disse a seu pai para enfiar seu ultimato naquele lugar. *Isso* era colossal. Eles precisavam ter uma conversa sobre Elizabeth. Sobre o que havia acontecido com eles anos atrás, e ele teria que se desculpar por seu comportamento na viagem de esqui, na qual ele foi um idiota imperdoável por motivos que ainda não havia entendido totalmente.

Ele também não tinha entendido aquele beijo maldito. Audrey estava errada sobre seus motivos para beijá-la. Ele não a beijou porque Elizabeth estava assistindo. Naquele momento, ele nem mesmo se lembrou da existência de Elizabeth. A única coisa que ele tinha percebido era Audrey e a maneira como ele se sentiu quando viu outro homem fazendo-a rir.

Clarke nunca tinha realmente entendido o conceito de ciúme, mas ele sentiu isso duas vezes nas últimas duas semanas, e era brutal. O flerte fácil de Audrey com Scott tinha sido um tanto irritante. Ele foi capaz de lembrar a si mesmo que Scott era feliz no casamento com Claire e que Audrey estava apenas sendo encantadora como sempre.

Mas no sábado, ele conheceu um ciúme *real*. Não havia nada de gentil ou sutil na dor que vinha de seus ossos, de sua própria alma. A necessidade de reivindicar seu direito, de lembrar ao outro cara *e a* Audrey que ela era dele. Exceto que ela não era. Não da maneira que ele queria que ela fosse naquele minuto. Do jeito que ele queria muito que ela fosse, ultimamente. Ele não conseguia se lembrar do último dia – da última hora – em que não tinha lutado contra a incômoda percepção de que a maneira como se sentia por Audrey estava mudando a cada beijo, a cada sorriso, inferno, a cada *olhar*.

Mas isso era para ele lidar sozinho. Nesse meio-tempo, ele tinha algo mais importante a fazer do que superar o fato de que não conseguia parar de se

perguntar como seria a sensação de sua pele se ele deslizesse a mão por baixo da camisa dela, de se perguntar que sons ela faria se ele beijasse seu pescoço.

Nada disso importava tanto quanto a amizade deles. Isso vinha primeiro. Sempre.

— Merda — Clarke murmurou, e bateu o buquê contra sua coxa novamente, desta vez com força suficiente para perder algumas pétalas. Ele se forçou a subir os degraus até a porta da frente dela e, com a outra mão, que segurava uma sacola de presente rosa espalhafatosa que custou seis dólares – sem contar o papel de seda brilhante que a vendedora insistiu que ele precisava – bateu.

Clarke mordeu as bochechas e esperou. Ele estava bastante certo de que ela estava em casa, já que ela postou um stories no Instagram mostrando sua última compra em seu closet menos de uma hora atrás, mas ele estava definitivamente *menos* certo de que ela abriria a porta quando percebesse que era ele.

Ele soltou um suspiro de alívio quando a porta da frente se abriu, apenas para ter a mesma respiração presa em seu peito novamente ao ver sua melhor amiga. Ela estava claramente se preparando para uma noite em casa, vestida com calças de moletom curtas, uma camiseta vermelha e seu longo cabelo escuro em um nó bagunçado no topo da cabeça. Ela estava...

Ela estava tão bonita.

Clarke estava preparado para a raiva que ele sabia que merecia, mas em vez disso viu apenas curiosidade em seu rosto. Não, não apenas curiosidade. Audrey também parecia um pouco desconfiada ao vê-lo, e isso fez seu peito doer.

Audrey estava desconfiada *dele*. Clarke havia passado a vida inteira fazendo o possível para nunca machucar Audrey, e ele sabia na semana passada que havia falhado terrivelmente. Em alguma tentativa duvidosa de protegê-la, ele fez exatamente o oposto.

— Oi? — ela disse quando ele não se moveu ou falou.

— Posso entrar? — ele disse asperamente.

— Claro — disse ela, parecendo um pouco ofendida por ele ter pensado que tinha que perguntar. Ele sentiu suas esperanças aumentarem quando ela se afastou sem hesitar.

Clarke não conseguia se lembrar de ter se sentido nervoso perto de Audrey, então ele ficou mais do que um pouco chocado ao perceber que tinha as mãos suadas e algo parecido com... borboletas?

— Aqui. — Ele empurrou as flores para ela, e ela olhou para o buquê que ele empurrou contra seu peito, um pequeno sorriso brincando em seus lábios que fez muito para aliviar as borboletas.

Seus olhos castanhos ergueram-se para os dele.

— Você me trouxe flores do Dia dos Namorados?

Clarke encolheu os ombros.

— De Dia dos Namorados. De desculpas. Flores de “*Clarke é um idiota*”. Pode escolher.

— O primeiro — disse ela, esfregando um dedo sobre uma das pétalas de rosa. — Vou fingir que é o primeiro. Ninguém nunca me trouxe flores do Dia dos Namorados antes.

Uma sensação estranha puxou seu peito.

— Ninguém?

— Bem, meu pai sempre comprava para minha mãe duas dúzias de rosas vermelhas, e ele trazia uma única rosa de haste longa para mim e minha irmã. Mas as flores do meu *pai* realmente não contam.

— Que tal essas? Elas contam? — ele perguntou, lembrando-se de todas as vezes que ela o descreveu como um irmão.

— Bem, depende — disse ela, olhando para ele mais uma vez. — Você as comprou para mim como uma irmã?

Ela estava sorrindo, mas Clarke não conseguiu sorrir de volta, pelo menos não do tipo despreocupado e provocador para combinar com o dela.

— Não. — A voz de Clarke estava um pouco rouca. — Não comprei por isso.

Não eram flores de irmão para irmã. E apesar de todas as suas intenções de salvar sua amizade, elas também não eram flores de amizade. Amigos compravam flores alegres e casuais para amigos. Ele sabia, porque tinha comprado flores para ela inúmeras vezes, embora aparentemente não no Dia dos Namorados, algo do qual ele estava se arrependendo.

Mesmo como um cara, Clarke reconheceu que essas flores eram diferentes. Indulgentes, luxuosas, caras e... sensuais?

Controle-se, cara. São apenas flores.

Clarke seguiu Audrey até a cozinha, observando enquanto ela colocava as flores no balcão e se aproximava para abrir a porta alta do armário acima da geladeira. Ela oscilou na ponta dos pés por um momento, acenando com a mão inutilmente.

Ela balançou os calcanhares e apontou um dedo autoritário para a prateleira.

— Ei, um e noventa. Torne-se útil.

Clarke facilmente agarrou o vaso, colocando-o no balcão ao lado da pia enquanto Audrey começava a cortar as pontas das flores.

— Elas são lindas — ela disse com um pequeno suspiro, levando uma das flores ao nariz.

— Brayden não deu nada para você no Dia dos Namorados? — ele perguntou, então estremeceu, percebendo que provavelmente não era uma memória feliz.

Ela apenas deu de ombros e colocou a rosa no vaso.

— Estávamos namorando apenas um Dia dos Namorados e ele disse que estava viajando a trabalho, que comemoraríamos mais tarde. Nunca fizemos isso, e acho que não me importei muito. — Ela girou uma tulipa, estudando-a. — Embora, eu suponho, pensando sobre isso agora em retrospecto, ele estava passando o dia com Claire. Os encontros de terça à noite são para amantes, mas o Dia dos Namorados é para as esposas.

— E as noivas.

Ela soltou uma risada melancólica.

— Claro. É por isso que você está aqui?

Clarke estava recostado no balcão, observando-a cortar as flores, e ele estendeu a mão e gentilmente pegou a mão esquerda dela, percebendo quantas vezes ele tinha feito isso ultimamente. Percebendo o quanto ele gostava da sensação de sua pequena mão na dele.

Ele correu o polegar sobre o quarto dedo dela, que estava vazio.

— Aparentemente, não tenho mais noiva.

Ela puxou a mão e não encontrou seus olhos.

— Qual é. Achei que tivéssemos combinado naquela noite depois do jantar de Naomi e Oliver em acabar com isso.

— Nós conversamos sobre isso. Mas você ainda estava usando o anel no dia da viagem de esqui. — Ele sabia, porque foi a primeira coisa que ele procurou quando ela entrou no carro naquela manhã.

— Sim, bem, isso foi antes.

— Antes de Jarod Lanham? — ele perguntou, odiando que ele tivesse que perguntar, odiando o quanto ele temia a resposta.

— O quê? — Ela deu a ele um olhar perplexo. — Ah. Não.

— Sério? Vocês dois pareciam estar se dando bem.

— Bem, até onde ele sabia, eu estava noiva e ele não tentou roubar a mulher de outra pessoa.

— Mas *você* sabia que não estava noiva.

— Verdade. Mas também sabia que não havia faíscas. E mesmo se houvesse, não estou procurando um caso com um bilionário.

— O que você está procurando?

Ela parecia confusa com a pergunta.

— Nada. Você sabe disso melhor do que ninguém.

— Você costumava querer tudo. A faísca. O príncipe no cavalo branco. Felizes para sempre.

Ela encolheu os ombros e, em vez de pressioná-la, ele pegou a sacola de presente que havia colocado no balcão e entregou a ela quando ela terminou de arrumar as flores.

Audrey pareceu surpresa.

— Para mim?

Ele revirou os olhos.

— Para quem mais seria?

Ela não respondeu, mas ele ficou muito bom em ler Audrey Tate ao longo dos anos e sabia para quem ela estava pensando que era: *Elizabeth*.

Ela pensou que o presente era para Elizabeth. Como se ele fosse o tipo de homem que traz flores para uma mulher e um presente para outra, tudo na mesma noite.

Mas não era? Ele não tinha sido sempre *exatamente* esse tipo de cara? O que se esforçava para garantir que as mulheres soubessem que ele não estava procurando nada sério?

Por que, então, parecia tão importante provar a ela que ele poderia ser o tipo de cara que ama apenas uma garota, que ele poderia ter uma solução que faria os dois felizes, mesmo que fosse totalmente louco?

Não seja idiota, ele se repreendeu, como fazia toda vez que uma ideia insana surgia em sua cabeça.

— É para você — ele disse simplesmente, entregando o presente para ela.

Clarke dera a Audrey muitos presentes ao longo dos anos, mas esta foi a primeira vez que ele se sentiu nervoso com isso. Ele tinha ido com sua intuição, mas enquanto a observava empurrar o papel de seda, ele teve dúvidas. Ele deveria ter escolhido joias ou algo divertido e frívolo. Algo que ela nunca teria comprado. Não era essa a regra geral para comprar presentes para mulheres? Algo indulgente e mimoso?

O presente de Audrey tinha três partes e ela as colocou no balcão, uma a uma, enquanto uma linha fraca se formava entre suas sobrancelhas. Clarke resistiu ao impulso de pegar os itens, colocá-los de volta na bolsa, arrastá-la para a Tiffany's ou Chanel e dizer a ela para escolher um novo par de brincos.

— O que é isso? — ela perguntou, olhando para ele.

Clarke pigarreou.

— É ah... é para o seu iPhone. A do meio é uma lente que permite tirar fotos de melhor qualidade com seu telefone, já que você não carrega uma câmera separada. A outra é uma capinha na qual você prende a lente e a terceira é um filtro para oferecer mais opções. Você mencionou há alguns meses que gostaria de ter mais opções de fotografia, sem sempre ter que mudar para o uso de uma câmera, e eu pesquisei...

Audrey jogou os braços em volta do pescoço dele.

— Obrigada — ela murmurou, enterrando o rosto no canto sob sua mandíbula.

Os olhos de Clarke se fecharam quando ele passou os braços em volta dela, retribuindo o abraço.

— Eu sinto muito mesmo. Você sabe disso, certo?

Ele sentiu o sorriso dela.

— Eu sei. Tá tudo bem.

Ele sacudiu rapidamente a cabeça.

— Você não deveria tornar isso tão fácil para um homem, Dree. Você merece humilhá-lo.

— Eu não preciso te humilhar. Recebi flores, um pedido de desculpas sincero e o presente mais atencioso que alguém já me deu.

Ele sorriu com descrença indulgente.

— É uma lente de câmera. Nem mesmo o tipo caro, mas uma de prender.

— Isso cabe em uma bolsa e não vai exigir que eu mude meu fluxo de trabalho — ela disse, se afastando e olhando para ele com um sorriso. — É perfeito.

Ele sorriu de volta, mas foi fugaz. Ele sabia que estava escapando muito facilmente.

— Sobre Elizabeth...

O sorriso dela sumiu.

— Não temos que falar sobre isso. Você está certo, você não tem que me contar tudo sobre sua vida, e eu sinto muito por ter te incomodado, fazendo você se sentir como se tivesse que contar.

— Não foi isso. Não é por isso que evitei contar a você.

Ela franziu o cenho.

— Então por quê?

— Foi só... — Ele franziu a testa, percebendo que não sabia como explicar, ou mesmo o que estava tentando explicar.

Ele queria dizer a ela que não tinha mencionado a visita de Elizabeth porque, quando ele estava na mesma sala com ela, Elizabeth era a última pessoa em quem ele estava pensando. Ele queria dizer a ela que no dia da viagem de esqui, ele deixou Elizabeth grudada ao seu lado porque, como um idiota, ele precisava de uma proteção. *Dela*.

Mas ele não podia dizer a ela que em uma estranha reviravolta do destino na zona do crepúsculo, sua ex-namorada era sem-graça e segura, enquanto o mero pensamento de Audrey estava evocando emoções intensas e perigosas.

Olhando para o rosto dela agora, confiante e compreensiva, ele percebeu o quão errado estava. Não havia nada perigoso aqui. Intenso, sim. Mas mesmo em meio às complicações recentes, uma coisa era simples: essa mulher era a melhor parte de sua vida. A rocha com a qual ele sempre poderia contar.

Sem pensar, ele colocou uma mecha de cabelo solta atrás da orelha dela.

— Posso te levar para jantar?

Ela sorriu.

— No Dia dos Namorados? Nossas opções serão limitadas sem reserva.

— Eu fiz três. Você pode escolher entre italiano, francês ou um lugarzinho pretensioso no West Village considerado o “lugar mais instagramável da cidade”. Acho que devemos fazer um ataque preventivo contra o Scandal Boy e seus minions.

— Sim, ele *tem* estado suspeitamente quieto. Achei que alguém teria tirado uma foto de você e Elizabeth descendo graciosamente as encostas juntos — disse Audrey.

— Descendo graciosamente? — ele perguntou, as sobrancelhas arqueando, mesmo enquanto sua culpa o consumia. — Só para deixar claro, eu nunca fiz isso na minha vida, e não é como se fôssemos apenas nós dois de

mãos dadas montanha abaixo enquanto cantávamos nosso amor. Estávamos com o grupo o tempo todo.

— Bem, seria isso ou uma foto minha e do bilionário gostoso. Mas talvez essa seja a vantagem de sair da cidade. Acho que o exército de bajuladores do Scandal Boy não anda em Poconos.

— Aposto que eles adorariam tirar uma foto nossa no Dia dos Namorados. — Clarke manteve a voz casual. *Não implore, cara.*

Ela hesitou.

— Tenho certeza que sim. Mas de que adianta se não estamos mais noivos? — Ela ergueu a mão esquerda nua. — É melhor que as pessoas saibam mais cedo ou mais tarde.

— Sei que não sou o mais romântico dos caras, mas talvez o Dia dos Namorados não seja o dia ideal para anunciar aos seus seguidores que o amor está morto?

Ela riu.

— Bom ponto. Acho que poderia sofrer usando o lindo diamante em meu dedo por mais uma noite. Ou...

— Estou ouvindo — ele a incitou.

— Podemos ficar em casa? — ela perguntou esperançosa. — Pedir sushi ou pizza, sem cílios postiços para mim, você pode se livrar da gravata — disse ela, passando um dedo brincalhão sobre o nó da gravata do terno.

— Uma sessão de fotos *dentro de casa*. Estratégia sólida — disse ele. — Os bastidores sempre ganham muitas curtidas, certo?

— Na verdade, eu gostaria de uma pausa de ser @TheAudreyTate — disse ela. — E se fosse só nós? Como era antes do Instagram, antes de Elizabeth, antes do falso noivado e do Scandal Boy, antes que as coisas ficassem...

— Ficassem o quê? — ele perguntou, puxando-a para mais perto e registrando que nenhum dos dois havia saído de seu abraço durante toda a conversa.

— Complicadas — ela disse lentamente, escolhendo a palavra com cuidado. — As coisas ficaram complicadas e quero voltar ao simples. Eu quero voltar para *nós*.

— Eu também quero isso — disse Clarke sem hesitação.

Era verdade. Ele queria isso. Ele só estava com medo de começar a querer outras coisas também.

Mais tarde, enquanto eles se esparramavam em seu sofá, bebendo vinho tinto e petiscando os restos de um macarrão *lo mein*, as panturrilhas dela caídas casualmente sobre as coxas dele e a mão dele descansando facilmente em sua canela, Clarke teve o pensamento fugaz de que ele não conseguia se lembrar da última vez que esteve tão feliz.

E então ele olhou para Audrey e percebeu que *podia se* lembrar.

Era toda vez que ele estava com ela.

Capítulo Dezessete



QUINTA-FEIRA, 20 DE FEVEREIRO

Audrey imaginou que se houvesse algum lugar para confessar à organizadora de casamentos mais exclusiva da cidade que não *haveria* um casamento, poderia muito bem ser no Plaza.

Alexis Morgan havia ligado para ela naquela manhã, sua voz normalmente fria mais animada do que o normal quando ela perguntou se Audrey poderia encontrá-la no Plaza às três horas, garantindo-lhe que valeria a pena.

Sinceramente, Audrey ficou um pouco surpresa com a insistência da planejadora do casamento. Não era como se Audrey nunca tivesse estado dentro do Plaza ou não soubesse de sua reputação como *O* local de casamento de elite em Manhattan.

Acontece que Audrey realmente não entendia o objetivo. Qualquer um que já tivesse visto *Noivas em Guerra* sabia que o lugar estava reservado com anos de antecedência. Mesmo que Audrey e Clarke fossem se casar de verdade, eles não fariam isso no Plaza, a menos que quisessem se casar daqui a dois anos ou em uma terça-feira.

No final das contas, porém, Audrey concordou em se encontrar com Alexis, principalmente porque sua confissão estava atrasada e ela precisava liberar o tempo da planejadora de casamento para alguém que realmente iria se casar, e ela queria fazer isso pessoalmente.

E, egoisticamente, ela nunca tinha visto o Plaza pelas lentes de uma noiva em potencial. Ela poderia muito bem ter sua performance final como a futura Sra. Clarke West na recepção do lugar sobre o qual teve suas fantasias nupciais de infância.

Com um vestido verde esmeralda e sapatos LK Bennett, com seu cabelo super saltitante graças ao caro secador Bergdorf e com sua maquiagem aplicada profissionalmente por mãos habilidosas no balcão de Charlotte Tilbury, ela subiu os degraus familiares e sorriu em agradecimento quando o porteiro abriu a porta para ela.

Ela teve um cuidado extra com sua aparência hoje, querendo estar no seu melhor quando postasse no Instagram que ela e seu noivo haviam optado por caminhos separados. Se ela fosse se abrir para as garras do Scandal Boy novamente, pelo menos seu cabelo estaria perfeito quando ele a golpeasse.

Entrando no saguão do Plaza, Audrey estava tão ocupada procurando pela delicada Alexis que não percebeu que outra pessoa estava vindo em sua direção até que ele estava bem na frente dela.

— Ei! O que você está fazendo aqui?

Clarke encolheu os ombros.

— Alexis me ligou. Disse que eu tinha que estar aqui.

— Ah. Ela te disse por quê?

— Acho que estamos prestes a descobrir — disse Clarke, acenando com a cabeça em direção à planejadora de casamento que se aproximava.

Alexis sorriu para eles.

— Que bom. Estou tão feliz que vocês dois puderam vir.

Ela gesticulou para alguém atrás de Audrey e Clarke, e um funcionário do hotel se aproximou com uma bandeja segurando duas taças de champanhe.

— Nossos parabéns por seu futuro casamento — disse a mulher com um sorriso educado.

Audrey sorriu de volta, mesmo quando seu estômago afundou ao lembrar porque eles estavam realmente aqui. Para acabar com isso de uma vez por todas. Ainda assim, o saguão lotado não era o lugar para fazer isso, então ela e

Clarke pegaram uma taça. Essa era uma das coisas de que ela mais sentiria falta quando eles cancelassem tudo – o champanhe.

Ela olhou para Clarke, e seu estômago embrulhou apenas com a visão dele. Talvez champanhe não fosse a coisa de que ela *mais* sentiria falta, e isso era extremamente assustador. E algo para ser resolvido mais tarde. Sozinha.

Alexis acenou para que Clarke e Audrey a seguissem, e eles se dirigiram para os espaços de eventos privados.

— Então, eu sei que vocês provavelmente participaram de eventos aqui ao longo dos anos — Alexis estava dizendo. — Mas eu queria que vocês viessem hoje especificamente, por dois motivos. O primeiro...

Ela apontou para uma porta aberta, e Audrey soltou um suspiro encantado. Alexis sorriu sabidamente.

— Para que vocês pudessem vê-lo preparado para uma recepção na sexta-feira que eu acho que está *muito de* acordo com a visão que vocês dois descreveram para mim.

— Ah, é perfeito — Audrey respirou, entrando no espaço e girando lentamente em um círculo completo. Era mais do que perfeito. Era tudo o que ela sempre imaginou para seu casamento. O teto havia sido enfeitado com ondas suaves de tule e luzes cintilantes que davam ao lugar uma aparência de conto de fadas. As peças centrais da mesa tinham quase um metro de altura, as flores brancas variadas dispostas para parecer que eram fontes transbordando de flores em vez de água. As faixas nas costas das cadeiras eram de um rosa delicado, e os cartões com os nomes eram escritos à mão com o que parecia tinta dourada.

Ela sorriu para Alexis.

— Você está tão certa. É um casamento de princesa.

É meu casamento.

Alexis sorriu de volta.

— Achei que você fosse adorar.

— Qual é a segunda razão pela qual você queria nos ver hoje? — Clarke perguntou, com um toque de impaciência masculina. — Para ver o casamento perfeito de Audrey e...

— Bem — disse Alexis, batendo as unhas contra o iPad, olhando pensativamente entre os dois. — Tenho certeza de que vocês dois sabem que os horários do Plaza saem com muita antecedência, a menos que você queira se casar em uma quarta-feira de manhã fora de época.

Audrey assentiu sabidamente.

— É realmente verdade que é reservado por mulheres que nem estão namorando ninguém ainda, ou isso é lenda urbana de Manhattan?

— Já aconteceu — disse Alexis. — Mas as Belles estão se dando muito bem com o coordenador dos eventos daqui, sempre na lista de primeiros a ligar quando há um cancelamento.

Audrey não pôde evitar. Pega no momento, ela se engasgou. *Um cancelamento.*

Alexis sorriu em confirmação.

— Um dos eventos programados para o sábado não deu certo, e tenho certeza de que não preciso dizer que um horário vazio de último minuto no Plaza é raro.

— Eu estava pensando *agora mesmo* em *Noivas em Guerra* — disse Audrey.

— Não estou entendendo — disse Clarke.

— É um filme que... deixa pra lá, não é importante — disse Audrey enquanto a realidade desabava sobre ela. Excitada como estava, ela se lembrou com a mesma rapidez que não importava que havia um cancelamento no Plaza agora ou nunca.

Audrey respirou fundo. Agora era um momento tão bom quanto qualquer outro.

— Então, Alexis, Clarke e eu realmente apreciamos que você pensou em nós, mas...

— Quão em cima da hora? — Clarke interrompeu, olhando para a organizadora do casamento.

Alexis apertou os lábios.

— Bem, esse é o problema. As coisas teriam que acontecer em breve.

— Quando?

— O último sábado de março. Dia vinte e oito.

— *Março?* — Audrey guinchou. Ela não conseguia imaginar um casamento falso no Plaza acontecendo em menos de dois meses, muito menos um real. Não que esse fosse o problema dela.

— E isso é possível? — Clarke perguntou a Alexis, ainda sem olhar para Audrey.

— Tudo é possível — disse Alexis. — Como falei na nossa consulta, sempre há sacrifícios que têm que ser feitos com prazos mais curtos, sem falar no aumento de custos. Mas a reputação de Audrey é mais valiosa para muitos fornecedores do que o dinheiro. Mas ainda seria caro — ela esclareceu com um sorriso.

— Claro — disse Clarke distraidamente.

— Eu sei que isso é muito em que pensar — disse Alexis, olhando para Audrey. — Eu posso colocar uma espera de vinte e quatro horas nisso, mas depois disso...

— Ponha em espera — disse Clarke.

Os olhos de Audrey se arregalaram.

— *O quê?*

Como eles concordaram em cancelar tudo isso e passaram a fingir que iam reservar o Plaza?

— Na verdade, não precisamos de vinte e quatro horas para decidir — disse ele a Alexis. — Só precisamos de uma hora.

— *Clarke.* — Se ele estivesse mais perto, ela o chutaria.

Ele encontrou os olhos dela, e Audrey ficou alarmada por não conseguir lê-lo — não tinha ideia do que ele estava pensando ou o que diabos estava fazendo.

Clarke respirou fundo.

— Dree. Podemos conversar?

O olhar espantado de olhos arregalados que Audrey estava exibindo quando se sentou em frente a ele no bar de champanhes do Plaza não era o começo forte que ele esperava. Nem foram as primeiras palavras que saíram da boca dela.

— Clarke, se você quiser manter a farsa por mais um pouco, eu aceito, mas meu limite é pegar esse horário no Plaza. Mesmo que o depósito seja reembolsado, o que eu duvido que seja, eu *não* vou pegar o lugar de alguém que vai realmente usá-lo. Sábados no mundo do casamento são uma moeda preciosa.

— Eu sei. — Ele pegou o menu de coquetéis e examinou as várias opções de vinho espumante. — Moët ou Veuve?

— Eu não me importo — ela disse distraidamente. — Se você continuar agindo como louco, a única bebida espumante que vou deixar você beber é água com gás.

Ele apenas sorriu enquanto acenava para um garçom e pedia duas taças do champanhe mais caro do menu. Parecia adequado para a ocasião. O que ele estava prestes a sugerir era loucura, mas também parecia exatamente certo.

Clarke esperou até que o garçom se afastasse, então encontrou o olhar de Audrey.

— Me desculpa.

— Por ser um esquisito?

— Por Elizabeth. Por não ter contado a você sobre ela.

Ela acenou com a mão.

— Já passamos por isso. Águas passadas. Tudo certo. Eu disse que você não tem que compartilhar todos os detalhes...

— Não, quero dizer, desculpa não ter contado a você o que aconteceu comigo e Elizabeth antes. Anos atrás.

— Ah. — Ela piscou. — *Ah*. Por quê?

— Tenho pensado muito sobre isso ultimamente. — Ele esperou até que o garçom colocasse o champanhe na frente deles e se afastasse. Ele tomou um gole, mal sentiu o gosto.

— E? — Audrey incentivou.

Ele ergueu o olhar.

— Eu não queria que você soubesse.

— Soubesse o quê?

— O que Liz pensava de mim.

— Ela quer você de volta — disse Audrey baixinho. — Eu diria que ela tem uma opinião muito boa sobre você.

— Não o que ela pensa *agora*. O que ela pensava de mim naquela época.

— Ele continuou a observar sua amiga. — Eu não sou do tipo que deseja se casar. Você sabe disso. *Eu* sei disso. Mas a verdade é que eu realmente não sabia disso até ela me dizer que eu não era.

— Elizabeth disse para *você* que você não queria se casar? — Audrey perguntou ceticamente.

— Não exatamente. Ela me disse que eu não servia para casamento.

Seus olhos saltaram um pouco de surpresa indignada e ela fez uma careta.

— Aquela horrível...

— Não — ele disse, levantando a mão. — Ela estava certa. Mas o pior é que eu estava *tentando*. Quando ela e eu estávamos namorando, pela primeira vez na minha vida, eu estava tentando ser diferente. Melhor. Você sabe como eu era quando adolescente. E na faculdade. Eu era um playboy clássico que pensava que o mundo não poderia me machucar e não me importava com quem eu machucasse.

— Você nunca me machucou.

Essa meio que é a questão.

— Eu era um pesadelo de criança, mas bem na época em que conheci Liz, consegui o emprego em York e decidi que se eu fosse ser um adulto na minha vida profissional, deveria ser na minha vida pessoal também. Então, namorei

exatamente o tipo de mulher que minha mãe queria que eu encontrasse. Comprei as flores. Eu nem mesmo olhei para outra mulher. Aprendi a cozinhar.

— Você aprendeu? — Ela parecia fascinada, como se nem o conhecesse.

— Eu não disse que aprendi a cozinhar *bem*. Mas eu fiz todas as malditas coisas de marido que pude pensar.

— E ela jogou de volta na sua cara — Audrey disse baixinho.

— Pior — disse Clarke com um sorriso irônico. — Ela nem *percebeu* nenhum dos meus esforços. Ela recebeu aquela oferta de emprego em Washington e, egoisticamente, não fiquei feliz. Eu não queria sair de Nova York. Mas eu estava pensando: “Ok, é isso que pessoas comprometidas fazem. Nós vamos fazer dar certo.” Só que ela não queria fazer dar certo. Não comigo. Isso doeu mais. Eu nem acho que ela *considerou* tentar. Parecia não ser uma opção em sua mente.

Ele tomou um gole do champanhe, irritado porque, embora a memória tivesse se apagado com o tempo, ainda magoava seu ego. Pelo menos agora ele podia admitir que *era* ego, e não algo muito mais prejudicial.

Ele não queria se casar com Elizabeth. Antes ou agora. Mas foi uma lição valiosa sobre como as mulheres o viam – da mesma forma que seus pais o viam. Ele era o cara divertido, o menino festeiro imprevisível. Aquele que você trazia para seus pais como um colírio por causa de seu nome e conta bancária, não porque seu pai ficaria impressionado com sua fibra moral. Mesmo as mulheres que tentaram persuadi-lo a atravessar o altar estavam muito mais interessadas no desafio, na herança e no sobrenome West.

— Liz me disse que eu não servia para ser marido e ela estava certa.

— Ela estava errada — protestou Audrey. — Só porque ela não conseguiu ver o seu valor, não significa que outra pessoa não verá. — Ela estendeu a mão sobre a mesa.

Clarke respirou fundo e colocou a mão sobre a dela, sentindo o diamante de seu anel de noivado cavar levemente em sua palma. O fato de que ela decidiu colocá-lo para um último dia deu a ele a coragem de que precisava.

É agora ou nunca.

— Alguém já fez isso.

Audrey piscou e tentou afastar a mão, mas ele pressionou com mais firmeza.

— Você conheceu alguém? — ela perguntou, parecendo emocionada e surpresa.

— Eu a conheço há algum tempo, na verdade.

Desta vez, ela teve sucesso em puxar a mão, deixando-as cair no colo, fora de alcance.

— Bem, isso é ótimo. Ai meu Deus, você deveria ter me contado. Coloquei seu anel de volta, pelo amor de Deus. Eu só queria festejar uma última vez e – não importa, nada disso é importante. *Clarke*. — Ela se inclinou para frente, os olhos arregalados. — Você está pensando em se casar com essa mulher? Foi por isso que disse a Alexis para reservar o Plaza? Ai meu Deus, posso ser sua madrinha? Você tem que dizer sim!

Hã. Não era isso que ele imaginava que aconteceria.

Clarke tentou novamente, recomeçando.

— Eu disse que Liz estava certa quando disse que eu não servia para casamento, mas apenas parcialmente certa. Nunca vou me encaixar no molde dela de casamento. Ou o molde de casamento da sociedade. Não sei como *idolatrar* – nunca conheci ninguém que quisesse *idolatrar*. Mesmo se eu tivesse, levando em conta as taxas de divórcio, eu não tenho fé que eu, ou qualquer um de nós, na verdade, possa contar com um amor duradouro.

— Ou que o cara por quem você está apaixonada *também* não está apaixonado pela esposa dele — disse ela com tristeza.

Clarke tinha certeza absoluta de que Brayden Hayes sempre foi apaixonado por si mesmo, embora ele não tenha dito isso para ela. No fundo, ela provavelmente já sabia.

Audrey estava fazendo careta para ele.

— Ok, então você não acredita no amor, e você não acha que serve para casamento. Então me ajude a entender... *Por que* você está deixando Alexis pensar que vai reservar o último sábado de março no Plaza?

— Eu disse que não servia para *esse* tipo de casamento.

— Do tipo *normal*? — ela perguntou.

A cabeça dele caiu para frente com uma risada.

— Você realmente não está tornando isso fácil.

— Você não está sendo particularmente claro — ela rebateu.

Certo. Ela queria que ele fosse claro? Ele faria isso:

— Acho que devemos nos casar.

Ele se preparou, meio que esperando que o céu caísse ou o chão se abrisse ou Audrey explodisse de tanto rir. Mas, estranhamente, no momento em que as palavras saíram, ele soube que era a melhor ideia que já teve, a melhor coisa que já disse.

Audrey não disse nada, então ele continuou.

— Você mesma disse que Brayden arruinou a ideia de casamento para você, e eu nunca particularmente quis me casar. Mas isso não significa que não podemos nos casar do *nosso* jeito.

— Que seria...?

Seu coração bateu mais forte. *Ela não estava dizendo não.*

Ele seguiu em frente, desesperado para convencê-la.

— Gostamos da companhia um do outro. Nós não irritamos um ao outro. Nós nos entendemos. Nós cuidamos um do outro. Nós nos preocupamos um com o outro. Sem mencionar que nenhum de nós teria que lidar com amigos nos empurrando para encontros às cegas ou pais nos envolvendo com amigos da família, e o Scandal Boy ficaria completamente fora de si.

Audrey riu.

— Não vou me *casar* porque algum troll da Internet está atrás de mim.

— Por que não? Você ficou noiva por esse motivo.

— Isso é diferente. *Temporário.*

Ela estava certa. Era muito diferente. Mas ele não estava pronto para recuar. Se ela dissesse não, tudo bem. Não é como se ele fosse embora com o coração partido, o que era meio que a ideia. Com Audrey, nunca haveria risco de isso acontecer.

Exceto que... havia.

Com a velha dinâmica Audrey/Clarke, seus corações nunca estiveram em jogo, mas agora? Agora ele nunca quis nada tanto quanto ele queria isso.

— Somos pessoas sociais, Dree. Podemos ter renunciado ao romance de contos de fadas, mas também não fomos feitos para ficar sozinhos. Diga-me que não seria divertido ter alguém com quem comer todas as noites. Ter um par fixo em todos esses malditos eventos para os quais somos convidados. Para ter um parceiro na vida.

— Podemos ser tudo isso sem sermos casados. Já estamos na metade do caminho.

O coração de Clarke afundou ligeiramente com o ceticismo em seu tom, mas ele sorriu.

— Você sabe que pode simplesmente dizer não, certo? Você não tem que poupar meus sentimentos.

Por favor, não diga não.

— Estou pensando — disse ela, tomando um gole de champanhe. — Estou tentando descobrir por que é de alguma forma a ideia mais maluca que já ouvi na minha vida, e ainda assim não parece tão maluca.

Seu coração acelerou mais uma vez.

— E ... casamento no Plaza?

— O que acontece se um de nós conhecer alguém? — ela perguntou. — Quer dizer, eu sei que nós dois pensamos que não somos feitos para esse tipo de coisa, mas não podemos prever o futuro.

— Então vamos lidar com isso quando acontecer. Provavelmente também ganharíamos algum prêmio por sermos o casal divorciado mais amigável do planeta.

— E sobre... — Ela hesitou. — A parte física? Seria um relacionamento aberto? Porque eu conheço você, e você pode falar bem sobre ter alguém para jantar, mas você também quer alguém para... *você sabe*.

A imagem de Audrey nua embaixo dele, seu cabelo escuro espalhado em seu travesseiro causou um aperto imediato em todo o seu corpo, e ele quase gemeu ao enfrentar o fato que vinha evitando por semanas.

Ele a queria. Ele queria sua melhor amiga de maneiras que não tinham nada a ver com amizade.

Para desviar o assunto e a distrair, ele a provocou.

— Você não consegue dizer a palavra *sexo*? Você tem vinte e nove anos.

— Eu consigo dizer — disse ela com um beicinho teimoso.

Ele sorriu.

— Diga.

— Eu direi quando você me disser onde você o conseguirá neste seu pequeno cenário.

— Touché — disse ele. — Tudo bem, acho que não tinha realmente pensado nisso, mas sim, nós apenas... discretamente cuidaremos dos negócios.

— Agora, quem não consegue dizer a palavra *sexo*? — ela disse presunçosamente.

— Nós faríamos dar certo — disse Clarke, percebendo que ele também não tinha planejado toda a parte física do acordo, mas não querendo que isso impedisse o plano. — Sempre resolvemos tudo juntos. Você não pode me dizer que essa não é uma base sólida para um casamento. No topo de uma amizade já sólida.

— Mas você não está apaixonado por mim — ela apontou.

Ele hesitou.

— E você não está apaixonada por mim.

Eles se encararam por um longo tempo, e ela finalmente desviou o olhar com um suspiro de descrença.

— Você está seriamente sugerindo isso? Se casar?

— Por que não?

Ela deu uma risada assustada.

— Porque é uma loucura. É *além* da loucura.

— Que sempre foi nossa maneira favorita de fazer as coisas. Eu poderia ficar de joelhos se isso ajudasse?

Ele começou a se mover para fora da cadeira, mas Audrey levantou a mão.

— Não se atreva.

Clarke congelou, então pulou da cadeira quando Audrey deu a volta na mesa e jogou os braços em volta do pescoço dele.

— Vamos fazer isso. Vamos nos casar, porra.

Ele riu junto com ela, mais certo do que nunca de que a ideia mais maluca de sua vida também era a melhor.

Capítulo Dezoito



TERÇA-FEIRA, 25 DE FEVEREIRO

— *D*esculpa, mas estamos em *Matrix*? — Naomi perguntou. — *O que* está acontecendo aqui?

Claire parecia tão surpresa quanto Naomi, mas como esperado, ela estava mais quieta, meramente olhando para Audrey do outro lado da mesa depois que ela soltou sua bomba.

Claire finalmente encontrou sua voz.

— Você vai se casar. No Plaza. Em um mês?

— Com Clarke? — Naomi acrescentou, para completar.

— Sim — disse Audrey, tomando um gole de seu chá gelado.

— Isso não é levar as coisas um pouco... longe demais?

— Se estivéssemos fazendo isso apenas pelos motivos pelos quais ficamos noivos – para frustrar a mãe dele, para se vingar de Elizabeth, para dizer ao Scandal Boy e a todas as redes sociais para irem se ferrar – então sim. Isso seria ir um pouco longe demais — disse ela com um sorriso.

— Então, se não for por isso, por quê?

— Ai, meu Deus — disse Naomi, estendendo o braço sobre a mesa e apertando o braço de Audrey com entusiasmo. — Você finalmente percebeu.

Audrey franziu a testa.

— Percebi o quê?

Naomi abriu a boca, então deu um pulo e olhou para Claire. Audrey olhou entre Naomi e Claire, então estreitou os olhos para a última.

— Você acabou de chutar Naomi por baixo da mesa?

— Certamente não — Claire disse suavemente, pegando um pãozinho da cesta de pão. — Mas, sério, fala o que está acontecendo.

Como se eu soubesse.

Num momento, Audrey estava tentando descobrir como dizer a Alexis Morgan que eles não precisariam de seus serviços depois de tudo, e no momento seguinte ela estava assistindo Clarke entregar seu cartão de crédito para reservar o dia 28 de março para a data de seu casamento.

A data do casamento *deles*.

Ela iria se casar com Clarke.

Fazia quase uma semana desde que ela concordou com sua sugestão espontânea, e ela deliberadamente não disse a ninguém, pensando – presumindo – que ela iria voltar a si, que ela acordaria uma manhã e perceberia o quão ridículo aquilo era, que ela ligaria para ele e eles ririam da insanidade disso.

Em vez disso, a cada dia, as coisas pareciam um pouco mais claras.

Ela podia *ver*. E não apenas a cerimônia do casamento, mesmo que ela fosse espetacular.

Mas ela podia ver o *casamento*. Ela podia vê-los tomando café juntos todas as manhãs. Planejando o dia à frente, incentivando um ao outro quando necessário, compartilhando uma bebida no final do dia, discutindo sobre que tipo de comida pedir.

Claire e Naomi estavam esperando impacientemente por uma explicação, mas tudo o que ela pôde fazer foi sorrir e dizer:

— Não sei. Não sei como explicar.

— É um casamento de conveniência — Claire perguntou com uma mordida no pão — ou um casamento de...

— Luxúria? — Naomi forneceu esperançosamente.

— Definitivamente não é o último — disse Audrey.

— Bem, então qual é o ponto! — Naomi disse, erguendo as mãos. — Por que alguém se casaria se não fosse pelo acesso constante aos momentos sexys? Claire, diga a ela.

— É definitivamente uma vantagem — Claire disse lentamente. — Mas você não precisa ser casado para fazer sexo frequentemente.

— Bem, isso é verdade — Naomi admitiu. — Acho que sei disso em primeira mão. Mas você e Clarke estão fazendo as indecências?

— Não — disse Audrey enfaticamente.

— Então, você está, o quê, se guardando para a noite de núpcias? — Naomi perguntou ceticamente.

— Não é esse tipo de casamento — Audrey explicou rapidamente.

— Que tipo de casamento é?

— Bem. Acho que a descrição de Claire de um “casamento de conveniência” é tão adequada quanto qualquer outra — disse Audrey — embora não seja tão fria assim. Mas você sempre ouve que os melhores casamentos são aqueles baseados na amizade, certo? Todo mundo imagina que quando se casarem, será com seu melhor amigo. E eu percebi que a única maneira de conseguir esse casamento é casando com Clarke.

— A amizade é um elemento importante — Claire concordou cuidadosamente. — Mas não é o único elemento.

— Verdade. Sexo — Naomi disse novamente.

— Quer parar com isso! — Audrey disse, incapaz de manter a exasperação fora de seu tom quando ela se virou para sua amiga. — Eu ouço o que você está dizendo. De verdade. Eu sei que Clarke e eu não estamos fazendo isso da maneira normal. Mas não estamos procurando o tipo normal de casamento. Não estamos procurando o que você e Scott têm — disse ela, olhando para Claire — ou o que você e Oliver têm.

— Mas...

— Não — disse Audrey com firmeza. — Eu tenho o direito de fazer as coisas de um jeito diferente do de vocês duas. Vocês estão fazendo de forma diferente uma da outra! Naomi, você mora com Oliver desde antes de Claire

conhecer Scott, e Scott e Claire são casados. Então, por que não posso escolher *meu* próprio caminho? Eu amo Clarke tanto quanto vocês duas amam Oliver e Scott. É apenas diferente.

— E você quer diferente? — A voz de Claire era gentil.

Era algo que Audrey havia se perguntado constantemente nos últimos dias, e ela finalmente decidiu a resposta.

— Eu quero seguro — disse ela calmamente. — Eu quero alguém que nunca vai me machucar.

— Do jeito que Brayden machucou — disse Naomi astutamente.

Audrey deu um aceno brusco.

— Eu posso entender isso. Eu *entendo* isso — Claire corrigiu. — Mas por mais especial que seja isso que você e Clarke têm, você tem certeza que quer desistir de toda esperança no amor? Você é tão...

Audrey ergueu um dedo em advertência.

— Não diga que sou tão jovem.

Claire franziu os lábios.

— Certo. Eu não vou. Mas muitas pessoas encontram o amor de suas vidas na casa dos trinta. — Ela apontou entre ela e Naomi. — O que acontecerá daqui a dois anos se você se apaixonar quando for ao Food Emporium?

O nariz de Audrey enrugou.

— Por que eu iria ao Food Emporium?

— Tudo bem, então pelo entregador da Citarella — Claire disse, referindo-se à loja chique que Audrey preferia. — Você sabe exatamente o que estou perguntando e você está evitando responder.

Audrey suspirou.

— Eu sei. E olha, nós conversamos sobre isso. Se um de nós encontrar alguém sem quem não podemos viver, lidaremos com isso. Mas por que eu ficaria sentada sozinha esperando a pequena chance de isso acontecer, quando eu poderia ter algo realmente bom e maravilhoso agora?

— Audrey. — O rosto de Naomi se suavizou. — Você está se sentindo sozinha?

Audrey girou o gelo em seu copo.

— Um pouco, sim. Quero dizer, você tem Oliver. Claire tem Scott. Todos nós nos reunimos bastante, mas a maioria das minhas noites são bastante solitárias. Não é como se eu tivesse qualquer perspectiva no horizonte, e meu histórico romântico é sombrio na melhor das hipóteses.

— E as pessoas se casam por motivos piores o tempo todo — cedeu Naomi.

— Sim! — Audrey disse animadamente. — Viu?

— Ok, não posso acreditar que estou fazendo isso — disse Claire — mas estou entrando na onda da Naomi por um segundo e vou fazer a pergunta intrusiva. Esta é uma situação de amigos com benefícios? Tipo, como funciona a parte da moradia?

— Vamos morar juntos — disse Audrey. — Ainda não sei na casa de quem. Mas quartos separados.

— Então é um *não* para os benefícios?

— Isso. Clarke não me vê assim.

Os olhos azuis de Naomi se arregalaram.

— Escolha interessante de palavras.

— Sim — Claire murmurou. — É *realmente* uma escolha interessante de palavras.

— Como...

— Você disse que *ele* não vê você dessa forma. Você não mencionou como você vê ele.

— Claro que eu não... — Audrey parou, pensando nos beijos de Clarke, primeiro no jantar de noivado, depois na confeitaria. Eles a desequilibraram. O beijo no hotel de esqui, entretanto, a derrubou imediatamente.

Se ela fosse realmente honesta consigo mesma, poderia dizer que não foi afetada por ele como um homem? Que ela não tinha pensado nele com muita frequência, imaginando como seria se ela e Clarke se beijassem de

verdade? Ela poderia negar que em algum momento nas últimas semanas ele deixou de ser *apenas Clarke* para ser o cara que lhe dava borboletas sempre que suas mãos se tocavam?

Apoiando os cotovelos sobre a mesa, Audrey franziu a testa e colocou o rosto nas mãos.

— Quando ele ficou tão gostoso?

— Ele sempre foi gostoso — disse Naomi, colocando uma mão solidária nas costas de Audrey. — Você apenas tinha uma armadura que te protegeu muito bem contra isso.

— Bem, o que mudou? — Audrey lamentou. — Eu quero minha armadura de volta.

Claire pegou sua mão esquerda, sacudindo o anel de noivado de diamante com bom humor.

— *Isso* tem um jeito de mudar as coisas. Era para acontecer. Fingir ver Clarke de uma maneira diferente forçou você a realmente vê-lo dessa forma.

— Então, como faço para desfazer isso?

— Bem, você não se casa *com* ele — Claire disse exasperada.

— Não, não, espere um pouco, acho que isso é viável — disse Naomi. — Quero dizer, e se você propusesse a situação de amigos com benefícios? Seria tão louco? Vocês dois são lindos. Vocês confiam um no outro. O sexo pode ser épicaamente divertido.

— Também pode ser epicamente desastroso — disse Audrey. — Claire, o que você acha?

Claire estremeceu.

— Hum, eu tenho que responder? Ainda estou tentando entender o fato de que em um mês, você será a Sra. West. Ou você vai manter seu nome?

— Vou manter o meu — disse Audrey. — Mais de um milhão de pessoas me conhecem como @TheAudreyTate. É *literalmente* meu trabalho ser ela.

— E você não acha que eles seguiriam @TheAudreyWest?

— Huh — disse Audrey, inclinando a cabeça. — Eu nunca tinha pensado nisso, mas não soa ruim, não é?

— Não. Mas acho que você tem bastante tempo para decidir — disse Naomi.

— Ela tem? — Claire perguntou em dúvida. — O noivado dela agora está se movendo em alta velocidade.

— Ah, por favor — disse Audrey. — Você literalmente foi a Paris solteira e voltou casada uma semana depois.

Claire sorriu.

— Isso é verdade. A melhor decisão da minha vida também.

— Bem, esta é a melhor decisão da minha vida — disse Audrey. — Então, pronto.

Ela pegou o cardápio, querendo – *precisando* – de uma pausa na conversa, mas não deixou de notar o olhar preocupado que suas amigas trocaram.

Ela entendia. As três haviam feito um pacto, e ela sabia que elas viam como seu dever cuidar dos interesses românticos dela, assim como ela cuidava dos delas. Audrey apenas esperava que elas pudessem entender que todas as situações não foram criadas igualmente.

Elas fizeram um acordo para ajudar a proteger umas às outras dos canalhas, sim. Mas havia diferentes maneiras de fazer isso. Com Naomi, tinha sido ajudar a expor um canalha para que ela pudesse ver o que estava bem na sua frente – Oliver. Com Claire, tinha sido ajudar sua amiga a ver que todos os homens não eram como Brayden, e que alguns, como Scott, eram ótimos. E absolutamente perfeito para ela.

Mas Audrey não se encaixava em nenhuma das categorias. Ela não desistiu do amor. Ela não achava que *todos os* homens eram traidores. Ela simplesmente sabia que com o grande tipo de amor vinham grandes riscos, e ela não achava que poderia sobreviver a outro Brayden. Ou pelo menos seu coração não podia.

Então, sim, ela sabia que de fora, ela e Clarke pareciam loucos. Mesmo por dentro, era um pouco maluco. Mas era seguro. *Ele* era seguro.

Clarke era o único homem que sempre fora simplesmente de Audrey, de mais ninguém.

Mas agora ela só tinha que descobrir como não o querer, para que ela pudesse evitar perdê-lo.

Capítulo Dezenove



QUARTA-FEIRA, 26 DE FEVEREIRO

— *Eu* ainda não entendi por que eu preciso estar aqui!? — Clarke disse, sentindo-se desconfortavelmente grande e, bem, masculino, no espaço decididamente feminino.

— Fazia parte do acordo — disse Audrey, pegando algo que parecia uma pilha de barbante rosa choque e colocando-o de volta na mesa. — A loja vai me dar um enxoval inteiro por conta da casa. Em troca, documento o processo de compra. Com meu amado.

Ela soprou um beijo para ele e Clarke fingiu afastar o beijo.

— O que diabos é um enxoval?

— É um termo tradicional — disse uma vendedora que se aproximava. — Refere-se às peças de roupa que uma mulher traria para seu novo casamento. Incluindo as não mencionáveis, mas não se limitando a elas.

Clarke adoraria nada mais do que não mencionar os sutiãs e calcinhas que atualmente o cercavam. Ele adoraria ainda mais não pensar em Audrey usando qualquer um deles.

— Então por onde começamos? — Audrey perguntou alegremente. — Sutiãs? Calcinhas? Ursinhos?

O pulso de Clarke disparou em pânico até que ele percebeu que ela estava falando com a vendedora, não com ele. Não, cancela. Seu pulso estava acelerado de qualquer maneira.

Ele olhou ao redor da loja freneticamente. Sem janelas. Por que não havia janelas?

— Por que vocês dois não ficam à vontade na área de descanso? Meu nome é Michelle e adoraria trazer algumas coisas das quais vocês gostarão. Vocês dois — disse ela com uma piscadela brincalhona para Clarke.

Ele sabia que deveria sorrir. Sabia que *precisava* sorrir. E embora ele tivesse certeza de que conseguiu mostrar os dentes, o olhar que ela deu a ele era um pouco preocupado.

Clarke se recusou a olhar para Audrey para não se denunciar, mas provavelmente era tarde demais para isso. Ele estava praticamente suando.

— Temos uma geladeira com champanhe, vinho branco e cerveja. Posso trazer alguma coisa para vocês dois?

— Aah, um copo de vinho branco parece adorável. É muito cedo?

Clarke não se importava com que horas eram.

— Cerveja. Por favor.

Ele teria preferido algo mais forte no momento, mas ele aceitaria o que pudesse.

A vendedora disse para eles olharem com calma, anotarem tudo o que gostassem e depois fossem para o fundo e se acomodassem.

Com a pressão arterial um pouco mais sob controle, Clarke olhou para Audrey apenas para sentir seu pulso disparar novamente.

— O que você está fazendo? — disse ele, colocando a palma da mão sobre o telefone dela para bloquear a lente apontada para ele.

— Clarke! Isso faz parte do acordo! Temos que tirar fotos de toda a experiência. — Ela deu a ele um olhar confuso. — O que há com você?

— O que você quer dizer?

— Você sabe exatamente o que quero dizer. Parece que você está prestes a vomitar violentamente naquela mesa de calcinhas caríssimas.

Seus olhos se fecharam com força.

— Você lembra que, quando começamos isso, eu a proibi de usar a palavra *vagina*?

— Claro. Um tanto imaturo, mas honrei isso.

— Estou adicionando *calcinhas* à lista.

Ela revirou os olhos, impressionada.

— Não seja esse cara. Do que mais você gostaria que eu as chamasse? Roupas íntimas? Espere, não. Você é do tipo que fala ceroulas? Tipo, “Ei, baby, vamos tirar você dessas ceroulas”

Santo Deus.

— Eu não sei. Acho que eu não... me refiro a elas.

— Então, podemos discutir boxers masculinos versus cuecas, não é grande coisa, mas os equivalentes femininos não podem ser mencionados? Ei! Aposto que foi daí que tiraram esse nome. Vou colocar isso em um story — disse ela, puxando o telefone das mãos dele e abrindo o Instagram.

Ela ergueu os olhos do telefone quando terminou, sua expressão suavizando ligeiramente.

— Ok, sem brincadeira, você realmente está estranho. O que aconteceu?

— Nada — disse ele, resistindo ao impulso de passar a mão na testa para verificar se estava suada. — Estou sentindo que isso é um pouco demais para mim.

— Demais para você? — ela perguntou ceticamente. — Fiquei com a impressão de que você era bastante proficiente nisso.

— Compra de lingerie? Dificilmente.

— Bem, não a parte de compras, mas o próprio produto. — Ela abriu as mãos e gesticulou ao redor da loja chique. — Você não pode me dizer que não viu muitos desses produtos por aí. Não subestime quantas manhãs passei em sua casa antes de irmos tomar café da manhã e encontrei uma companheira de sábado à noite usando *muito pouco*.

— Não é minha culpa que as mulheres nunca saem quando você quer que elas saiam — ele murmurou.

Ela puxou a ponta do rabo de cavalo, parecendo subitamente nervosa enquanto o estudava.

— Você vai dizer isso sobre mim?

— O quê?

— Bem, quero dizer, nós realmente não conversamos sobre a logística disso. Eu estava imaginando que viveríamos sob o mesmo teto...

— Claro que vamos — disse ele, franzindo a testa. Era o que ele mais esperava, para ser honesto. Sua casa sempre parecia mais *certa* quando Audrey estava nela. Mais viva, de alguma forma. E, por falar nisso, não precisava ser sua casa. Ele tinha a mesma sensação de facilidade e acerto quando estava na casa dela. Quase como se seu lar fosse onde quer que Audrey estivesse.

Ele imediatamente estremeceu com os clichês açucarados de seu próprio cérebro.

— Bem, se você mal pode esperar para que essas mulheres partam nas manhãs de domingo, como vamos ser diferentes?

— Bem, para começar, porque somos nós — ele disse, tentando não se sentir incomodado pelo fato de que ela se colocava na mesma categoria que seus casos de uma noite, ou mesmo seus casos de cinco noites. Ela não percebia que ela era diferente? — Ei. — Ele se aproximou um pouco mais, não querendo que outra pessoa ouvisse. — Você está tendo dúvidas? Você sabe que pode desistir a qualquer momento, sem ressentimentos.

Ela soltou uma risada ofegante.

— Você percebe como isso soa louco, certo? Um noivo dizendo à noiva que não haverá ressentimentos se ela desistir do casamento?

— Que é exatamente o que torna nossa situação tão perfeita — disse ele, pegando as mãos dela, quase sem perceber que estava fazendo isso. — Nós nos preocupamos com a felicidade um do outro. Você ser feliz é o que mais importa para mim.

— Também sinto isso — disse ela, dando um aperto rápido nos dedos dele. — Mas. — Ela se inclinou. — Isso não explica por que você está agindo como uma virgem nervosa aqui.

Clarke soltou uma risada rápida.

— Eu estou, não é?

Ela arqueou as sobrancelhas com uma expressão silenciosa que dizia *uhum*.

— Honestamente? — ele disse, olhando ao redor para as paredes cobertas por pequenos pedaços de renda e seda. — Não passei muito tempo em lojas de lingerie. Vou confessar que me sinto completamente deslocado.

— Suponho — disse ela pensativamente, afastando as mãos das dele, pegando uma calcinha fio-dental cor de pêssego e dando um puxão muito suave no elástico — que deve ser diferente ver todos os não mencionáveis em seu habitat original e não sendo retirados do corpo nu de alguma mulher.

Clarke sentiu o calor correr do rosto para a virilha, imensamente grato por Audrey estar olhando pensativa ao redor da loja e não para ele, porque a resposta de seu corpo às palavras dela foi imediata e irrestrita.

A resposta de seu cérebro foi de pânico.

Porque o corpo nu que passou por sua mente com as palavras dela não era de uma mulher sem rosto de seu passado. Era de Audrey.

Clarke passou a palma da mão no rosto, grato quando Michelle voltou com uma cerveja e uma taça de vinho nas mãos.

— Viu algo que você gosta? — ela perguntou com um sorriso, entregando a cerveja a Clarke.

Ele conseguiu dar um grunhido inarticulado.

— Você vai ter que desculpar meu noivo — disse Audrey com um sorriso tranquilizador para a vendedora. — Sua testosterona está queimando.

Michelle riu.

— É um espaço muito feminino. Às vezes, brincamos sobre colocar uma tela plana na parte de trás só para fazer os caras se sentirem mais à vontade.

Clarke não precisava de uma tela plana. Ele precisava de um banho frio.

Ele seguiu Audrey e Michelle até o fundo da loja. As duas mulheres estavam discutindo as marcas das calcinhas, e antes que ele pudesse ordenar que seus olhos se comportassem, seu olhar caiu para a bunda da morena com quem se casaria em um mês.

Interessante que depois de todos esses anos sendo amigo dela, ele nunca tinha notado como sua bunda era bem torneada, perfeitamente...

— Clarke?

Ele arrastou os olhos para cima, viu que ela estava olhando por cima do ombro para ele com um olhar perplexo no rosto.

— Michelle perguntou se tínhamos planos para a lua de mel. Eu estava dizendo a ela que você insistiu que fosse uma surpresa.

Clarke não havia insistido em nada disso. Ele e Audrey nunca tinham falado sobre lua de mel, mas ele com certeza estava pensando nisso agora. Pensar nela em um biquíni minúsculo ou uma das camisolinhas brancas minúsculas na vitrine da loja ou sem usar nada...

Ele balançou sua cabeça. Isso tinha que parar. Era Audrey, pelo amor de Deus.

Percebendo que ambas as mulheres estavam esperando por sua resposta, ele sorriu, esperando que parecesse mais normal do que ele se sentia.

— Dree, se esta é sua maneira de tentar descobrir os detalhes...

— Eu te disse — Audrey disse com um suspiro dramático para Michelle.
— Ele não vai me dar nem uma dica.

Depois que Michelle se afastou, Audrey piscou para ele rapidamente. Ela sabia muito bem que ele não estava planejando uma lua-de-mel e estava apenas pedindo ajuda dele para sair da conversa.

Mas de repente ele *estava* pensando sobre isso. Por que eles não deveriam sair de férias juntos? Talvez Paris em abril ou alguma villa grega.

A parte de trás da loja era ainda mais feminina do que a frente, se isso fosse possível. Um grande sofá circular de tufo rosa claro estava no centro da sala, sob um enorme lustre. Posicionados ao redor da área de estar havia vestiários, com pesadas cortinas rosa que podiam ser fechadas para maior privacidade.

— Ok, se vocês dois quiserem sentar aqui — Michelle estava dizendo. — Eu já tinha deixado algumas coisas separadas para vocês antes de chegarem aqui, mas depois de vê-la pessoalmente, tenho mais algumas ideias. Esse longo cabelo escuro vai ficar tão fabuloso contra nossa linha branca de noiva.

Clarke começou a se mexer desajeitadamente na cadeira, tentando ficar mais confortável.

— Dê-me um minuto — Michelle estava dizendo. — Fiquem à vontade para tirar fotos ou fazer o que quiserem.

Audrey já tinha tirado o telefone e estava gravando um vídeo da área de estar. Ele notou que ela estava usando as lentes que ele comprou para o Dia dos Namorados e sentiu uma onda de felicidade em torno de seu pânico crescente por não poder controlar suas próprias emoções.

— Clarke, faça parecer que você quer estar aqui — ela instruiu quando a câmera apontou para ele. Ele ergueu sua cerveja e sorriu obedientemente.

— Perfeito. — Ela veio em sua direção e, jogando-se no sofá ao lado dele, estendeu a câmera para tirar uma selfie. — Sorria! Ah, espera, calma. Droga, é por isso que as pessoas usam bastões de selfie.

Ele se sentou pacientemente por cerca de vinte segundos enquanto ela tentava encontrar um ângulo que capturasse os dois antes de colocar sua cerveja em uma mesa lateral de aparência agitada e tirar o telefone de sua mão.

— Braços mais longos.

Eles tiraram selfies dezenas de vezes ao longo dos anos – centenas – e ele estava acostumado com o corpo dela pressionado contra o seu lado, sua bochecha perto da dele, mas essas eram selfies de *amigos*. E embora ela ainda fosse sua amiga, e embora o noivado não fosse típico, aquela pose não parecia o suficiente.

Agora, instigado por alguma necessidade não identificável, Clarke queria algo diferente. Ele ansiava por algo mais. Não que ele pudesse dizer isso a ela. Ele olhou para Audrey.

— Como está a situação com o Scandal Boy?

Ela encolheu os ombros.

— Houve alguns golpes subentendidos de que apostas foram feitas sobre quando uma certa socialite vaidosa e seu melhor amigo barbudo vão recuar e admitir que seu “casamento” é uma piada, mas nada muito desagradável.

Era a única desculpa de que ele precisava.

Abaixando-se, Clarke enganchou a mão sob as panturrilhas dela e ergueu as pernas dela para que ficassem penduradas sobre as dele. Ela gritou ao perder o equilíbrio e riu ao passar o braço em volta do pescoço dele para se equilibrar.

— Ótimo trabalho, *querido*.

Ele sorriu de volta.

— Pareça apaixonada, *pookie*.

Ela pressionou sua bochecha contra a dele enquanto ele tirava algumas fotos deles se exibindo, surpreso quando ele sentiu a cabeça dela se mover, seus lábios pressionados em sua bochecha.

Ele tirou a foto quando ela fez um barulho de estalo, um beijo brincalhão. Um beijo de amigos. E, novamente, Clarke foi atormentado por aquele desejo incômodo e inconveniente de *mais*.

Antes que ele pudesse se convencer do contrário, Clarke virou o rosto para Audrey, sua boca capturando a dela. Ela congelou de surpresa, mas se recuperou mais rapidamente do que antes, seus lábios se separando sob os dele quase imediatamente, permitindo que ele aprofundasse o beijo.

Então ele fez isso. Afastando os lábios dela com os dele, Clarke deixou sua língua roçar a dela, brincando, experimentalmente, vendo como ela reagiria. Como *ele* reagiria.

Sua própria reação foi imediata. Seu corpo ansiava por fazer o que seu cérebro imaginava: encostar as costas dela na almofada, descobrir o que ela estava vestindo sob o suéter rosa, aprender como ela era. O gosto dela...

— Ok, então nós... Opa! — Michelle disse com uma risada enquanto voltava para a sala.

Audrey puxou a boca da de Clarke, e os dedos dele imediatamente pressionaram em suas costas, querendo trazê-la de volta para ele. Em vez disso, ele a soltou lenta e relutantemente, deixando-a rir e suavizar a interrupção de Michelle, não parecendo nem um pouco envergonhada por terem sido pegos se beijando em público.

E por que deveriam estar? Casais noivos eram notórios por não conseguirem manter as mãos longe um do outro, e toda a natureza da loja em si era uma garantia para uma lua de mel muito safada.

Uma lua de mel que não aconteceria. Ou, pelo menos, não envolveria delícias sexy como Audrey vestindo pequenas quantidades de renda e nada mais.

Clarke pegou sua cerveja e tentou prestar atenção às divagações de Michelle sobre os vários cortes de sua nova linha do Moulin Rouge, quando tudo o que ele realmente queria fazer era entregar à mulher seu cartão de crédito, dizer a ela que aceitariam tudo e arrastar Audrey para casa para um desfile de moda só deles.

Jesus. Clarke virou a cerveja, desejando que estivesse mais fria e mais forte. *Controle-se, cara. É a Dree.*

— Bem, tenho um trabalho difícil pela frente — disse Audrey enquanto pegava sua taça de vinho e voltava para o provador depois que Michelle os deixou sozinhos mais uma vez.

— Ah, o telefone — disse ela, voltando para ele e estendendo a mão.

Ele o colocou na palma da mão dela, e ela começou a rolar pelas fotos enquanto se dirigia para o provador.

Ela fechou a cortina e colocou a cabeça para fora um segundo depois.

— Clarke! — Ela ergueu o telefone exasperada. — Você não tirou uma única foto de nós nos beijando! Isso teria atenuado o ego do Scandal Boy um pouco.

— Desculpe, querida — ele disse sem rodeios, puxando seu próprio telefone como se ele não tivesse uma preocupação no mundo. Como se ele não estivesse abalado que seus motivos para a beijar não tinham nada a ver com o Scandal Boy e tudo a ver com o fato de que ele a queria nua. E ele queria que ela o quisesse de volta.

Capítulo Vinte



TERÇA-FEIRA, 3 DE MARÇO

Audrey fechou o laptop e se levantou, pressionando as mãos nas costas e arqueando-se para trás, enquanto se perguntava se seria uma boa ideia fazer ioga para se soltar depois de um dia inteiro sentada diante do computador.

Ela tinha acabado de lançar uma nova seção de recursos de casamento em seu site, seu cérebro já explodindo com ideias para o futuro, mesmo depois de seu próprio casamento. Ela poderia entrevistar outras noivas e manter contato com as Wedding Belles para promover novos locais e fornecedores. As possibilidades do Pinterest por si só eram alucinantes.

Alguém bateu em sua porta e ela foi atender, esperando que fosse Clarke com comida.

Mas não era Clarke.

— Elizabeth — disse Audrey, surpresa ao ver a ex-namorada de Clarke parada em sua varanda. — Entre.

— Obrigada — disse Elizabeth. — Eu realmente sinto muito por lhe incomodar assim. Peguei seu endereço com Linda...

— A mãe de Clarke lhe deu meu endereço? — Isso não poderia ser bom. Elizabeth assentiu.

— Eu deveria ter ligado, mas é melhor que algumas coisas sejam ditas pessoalmente. E eu estava com medo de que se pedisse permissão para vir, você me dissesse não, o que estaria inteiramente dentro dos seus direitos...

As sobrancelhas de Audrey se ergueram. Elizabeth estava titubeando, algo que ela imaginava que a calma e serena Elizabeth não estava acostumada a fazer.

— Aqui, deixe-me pegar uma bebida. Chá? Café? Vinho?

— Não — Elizabeth disse rapidamente enquanto Audrey se movia em direção à cozinha. — Isso vai ser rápido. Só preciso de dois minutos.

— Certo. — Audrey cruzou os dedos frouxamente na frente dela e esperou.

Elizabeth exalou.

— Eu queria pedir desculpas. Sinceramente, me desculpa.

— Por...

Audrey tinha uma boa ideia do porquê, mas ela estava curiosa para saber o que Elizabeth tinha achado dos últimos dois meses.

O sorriso de Elizabeth estava tenso.

— Por tentar roubar seu noivo.

— Ah — Audrey disse levemente. — Isso.

— Eu sei que isso não é desculpa — disse Elizabeth, apressada — mas para ser honesta, quando me mudei de volta, quando você e Clarke anunciaram que estavam noivos, eu achei...

— Você achou que era uma brincadeira.

— Achei — Elizabeth admitiu. — Linda mencionou que vocês tiveram alguns noivados falsos no passado, e eu pensei que Clarke estava apenas tentando provar seu ponto para Linda, ou que você estava tentando controlar os danos à sua reputação.

Audrey escondeu seu estremecimento. Ela tinha que dar crédito a Elizabeth por acertar em cheio.

— Achei melhor esperar, que você se cansaria da farsa, que Clarke teria ganhado o jogo que ele e sua mãe estão jogando constantemente.

— E você imaginou que estaria lá quando tudo acabasse.

— Sim — Elizabeth admitiu. — Eu estava tentando provar para Clarke que eu estava lá para ficar dessa vez. Honestamente, estou um pouco

envergonhada em admitir que estava até tentando provar que eu poderia entrar no jogo de vocês. Queria que ele visse que eu poderia me encaixar em sua estranha amizade. Não quis dizer que é estranha — ela emendou rapidamente.

— É um pouco estranha — Audrey admitiu com um sorriso, cedendo isso a ela.

Elizabeth não sorriu de volta enquanto sustentava o olhar de Audrey.

— Mas não é mais apenas uma amizade, é?

Um nó de medo se formou no estômago de Audrey quando ela olhou para a outra mulher. Elizabeth nunca tivera traços suaves e, tão séria como agora, parecia tão implacável como sempre. Exceto os olhos. Seus olhos castanhos estavam desprotegidos, sua dor não filtrada.

Em vez de responder à pergunta de Liz, Audrey voltou a conversa para ela, querendo, ou talvez precisando, ouvir toda a verdade.

— Você o ama — Audrey disse calmamente. — Não era um jogo para você.

— Não — Elizabeth admitiu. — Não era. Clarke não foi o principal motivo pelo qual me mudei de volta para Nova York, mas ele definitivamente fez parte da decisão. Não percebi até chegar a Washington que cometi um erro por não o valorizar.

Não, você não o valorizou, Audrey não pôde deixar de pensar, mesmo enquanto se impedia de dizer isso em voz alta. Você não viu que ele tentou mudar por você, e ele é a última pessoa no mundo que precisa mudar, porque ele é perfeito, do jeito que ele é.

— Clarke trazia o melhor de mim — Elizabeth continuou. — E eu pensei... tive esperança de ter trazido o melhor dele também. Pedi a Linda apenas para me ajudar a conseguir algum tempo cara a cara com ele.

Audrey cerrou os dentes para não apontar que a mãe de um homem adulto não tinha que se envolver nos relacionamentos românticos do filho.

— Mas eu estava errada — disse Elizabeth com um sorriso triste. — Linda estava errada. Talvez nós *realmente* equilibramos um ao outro, mas isso não é o que Clarke precisa.

— Não? — Audrey perguntou com cautela.

Elizabeth balançou a cabeça.

— Eu não percebi até que vi a maneira como ele olhava para você no dia da viagem de esquí. Não até que eu acidentalmente tropecei em vocês dois se beijando no corredor.

— Espere — disse Audrey, levantando a mão. — Você chegou quando estávamos nos beijando?

Isso não estava certo. Clarke beijou Audrey porque Elizabeth já estava em sua linha de visão.

Elizabeth corou ligeiramente, claramente envergonhada.

— Eu não queria espiar. Eu estava indo para o meu quarto para pegar um pouco de hidratante labial, e quando virei a esquina, você e ele estavam... bem, foi quando percebi que não era um jogo. Você não estava apenas fingindo. E eu não era o que ele precisava. Provavelmente nunca fui. Clarke nunca me beijou assim.

— Assim como? — Audrey não pôde deixar de perguntar.

— Como se ele fosse morrer se não me beijasse. Como se eu fosse a única coisa que importasse, a única coisa que ele pudesse ver. Acho que sempre soube em algum nível que Clarke precisava de você. Só tentei me convencer quando voltei de que ele precisava de mim também, mas de uma maneira diferente. Eu estava errada. Eu o amo, mas o amo o suficiente para querer que ele seja feliz.

Audrey se mexeu desconfortavelmente, sua consciência pinicando com o fato de que embora ela acreditasse de todo o coração que Elizabeth e Clarke não pertenciam um ao outro, também estava claro que Elizabeth tinha uma ideia errada sobre Audrey e Clarke. O que, quando eles começaram isso, tinha sido o objetivo. Mas havia uma diferença entre querer evitar uma ex-

namorada manipuladora e ficar no caminho do felizes para sempre de outra mulher.

Está acontecendo de novo, Audrey percebeu com uma pontada de horror. Pela segunda vez na vida, Audrey estava arruinando o conto de fadas de outra mulher. Ela primeiro roubou Brayden de Claire. E agora Clarke de Elizabeth.

Não que Clarke estivesse apaixonado por Elizabeth. Audrey apostaria qualquer coisa que ele não sentia por Liz o que ela sentia por ele.

Mas e se ele tivesse tido a chance de aprender a amá-la novamente? E se Audrey não estivesse no caminho?

Todo esse tempo, Elizabeth não estava jogando um jogo. Não era sobre Clarke e Audrey contra Linda e Elizabeth. Foi Elizabeth lutando para ganhar o coração de Clarke, porque o *amava*. Como Claire amava Brayden. *Antes dela*.

E mais uma vez, Audrey era a segunda, a outra mulher no caminho.

— Elizabeth...

— Não. — Ela rapidamente balançou a cabeça. — Eu não quero banalidades ou simpatia. Só vim aqui porque precisava me desculpar. E dizer como eu nunca teria perseguido Clarke como fiz se soubesse o que você realmente sente por ele. Me desculpe. Sinceras desculpas.

— Mas você *sempre* soube que eu amava Clarke — disse Audrey, mesmo quando Elizabeth estava pegando a maçaneta. — Somos melhores amigos desde sempre.

— Ah, eu sei — Elizabeth concordou, saindo para a varanda da frente de Audrey. — Só lamento que eu não tenha percebido mais cedo que você estava *apaixonada* por ele. Mas como você poderia não estar. É o Clarke, né?

Ela disse isso com um sorriso conhecedor, uma compreensão compartilhada entre duas mulheres que amavam o mesmo homem.

Audrey hesitou enquanto Elizabeth se afastava, abrindo a boca para dizer a Elizabeth que se enganara, que seu casamento com Clarke não seria assim, que ela não estava apaixonada por seu melhor amigo.

As palavras não saíram. Porque seu coração já sabia que eram uma mentira...

Capítulo Vinte e Um



TERÇA-FEIRA, 3 DE MARÇO

Clarke tinha acabado de terminar um treino noturno e não ouviu as batidas na porta até que desligou a água do chuveiro.

Ele puxou uma toalha da prateleira e ignorou. Sem disposição para companhia após um jantar tenso com seus pais, ele não iria cumprimentar ninguém inesperado enquanto estava nu.

Sua mãe ficou totalmente ilegível após seu anúncio de que se casaria com Audrey de verdade, enquanto seu pai estava claramente satisfeito. E ele estava chateado com os dois por jogarem jogos que ele suspeitava que tinham mais a ver com irritar um ao outro do que com ele.

Clarke se secou e, saindo do box, amarrou a toalha na cintura e foi até a penteadeira para fazer a barba, franzindo a testa quando percebeu que as batidas na porta da frente não haviam parado. No mínimo, tinham ficado mais altas.

Ele checkou seu telefone para ver se havia perdido alguma mensagem urgente de Audrey ou de sua família, mas além da quantidade normal de e-mails de trabalho, não havia nada que indicasse que alguém estava tão determinado a chamar sua atenção.

Clarke pegou o creme de barbear, depois o largou novamente, a curiosidade vencendo. Ele desceu as escadas.

Ele olhou pelo olho mágico e, com uma carranca, abriu a porta.

— Dree, que diabos? — ele perguntou.

— Demorou bastante — ela disse, passando por ele e entrando enquanto ele fechava a porta.

— Você tem uma chave.

— Eu esqueci.

— E quanto ao seu celular? — ele perguntou, arqueando uma sobrancelha.

— Eu também esqueci disso.

— Você... — Clarke parou. O trabalho de Audrey era seu celular. Ele não conseguia se lembrar da última vez que ele estava a mais de um braço de distância.

— Qual o problema? — ele perguntou, dando a ela uma rápida análise em busca de cortes e hematomas, qualquer coisa que indicasse o que ela estava fazendo aqui ou por que ela estava tão fora de si.

Além do fato de que ela parecia um pouco esgotada e distraída, ele não conseguia ver nada que pudesse ter exigido que ela batesse com tanta urgência em sua porta. Ele também registrou que não era o único fazendo uma análise corporal. Seus olhos castanhos percorreram seus ombros nus e torso despido até a toalha antes de voltarem para os olhos dele, e ela franziu a testa.

— Você sempre atende a porta com uma toalha? — ela perguntou, sua voz irritada.

— Eu não estava planejando responder, mas comecei a ficar curioso para saber quem em meu círculo social era parte pica-pau. — Ele sorriu. Ela não.

— Você está apaixonado por Elizabeth?

Seu sorriso caiu.

— *O quê?* Não. Você sabe disso.

Ela franziu a testa e não pareceu nem um pouco mais calma.

— Eu acho que sei. Mas, Clarke, você não pode simplesmente ficar vagando por aí de toalha depois que eu me mudar para cá — disse ela. — Haverá regras. Você tem que estar totalmente vestido o tempo todo. As

mesmas regras se aplicam se você se mudar para minha casa, se for o que decidirmos fazer. E isso é outra coisa, já não deveríamos saber? Para a casa de quem vamos nos mudar? Não deveríamos saber como vamos lidar com o fato de que você aparentemente anda por aí de toalha?

As sobrancelhas dele se ergueram com a tagarelice ligeiramente incoerente dela.

— Eu não fico vagando por aí apenas de toalha, Audrey. Acontece que eu estava usando uma toalha quando abri a porta para minha melhor amiga, que esqueceu sua chave e seu celular, *porque acabei de tomar um banho*.

Ela continuou como se ele não tivesse falado.

— E quanto às suas mulheres? E se *elas* andarem de toalha e você esquecer de mencionar que tem uma esposa, exceto que não uma de verdade, apenas uma que está lá para te fazer companhia? O que, aliás, me fez pensar: será que precisamos mesmo ser casados para isso? Se estamos fazendo isso apenas porque nos sentimos solitários, porque gostamos de passar tempo juntos, por que não vamos morar juntos? Podemos dividir a casa sem toda a bagunça jurídica. Certo?

Ela finalmente fez uma pausa para recuperar o fôlego e, quando olhou para ele, foi a confiança em seus olhos que quase o desfez, a confiança que ela sempre teve nele para ter todas as respostas, para fazer todas as coisas certas, para protegê-la.

Ele estendeu as mãos e as esfregou de forma reconfortante sobre os braços dela, dando um sorriso rápido.

— Ei. O que está causando isso? Se você está tendo dúvidas, você sabe que pode apenas me dizer, certo? Você não precisa se preocupar com a possibilidade de sentimentos serem feridos...

— Mas não deveria haver? — ela explodiu. — Não deveria haver sentimentos em um casamento?

— É claro que existem sentimentos — disse ele, as mãos parando. — Você sabe o quanto me importo com você.

— Eu sei — ela sussurrou. — Eu também me importo com você.

— Então o que eu não sei? — ele perguntou, dando-lhe uma pequena sacudida em uma tentativa desesperada de fazê-la melhorar. — O que fez você sair correndo de casa sem chaves ou celular e meias de pares diferentes?

Ela olhou para baixo e estremeceu.

— Eu estava com pressa para falar com você.

— Sobre?

Lentamente, ela arrastou o olhar para cima, mas apenas até o pomo de adão dele.

— Sobre nós nos casarmos. Não deveria haver... mais?

Ele engoliu em seco, embora parecesse um esforço hercúleo.

— Você quer que haja mais? — ele perguntou asperamente, precisando fazer a pergunta mesmo se não tivesse certeza de que queria saber a resposta.

Audrey ficou quieta pelo que pareceram eras. Ela apenas ficou lá em suas meias de pares diferentes e rabo de cavalo bagunçado, parecendo um pouco confusa, mas também estranhamente mais determinada a cada momento que passava.

Finalmente, ela ergueu os olhos mais uma vez e respirou fundo.

— Eu não acho que consigo fazer isso.

Clarke soltou um suspiro áspero, sentindo como se seu peito tivesse acabado de se estilhaçar e os pedaços quebrados caíssem em torno de seus pés.

— Você não acha que consegue se casar comigo?

— Não do jeito que falamos. Não acho que posso ter um casamento aberto. Acho que sou antiquada, mas não consigo ficar bem em chamar você de meu marido, você me chamar de sua esposa, compartilhar refeições e histórias sobre nossos dias, criar um gatinho juntos e passar o Natal juntos, mas também saber que alguma outra mulher está compartilhando sua cama. Quer dizer, o que acontece na manhã seguinte? Nós três tomamos café juntos? — Ela respirou fundo. — Mas também sei que não posso exatamente pedir a você que fique sem sexo pelo resto da vida. *Eu* não quero ficar sem sexo pelo resto da *minha* vida.

A mandíbula de Clarke ficou tensa ao pensar em Audrey fazendo sexo com alguém além dele.

— Eu tenho que te perguntar uma coisa — ela deixou escapar.

— Claro — respondeu ele com cautela.

— Naquele dia no hotel de esqui — ela disse, seus olhos presos mais uma vez em sua garganta. — Quando você me beijou...

A voz dele estava muito forte.

— Sim?

— Você sabia que Elizabeth estava nos observando? Você me beijou *porque* ela estava nos observando?

Ele sabia o que ela estava realmente perguntando. *Ele a beijou pelo show? Ou ele a beijou de verdade?*

Mas ele não sabia como responder. Agir com cautela e mentir para impedi-los de ir a um lugar que poderia destruí-los? Ou dizer a verdade e arriscar tudo? Levou apenas alguns segundos para perceber que havia apenas uma resposta. A verdade. Ele devia a verdade à sua melhor amiga.

Clarke exalou.

— Não.

— Não, aquele beijo não era sobre Elizabeth?

Ele balançou a cabeça e prendeu a respiração, sentindo-se praticamente o mais exposto que já estivera em toda a sua vida.

— Não. Era sobre você. Nós.

Audrey deu um pequeno passo à frente e ergueu a mão. Ela pairou por apenas um segundo antes de ela lenta e propositalmente colocá-la no centro do peito dele.

A respiração de Clarke disparou.

— Dree.

Audrey não respondeu. Não com palavras. Em vez disso, ela apertou a mão com mais firmeza contra ele, colocando a palma sobre seu coração. Então ela ergueu os olhos para os dele, que não continham nada além de

convite e confiança. Ela era boa demais para ele. Ela era boa demais para qualquer um.

Mas Clarke estava cansado de lutar contra o que ele queria mais do que tudo em sua vida. Cansado de lutar contra algo, ele percebeu, que ele queria por muito mais tempo do que ele imaginava.

Ele estendeu as mãos e segurou suavemente o rosto de Audrey, esfregando os polegares sobre seus traços familiares, dando a ela tempo suficiente para se afastar, para mudar de ideia.

Quando ela não o fez, ele abaixou a cabeça e beijou sua melhor amiga. E desta vez, não havia dúvida em nenhuma de suas mentes sobre por que ele a estava beijando. Ou porquê ela o estava beijando de volta.

Ofegante com o desejo, ele afastou os lábios dos dela apenas tempo suficiente para morder ao longo de sua mandíbula, pressionando a boca em seu pescoço exposto quando a cabeça dela caiu para trás.

— Tenha certeza, Audrey. Tenha certeza absoluta.

As mãos dela encontraram sua cintura, seus dedos flertando sobre o nó de sua toalha.

— Eu tenho certeza.

Audrey não se lembrava de ter adormecido. Ela definitivamente não se lembrava de ter tomado a decisão de dormir na casa de Clarke. Mas depois de abrir os olhos e registrar o teto desconhecido, os lençóis desconhecidos, o despertador desconhecido, ela se lembrou de tudo o mais.

Ela se lembrava de dormir com Clarke.

Com um rápido olhar para a esquerda, confirmando que estava sozinha na cama king-size, ela se deitou de costas e apoiou as duas mãos na barriga sobre o lençol macio, tamborilando os dedos e esperando pelo pânico esmagador, o pavor de ter que olhar Clarke nos olhos agora que ela viu tudo dele e ele viu tudo dela. Pior de tudo, ela se preparou para o terror de que

nada mais seria o mesmo, de que ela havia arruinado a melhor coisa de sua vida.

Ela esperou. E esperou. Mas as emoções nunca vieram. Nem o pânico, nem o pavor, nem o medo. Em vez disso, ela se sentiu... bem.

Audrey sorriu. Ela se sentia ótima. O melhor que ela tinha se sentido em muito, *muito* tempo.

Tipo nunca? Nah. Ela provavelmente só estava extremamente necessitada de uma pequena liberação física.

Ela balançou as pernas para o lado da cama, decidindo que um dos benefícios de dormir com seu melhor amigo – não, com seu *noivo* – era que ela poderia tomar banho sem pedir. Ela remexeu até encontrar uma toalha limpa e pegou o shampoo e sabonete dele.

Ela colocou como limite usar a escova de dentes dele, então se contentou com seu dedo e o Colgate, depois vasculhou a cômoda dele, encontrando uma calça de moletom e uma camiseta que eram grandes demais, mas mais atraentes do que suas roupas da noite anterior, que estavam... Ela examinou o quarto, viu o sutiã jogado no canto. Ela sorriu com a memória.

Audrey desceu as escadas, ainda sorrindo, e não foi até que ela se aproximou da cozinha e sentiu o cheiro de café da manhã que se deu conta de que poderia estar sozinha nesta estranha bolha de euforia.

E se ele não sentisse o mesmo? E se ele estivesse pensando em como dar o fora nela? Dizer a ela que sexo foi um erro, que eles deveriam apenas fingir que nunca aconteceu.

Ou pior, e se ele dissesse a ela que as coisas mudaram de maneira irreversível? *E se ela o perdesse?*

Determinada a não se permitir pensar na pior das hipóteses sem motivo, ela manteve o sorriso firmemente no lugar enquanto pulava para a cozinha. Ou, pelo menos, o mais perto de pular que alguém conseguiria usando uma calça de moletom masculina, tamanho grande. O que quer dizer que ela praticamente se arrastava.

Clarke olhou para ela de onde estava no fogão e ergueu as sobrancelhas.

— Seus seguidores vão adorar esse visual. Isso tem um nome?

— Caminhada da vergonha? — ela forneceu, indo para o armário onde ele guardava suas canecas e tirando uma azul marinho que ela deu para ele quando ele se mudou.

— Vergonha, hein? — ele perguntou, estendendo a cafeteira em direção ao braço estendido dela e enchendo sua caneca.

Sua voz era casual e indiferente, mas quando ele encontrou seu olhar, ela sabia que ele tinha as mesmas reservas que ela. O mesmo medo de rejeição, a mesma preocupação de que cometeram um erro.

— Na verdade, esqueça isso — disse ela, segurando a caneca de café e sorrindo para ele através do vapor. Ela gostava de café com uma dose generosa da calda de chocolate que ela comprou de uma empresa francesa chique. Clarke obviamente não tinha a calda, mas ela podia beber puro quando precisava. — Nenhuma caminhada da vergonha aqui. Caminhada da satisfação?

Seu sorriso brilhou de alívio.

— Eu ia dividir os ovos de qualquer maneira. Não há necessidade de acariciar meu ego. Embora se você quisesse acariciar o...

— Não — ela disse, levantando um dedo. — Nada de trocadilhos sexuais até que eu tenha bebido pelo menos uma xícara de café.

— Justo — disse ele, pegando a espátula e mexendo os cogumelos refogados em uma frigideira.

— Huh — ela disse, ficando ao lado dele e olhando para baixo. — É estranho ver você cozinhar.

— Eu só faço comida no café da manhã. Não é uma refeição que compartilhamos com frequência.

Ela se recostou no balcão e olhou para ele. Sua roupa combinava com a dela, sua calça de moletom azul marinho em vez de cinza, sua camisa branca em vez de preta. Mas é claro que ficavam muito melhor nele.

Um vislumbre de seu futuro, ela percebeu. Muitas manhãs como esta estavam à sua frente, e o pensamento a deixou quase insuportavelmente feliz, até que algo escuro e preocupante começou a se espreitar sob a superfície.

Ela olhou para sua caneca.

— Essas são as habilidades culinárias que você aprendeu enquanto estava com Elizabeth?

Ele deu a ela um olhar de soslaio. Curioso, mas não desconfiado.

Ela deu de ombros em resposta.

— Você me disse que aprendeu a cozinhar para ela. Para mostrar o seu potencial de marido.

— Não falei exatamente assim — disse ele, indo até a geladeira e tirando uma caixa de ovos. — Mas sim. Eu costumava preparar o café da manhã para Elizabeth antes de ela sair para o trabalho.

Audrey sentiu uma pontada de ciúme desconfortável e desconhecido que ela prontamente deixou de lado.

— Elizabeth veio me ver.

A mão de Clarke parou por um momento, então ele colocou a caixa de ovos no balcão sem abri-la.

— Quando?

— Ontem.

— Antes de você vir aqui?

Ela balançou a cabeça.

— Não, Clarke. Eu fiz sexo com você, esperei até você adormecer, me vesti, corri para casa, conversei com sua ex-namorada e depois corri de volta para cá.

Ele apontou uma espátula para ela.

— Sarcasmo todas as manhãs. Este é o meu futuro?

Ela sorriu.

— Tendo dúvidas?

Clarke a surpreendeu estendendo a mão e agarrando um punhado de sua camiseta – bem, da camiseta dele – e puxando-a em sua direção para um beijo.

— Nem um pouco. Você?

Ela sorriu contra sua boca.

— Nem um pouco. Mas sobre Elizabeth...

Ele gemeu e a soltou.

— Tá. O que tem ela?

— Eu acho que talvez eu a tenha julgado mal – ou nós dois a julgamos mal. Eu pensei que ela era apenas competitiva, querendo o que ela não poderia ter, querendo provar que ela poderia ter você de volta... Eu não sei. Suponho que eu a transformei em uma vilã, e não acho que ela era uma.

Ela olhou para a caneca de café mais uma vez, perdendo um pouco da coragem.

— Ela está apaixonada por você.

Clarke não disse nada enquanto colocava os cogumelos na frigideira, e Audrey ergueu os olhos, observando-o.

— Você sabia — ela disse calmamente. — Você sabia que não era apenas um jogo para ela.

— Eu suspeitei — ele disse calmamente. — Embora eu tivesse esperança de que não fosse o caso.

— Porque você não estava apaixonado por ela.

Clarke colocou a espátula no descanso de colher sem soltá-la e olhou para os cogumelos que chiavam.

— Não, eu realmente não sinto esse tipo de amor.

O calor da cozinha pareceu escapar do cômodo. *Lá estava.* Era isso que estava escondido sob sua felicidade durante toda a manhã. Ela sabia quando eles começaram o jogo que ele não estava apaixonado por ela. E ela soube, mesmo quando ele sugeriu que se casassem de verdade, que ele não estava apaixonado por ela. Ela disse a si mesma que estava tudo bem, que ela não

estava apaixonada por ele. Essa era a genialidade de todo o plano – eles poderiam se amar sem estar apaixonados.

Pareceu tão perfeito antes, e agora parecia... vazio.

— Nunca? — ela perguntou, mantendo sua voz leve.

Ele se virou para ela, seu olhar curioso.

— A meu ver, se você nunca amar ninguém, nunca poderá deixar de amar alguém. E se você não se permitir amar uma pessoa, não conseguirá machucá-la. Ela não conseguirá te machucar.

Ela colocou a mão em seu braço.

— Clarke, você sabe que eu nunca te machucaria, certo?

— Eu sei. — Ele sorriu. — Por que você acha que eu quero me casar com você, mulher? Você conhece todos os meus defeitos e me ama mesmo assim, mas também sabe que não sou um Príncipe Encantado.

— Ah — ela disse, finalmente o entendendo um pouco mais claramente.

— Você não pode cair do cavalo se nunca for o príncipe no cavalo branco.

— E você é inteligente também — disse ele, inclinando-se e beijando sua bochecha. — Razão número 9.939 pela qual eu te amo.

Me ama. Mas não está apaixonado por mim. Nem agora, nem nunca.

O que era exatamente o que ele propôs. Ela sabia como funcionaria. É o que ela pensou que queria também. Para evitar ser machucada como Brayden a havia machucado. Para sair da pista dos solteiros antes que pudesse machucar alguém como ela machucou Claire.

Então, por que ela queria tanto pegar o rosto de Clarke nas mãos e dizer que ele merecia mais? Que ele merecia esperar por uma mulher que o via como o príncipe no cavalo branco, o Príncipe Encantado, o herói do conto de fadas?

Porque ele valia a pena, ela percebeu. Ele valia todo o risco, toda a dor. Ele valia tudo. Ele *era* tudo.

Ela fechou os olhos e deixou que a compreensão da qual vinha fugindo por semanas passasse por ela. *Ah, Audrey. Você está tão apaixonada e tão encrencada.*

Clarke sorriu, alheio a seus pensamentos.

— Então, noiva, eu vi você nua, e é um A+. A noite toda foi um A+, mas não pense por um momento que não ouvi seu lapso ontem — disse ele, quebrando os ovos em uma tigela e começando a batê-los.

— O quê? — ela perguntou, não entendendo.

— Quando você apareceu na minha porta, você estava tagarelando sobre como seria a vida de casados e eu definitivamente a ouvi falar de um gatinho, mas agora estou pensando que ouvi errado. Estamos claramente destinados a ser uma família com cachorro, certo?

Ela sorriu com o uso da palavra *família*. Clarke seria sua família. Seu parceiro. Eles teriam um gato e, claro, um cachorro também, e todas as manhãs poderiam ser como esta.

Seria o suficiente. Teria que ser.

Capítulo Vinte e Dois



SEXTA-FEIRA, 6 DE MARÇO

— *Eu* não vou mentir, tenho tido pesadelos regulares com você escolhendo vestidos rosa para as damas de honra — Naomi gritou do outro lado do provador. — Estou tão aliviada por estar errada.

— Você fica ótima de rosa — protestou Audrey.

— Eu fico bem em *alguns* tons de rosa — disse Naomi. — Mas há um tom específico, não muito diferente da cor do banheiro de Claire, que me faz parecer um pôr do sol.

— Quem não gostaria de se parecer com um pôr do sol? — Claire perguntou indignada, saindo de seu próprio provador. — É a paisagem favorita de todo mundo.

— Não é a minha — disse Audrey, já pegando o telefone. — *Esta* é a minha favorita, este lugar, este momento. Ah, Claire, você está linda.

— Você deve levar pelo menos algum crédito — Claire disse com um sorriso enquanto se colocava na frente do espelho. — Você escolheu o vestido, e muito bem. É lindo.

— Eu sei — disse Audrey presunçosamente. Apesar de seu “casamento apressado”, Audrey se recusou a apressar qualquer uma das decisões importantes, levando seu tempo para escolher perfeitamente os vestidos de dama de honra. Sempre que ela planejava seu casamento hipotético, ela imaginava suas damas de honra vestindo algo suave e macio para

complementar a versão de conto de fadas caprichosa de seu casamento dos sonhos. Ela brincou com as ideias de verde musgo, lilás suave, azul glacial, um rosa milenar discreto que, para constar, teria ficado adorável em Naomi, pôr do sol e tudo.

Em vez disso, ela se chocou ao escolher... preto. Ela queria ser uma princesa, sim, mas ela era uma princesa de Manhattan, e nada dizia Manhattan como o preto. E nada dizia Upper East Side como o vestidinho preto sempre icônico.

Ela escolheu um estilo ligeiramente diferente para cada mulher. Um ousado decote em V para Naomi e um top de gola alta para Claire que deixava suas costas sensualmente nuas. Oliver e Scott poderiam – e iriam – agradecer a Audrey mais tarde.

Ela escolheu um corte de um ombro só lisonjeiro para sua irmã, que ainda estava preocupada com seu corpo pós-bebê, e uma variedade de decotes amorosos e cortes assimétricos ousados para as amigas de infância e faculdade que ela chamou para o casamento.

Naomi abriu seu provador, confirmando o que Audrey já sabia. Assim como o vestido clássico, mas surpreendentemente sedutor, de Claire combinava com ela, o decote profundo encaixava perfeitamente tanto com o corpo de Naomi quanto com sua personalidade ousada.

O vestido de noiva de Audrey, entretanto, ainda estava em desenvolvimento apressado com o estilista, mas se ela foi um pouco imprevisível com o vestido das damas de honra, seu próprio vestido era quase uma réplica exata de seus sonhos de infância. Suas camadas e camadas brancas brilhantes criavam uma enorme saia rodada e o corpete era enfeitado à mão com minúsculas pérolas.

Audrey imaginou que se ela não conseguisse o casamento de conto de fadas com um marido que estava perdidamente apaixonado por ela, ela pelo menos teria o vestido de conto de fadas.

Naomi e Claire agradeceram Audrey com fotos para seus stories no Instagram. Audrey ficou maravilhada porque, mesmo com a luz artificial da

loja de vestidos, as fotos ficaram surpreendentemente boas graças ao atencioso presente de Dia dos Namorados de Clarke.

— Você parece feliz — Claire disse a Audrey.

— Hmm? — Audrey ergueu os olhos. — Ah, eu estou. As fotos ficaram ótimas.

O sorriso de Claire foi gentil.

— Tenho certeza que sim, mas não foi isso que eu quis dizer. Você parece *feliz*, feliz.

— Ela está certa — disse Naomi. — Você tem brilhado ultimamente. Toda essa coisa de noiva combina com você, mesmo que sua situação seja um pouco atípica. E por falar em brilho, alguém está tão aliviada quanto eu por o Scandal Boy manter a boca fechada? Eu meio que esperava que ele começasse boatos sobre isso ser um casamento forçado, e eu estava pronta para dar uma de Annie Oakley pra cima dele.

— Casamento forçado? — Audrey disse distraidamente, deslizando o celular de volta na bolsa.

— Você sabe. — Naomi imitou uma barriga de grávida. — Clichê antiquado em que o pai da noiva leva o noivo ao altar com uma espingarda porque o cara engravidou sua filha.

— Ah! — Audrey colocou a mão na barriga. — Eu nem pensei nisso. Acho que tivemos sorte de o Scandal Boy também não ter pensado.

Ela pegou Claire olhando para ela com um olhar ligeiramente estreito.

— Que cara é essa? — ela perguntou, dando a Claire seu próprio olhar.

Claire apontou para Audrey.

— Sua mão.

Audrey olhou para baixo, levantando a mão e olhando para ela.

— O que tem ela?

— Quando Naomi mencionou o boato de que você estava grávida, você colocou a mão na barriga.

— E? — Audrey disse com uma risada. — É um boato que nem existe.

— Certo, mas... — Claire parou. — Deixa pra lá.

— Não, o quê? — Audrey perguntou curiosamente. — Fiquei surpresa, só isso.

— É claro que você ficou surpresa — Naomi reclamou. — Já que você não está fazendo sexo.

— Exceto que — Claire disse lentamente — se ela *não estivesse* fazendo sexo, ela teria meramente rido e revirado os olhos porque a sugestão de estar grávida teria sido *ridícula*. Em vez disso, ela colocou a mão na barriga, como se de repente percebesse que *era* possível.

A cabeça de Naomi girou para olhar para Audrey, e ela se preparou, sabendo que a atuação havia acabado.

Naomi ofegou.

— Você *está* fazendo sexo!

Audrey riu e ergueu as mãos.

— Não soe tão acusatória, você é quem está me mandando fazer sexo há um ano.

— Eu sei — disse Naomi, parecendo alarmada. — Mas embora eu saiba que o seu arranjo e de Clarke é muito moderno e tudo isso, e eu apoio totalmente, você não pode achar que está tudo bem se casar com um homem em algumas semanas enquanto dorme com outro?

— Hm...

Claire deu um tapinha bem humorado na nuca de Naomi.

— Você poderia parar de ser tão lenta hoje?

Desta vez, Naomi entendeu mais rápido e jogou os braços ao redor de Audrey.

— Ai meu Deus. Você transou com Clarke. Finalmente!

— Ela é tão romântica — Claire disse, enquanto sorria para Audrey por cima do ombro de Naomi.

— Nós não transamos. Nós apenas... tá bom, nós transamos. — Audrey não pôde evitar o sorriso.

— Quantas vezes? — Naomi perguntou, se afastando e pegando sua garrafa de água.

— Hum. — Audrey revirou os olhos para o teto e tentou contar. — Tipo nove vezes? Dez?

— Caramba — disse Claire. — Desde quando?

— Terça.

Naomi cuspiu sua água.

— É sexta-feira.

— Sim, querida — disse Audrey, tirando o lenço de Naomi da bolsa e usando-o para enxugar a água do vestido de dama de honra.

— Você fez sexo dez vezes desde terça-feira?

— Bem, eles *estão* recuperando o tempo perdido — disse Claire. — Mas, Audrey, isso é... vocês estão...

Audrey respirou fundo e depois soltou o ar.

— Eu não sei. Eu não faço ideia. Simplesmente aconteceu e foi bom...

— Aposto que foi *muito* bom.

— Ok, foi muito bom. E então aconteceu de novo. E então novamente.

— Então agora seu casamento de conveniência com seu melhor amigo para evitar coisas complicadas envolve sexo. Isso não é tipo...

— Complicado? — Audrey terminou por Claire. — Sim. Eu tenho alguma ideia do que estou fazendo? Na verdade não. Eu quero parar o sexo? Não. Eu quero parar o casamento? Não. O que isso significa? Não tenho ideia.

— Aaah — disse Naomi. — Isso é uma bomba. Ok, Claire, querida, vamos trocar esses vestidos. Esta conversa requer carboidratos. E possivelmente vodka.

Audrey afundou em uma cadeira enquanto esperava que suas amigas se despissem e entregassem os vestidos de dama de honra, levando-os para a frente da loja para que pudessem ser passados e recolhidos no dia do casamento.

— Onde está Claire? — Audrey perguntou a Naomi quando sua amiga se juntou a ela.

— Banheiro — disse Naomi distraidamente enquanto vagava até um vestido na janela e inclinava a cabeça para estudá-lo. Um vestido de noiva, Audrey notou. Ela nunca viu Naomi mostrar o mínimo interesse em qualquer coisa que tivesse a ver com casamentos, exceto no que dizia respeito a Audrey.

Interessante. E revelador.

— Parece com você — disse Audrey casualmente, indo ficar ao lado da amiga, testando sua teoria. — Eu nunca conseguiria usar aquele detalhe de couro branco na bainha, mas você certamente poderia.

— Você acha? — Naomi murmurou, se movendo ligeiramente para ver de outro ângulo. — Eu só estive procurando alguns com a saia apertada, mas eu amo o jeito que este é elegante sem ser bobo...

Naomi parou, ouvindo o que estava dizendo, mas não rápido o suficiente. Com os olhos marejados de felicidade, Audrey puxou a amiga para encará-la.

— Você *esteve procurando*. Naomi. Você... você e Oliver... vocês estão noivos?!

— Ah, inferno — Naomi resmungou, esfregando a testa.

— Qual o problema? — Claire perguntou, juntando-se a eles.

Audrey olhou para Naomi com expectativa, já que a notícia não era dela para compartilhar.

Naomi baixou o braço, então deu um pequeno sorriso que se espalhou em um sorriso largo e brilhante quase imediatamente.

— Oliver e eu vamos nos casar.

Audrey soltou um guincho e puxou as duas para um abraço triplo, desajeitado e saltitante.

— Faz quanto tempo? Quando isso aconteceu? Por que você não *disse* nada? — Audrey exigiu quando uma risonha Naomi saiu do abraço.

— Ele propôs há algumas semanas.

— Ah, Naomi. Como ele fez isso? — Claire perguntou, pressionando as mãos e apoiando os dedos nos lábios, os olhos lacrimejando como os de Audrey. — Doce e romântico? Casual e legal? Grande espetáculo?

— O primeiro — disse Naomi com um sorriso que suavizou suas feições.
— Foi... *perfeito*.

— Detalhes! — Claire implorou enquanto Audrey concordava com a cabeça.

— Era uma manhã normal — disse Naomi. — Eu me arrumei para trabalhar e entrei na cozinha. Oliver já estava lá, já vestido. Ele me entregou uma xícara de café, com a quantidade certa de creme...

— Eu amo quando eles acertam — Claire disse com um sorriso compreensivo. — É uma coisa tão pequena, mas *tão* romântica.

Audrey sentiu algo apertar em seu peito, percebendo que ela nunca teve esse tipo de romance. Nunca teve a chance de aprender esse tipo de detalhe sobre alguém. Ela e Brayden raramente passavam as manhãs juntos – ele as passava com Claire, e ela não acreditava que ele tivesse se preocupado em aprender como ela preferia o café.

Ela passou a noite na casa de Clarke duas vezes até agora, se contentando com café preto, sem calda de chocolate chique, e ela ficou desapontada ao perceber que quando Clarke passou a noite passada em sua casa, ele tomou seu café preto naquela manhã porque nunca havia ocorrido a ela comprar leite para ele. Porque eles não tinham aquele tipo de relacionamento, do tipo em que você toma o cuidado de garantir que a outra pessoa tome café do jeito que ela gosta.

Não que qualquer um deles tenha reclamado – os dois se contentaram com café puro, nada de mais. Mas esse era o futuro de seu casamento? *Contentação?*

— De qualquer forma — Naomi estava dizendo. — Então Oliver me entrega uma xícara de café, e do nada ele apenas diz: “Eu quero dar a você raios de sol e corredores de mármore”. E eu disse que sim.

Os braços de Claire caíram para o lado em confusão.

— Espera. O quê? O que eu perdi?

— Não, não, eu conheço isso — disse Audrey, estalando os dedos, algo fazendo cócegas no fundo de seu cérebro. — É familiar, é familiar... Não. Me deu branco.

Naomi apenas sorriu com a confusão delas.

— É de uma cena da série de livros Anne de Green Gables quando Gilbert pede Anne em casamento. Uma espécie de piada interna e, honestamente, não poderia ter sido mais perfeito. Foi um momento muito *nosso*.

— Ok, bem, eu ainda não entendi, mas eu não preciso — Claire disse, abraçando Naomi novamente. — Estou tão feliz por você.

— Eu também — disse Audrey. — Embora talvez *um pouco* brava por você não ter nos contado!

— Eu ia contar para vocês imediatamente, eu juro. Mas então você disse que você e Clarke iam se casar de verdade, e Oliver e eu concordamos em esperar até depois para anunciar. Vocês dois merecem ter seu tempo sob os holofotes.

— Sim, mas... — Audrey parou, sem saber o que dizer.

— Não fique brava — Naomi implorou. — Você sabe que eu nunca esconderia intencionalmente nada de vocês duas, mas eu realmente não queria roubar sua glória. Você quis ser uma noiva por tanto tempo. Eu queria que você tivesse o seu momento.

— Não, não é isso — disse Audrey — agradeço o sentimento. Gosto de pensar que teria feito o mesmo se as situações fossem inversas. É só que...

Ela sentiu seus olhos lacrimejarem e ficou com vergonha de perceber que era em parte de felicidade por Naomi e Oliver, mas também em parte, vergonhosamente, de tristeza por si mesma.

— Audrey — Claire disse suavemente, colocando um braço ao redor dela. — O que está errado?

— Nada — disse Audrey, enxugando o nariz. — Estou tão feliz por Naomi, mas estou apenas... ela e Oliver! Eles vão se casar de *verdade*, o amor dos contos de fadas, como você e Scott fizeram, e eu pensei que não queria isso. Achei que não merecia...

— Claro que você merece — Claire disse, parecendo chocada. — Você merece isso mais do que qualquer pessoa que eu conheço!

Naomi concordou com a cabeça, parecendo preocupada.

— Eu não mereço — Audrey protestou, olhando para Claire. — Eu roubei o seu, Claire.

Claire franziu a testa.

— Você roubou o meu o quê?

— Seu conto de fadas. Você encontrou o seu príncipe encantado e eu o roubei, mas ele *nunca* foi meu. Eu estava tão ocupada procurando o conto de fadas, tão egoísta...

— Não — Claire disse com firmeza. — Não sei por que você colocou isso na cabeça, ou há quanto tempo está carregando isso por aí, mas quero que ouça com atenção. Brayden Hayes *nunca* foi meu Príncipe Encantado. Ele nunca foi nenhum dos nossos. Ele era o bruxo, ou o troll, ou o monstro disfarçado, mas nunca o príncipe. Scott é meu príncipe. Oliver é o príncipe de Naomi. E Clarke é o seu — Claire terminou suavemente.

Audrey enxugou os olhos e olhou entre as duas, admitindo a verdade da qual ela estava fugindo Deus sabe lá quanto tempo.

Ela respirou fundo.

— Acho que estou apaixonada por Clarke.

Naomi suspirou e a puxou para um abraço, acariciando sua cabeça.

— Ah, querida. *Claro* que você está.

Capítulo Vinte e Três



QUARTA-FEIRA, 18 DE MARÇO

— *S*anto Deus, o que é isso? — Clarke perguntou, aproximando-se da mesa da cozinha e olhando por cima do ombro dela.

Ela fez um barulho de escárnio.

— Os arranjos dos assentos. Obviamente.

— Parece que você está planejando uma guerra — disse ele em dúvida. — E aquele amarelo definitivamente vai aniquilar o rosa.

— O que? — ela perguntou, escrevendo um nome em um mini post-it amarelo e batendo contra o lábio, tentando descobrir se ela deveria colocar seu primo que não conseguia passar cinco minutos sem mencionar os Yankees com os colegas amantes de esportes de Clarke, ou com sua própria família que o amava, mas odiava beisebol.

— Só me parece que os dois caras cor-de-rosa solitários não têm chance — disse Clarke, apontando para o centro do cartaz que servia como seu quadro improvisado de assentos.

— *Somos nós* — disse ela. — Veja, estamos na mesa de centro, e todos os outros – em amarelo, apenas uma cor, já que não estou diferenciando nossos dois lados – estão em mesas maiores situadas ao nosso redor. Honestamente, você já foi a tipo noventa e nove casamentos, como você não conhece o conceito de mesa principal?

— Hã. Acho que nunca tinha reparado na noiva e no noivo.

— Maravilhoso — disse Audrey sarcasticamente. — Sua noiva é uma garota de sorte.

Ele deu um beijo quase inexistente no topo de sua cabeça.

— Contanto que ela saiba disso.

Ela sabe disso.

Era o suficiente, Audrey lembrou a si mesma, da mesma forma que ela tinha feito na última semana e meia, desde seu colapso na loja de vestidos. Era o suficiente. Teria que ser.

Depois de uma conversa de três horas com Naomi e Claire, ela chegou à decisão de que, quando você ama alguém, você fica com essa pessoa da maneira que conseguir. Você a ama do jeito que ela merecia ser amada, mesmo que ela não pudesse retribuir da mesma maneira.

Ainda não, ela se lembrou.

“Caras podem ser burros”, Claire garantiu a ela. “Mesmo os bons. Dê um tempo a ele.”

“As meninas também podem ser burras”, acrescentou Naomi. “Oliver e eu nunca teríamos conseguido nosso conto de fadas sem muita paciência da parte dele.”

Paciência. Ela poderia ter paciência

Clarke valia a pena. *Eles* valiam a pena.

— Posso ousadamente pensar que o fato de que o mapa de assentos está na *minha* cozinha significa que você está inclinada a morar aqui depois do grande dia? — ele perguntou esperançoso, vagando de volta para a cozinha para mais café.

— Não — disse Audrey, retomando seu planejamento com post-its. — Mas eu precisava de uma mesa grande, e a minha está coberta de notas escritas à mão para as lembrancinhas do casamento.

— Certo. Precisa de ajuda com isso?

Ela sorriu.

— Te dou pontinhos por perguntar. Mas você pode se safar, principalmente porque sua letra é péssima.

— Você pode escrever para a Sra. Kerry e dizer isso a ela? Ela sempre falava mal da minha caligrafia, mas gostaria que ela soubesse que essa falta de habilidade em particular me ajudou muito, me livrando das tarefas do casamento. Eu faria isso, mas ela não seria capaz de ler a nota.

— Absolutamente — Audrey concordou distraidamente. — Eu adoraria! Não tenho muito o que fazer nas próximas semanas. Apenas três provas de vestido, decidir a maquiagem do meu casamento, encontrar uma harpista de última hora já que a nossa marcou com outras pessoas, finalizar a programação do casamento, fazendo tratamentos faciais para tentar afastar essa espinha e tentar convencer minha mãe a escolher um vestido que não seja 100 por cento glitter. Estou basicamente entediada, então, sim, vou arranjar tempo para escrever para a sua professora da terceira série e atualizá-la sobre seus rabiscos.

— Sim. O sarcasmo de manhã é *definitivamente* o meu futuro. Mais café?

— Claro. Por favor — disse ela, distraída tentando lembrar se o amigo de Clarke, Paul, da faculdade, havia se esquecido de ligar para *Jess* Thomson depois de um caso de uma noite ou *Jen* Thomson. Lembrar incorretamente poderia levar a explosões. Ela bateu no lábio. Ela decidiu colocar Paul entre as duas mulheres e torcer para que todos tivessem aprendido a ser adultos.

— Tudo bem — disse Clarke, voltando para a mesa, colocando a garrafa de café ao lado de seus post-its e lutando para tirar o plástico de algo. — Me treine.

— Treinar você para fazer o quê? — ela perguntou, sem olhar para cima. — Quer dizer, eu tenho uma lista, começando por ensiná-lo a dobrar a roupa em algo diferente do formato de uma bola.

Ele empurrou uma pequena garrafa na frente do rosto dela.

— Quanto dessa gosma você coloca?

Audrey olhou para ele e endireitou o corpo.

— Onde você conseguiu isso?

— Online — disse ele, levando a garrafa à boca e usando os dentes para quebrar o lacre do plástico. A embalagem era uma merda de abrir. Audrey sabia por experiência própria, porque ela encomendava isso aos montes.

Era sua calda de chocolate favorita. Do tipo que ela colocava no café.

— Online onde? — ela exigiu.

— No... — Clarke puxou a garrafa da boca e olhou para o rótulo. — Qualquer que seja o jeito que se pronuncia o nome desse lugar. No site deles.

O coração de Audrey estava disparado.

— Como você sabia o nome?

— Porque eu tirei uma foto da garrafa na última vez que estive em sua casa — ele disse, dando a ela um olhar exasperado e perplexo. — Qual é a do interrogatório? Você está desistindo do chocolate ou algo assim?

— Não! — Audrey disse, rapidamente enxugando os olhos. — Não, é só que... não me dei conta de que você reparou em como eu bebo meu café.

— É claro que reparei — disse ele. — Quer dizer, eu não apoio. Esse negócio é tão espesso que parece — bem, não vou mencionar o que ele parece. Mas pensei que, como você tem passado várias manhãs na minha casa ultimamente... Dree, por que você está chorando?

— Eu não estou — ela disse, enxugando os olhos. — Apenas estresse.

Estresse. Amor. Mesma coisa.

Ele finalmente ganhou sua guerra contra o lacre de plástico.

— Ok, você gosta de um bocado, certo? Tipo assim?

Ele deixou cair uma pequena gota em sua caneca.

— Mais.

Ele adicionou outra gota.

— Mais — disse ela com uma risada lacrimosa.

— Sério, Dree, isso é nojento. Pronto, tá bom assim?

— Perfeito. Absolutamente perfeito — disse ela. Então ela se inclinou para beijá-lo. Uma distração para que ele não percebesse que quando ela disse *perfeito*, ela não estava falando apenas do café.

Ela estava falando sobre o homem.

Capítulo Vinte e Quatro



TERÇA-FEIRA, 24 DE MARÇO

— *ão* gentil da sua parte conseguir me abraçar na semana mais importante de sua vida.

— Uau — Clarke disse enquanto ele beijava a bochecha de sua mãe, então deslizou na cadeira em frente a ela, em seu restaurante favorito. — Passiva agressiva antes mesmo de eu colocar o guardanapo no colo. Um novo recorde.

— Talvez se você tivesse aprendido a colocar o guardanapo no colo imediatamente, da maneira que eu te disse para fazer todas as noites durante dezoito anos, você teria se antecipado a mim.

— Dezoito anos? — ele refletiu. — Só isso? Parece que me lembro de você me importunando sobre meus modos à mesa durante todos os meus vinte anos.

— E parece que essas aulas finalmente valeram a pena — disse ela com um sorriso sereno. — Afinal, você está prestes a se casar com uma garota adorável, assumir as rédeas de uma empresa enorme... Ah, espere. As duas coisas andam de mãos dadas, não é?

— Hã? — Clarke perguntou, sua atenção no menu, feliz em ver que eles não tinham retirado o cheeseburger. Ele colocou o menu de lado e se concentrou nas palavras de sua mãe, então riu quando ele entendeu. — Ah. Papai finalmente revelou seu papel no jogo, não é?

Ela fungou.

— Por favor. Eu sei há semanas que seu pai tentou me superar. Confesso que estou um pouco surpresa por ele ter vencido.

Clarke respirou fundo por hábito para manter o temperamento sob controle. Ele começou a ter a conversa de sempre, lembrando-se de que raramente valia a pena deixar sua mãe irritá-lo, especialmente durante a semana de seu casamento. Mas ele ficou aliviado ao perceber que não estava nem perto de perder a paciência. Sua mãe o irritou, certamente, mas ele estava decididamente mais contente e indulgente hoje. Por falar nisso, ele estava praticamente andando no ar há semanas.

Ele não sabia se era o entusiasmo contagiante de Audrey por todas as coisas do casamento ou porque ele estava genuinamente ansioso pelo sábado ou porque ele estava regularmente tendo o melhor sexo que já teve, com a melhor mulher que ele já conheceu. Clarke tinha a nítida sensação de que nada poderia derrubá-lo. Muito menos sua mãe intrometida.

Clarke sorriu e se serviu de um gole de vinho, julgando-o muito amadeirado para seu gosto e pegando o menu para escolher uma taça de vinho tinto.

— Papai não ganhou merda nenhuma — disse Clarke.

— Linguagem adorável, filho — ela disse suavemente. — E eu diria que ele certamente ganhou. Ele conseguiu o que queria, não foi? Apostei na Elizabeth. Ele apostou em Audrey, provavelmente para me irritar. E eu confesso, não pensei que ele tivesse a coragem de colocar sua preciosa York em risco apenas para me vencer. Nem achei que você aceitaria.

— Espera — disse Clarke, rindo, e jogou o menu de lado. — Você honestamente acha que vou me casar no sábado porque quero a empresa?

— E não quer?

— Claro, claro, mas não assim — disse Clarke, um pouco ofendido com a ideia de que ele se casaria simplesmente para conseguir uma empresa ou que conseguiria uma empresa simplesmente porque se casou.

— Então, como você quer?

— Quero que ele me entregue porque eu mereço — disse Clarke. — Eu trabalhei pra caramba para aquela empresa, mãe. Eu sei que você ficou chateada por eu não ter me tornado advogado, mas certamente até você pode ver isso.

— Não fiquei *chateada* por você não ter se tornado advogado — disse ela após um gole de vinho. — Eu sempre quis que você se aplicasse, para atingir seu potencial.

— Desculpe desapontá-la, como sempre — ele murmurou, pegando a carta de vinhos mais uma vez.

— Você não fez isso.

Sua cabeça se ergueu.

— Desculpe. Isso soou suspeitamente como um elogio.

Linda suspirou.

— Você nunca facilita nada para mim, não é?

— Facilitar o quê? Você me convidou para almoçar. Eu disse sim. Até agora, recebi um sermão sobre não colocar meu guardanapo no colo rápido o suficiente e por me casar com alguém que não é a mulher que você escolheu para mim, e *eu estou* dificultando as coisas para *você*?

— Estou tentando me desculpar — disse Linda com firmeza.

Clarke recostou-se na cadeira.

— Uau. Essa é nova.

— Bem, eu não tive muito motivo para isso no passado — disse ela, alisando a toalha de mesa branca com os dedos. — Mas posso admitir quando estou errada, e eu estava errada sobre Elizabeth.

— Errada sobre ela ser a mulher certa para mim ou errada sobre se envolver na minha vida amorosa?

— Ambos, eu suponho.

— Uau — disse Clarke novamente, genuinamente sem palavras. Ele vasculhou seu cérebro, tentando se lembrar de sua mãe se desculpando uma vez sequer. Ele não conseguiu pensar em nada.

— Embora eu gostaria de declarar...

— Ah, lá vamos nós — disse ele com um leve sorriso, surpreso novamente quando ela sorriu de volta.

— Eu gostaria de declarar que, na época, eu realmente acreditava que Elizabeth era boa para você. Eu sabia que ela tinha te machucado quando foi embora. Eu sabia que você se importava com ela. Você nunca ficou com ninguém, de maneira séria, depois que ela se mudou. Então, quando Elizabeth me disse que estava voltando, eu queria ter certeza. Eu queria ter certeza de que você teria a chance de decidir o que queria.

Ele balançou a cabeça, confuso.

— Você não poderia ter me *perguntado* se eu queria voltar com Elizabeth?

Linda deu a ele um olhar divertido.

— Clarke, eu conheço você toda a sua vida. Quando você me deu uma resposta direta?

— Verdade — ele admitiu com um sorriso infantil. — Mas também, quando eu não fiz exatamente o oposto do que pensei que você queria que eu fizesse?

— Verdade — ela disse afetadamente. — Cometi um erro de julgamento quando te convenci a almoçar com Elizabeth, embora certamente não esperasse que você se opusesse de forma tão *vigorosa*.

— O quê, você não esperava que eu fosse noivar com minha melhor amiga?

— Eu deveria ter imaginado. Foi o quê, a terceira vez?

Ele sorriu abertamente.

— Achei que iria passar, do jeito que sempre acontece com vocês dois. E então eu percebi que estava errada.

Ele sorriu de novo, embora desta vez fosse genuíno, um que vinha de dentro, ao invés do desejo habitual de provocar ou encantar.

— Sim. Você estava errada.

— Estou feliz.

De novo com as surpresas.

Clarke abriu a boca para pedir esclarecimentos, mas parou quando a garçonete veio anotar os pedidos. Clarke pediu o hambúrguer e um cab franc, e sua mãe salmão assado para acompanhar seu chardonnay.

— Você está feliz por estar errada? — ele perguntou assim que a garçonete se afastou. — Eu ouvi direito?

— Bem, eu não me importo com o sentimento — ela disse. — Mas, como eu disse antes, quero que você seja feliz. Era meu objetivo inicial quando tentei juntar você e Elizabeth, mas eu percebi quase imediatamente que se você alguma vez teve sentimentos por ela, há muito tempo eles desapareceram.

— Quando? — ele perguntou curiosamente. — Quando você soube?

— Naquela noite, quando recebemos você e Audrey para o seu “jantar de noivado”.

Ele bufou em descrença.

— Certo. Se você soube tão cedo, por que tentou expor nossa farsa com a festa de noivado?

Sua mãe apenas sorriu e tomou um gole de vinho.

Os olhos de Clarke se estreitaram. Então ele se endireitou.

— Você não estava tentando expor nossa farsa?

Ela encontrou seus olhos firmemente, e o coração de Clarke bateu forte.

— E com a organizadora do casamento? Quando você marcou aquele encontro, não era para tentar nos forçar a desistir?

— Não — ela disse. — E quando o noivado da filha de Gail Marea acabou, eu me ofereci para pagar metade da taxa de cancelamento do Plaza se ela ligasse e desse a Alexis Morgan a prioridade no horário vago.

— *Por quê?*

— Você sabe que eu nunca entendi Audrey de verdade. Ela sempre foi uma garota adorável, e eu aprecio ela ser uma boa amiga para você. Mas acho que, para ser sincera, nunca me permiti reconhecer que ela não é mais uma garota avoada de quinze anos, cuja principal preocupação era como seu

cabelo estava brilhante. Assim como nunca me permiti reconhecer que você cresceu muito além de seus anos selvagens.

— Então você teve uma epifania?

Linda assentiu.

— Aquela noite no jantar. Você estava fingindo estar noivo, eu sabia disso. Mas então eu vi vocês se olhando, apenas por um segundo. Uma coisa casual, do jeito que os casais fazem, e eu percebi. Você estava fingindo estar noivo. Mas você não estava fingindo estar apaixonado. Essa parte era real.

— Não — Clarke disse automaticamente. — Foi para o show. Ela estava apenas tentando preservar sua reputação, e eu estava tentando... — Ele parou, percebendo o quão patéticas as razões pareciam, até mesmo para seus próprios ouvidos, o quão patéticas elas sempre soaram. E, de repente, ele percebeu por que estava de tão bom humor nas últimas semanas. Não era apenas o entusiasmo de Audrey pelo casamento passando para ele ou o fato de que o trabalho estava indo bem. Não era nem mesmo que ele estava tendo sexo épico regular. Foi Audrey. Sempre foi Audrey. — Como você sabia? — ele perguntou, atordoado. — Como você sabia antes de eu saber?

— Que você está apaixonado por ela?

Ele assentiu. *Ele estava apaixonado por Audrey.* Foi a realização mais importante e, ao mesmo tempo, a mais cegamente *óbvia* de sua vida.

Ela se inclinou para frente e deu um tapinha na mão dele.

— Ah, Clarke. Uma mãe sempre sabe.

Capítulo Vinte e Cinco



SEXTA-FEIRA, 27 DE MARÇO

— *V*ocê é a irmã mais incrível no mundo todo — Audrey disse enquanto ela desfazia a tira de tornozelo da sandália quebrada.

— Nem de perto — disse Adele alegremente, tirando seus próprios sapatos de salto alto. — Estou me sentindo tão mal por ter perdido todas as festividades de seu casamento. Espero que isso pelo menos restaure sua fé em mim como dama de honra.

— Você voou para estar aqui e amanhã estará ao meu lado — disse Audrey. — Isso é tudo que preciso. Bem, isso e seus sapatos.

— Eu ainda não consigo acreditar que sua tira acabou de arrebentar assim — disse Adele, pegando a sandália de salto alto descartada. — Você vai receber um reembolso, certo? Eles parecem novos.

— Eles *são* novos — disse Audrey, olhando para o sapato bonito, mas com defeito. — Estou feliz por tê-los escolhido para o jantar de ensaio em vez do casamento. Imagina se eu os tivesse usado amanhã?

— Eles teriam feito algo novo e muito ruim — sua irmã concordou, puxando um par de sapatilhas de sua bolsa.

— Graças a Deus você trouxe sapatos reserva — disse Audrey enquanto calçava os sapatos de salto agulha da irmã.

— Um hábito que adquiri durante a fase de pés inchados durante a gravidez e não consigo pará-lo. Bolhas simplesmente não valem a pena.

— Ah, elas são sim — disse Audrey, estendendo os pés e balançando os dedos, deliciando-se com os sapatos de cetim rosa claro da irmã. Eles não eram uma combinação tão perfeita com o vestido cocktail branco Stella McCartney que Audrey tinha escolhido para o jantar de ensaio, mas eles tinham a nítida vantagem de não estarem quebrados.

— Eu devo muito a você — disse Audrey enquanto Adele pegava os sapatos quebrados e os colocava em sua enorme, mas estilosa bolsa de fraldas.

— Estou feliz por calçarmos o mesmo tamanho — disse Adele.

— Tem certeza? Lembro de você não ficar tão feliz com isso no ensino médio.

— Porque minha irritante irmã mais nova roubava meus sapatos sem pedir.

— Emprestado. Eu os *pegava emprestado* — esclareceu Audrey, abrindo a porta do banheiro para que elas pudessem voltar para a festa.

Como era tradição, os pais do noivo eram os anfitriões do jantar de ensaio, e os pais de Clarke se superaram, alugando todo o bar da cobertura de um hotel novo que ainda nem estava aberto ao público. Audrey ficou agradavelmente surpresa que, em vez de um jantar formal, os Wests optaram por um buffet, permitindo que os grupos se misturassem entre todos os espaços internos e externos elaboradamente decorados da cobertura. Diferentes pratos e bandas foram colocados em cada cômodo, criando uma experiência extravagante de todas as partes do mundo.

— Você parece feliz — disse Adele com um olhar astuto enquanto ela e Audrey voltavam para a música e as risadas.

— Eu estou feliz.

— Você deveria estar. Clarke fica mais gostoso a cada ano. Como isso é possível?

— É difícil dizer — disse Audrey. — Podemos perguntar ao Joel. Ele é médico.

— Hmm. — Adele apertou os lábios. — Vamos deixar meu marido fora deste debate em particular. Se ele perguntar, eu nem lembro como é a aparência de Clarke.

Audrey ouviu uma risada familiar e parou do lado de fora de uma porta parcialmente aberta para uma das salas privadas. Vendo Clarke conversando com alguém, ela acenou para a irmã.

— Eu te encontro mais tarde. Preciso que Clarke me lembre do nome de seu antigo chefe, para que Alton não me censure por não ter memorizado o organograma da empresa que ele enviou.

Adele acenou em reconhecimento, voltando para a festa, e uma Audrey sorridente se dirigiu para seu noivo.

Seu futuro marido.

O amor de sua vida.

Ela sorriu. Ela podia não ser capaz de dizer a ele ainda, mas o faria algum dia. E um dia, ela sentiu em seu coração, ele diria a ela também.

Paciência. O amor é paciente. O amor é Clarke, de qualquer forma que eu puder tê-lo.

Ela se aproximou da porta, ouvindo a outra voz, querendo ter certeza de que não seria uma interrupção indesejável.

Houve uma risada rápida que ela reconheceu como de Alton. O pai de Clarke não ria com frequência, mas quando o fazia, era distinto. Ela sabia que Alton não se importaria com a interrupção, já que o antigo chefe de Clarke era um dos funcionários de Alton.

— *Ainda* não consigo acreditar que ela me superou — Clarke estava dizendo, e ela ouviu o sorriso em sua voz. — Eu tinha certeza de que iria vencê-la em seu próprio jogo.

Audrey estendeu a mão para abrir a porta.

— Você se acostuma — disse Alton. — E não vamos esquecer, ela me superou também. Achei que eu era muito inteligente, persuadindo você a escolher Audrey em vez de Elizabeth em troca da empresa. Era para ser *meu* movimento de xeque-mate, droga.

A mão de Audrey congelou, pensando – desejando – que ela estivesse ouvindo mal, mesmo sabendo que não havia como interpretar mal o que acabara de ouvir. Alton ofereceu a Clarke a empresa – algo pelo qual Clarke lutou por *anos* – se ele se casasse com ela.

— Em sua defesa, a empresa era uma boa carta de barganha — disse Clarke, tomando um gole de seu coquetel, e Audrey deu um passo para o lado, não querendo ser vista pela porta aberta. — É impossível resistir...

Audrey levou a mão à boca a tempo de conter o soluço. Ela se encostou na porta, tentando recuperar o fôlego apesar dos soluços.

É por *isso* que Clarke estava se casando com ela. Não porque ele estava apaixonado por ela, embora ela soubesse disso. Mas ela acreditou quando ele disse que se importava com ela. Que ele queria passar a vida com ela. Que eles eram bons juntos.

Era um casamento de conveniência. Para a conveniência *dele*.

Não chore, não chore, não chore.

Mas Audrey era uma chorona. Ela sempre foi uma chorona. Embora muitas mulheres tenham assistido firmemente a *Diário de uma Paixão* e *Titanic* com proclamações orgulhosas de que elas “não eram choronas”, Audrey começava a soluçar nos créditos de abertura, apenas sabendo o que estava por vir.

Esta noite, no entanto, ela de alguma forma conseguiu se controlar. Pela primeira vez, seu corpo ouviu seu comando para não chorar. Seu queixo trêmulo se estabilizou, a dor em sua garganta diminuiu. O borrão das lágrimas desapareceu.

Era como se ela se fechasse, de dentro para fora.

Ela calmamente voltou para a festa, fazendo o papel de noiva feliz ao mesmo tempo que evitava cuidadosamente o noivo.

Ela não entendeu até muito mais tarde, quando ela estava deitada sozinha em sua cama, olhando para o teto, seu telefone teimosamente desligado, o *porquê* de as lágrimas não terem vindo. Não fazia sentido chorar por algo que não era real.

Seu Príncipe Encantado nunca viria. Ele nunca nem tinha existido.

Capítulo Vinte e Seis



SÁBADO, 28 DE MARÇO

— *E* assim, meu homenzinho, é como você amarra do jeito certo uma gravata borboleta — disse Clarke ao pajem, sentando-se sobre seus calcanhares e admirando seu trabalho manual.

A gravata-borboleta de tamanho adulto era muito grande para o sobrinho de quatro anos de Audrey, mas havia interrompido sua birra, então Clarke estava contando isso como uma vitória.

— Sabia que os membros menores da festa de casamento geralmente ganham uma dessas com laço ajustável? — disse Alexis Morgan enquanto observava Stevie sair correndo para mostrar aos pais seu novo acessório.

— Eu sei — disse Clarke, levantando-se e sorrindo para a organizadora do casamento. — Mas a dele teve um infeliz encontro com o mictório masculino.

— Ah. — Ela apontou para o pescoço dele. — E agora o pajem tem uma gravata borboleta, e o noivo não.

Clarke encolheu os ombros.

— Stevie queria ela mais do que eu.

Alexis ergueu a sobrancelha.

— Isso, e você sabia que eu teria uma reserva?

Ele sorriu.

— Eu sabia que você teria.

Ele esperava que ela sorrisse de volta, ou pelo menos falasse em seu sofisticado fone de ouvido para fazer com que o assistente que ele viu correndo por todo o lugar trouxesse a nova gravata borboleta.

Alexis não sorriu. E ela não falou em seu fone de ouvido. Na verdade, olhando para ela mais de perto, Clarke percebeu pela primeira vez desde que a conheceu que Alexis Morgan estava insegura e parecia estar tentando descobrir a melhor maneira de dar más notícias.

O estômago de Clarke deu uma volta, seu mundo se inclinando para o lado. *Audrey*. Ele sabia com absoluta certeza que o que quer que estivesse errado tinha a ver com ela.

Um acidente. Houve um acidente. Uma doença. Uma doença bizarra.

Suas palavras saíram com uma urgência frenética.

— O que foi? Ela está bem? Ela não respondeu minhas mensagens, mas imaginei que ela estava apenas levando a coisa de não-ver-a-noiva-antes-da-cerimônia a um nível totalmente novo...

Antes que Alexis pudesse responder, a porta da pequena sala ao lado da igreja considerada “a sala do noivo” se abriu, e Scott e Oliver saíram, parecendo ainda mais sombrios do que Alexis. Os três trocaram um olhar que Clarke não entendeu, e Alexis silenciosamente saiu da sala sem dizer uma palavra.

Ele não perdeu tempo, seu coração arranhando sua garganta.

— O que aconteceu? Ela está bem?

— Audrey está bem — disse Oliver, levantando a mão.

— Não exatamente *bem* — Scott murmurou.

— Ela não está ferida — Oliver emendou. — Fisicamente.

A respiração de Clarke saiu em uma lufada de alívio quando ele sentiu seu mundo virar do lado certo mais uma vez, mesmo quando o esclarecimento de Oliver disparou um pequeno alerta.

— Graças a Deus.

— Ela não está ferida — disse Oliver novamente — mas também não está aqui.

Clarke franziu a testa.

— Como assim? Tinha trânsito? Precisamos atrasar? É algum tipo de defeito na roupa? Alguém diga a ela que ela pode se casar em um saco de lixo, pelo que me importa.

— Aposto que você não se importa — Scott murmurou.

Clarke estreitou os olhos para Scott. Scott era rude, mas parecia totalmente antagônico no momento e, por falar nisso, Oliver não parecia particularmente feliz com Clarke também. Clarke franziu a testa em confusão.

— Ela *estava* aqui — Oliver explicou, um tom distinto em sua voz. — Ela fez todo o negócio de preparo da noiva. Arrumou o cabelo e fez a maquiagem. Ela colocou o vestido, chegou à igreja de limusine com as damas de honra.

— E depois?

— Ela chegou até os degraus — Scott interrompeu. — E então ela fugiu.

O mundo se inclinou novamente e Clarke caiu em uma cadeira.

— O que você quer dizer com ela *fugiu*?

Audrey o havia deixado? Não queria se casar com ele? Esqueça que o mundo de Clarke estava girando. Isso nem importava quando parecia que seu coração havia sido arrancado.

Ele balançou sua cabeça.

— Eu não entendo. Ela não teria simplesmente desistido sem me contar. Nós tínhamos um acordo. Qualquer um de nós pode desistir a qualquer momento, sem ressentimentos.

Ele ficaria machucado, ele percebeu. Muito machucado. Mas sem ressentimentos. Eles teriam superado isso e, eventualmente, ele seria capaz de enterrar seus sentimentos e fingir que tudo estava como sempre foi.

— Vocês tinham um *acordo*? — Scott repetiu com raiva, dando um passo à frente. — Algo parecido com o acordo que você tinha com seu pai?

— Scott — Oliver murmurou em advertência.

— O quê? — Clarke olhou para os dois homens, perplexo. — Que acordo com meu pai?

— Aquele no qual você consegue uma empresa de bilhões de dólares se você se casar com Audrey — Oliver disse, seus olhos tão duros quanto a voz de Scott.

— Que diabos... — Ele gemeu. — Ah, *Jesus*. Audrey descobriu sobre isso?

Seu cérebro tentou descobrir como, mas então ele percebeu que não importava. Só importava que ele a encontrasse, que ele explicasse.

— Onde ela está?

— Nós dissemos a você, ela fugiu.

— Para onde?

Scott deu de ombros e Clarke cambaleou pelo cômodo, pegando seu padrinho pela frente da camisa.

— Onde?

— Eu não sei! — Scott gritou de volta, empurrando os ombros de Clarke.
— Mas não pense por um segundo...

Clarke não esperou para ouvir a palestra do amigo. Ele não tinha tempo para ninguém ou nada além de encontrar sua noiva. Ele saiu correndo do cômodo sufocante, ignorando os olhares assustados dos convidados sendo escoltados pelos porteiros, e correu para a parte de trás da igreja, procurando Audrey na multidão, antes de sair correndo.

Ali. Naomi e Claire não pareciam surpresas e estavam decididamente descontentes em vê-lo. Os olhos azuis de Naomi estavam cuspidando veneno. O olhar de Claire estava gelado.

— Onde ela está?

Nenhuma das mulheres disse nada. Clarke deu um passo à frente, mas alguém o segurou pelo braço.

— Não toque na minha esposa — Scott rosnou.

Clarke se livrou dele.

— Eu não ia tocar em sua esposa. Eu ia *implorar*. — Ele se voltou para as mulheres. — Por favor. Se alguém sabe para onde ela foi, são vocês duas.

— Você a usou — disse Naomi, dando um passo à frente e dando um empurrão forte em Clarke no meio do peito. — Ela é a melhor pessoa que qualquer um de nós conhece, e você a usou. Você a deixou pensar que estava tendo um final feliz e tudo o que você queria era um maldito trabalho?

— Dane-se o trabalho — gritou Clarke, sem se importar com quem o ouvia. — Nunca foi sobre o trabalho.

— Sério? — Claire perguntou sarcasticamente. — Seu pai não lhe ofereceu a empresa se você se casasse com Audrey?

Clarke passou a mão pelo cabelo.

— Não, ele ofereceu, mas eu nem... aquilo não tem nada a ver com isso — disse ele, gesticulando para seu smoking, sua roupa formal, e de volta para a igreja. — Nunca teve. Juro por Deus que eu nem pensei nisso depois que ele ofereceu. Eu deveria ter contado a Audrey, obviamente, mas era tão estúpido, apenas um jogo idiota que meus pais problemáticos estavam jogando. Quer saber, não preciso explicar para você. Vou explicar para ela. Agora, onde ela está?

Ninguém disse uma palavra, e Clarke lutou contra o desejo de rugir para todos eles, para dizer a eles que quanto mais eles ficavam em silêncio, menor se tornava sua janela para reconquistá-la.

— O que você quer? — ele perguntou. — Você quer me dar um soco? Me dê um soco. Você quer chutar minhas bolas? Chute. Mas pelo amor de Deus, por favor, me dê uma chance de falar com ela. *Por favor*. — Sua voz falhou. — Eu amo ela.

Ele estava observando Claire enquanto dizia isso, sentindo que ela tinha o coração mais terno do grupo, rezando para que ela entendesse. Seus olhos se arregalaram infinitesimalmente, depois se estreitaram.

— Você ama ela? Ou você está *apaixonado* por ela?

— Ambos. *Ambos*.

Naomi e Claire trocaram um olhar, mas ainda não deram a resposta que ele queria. Precisava. Com o canto do olho, Clarke viu seu primo e sua esposa saindo de um carro, duas filhas em vestidos rosa com babados os seguindo. Seu primo, que era um asno, estava olhando, e sua esposa, que era uma fofqueira esnobe, ficou boquiaberta com o que ele só poderia supor ser sua aparência selvagem, mas ele não se importou com nenhum dos dois.

Seus olhos caíram sobre a mais jovem de suas duas filhas, uma loira pequena com chiquinhas acima das orelhas. Ela estava segurando um livro de colorir com um gatinho na capa.

Clarke se moveu rapidamente, mas suavizou seus movimentos ao se aproximar da garota, abaixando-se um pouco para ficar mais perto de sua altura.

— Oi. Melissa, certo?

— Marisa — ela disse em uma voz pequena.

Porcaria. Começo difícil.

— Oi, Marisa. Sou primo do seu pai. Você se lembra de mim da grande festa no barco no verão passado? Eu roubei uma Coca para você? Prometemos não contar à sua mãe?

Ela deu a ele um olhar indiferente. Talvez muitas pessoas tenham roubado uma Coca para ela.

— Olha, Marisa, eu sei que este é um grande pedido, mas você acha que poderia me dar uma página do seu livro aí? — ele perguntou, apontando para o livro de colorir.

Ela agarrou o livro mais perto de seu peito e fez uma careta.

— Clarke, que diabos, cara? — seu primo murmurou.

— Cale a boca, James — ele retrucou.

Ele viu os olhos da menina se arregalarem.

— Você não deveria dizer “cale a boca”.

Ele fechou os olhos.

— Eu sei. Desculpa. Eu não deveria ter dito isso, mas estou com muita pressa para encontrar alguém.

— Quem?

— Minha...

Não havia palavras para descrever o que Audrey era para ele. O seu mundo. Seu tudo. Sua melhor amiga. Seu amor.

— A princesa dele — disse Naomi, dando um passo à frente. — Ele precisa encontrar sua princesa.

A palavra funcionou como mágica na menina, e depois de apenas um momento de hesitação, ela arrancou uma página do centro de seu livro para colorir e, em seguida, da pequena bolsa pendurada em seu ombro, ela pescou um punhado de lápis de cor.

— Que cor?

— Surpreenda-me — ele conseguiu dizer com uma risada.

— Rosa. Perfeito — disse ele, aceitando o lápis de cor e o pedaço de papel rasgado, e beijou a menina na bochecha.

Então ele beijou a bochecha de Naomi.

— Obrigado.

Ele estendeu a mão e girou Oliver, colocando a página do livro para colorir contra sua jaqueta para ter uma superfície firme para escrever.

Oliver, felizmente, ficou parado, mas Clarke não precisou de muito tempo. Algumas palavras para passar a ideia e um rabisco confuso de sua assinatura em giz de cera rosa.

— Aqui — ele disse, empurrando o papel no peito de Scott, porque ele estava mais próximo. — Dê isso ao meu pai.

Scott olhou para o pedaço de papel amassado e ilegível.

— Ele vem com um tradutor?

— É a minha carta de demissão — disse Clarke, ouvindo a respiração ofegante de Naomi ao dizer isso. — Eu não quero a empresa. Não como eu quero ela.

Eu preciso dela.

Ele se voltou para as duas mulheres que haviam feito um pacto para proteger Audrey de Brayden Hayeses.

— Por favor — disse ele baixinho. — Eu não sou como ele. Eu não sou Brayden.

Eu nunca fui um Brayden. Eu quero ser o maldito príncipe.

Clarke pensou que o silêncio prolongado iria matá-lo, até que finalmente Claire falou.

— Acho que sei onde ela pode estar.

Capítulo Vinte e Sete



SÁBADO, 28 DE MARÇO

Se Audrey conseguisse sorrir, ela teria sorrido. Não um sorriso feliz – o estoque que ela tinha desses havia acabado – mas um sorriso para pequena e cruel pontada de ironia.

Quase dois anos atrás, ela foi a uma igreja para se despedir de um homem que pensava amar e acabou aqui.

Hoje, ela caminhou até uma igreja para dizer sim a um homem que ela *amava*. No entanto, de alguma forma, ela acabou, mais uma vez, em um banco no Central Park. O *mesmo* banco.

Audrey inclinou a cabeça para o céu, desejando que o sol esquentasse o frio que vinha de dentro de seu corpo. Mas o dia do seu casamento estava nublado e não havia sol para aliviar a dor.

Ela não conseguiria fazer isso. Ela pensou que conseguiria, e em algum momento no meio de uma noite sem dormir, ela até se convenceu de que casar com um homem por razões que não tinham nada a ver com amor era tolerável. Ela se convenceu ao colocar o vestido, ao colocar o iluminador e os cílios postiços, ao se sentar e observar uma manicure consertar o pedaço lascado em sua unha. Seria o suficiente. Até mesmo se casar com um homem que ela amava e que não a amava de volta era mais do que ela merecia.

Mas quando ela saiu da limusine, ela percebeu. Ela não conseguiria se casar.

Não porque ela não merecesse se casar. Mas porque ela merecia *mais do* que o casamento oferecido. Audrey tinha estado tão focada no dano que ela tinha feito ao relacionamento de Claire e Brayden, e em menor medida ao de Brayden e Naomi, que ela não tinha percebido até hoje que nenhum dos últimos dois anos foi sobre Brayden.

Pode ter sido seu ressentimento e ódio por Brayden que uniu Naomi, Claire e Audrey, mas não foi o que as manteve juntas.

Foi amor. O amor as manteve juntas. Não amor por Brayden, mas uma pela outra, três mulheres que se tornaram como irmãs.

E embora Audrey apreciasse o amor que tinha com as amigas, ela queria um amor verdadeiro, um amor de conto de fadas. Ela merecia isso. E ela iria esperar por isso.

Audrey exalou e abriu os olhos, absorvendo as flores frescas da primavera, a sujeira úmida da chuva da noite anterior, até mesmo os olhares abertamente curiosos de pessoas tentando descobrir por que uma mulher em um enorme vestido de noiva branco estava sentada sozinha em um banco no parque e não estava chorando. Ela estava entorpecida demais para conseguir chorar.

Ela sabia que Claire e Naomi descobririam para onde ela tinha ido e viriam atrás dela eventualmente, mas por agora, ela estava feliz que elas deram a ela espaço para pensar. Ou melhor, espaço para tentar *não* pensar sobre o que Clarke deveria estar pensando agora, se ele estava em pânico com o fato de seu pai desistir do acordo ou se perguntando...

Audrey tinha ignorado tão cuidadosamente as pessoas que tentavam fingir que não estavam olhando para ela que levou um momento para registrar que uma pessoa não estava fingindo nem um pouco. Ele estava olhando diretamente para ela e começou a caminhar em sua direção com determinação até pairar sobre ela. Ela não se moveu, nem mesmo quando ele se sentou lentamente no banco ao lado dela.

Audrey virou a cabeça e encontrou o olhar de seu melhor amigo.

— Onde está sua gravata borboleta?

Ele soltou uma risada áspera.

— Eu a perdi. Apenas uma das coisas que perdi hoje.

— Ah é? — ela perguntou casualmente, orgulhosa de como sua voz soou fria e do jeito que não vacilou, nenhuma vez.

— É.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Deixe-me adivinhar. Você perdeu uma noiva?

— Não — ele disse, seus olhos fixos nos dela. — Perdi minha melhor amiga. Minha alma gêmea. A mulher que desejo muito ser minha esposa.

O coração dela se retorceu traiçoeiramente em seu peito com as palavras que uma parte dela ainda se emocionava em ouvir.

Ela desviou o olhar.

— Certo. Para que você consiga sua empresa?

Clarke estendeu a mão e gentilmente enganchou um dedo na lateral de sua mandíbula, puxando seu rosto de volta para o dele.

— Não — ele disse, sua voz terna. — Porque eu a amo.

Audrey soltou um pequeno suspiro.

Não o suficiente, ela se lembrou. Clarke sempre a amou com o amor forte e eterno de um amigo de longa data. Ela nunca duvidou disso, e ela não duvidava disso agora. Mas ela queria mais. Ela queria o amor selvagem, de tirar o fôlego, de arriscar tudo.

Ela sabia o que sentia por ele e sabia que não merecia nada menos em troca.

— Eu estava procurando por você ontem à noite, na festa — ela disse calmamente. — Você estava conversando com seu pai.

Ele fechou os olhos e, quando eles abriram, imploraram silenciosamente que ela entendesse.

— Eu sei o que você ouviu, Dree. E não vou dizer que meu pai não me ofereceu o emprego se eu me casasse com você. Não vou fingir que meus pais não são completamente perturbados ou que minha mãe não estava o tempo todo um passo à nossa frente, mas isso não é importante agora. O que é importante é que a maldita empresa não teve nada a ver com o motivo de eu

ter te pedido em casamento naquele dia no Plaza. E não tem nada a ver com os motivos de eu estar te pedindo em casamento agora.

Os lábios de Audrey se separaram em choque quando Clarke lentamente se abaixou sobre um joelho na frente dela e apertou as mãos ao redor das mãos dela, seus olhos brilhando com lágrimas não derramadas.

— Case comigo, Audrey. Case comigo hoje, case comigo na próxima semana, daqui a um ano, daqui a dez anos. Eu não me importo, apenas me prometa um dia. *Eu preciso de você*, Dree. Eu preciso de você com cada fibra do meu ser. Preciso de você desde o primeiro dia no jardim de infância. Eu sei que a maneira como você conta a história é que eu salvei você de um valentão, mas a verdade é que você me salva de mim mesmo todos os malditos dias. Case comigo porque eu te amo, não como um garoto ama uma garota, não como um amigo ama sua amiga, mas como um homem ama uma mulher. *Para sempre*. Case comigo porque acabei de pedir demissão e agora preciso de uma bela influenciadora do Instagram para sustentar minha bunda desempregada...

Foi um bom discurso. Um discurso de conto de fadas. Pena que ela teve que interromper com um beijo de conto de fadas.

Os dedos de Clarke passaram por seu cabelo no segundo que seus lábios se pressionaram nos dele, e ele a beijou como nunca a beijou antes. Ela o beijou de volta, derramando não horas, não dias, mas *anos* de amor pelo homem que tinha sido seu Príncipe Encantado o tempo todo.

Quando ela se afastou, ficou um pouco surpresa ao descobrir que suas bochechas estavam molhadas, e ela não pôde deixar de rir quando ele limpou a prova de que ela não estava entorpecida por dentro, afinal.

— Eu também te amo — ela sussurrou, no caso de seu beijo não ter sido claro o suficiente.

Ele soltou um suspiro áspero de alívio.

— Case comigo — ele implorou, beijando-a novamente. — Você quer se casar comigo, Audrey?

— Sim — ela sussurrou contra sua boca. — E se você não se importar com uma noiva manchada de lágrimas, eu tenho o lugar certo em mente, logo ali na esquina.

Ele sorriu com seu sorriso familiar e se levantou. Ela aceitou sua mão, deixando que ele a ajudasse a se levantar, sem se importar nem um pouco que seu vestido dos sonhos estava amarrotado e sujo.

Tudo o que importava era que ela havia encontrado o homem dos seus sonhos.

Epílogo



*M*ais tarde naquele dia, depois que um pai levou sua filha pelo corredor e uma mãe cheia de lantejoulas chorou durante toda a cerimônia...

Depois que outra mãe enxugou furiosamente as lágrimas que não pareciam parar e outro pai tentou dar sentido a uma nota rosa rabiscada em cima de um gatinho de desenho animado que ele jogaria fora e insistiria que nunca viu...

Depois que uma noiva com a barra do vestido suja e um noivo sem uma gravata borboleta falaram seus votos e roubaram alguns minutos só para eles antes de se juntarem a amigos e família em uma recepção perfeita no Plaza...

Depois que o bolo foi cortado, os brindes foram entregues, a dança começou e o noivo e dois de seus padrinhos saíram para o ar da noite ...

Aqueles três homens fumaram charutos e viram as três mulheres que amavam desviar algumas garrafas de champanhe para o Central Park, se sentaram em um banco e fizeram um pacto.

Para amizade.

Para novos começos.

E para o poder de cura do amor.

Agradecimentos



É sempre um pouco agri-doce chegar ao final de uma série, mas eu não poderia pedir por uma maneira melhor de dizer adeus à equipe Central Park Pact do que com o livro de Clarke e Audrey. Sei que muitos de vocês estavam esperando ansiosamente pela história de amor deles desde a primeira vez que apareceram juntos, e eu estava bem aí com vocês, esperando ansiosamente pelo momento em que pudesse ajudá-los a perceber o que eu sempre soube: eles eram perfeitos um para o outro.

Esse livro foi divertido e fácil de escrever, suspeito que foi porque tive uma equipe de suporte incrível. Os editores são sempre uma parte importante do processo do livro, e é por isso que tive sorte extra de ter a ajuda de três em *Marriage on Madison Avenue*: Marla Daniels, que tem sido a maior campeã desta série desde o início; Sara Quaranta, que parecia ter um sexto sentido em me ajudar a revelar o lado romântico de Clarke; e, claro, Kristi Yanta, minha editora de mais de vinte livros agora, que me ajudou a desenvolver este no que ela chamou de "o mais Lauren Layne" da série - e ela está absolutamente certa. Graças a toda a ajuda que recebi neste, *Marriage on Madison Avenue* é um daqueles livros que captura todos os motivos pelos quais me propus a escrever romance.

Como sempre, o resto da equipe da Gallery Books mostra uma experiência impecável em pegar minha confusão de palavras e torná-la compreensível e bonita, além de garantir que ela chegue às mãos do maior número possível de leitores.

Por fim, ao resto da minha "equipe", minha incrível agente Nicole Resciniti, a fabulosa assistente Lisa Filipe, meus amigos autores, meus amigos não autores, minha família e, claro, vocês, adoráveis leitores, por possibilitarem que eu continue fazendo o que eu amo.